

**SANDRO HENRIQUE VIEIRA DE ALMEIDA**

**PSICOLOGIA HISTÓRICO-  
CULTURAL DA MEMÓRIA**

**Educação: Psicologia da Educação – PUC/SP  
São Paulo – 2008**

**SANDRO HENRIQUE VIEIRA DE ALMEIDA**

# **PSICOLOGIA HISTÓRICO- CULTURAL DA MEMÓRIA**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes.

**Educação: Psicologia da Educação – PUC/SP  
São Paulo – 2008**

---

---

---

---

---

Dedico este trabalho àqueles que  
permitiram que esta tese se realizasse

---

## AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas contribuíram para que este trabalho fosse realizado e a elas agradeço. Infelizmente não posso escrever o nome de todos. Assim, agradeço especialmente

- primeiramente aos meus pais Vera e Sérgio por caminharem junto comigo nas descobertas e obstáculos da vida;
- à Adriana e Emerson e ao meu irmão Sérgio pelo amor e incentivo;
- à Mimi pelas preciosas orientações e confiança;
- ao amor, carinho e ininterrupto incentivo de minha sempre linda Flávia;
- às preciosas sugestões, correções e auxílios de José Paulo Netto e Betty Oliveira, cada qual com suas especificidades, no entendimento do marxismo, educação e União Soviética;
- à juventude de amigos – Adriana Eiko, Marcelo, Fernanda, Netto, Celinha, Adriana Louro, Flávia – que dia-a-dia participaram de minhas reflexões e enfrentamentos;
- aos amigos Tiago, Amauri, Saletinha, Nádia, Débora e Agnes que em todos os momentos de ofereceram inestimável ajuda;
- ao carinho, sugestões e incentivo de Maria do Carmo, Ia, Abigail e Sueli;
- à paciência, sugestões e amizade de Irene e Helena;
- ao apoio financeiro do CNPq.

O objetivo desta tese foi investigar as pesquisas da psicologia histórico-cultural soviética sobre a memória a partir das obras de alguns autores, sendo os principais Leontiev, Luria, Zinchenko e Smirnov. Tendo como referência que o indivíduo é ontogeneticamente social, que sua relação com o mundo é ativa e que é por meio dessa atividade que seu psiquismo é formado, buscou-se uma compreensão atual da memória, considerando não só as produções soviéticas como as atuais concepções sobre os processos mnêmicos. Assim, tem-se que a memória é entendida como um processo complexo de elaboração da informação, dividido em uma série de etapas que, por seu caráter, se aproxima à atividade cognoscitiva (pensamento). Organiza-se no cérebro em um complexo sistema funcional, ativo por seu caráter, que se desdobra no tempo em uma série de elos e organizado em vários níveis. Esse caráter complexo e sistêmico está presente nos processos fundamentais da memória e se refere por igual ao processo de registro (ou recordação) e ao de reprodução (ou evocação) das informações. A memória estabelece relação sistêmico-específica com a linguagem e com os demais processos psicológicos, isto é, está relacionada à formação do sistema psicológico/ funcional e não por uma relação de associações sensoriais mecânicas entre ambas. Apóia-se em um sistema multidimensional de conexões que incluem componentes elementares (sensoriais), complexos (perceptivos) e muito complexos (conceituais), sendo estes processos também dependentes do material a ser recordado, do tempo que se tem para registro e do lugar que a memorização ocupa na estrutura da atividade. Todo o processo mnemônico é também regulado pelas emoções e sentimentos dos indivíduos e, assim, também é determinado pelos motivos e necessidades da atividade e pelos significados e sentidos da realidade (e dos conteúdos memorizados) para o indivíduo.

The aim of this thesis was to investigate the research of the soviet historical-cultural psychology about memory from studies of some authors, especially Leontiev, Luria, Zinchenko and Smirnov. Having as reference that the individual is ontogenetically social, which his (their) relationship with the world is active and is from this activity their psychism is formed an actual understanding of memory has been searched, considering not only the soviet productions but also actual concepts of mnesics processes. In this sense, the memory is understood as a complex process of information elaboration, divided in a series of stages which, by its character, it is near to cognoscitive activity (thinking). The brain is organized in a complex functional system, active in its character, unfolds in time in a series of links and organized in various levels. This systemic and complex character is presented in the fundamental processes of memory and equally report to the register process (or remembering) and to the reproduction (or evocation) of information. The memory establishes a systemic-specific relationship with the language and with other psychological processes, i.e., it is related to the formation of the psychological/functional system and not to the relation of mechanical sensorial associations. The memory is supported by a multidimensional system of connections that includes elementary components (sensorial), complexes (perceptive) and very complexes (concepts), being these processes dependent on the materials to be remembered, on the time which these processes have to happen, and on the place that the remembering occupies in the activity structure. All the mnemonic process is also regulated by the individual's emotions and sentiments and therefore it is also determined by motives and necessities of the activity and by the meaning and personal meaning from the reality to the subject.

El objetivo de esta tesis fue investigar las pesquisas de la psicología histórico cultural soviética sobre la memoria partiendo de la obra de algunos autores, los principales son Leontiev, Luria, Zinchenko y Smirnov. Tomando como referencia que el individuo es ontogenéticamente social, que su relación con el mundo es activa y que es por medio de esa actividad que su psiquismo es formado, se buscó una comprensión actual de la memoria, teniendo en cuenta no solamente las producciones soviéticas como también las actuales concepciones sobre los procesos mnémicos. Así, se tiene que la memoria es comprendida como un proceso complejo de elaboración de la información, dividido en muchas etapas que, por su carácter, se aproxima de la actividad cognoscitiva (pensamiento). Se organiza en el cerebro un complejo sistema funcional, activo por su carácter, que se despliega en el tiempo en una serie de eslabones y ordenado en varios niveles. Ese carácter complejo y sistémico está presente en los procesos fundamentales de la memoria y se refiere por igual al proceso de registro (o recordación) y al de reproducción (o evocación) de las informaciones. La memoria establece relación sistémica específica con el lenguaje y con los demás procesos psicológicos, o sea, está relacionada a la formación del sistema psicológico/funcional y no por una relación de asociaciones sensoriales mecánicas entre las dos. Se apoya en un sistema multidimensional de conexiones que incluyen componentes elementares (sensoriales), complejos (perceptivos) y muy complejos (conceptuales), así que estos procesos también dependen del material a ser recordado, el tiempo que se tiene para registro y del lugar que la memorización ocupa en la estructura de la actividad. Todo proceso nemónico es también regulado por las emociones y sentimientos de los individuos de modo que también es determinado por motivos y necesidades de la actividad y por los significados y sentidos de la realidad (y de los contenidos memorizados) para el individuo.



---

SUMÁRIO .....	i
LISTA DE FIGURAS .....	iv
APRESENTAÇÃO .....	v
INTRODUÇÃO .....	01
1. MOLDURAS E RETRATOS .....	08
2. A TEORIA DO CONHECIMENTO E A PSICOLOGIA CONCRETA DO HOMEM .	17
2.1. O Reflexo Psíquico da Realidade .....	17
2.1.1. A Filogênese do Reflexo Psíquico da Realidade .....	30
2.2. O Reflexo Psíquico Consciente da Realidade .....	33
2.2.1. A Estrutura da Atividade .....	36
2.2.2. A Estrutura da Consciência .....	41
2.2.3. Formação do Sistema Psicológico .....	44
2.2.4. O Problema da Organização Cerebral da Atividade Consciente Humana .....	48
2.3. Síntese .....	53
3. A CONSTRUÇÃO DE UMA PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA: UMA NOVA FORMA DE ENTENDER A MEMÓRIA .....	55
3.1. Antecedentes: A Psicologia Materialista Pré-Revolucionária .....	56
3.1.1. Retrato Desbotado .....	56
3.1.2. Sechenov, Bekhterev e Pavlov .....	56
3.2. O Período de Construção de uma Psicologia Marxista .....	62
3.2.1. Retrato Vermelho .....	62
3.2.2. A Vanguarda da Psicologia e as Investigações Vigotskianas Sobre Memória ...	65
3.2.3. Um Novo Retrato .....	77

4. OS ANOS STALIN .....	80
4.1. Retrato Panorâmico Anos Stalin .....	80
4.2. 1º Momento: 1936-1941: 1ª Era do Terror .....	83
4.2.1. Retrato de Sangue .....	83
4.2.2. Peter Zinchenko e a Memória Involuntária .....	86
4.3. 2º Momento: 1941-1948: Anos de Guerra e a Reconstrução Imediata .....	103
4.3.1. Retratos de Guerra e Esperança .....	103
4.3.2. A Psicologia na Guerra .....	104
4.3.3. A Psicologia da Memória nos Primeiros Anos Pós-Guerra .....	111
4.4. 3º Momento: 1948-1953: 2ª Era do Terror .....	118
4.4.1. Retrato em Macro .....	118
4.4.2. A Psicologia da Memória nos Últimos Anos Stalinistas .....	124
4.5. 4º Momento: 1953-1955: Momento de Recuperação .....	128
4.5.1. Retrato em Grande-Angular .....	128
5. PERÍODO DE EXTENSÃO .....	130
5.1. (Des)Retrato de uma Personalidade .....	130
5.2. Novos Ares na Psicologia .....	131
5.3. Estudos Sobre Memória .....	135
5.3.1. As Investigações de Anatoli Smirnov .....	137
5.3.1.1. A Memória e a Atividade .....	137
5.3.1.2. Problemas de Psicologia da Memória .....	139
5.3.2. As Proposições de Peter Zinchenko .....	144
5.3.2.1. A Memória Involuntária e a Atividade Orientada Por um Fim .....	144
5.3.2.2. A Memória Operacional e a Memória Involuntária .....	145
6. PERÍODO DE SISTEMATIZAÇÕES .....	150
6.1. Retrato Sem Movimento .....	150
6.2. Progressos e Estagnações da Psicologia .....	152
6.3. A Ebulição dos Escritos sobre Memória .....	154
6.3.1. Contribuições Variadas .....	155
6.3.1.1. XVIII Congresso Internacional de Psicologia .....	155
6.3.1.2. Psicologia Militar .....	155

6.3.1.3. As Pesquisas Fisiológicas de Ivan S. Beritashvili .....	158
6.3.1.4. A Síntese Final de Zinchenko e Smirnov .....	161
6.3.2. A Riqueza da Obra de Alexander Luria sobre Memória .....	162
6.3.2.1. As Primeiras Sínteses .....	164
6.3.2.2. Os Romances Históricos .....	170
6.3.2.2.1. Uma Vasta Memória .....	172
6.3.2.2.2. Mundo Perdido e Recuperado .....	176
6.3.2.3. A Síntese Final .....	182
 7. PERÍODO DE REVISÕES .....	 189
7.1. Retrato em Movimento .....	189
7.2. A Psicologia na <i>Perestroika</i> .....	190
7.3. A Psicologia da Memória na Berlinda .....	192
 8. POR UMA PSICOLOGIA DA MEMÓRIA .....	 200
8.1. Classificação da Memória na Psicologia Histórico-Cultural Soviética .....	200
8.2. Classificação da Memória na Atualidade .....	204
8.3. Proposta de uma Classificação Atual da Memória na Psicologia Histórico-Cultural .....	211
8.4. Brevíssima Análise Histórico-Comparativa da Psicologia Histórico-Cultural Soviética da Memória e da Produção Ocidental .....	216
 9. ÚLTIMAS REFLEXÕES SOBRE A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DA MEMÓRIA .....	 219
 10. NOTAS DE TRADUÇÃO .....	 222
 11. REFERÊNCIAS .....	 231
 12. ANEXO 1 .....	 242
 13. ANEXO 2 .....	 252

---

**LISTA DE FIGURAS**

**FIGURA 1:** MAPA DA UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

**FIGURA 2:** CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL SOVIÉTICA, SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

**FIGURA 3:** CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL SOVIÉTICA, SEGUNDO CRITÉRIO DE MODALIDADES DE MEMORIZAÇÃO

**FIGURA 4:** CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL SOVIÉTICA, SEGUNDO CRITÉRIO DE FINALIDADE E ESTRUTURA DA ATIVIDADE

**FIGURA 5:** CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR BUENO E OLIVEIRA (2004), SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

**FIGURA 6:** CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR XAVIER (1993), SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

**FIGURA 7:** CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR LENT (2001), SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

**FIGURA 8:** CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR KANDEL, SCHWARTZ, E JESSEL, (2000); KANDEL E SQUIRE (2003), SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

**FIGURA 9:** CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR IZQUIERDO (2002, 2004), SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

**FIGURA 10:** REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA COMO UM FENÔMENO FISIOLÓGICO E PARALELO À MEMÓRIA DE CURTA DURAÇÃO (IZQUIERDO, 2002, 2004)

**FIGURA 11:** PROPOSTA DE UMA CLASSIFICAÇÃO ATUAL DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL, SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

---

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é resultado direto de reflexões originadas durante a realização de meu mestrado sobre o conceito de memória na obra de Liev S. Vigotski.

Na pesquisa de mestrado investigou-se o desenvolvimento do pensamento vigotskiano sobre o tema, seu movimento e desenvolvimento desde os seus primeiros escritos psicológicos, em 1924, com forte caráter pavloviano, até a elaboração mais madura de suas próprias teorizações, após o ano de 1927 até 1934, ano de seu falecimento.

Devido a sua prematura morte, no entanto, muito de suas elaborações ficaram inacabadas, assim como muitas pesquisas iniciadas por ele foram executadas por seus parceiros de pesquisa, mais especificamente os mais próximos, Luria e Leontiev (formando a *troika*), e os demais pesquisadores que formavam a *pyatorka* – Zaporozhets, Levina, Morozova, Bozhovich e Slavina, sendo algumas dessas investigações relacionadas aos processos mnemônicos.

Outras investigações sobre memória surgiram após estas, re-elaborando algumas das conclusões anteriores e também criando novas formas de pesquisar, entender e aplicar esses estudos; o mesmo ocorreu com os demais processos psicológicos, consciência e personalidade.

Um aspecto é preciso deixar evidente: isso somente era possível porque os pilares centrais sobre concepção de homem e mundo, e do próprio projeto de psicologia, já estavam elaborados, assim como havia forte comprometimento com a continuidade desse projeto de uma psicologia fundada nos marcos do materialismo-histórico e dialético, tão quistos e caros a seu mais ilustre construtor, o camarada Vigotski.

Inicialmente, a proposta de projeto de doutorado era uma continuidade do mestrado, investigando os estudos dos demais psicólogos da Escola de Vigotski sobre memória. No entanto, ao iniciar o processo de investigação foi se evidenciando a não existência de uma história da psicologia soviética publicada no Brasil, assim como havia poucas nas línguas espanhola e inglesa.

Das poucas existentes nenhuma delas abordava todos os anos em que a URSS existiu, entre 1917 e 1991. As mais completas, publicadas na URSS, evitavam tocar em alguns pontos delicados da história soviética e da psicologia daquele país; algumas feridas ainda estavam abertas.

A dúvida entre continuar com o projeto original de investigar a memória e a elaboração de uma história da psicologia na URSS permaneceu até o exame de qualificação, dois anos após o início do doutoramento em 2004. Como consequência dessa dúvida, o texto de qualificação ficou extenso e com dois objetos concorrendo entre si.

Seguindo a sinalização da banca, resolvemos delimitar os estudos à investigação dos estudos soviéticos sobre memória, finalizando a pesquisa com uma proposição atual de uma psicologia histórico-cultural da memória, tendo em vista as consideráveis conquistas da ciência nos estudos do cérebro em geral e da memória em particular, assim como as elaborações desenvolvidas pelos autores soviéticos em mais de seis décadas de investigação.

A história permaneceu, não mais como tema central, mas como um guia para a compreensão das pesquisas sobre memória, seus significados e consequências. Por isso, a presença marcante de uma periodização da psicologia soviética por nós proposta.

O tema não foi esgotado. Muito há ainda para se investigar. Mas esperamos que nossa investigação produza dúvidas significativas para novas pesquisas, e suporte necessário para novas intervenções.

*Olhando para trás, percebemos a  
conduta de homens e mulheres  
concretos que vivem e escrevem  
no contexto de uma sociedade  
caracterizada pelas intenções,  
invenções e idéias.*

Josef Brožek

A ciência psicológica na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi muito mais ampla e diversa do que usualmente se divulga, entendida e até mesmo quista tanto por alguns autores pertencentes a este país, quanto por aqueles autores estrangeiros que buscaram compreendê-la, estudá-la e também criticá-la. A subestimação da psicologia soviética deveu-se tanto a motivos “inerentes” à ciência (como aqueles referentes ao *status* dentro da academia, financiamento ou mesmo hegemonia de uma proposição teórico-prática) ou “exteriores” a ela, como política nacional e científica e disputas entre Estados, como a Guerra Fria no pós-II Guerra Mundial.

No interior da psicologia soviética havia quatro escolas, cada uma delas com sua história particular, eixos de pesquisa e elaborações sobre o psiquismo e processos de intervenção.

A primeira que se destaca aqui é a criada e desenvolvida, principalmente em Leningrado (atual São Petersburgo) e também em Moscou, por Sergei L. Rubinstein e



seus colaboradores, dentre os quais ganhou relevo Andrei V. Brushilinski.<sup>a b</sup> O principal objeto de suas investigações é o desenvolvimento da consciência, assim como desenvolveram também importantes pesquisas sobre os diversos processos psicológicos (principalmente o pensamento) e trabalhos de recuperação com lesionados de guerra.

Outra importante escola foi a desenvolvida por Dimitri N. Uznadze e colaboradores, em Tbilisi, capital da República Federativa Soviética da Geórgia, sendo Revas G. Natadze e Alexander S. Prangishvili os mais destacados colaboradores e Fillip Bassin um dos principais divulgadores e continuadores; o foco central dessa escola é a categoria “atitude” (*ustanovka*) e a relação desta com os processos psicológicos, consciência e inconsciente, assim como o desenvolvimento da personalidade.

A terceira escola que teve importante papel para o desenvolvimento da psicologia na URSS foi a Escola de Pavlov, cravada na cidade de Koltushi (posteriormente Pavlovo), próxima a Leningrado e também conhecida como Cidade do Silêncio ou da Ciência. Seus principais representantes eram Ivan S. Beritashvili (J.S. Beritov em russo) na Geórgia, Peter K. Anokhin, Leon A. Orbeli e Alexei D. Speranski, que desenvolveram criativamente importantes estudos sobre a fisiologia da atividade nervosa superior a partir das proposições de Ivan P. Pavlov, assim como Konstantin Bikov e Anatoli G. Ivanov-Smolenski, que também desenvolveram pesquisas a partir das proposições de Pavlov, mas de forma mecânica e com poucas contribuições, mas com forte apoio governamental, e por isso hegemônico.

Por fim, a quarta escola é aquela comandada por Liev S. Vigotski e em princípio desenvolvida por este, Alexei N. Leontiev e Alexander R. Luria (a união dos três é

---

<sup>a</sup> As notas de rodapé são identificadas por letras e reiniciam a cada página. Já as notas de tradução são indicadas por número e podem ser encontradas no fim do texto.

<sup>b</sup> As cidades soviéticas sofreram diversas mudanças de nomes seja após a Revolução de 1917, seja com a desintegração da URSS em 1991. Os nomes atuais serão indicados, mas no decorrer do texto serão utilizados os nomes que as cidades tinham durante o período discutido. Para facilitar a visualização, há ao fim da introdução um mapa da URSS com suas principais cidades e outras citadas neste trabalho.

conhecida como *troika*), cujos continuadores agregam também nomes como os de Alexander V. Zaporozhets, Peter Ia. Galperin, Rosa Ie. Levina, Natalia Morozova e Lidia I. Bozhovich (conhecido como *pyatorka*, ou grupo dos cinco), sendo justamente essa escola o foco deste trabalho, mais especificamente os estudos sobre memória por ela desenvolvida, sendo memória inicialmente aqui compreendida como a capacidade ontologicamente desenvolvida do indivíduo aprender algo, consolidar essa informação e posteriormente conseguir evocá-la, utilizando estas informações para agir e planejar o futuro, assim como as possíveis perdas de conteúdos mnêmicos pelo esquecimento.

Assim, a investigação de como foram desenvolvidas as pesquisas sobre memória tendo como eixo central a obra dos principais autores que discutiram o tema na perspectiva histórico-cultural, sendo eles Alexis N. Leontiev, Alexander R. Luria, Peter I. Zinchenko e Anatoli A. Smirnov, é um dos objetivos deste estudo. O outro objetivo é apresentar ao final da exposição e análise das pesquisas soviéticas uma proposição de teoria histórico-cultural da memória, considerando não somente a produção soviética, mas também aquilo de mais significativo foi produzido pela ciência sobre o assunto e que pode ser fundamental para a elaboração de uma psicologia da memória.

É importante observar que, em levantamento realizado por Almeida (2004), não foi encontrada nenhuma obra na literatura nacional de síntese das investigações vigotskianas sobre esse processo psicológico, assim como de seus continuadores; também não foi identificada nenhuma obra até o ano de 2008.

No cenário internacional (ocidental) tal situação se repete. Encontrou-se pouca produção relacionada à psicologia da memória na teoria histórico-cultural (independente do autor ou período), salvo artigos relacionados à obra luriana. Esse autor foi o mais difundido no Ocidente, com a tradução de quase toda sua obra nas línguas inglesa e

espanhola, assim como traduções de suas obras em português; por esse motivo, há um número consideravelmente maior de trabalhos dele e a ele relacionados.

No entanto, não foram encontrados trabalhos que sistematizassem a discussão de Luria sobre memória, como pode ser observado em levantamento realizado por Elhammoumi (2003) sobre a produção internacional fundamentada no autor soviético. Nos artigos relacionados à memória destacam-se as áreas aplicadas, como a investigação dos testes de avaliação desenvolvidos por Luria, assim como dos transtornos psíquicos relacionados a essa função psicológica.

A maior parte das obras encontradas que discutem mais profundamente a memória na produção soviética foram realizadas na própria URSS, dificultando assim o acesso; na produção não-soviética foram encontrados dois trabalhos que discutem a produção soviética – David Bakhurst (2002) e Rahmani (1973) – sem serem no entanto trabalhos de sistematização ou que abarcassem os autores que se pretendeu aqui discutir.

Defende-se aqui que a investigação dos processos mnemônicos é essencial para o conhecimento sobre o desenvolvimento do psiquismo, pois os conteúdos memorizados são constitutivos da formação da consciência e personalidade e peça chave para a realização da atividade orientada por um fim ou, em outras palavras, um dos conteúdos que garantem a materialidade da formação do reflexo psíquico da realidade.

Esta investigação também é relevante para a compreensão dos processos envolvidos na relação ensino-aprendizagem e desenvolvimento; afinal, para que haja aprendizagem é necessária a memorização de informações e, dessa forma, é indispensável entender como ocorre o processo de memorização (e seus determinantes)

e sua relação com os demais processos psicológicos, assim como o entendimento e aperfeiçoamento dos processos educacionais.

Não se busca aqui qualquer educação e nem qualquer proposição de funcionamento da memória, mas uma que entenda os processos mnemônicos em sua inter-dependência e inter-conexão com os demais processos psicológicos na formação do sistema psicológico, assim como o lugar que ocupa a memória na vida do indivíduo, para que se possa efetivamente entender o papel desse processo psicológico. Também não serve qualquer educação e escolarização, mas aquelas comprometidas com o desenvolvimento do Homem Integral, empenhadas com o efetivo desenvolvimento do psiquismo e humanização dos indivíduos.

Utiliza-se como estrutura de referência para exposição uma periodização da psicologia soviética aqui proposta (próximo capítulo), buscando assim possibilitar um instrumento para a identificação das modificações nos tipos de pesquisas e teorizações desenvolvidas pelos autores da psicologia histórico-cultural ao longo do tempo. Por esse motivo optou-se por denominar cada capítulo com um nome relacionado a cada período, procurando facilitar a localização temporal das pesquisas sobre memória.

Observa-se também que no início de cada período/momento apresentou-se um pequeno retrato expondo, as principais características daqueles anos, buscando por meio da estática do retrato o dinamismo da história.

Assim, o presente trabalho foi organizado da seguinte maneira: no segundo capítulo foi apresentada a teoria materialista-histórica e dialética do conhecimento ou, em outras palavras, a teoria do reflexo, observando também as relações estabelecidas com o psiquismo, seja no âmbito das condições fisiológicas para seu desenvolvimento e existência (aparato orgânico – mais especificamente o sistema nervoso em sua complexidade), sejam as condições necessárias para o desenvolvimento dos processos

psicológicos superiores, elaborando-se assim as bases necessárias para iniciar a discussão sobre a memória propriamente dita.

Nos terceiro e quarto capítulos será destacado, respectivamente, como a memória foi estudada e compreendida no primeiro período pós-revolução e no período em que a vida soviética estava sob o comando de Joseph Stalin.

O quinto capítulo compreende o período que se estende de 1956 a 1966, uma década muito rica, resultado de uma abertura política única da história soviética, com trabalhos com maior requinte teórico-metodológico, sendo essa condição necessária para o estabelecimento do período seguinte, cujo marco inicial foi a autonomização, em 1966, da psicologia como ciência, ganhando novos contornos no cenário nacional e internacional.

O sexto capítulo abordou um dos mais ricos e interessantes períodos (de 1966 à 1979) no que concerne a produções e publicações dos psicólogos soviéticos, não somente no que tange à psicologia geral, mas também à própria fisiologia do sistema nervoso. Vários autores começaram a desenvolver seus trabalhos síntese nessa década. O sétimo capítulo discute a década final da URSS e os trabalhos sobre memória produzidos nesses anos.

Por fim, no último capítulo foi desenvolvida uma proposta de estrutura e funcionamento da memória, fundada numa concepção de organização do sistema nervoso e do psiquismo (apresentada no capítulo 2) e à luz, tanto da produção soviética, como também naquilo que tem sido produzido de mais relevante e consensual sobre psicologia da memória.

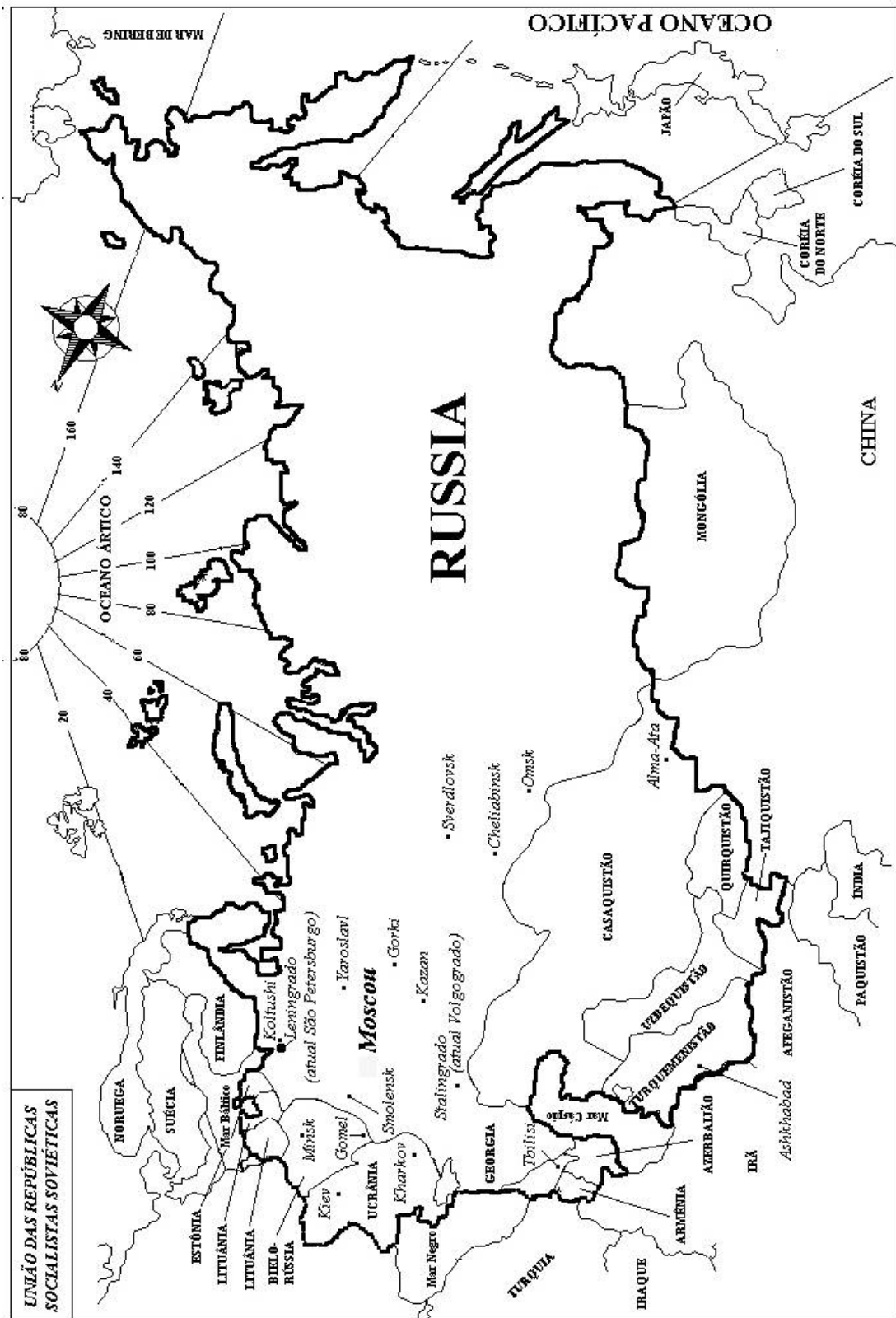


FIGURA 1: MAPA DA UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

---

## I. MOLDURAS E RETRATOS

*Ciência cresce como uma árvore,  
e a história da ciência é sua raiz,  
sua memória.*

Mikhail G. Iaroshevski

A realização de uma investigação sobre as pesquisas realizadas pelos autores da psicologia histórico-cultural soviética sobre memória exigiu a criação de algumas referências e estruturas que permitiriam a apropriação dessas pesquisas e de seus produtos em sua historicidade e processualidade e que possibilitassem compreender os movimentos e transformações tanto do entendimento dos autores sobre o tema em comparação com suas próprias produções e também em relação às características científicas, tecnológicas, econômicas e sociais.

Desta forma, foi preciso um mergulho no interior da história do surgimento e desenvolvimento da sociedade soviética, suas concepções, transformações, filosofia e ciência. Por mais difícil que fosse essa apropriação (principalmente por não dominar a língua russa) havia diversos auxílios, seja pelas publicações soviéticas sobre sua história, seja pela rica produção ocidental sobre a URSS.

Destacados autores inquestionáveis, tanto por marxistas quanto por não marxistas, por sua seriedade, cientificidade e radicalidade foram imprescindíveis, dos quais merecem nota os brasileiros José Paulo Netto e Daniel Aarão Reis Filho, o francês Jean Elleinstein e acima de tudo o polonês Isaac Deutscher <sup>a</sup>.

---

<sup>a</sup> Isaac Deutscher é considerado um dos principais estudiosos sobre a URSS e seus principais personagens. As biografias escritas por ele de Trotski e de Stalin estão entre os mais belos exemplos de como se deve realizar uma análise biográfica/política, sem, no entanto, endeusar ou demonizar o biografado. É importante dizer também que sua biografia de Stalin é considerada por estudiosos sobre a URSS (chamados também de soviétólogos) a melhor e mais bem equilibrada já elaborada.

Um mergulho não menos profundo foi necessário na história da psicologia soviética. No entanto, tal mergulho assemelhava-se a nadar em águas abissais. Pouco material específico sobre história foi encontrado, sendo os principais os publicados na própria URSS, mas esses sofriam com a restrição de temas a ser discutidos pelos órgãos oficiais daquele país.

Os dados tiveram que ser compilados de vários livros, de diversas épocas e idiomas, destacando os livros do estadunidense Michael Cole<sup>a</sup>, o argentino Mario Golder, do espanhol Luís Garcia Vega e do escocês John McLeish. Era preciso, após essa compilação, verificar os pontos coincidentes, divergentes e até mesmo opostos nas informações não só referentes à psicologia, mas também à história dos acontecimentos da URSS.

Outra estratégia utilizada para elaborar a periodização foi a compilação e leitura de livros e artigos de diversos autores da psicologia soviética, independente de sua orientação teórico-metodológica, procurando evidenciar semelhanças e diferenças entre os temas, formas de investigar, argumentação utilizada e conclusões. O segundo passo era investigar a biografia desses autores para entender suas obras, tendo também como referência suas influências na ciência, sua inserção na sociedade soviética, procurando compreender ainda os escritos do autor relacionando-os a suas ações com os demais cientistas e com o próprio socialismo.

Assim, as fontes para a elaboração da periodização foram a história da URSS, da psicologia soviética, dos psicólogos criadores desta ciência e de suas obras.

O meio mais fácil de organizar essas informações foi criar uma periodização da psicologia soviética. Com esse referencial, ou até mesmo, pode-se, dizer um esqueleto,

---

<sup>a</sup> Michael Cole foi e é um dos principais, se não o principal, divulgador da psicologia soviética no ocidente. Além de diversas publicações de livros por ele incentivado, a publicação do jornal de traduções dos principais artigos de produções da ciência psicológica soviética (Soviet Psychology, atual Journal of Russian na East European Psychology) foi em parte de sua responsabilidade.



era possível pensar as discussões sobre memória mais diretamente, sem precisar fazer tantos recuos para explicar as diversas reviravoltas da história soviética e conseqüentemente da psicologia soviética.

Para tal, buscou-se por periodizações existentes e, como já assinalado, pouco foi encontrado. Das periodizações encontradas não houve uma que satisfizesse os critérios que se julgam necessários para uma periodização minimamente completa, seja por não relacionar os aspectos da ciência psicológica com os principais movimentos sócio-políticos soviéticos, seja por terem sido elaborados em períodos muito anteriores ao fim da URSS, como as décadas de 1960 e 1970, não abarcando momentos chave do desenvolvimento da ciência psicológica soviética.

Das diversas obras encontradas sobre história da psicologia soviética destacam-se duas pela completude e forma de exposição, sendo elas realizadas por McLeish (1975) e García Vega (1993), apesar deles não desenvolverem uma periodização *stricto sensu*.<sup>a</sup>

Pode-se questionar o porquê de se elaborar uma história da psicologia soviética e não uma história da psicologia histórico-cultural soviética. O motivo central dessa escolha foi a compreensão de que houve vivências históricas compartilhadas pelas diversas escolas da psicologia soviética, com algozes e heróis em comum; pode-se afirmar também que em grande parte da história da psicologia soviética houve intenso respeito entre os diversos pesquisadores, mesmo que oponentes teóricos, sendo as conquistas e derrotas da psicologia responsabilidades coletivas e não de um grupo específico.<sup>b</sup>

---

<sup>a</sup> As periodizações encontradas e nas quais a proposição deste trabalho se fundamentou foram: Hagop Pambookian (1983), Mario Golder (2004), Alexander Luria (1976/1992), Arthur Petrovsky (1990), Marta Shuare (1990), Sergei Rubinstein (1946/1967; 1959/1974), Joseph Brožek (1998), Mikhail Yaroshevsky, (1990), Manuel Calviño e Carolina de la Torre (1996).

<sup>b</sup> Esse é um dado importante sobre a psicologia soviética. Oposição e discordância teórica definitivamente não implicam inimizade ou então disputas motivadas por discórdias teóricas pessoais.

Reitera-se aqui que, para a elaboração proposta de uma periodização da psicologia soviética, foram necessários, além de referências nas periodizações citadas, de diversos livros sobre e da psicologia produzida na URSS, além de produções sobre a história deste país. Para evitar um sem número de citações, encontra-se anexa uma lista das produções da ou sobre a psicologia e história soviética, com livros e artigos encontrados durante a realização desta tese.

Isto posto, propõe-se como referência para a discussão das investigações sobre memória na psicologia histórico-cultural soviética a seguinte periodização, com seus principais marcos de referência:

**1. Período Pré-Revolucionário** – esse período estende-se do momento anterior ao desenvolvimento da psicologia científica até a Revolução de 1917. A sociedade russa nesse momento era comandada pelo império dos tzares, aristocrata e idealista, mas que tinha em suas entranhas o nascimento de uma oposição calcada em idéias iluministas e materialistas.

**2. Período de Construção de uma Psicologia Marxista – 1917-1936** – caracteriza-se pela tentativa de construção de uma psicologia fundada nos marcos da epistemologia materialista-histórico e dialética, assim como se destaca a efetiva elaboração dos pilares centrais dessa psicologia, desenvolvida por Vigotski e seu grupo. Além dos autores da escola psicológica citada, destacam-se nesse período os psicólogos Blonski, Bekhterev e Kornilov.

Não só a psicologia estava ebulindo, mas todas as esferas da sociedade soviética trabalhavam por uma nova organização social. No entanto, com a subida de Stalin ao poder, em 1928, a situação do país dos soviets começou a tomar um rumo novo e indesejável.

Esse período, que se inicia com a Revolução, encerra-se em 1936, devido ao decreto de julho de 1936 contra os erros pedológicos nos Comissariados de Educação, pelo Comissariado Central do Partido Comunista (Bolchevique) da União Soviética (CC do PC(b)US) que, entre outras coisas, proibiu a publicação das obras de Vigotski.

**3. Período Stalinista – 1936-1956** – o terceiro período, o mais longo aqui proposto, é o único a receber subdivisões. Compreende-se que esse período (de 1936 a 1956) tem uma característica essencial que se observa por todos os momentos – o do governo de Joseph Stalin na direção da ciência e vida soviética, sendo os expurgos um de seus principais meios de controle, junto com prisões, delações, intrigas e burocracia estatal, dos quais a psicologia não se livrou. Esse período está subdividido em quatro momentos, sendo:

1º momento: 1936-1941: 1ª era do terror – caracteriza-se pelo terror promovido pelas hordas stalinistas na vida soviética. Todos eram potencialmente culpados, assim como todos eram potencialmente delatores (ou nas palavras oficiais, defensores do comunismo), e essa virtualidade de ação gerava um clima de desconfiança ímpar no cotidiano.

Na psicologia algumas acusações refletiram o momento histórico, mas este não acarretou prisões diretas. No entanto, novos tipos de pesquisas (mais biologizantes) e áreas de atuação (como algumas especialidades médicas) surgiram como resultado da pressão política.

Esse clima de terror foi “abruptamente” cessado por uma necessidade histórica: a entrada da URSS, em 1941, na II Guerra Mundial.

2º momento: 1941-1948: anos de guerra e reconstrução imediata – o ataque nazista à URSS é considerado um dos mais (senão o mais) violentos da II Guerra; nesse momento, Stalin, exaltando o nacionalismo, convoca todos os cidadãos soviéticos para a defesa da pátria, cessando qualquer acusação ou perseguição.

Os psicólogos atenderam (como se tivessem escolha, afinal era antes de qualquer coisa uma necessidade histórica, mais do que uma convocação de Stalin) e se lançaram às tarefas de guerra. Desse momento, principalmente entre 1945 e 1948, resultaram importantes trabalhos relacionados ao entendimento do cérebro e à recuperação de perdas de funções resultantes de lesões de guerra.

3º momento: 1948-1953: 2ª era do terror – esse momento caracteriza-se pela oficialização de algumas proposições stalinistas, como a “vitória” da teoria Michurin-Lisenko na biologia, intensificação da institucionalização do zhdanovismo nas artes e cultura, dos textos de Stalin na lingüística e da pavlovinização da fisiologia/medicina e psicologia, sendo esta última o principal impacto sofrido pela psicologia, especialmente nos estudos sobre memória.

Os expurgos perderam força (mas não vida) com o falecimento de Stalin em 1953. Tal evento mudou bruscamente as relações sociais na URSS.

4º momento: 1953-1955: momento de recuperação – caracteriza-se pela recuperação da sociedade (e ciência) soviética após a Era Stalin. Na psicologia, os principais fatos desse momento são o retorno dos psicólogos aos eventos e viagens internacionais e a publicação do

*Voprossy Psikhologii*, um periódico exclusivo da psicologia, fato que não ocorria desde a década de 1930.

Mas a mudança efetiva somente ocorreu em 1956, com a denúncia feita por Nikita Khrushhev do “culto à personalidade de Stalin” e o subsequente “degelo” da URSS (desestalinização).

**4. Período de Expansão – 1956-1966** – esse período, sucessor da “era Stalin”, caracteriza-se por uma nova retomada da sociedade soviética, sem os temores constantes vividos sob a égide stalinista. Importantes conquistas cosmo-tecnológicas (como por exemplo, o Sputnik) buscavam mostrar ao mundo o poderio soviético.

A psicologia soviética produziu, fortaleceu o periódico *Voprossy Psikhologii* recém criado em 1955, solidificou as relações com os psicólogos estrangeiros; um dos fatos mais relevantes desse reaquecimento é a publicação em 1956 de algumas obras de Vigotski (incluindo “Pensamento e fala”).

Esse período finaliza nos anos 1966 e 1967, anos em que ocorre, respectivamente, o Congresso Internacional de Moscou, consolidando a importância internacional da psicologia soviética e a institucionalização da psicologia na URSS, com o ingresso da ciência psicológica na Academia de Ciências da URSS, selando sua autonomia em relação à Academia de Ciências Pedagógicas da URSS à qual sempre foi subordinada.<sup>a</sup>

---

<sup>a</sup> Na URSS a psicologia não era reconhecida como ciência independente e por isso não pertencia ao quadro da Academia de Ciências da URSS. Durante esse período de não reconhecimento (que se estende até o ano de 1966), a ciência psicológica ficou subordinada às ciências pedagógicas e, assim, à Academia de Ciências Pedagógicas da URSS.

**5. Período de Sistematização – 1966-1979** – entre os anos de 1966/67 e os anos finais década de 1970, a psicologia histórico-cultural soviética realizou a sistematização do conjunto de elaborações desenvolvidas até aquele momento.

Na sociedade soviética o clima era de conquista de alguns bens de consumo, visto que finalmente conseguira 20 anos de desenvolvimento sem guerras e/ou conflitos internos. No entanto, já no final dos anos 1970 iniciava um período de estagnação da economia, levando o país a um novo desafio.

Estabelece-se aqui como marco final desse período (mais arbitrário que os demais), o falecimento de Leontiev em 1979 (Luria faleceu em 1977). Entende-se que com o falecimento deste encerrou-se um ciclo de produção. Observa-se que na literatura, a partir dessa data, começou a haver contestações mais sistemáticas das produções ocorridas nos anos anteriores e desenvolvidas pelos grandes psicólogos (inclusive os *troika* e *pyatorka*) que, quando eram vivos, inibiam um pouco (pela própria existência) as contestações. A própria psicologia parecia estar um pouco estagnada.

**6. Período de Revisões – 1979-1991** – nesse último período há uma realização de extrema importância para a história da psicologia soviética: a publicação, em 1982, das Obras Escolhidas (OE) de Vigotski. Houve também uma série de revisões e contestações das teorias psicológicas existentes, sendo estas estimuladas pelas leituras das OE, assim como impulsionada pelos rumos da política soviética desenvolvida por Gorbachev a partir do mesmo ano de 1982, com a introdução da *glasnot* e *perestroika*. Esse período encerra com o próprio fim da URSS, em 1991.<sup>a</sup>

---

<sup>a</sup> Observa-se, no entanto, que a palavra revisionismo não tem a mesma conotação que o revisionismo praticado por diversos autores na história do marxismo, canonizando a produção marxista, principalmente nas duas primeiras décadas do século XX.

Como já explicado, esses períodos são as referências para a elaboração dos capítulos e servirão como molduras para os retratos das mesmas. Com a intenção de facilitar a localização histórica e a observação da estrutura proposta, os capítulos terão como inspiração os nomes dos períodos.

## CAPÍTULO II. A TEORIA DO CONHECIMENTO

### E A PSICOLOGIA CONCRETA DO HOMEM

---

*Não se nasce personalidade.*

Alexei N. Leontiev

Neste capítulo será discutida a teoria do conhecimento no materialismo histórico e dialético ou, em outras palavras, a teoria do reflexo e suas possíveis implicações para a psicologia do homem concreto, isto é, como síntese de múltiplas determinações e, mais especificamente, para a psicologia da memória fundada nessa teoria psicológica. Discutir-se-á também como o psiquismo está estruturado, assim como seu suporte material: o encéfalo<sup>a</sup>.

#### 2.1. O REFLEXO PSÍQUICO DA REALIDADE

As discussões sobre a formação do reflexo (ou imagem – *Abbild*, do alemão) psíquico da realidade são realizadas por Marx e Engels em suas diversas obras, assim como por Lênin em suas principais publicações filosóficas (Materialismo e empiriocriticismo e Cadernos Filosóficos<sup>b</sup>).

Para se compreender o psiquismo é necessário que as discussões desenvolvidas pelos autores, algumas questões e reflexões devam ser necessariamente analisadas,

---

<sup>a</sup> O encéfalo compreende tanto o cérebro quanto o cerebelo; no entanto, em psicologia e neuropsicologia é aceita a equivalência de nomes entre encéfalo e cérebro.

<sup>b</sup> O livro “Materialismo e empiriocriticismo” foi publicado em 1908; já os Cadernos Filosóficos foram escritos em forma de anotações pessoais por Lênin, principalmente entre os anos 1914-1915, mas contêm escritos de diversas datas. O livro “A Dialética da Natureza”, de Engels, foi também publicado pela primeira vez no ano de 1925.



tendo em vista em primeiro lugar a relação entre a realidade objetiva e a subjetiva e, como consequência, o problema da substância do psiquismo e, isto sendo minimamente entendido, é relevante a reflexão sobre a origem e localização deste.

A relação entre sujeito e objeto, entre objetivo e subjetivo, está presente nas obras de Marx desde sua juventude. Nos *Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844* Marx aborda a relação objetivação/apropriação, isto é, o processo pelo qual o homem torna subjetivos os objetos (materiais ou não) da realidade pela apropriação, e objetiva os elementos por ele apropriados, ou seja, torna objetivo (exterioriza) o subjetivo.

Enfim, o homem em sua relação com a natureza se apropria desta, subjetivando (objetificando) suas relações, assim como objetiva-se por meio do trabalho, transformando intencionalmente a natureza para a satisfação de suas necessidades.

O trabalho é, em primeiro lugar, um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. O homem se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de **apropriar-se** dos materiais da natureza sob uma forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento sobre a Natureza exterior a ele e ao transformá-la, **ele transforma a sua vez sua própria natureza**. (Marx, 1867/1985a, pp. 215-216 – grifos nossos).<sup>1</sup>

É necessário lembrar que as necessidades a serem satisfeitas já não são necessidades puramente biológicas, mas necessidades humanamente desenvolvidas (*Bedürfnis*) por meio de sua atividade orientada por um fim, por uma atividade teleológica, sendo que o objeto capaz de satisfazer essa necessidade já não é mais qualquer objeto, e sim um objeto humanizado. Ao apropriar-se da natureza para satisfazer suas necessidades, o homem a transforma e, com isso, objetiva-se nessa transformação, o que gera novas apropriações e objetivações, assim como novas

necessidades, sendo estas cada vez mais humanizadas e cada vez mais humanos são seus sentidos e objetos.

A superação da propriedade privada é por isso a *emancipação* total de todos os sentidos e qualidades humanos; mas é precisamente esta emancipação, porque todos estes sentidos e qualidades se fizeram *humanos*, tanto objetiva quanto subjetivamente. O olho fez-se um olho *humano*, assim como seu *objeto* se tornou um objeto social, *humano*, vindo do homem para o homem. Os *sentidos* fizeram-se assim imediatamente *teóricos* em sua prática. Relacionam-se com a *coisa* por amor da coisa, mas a coisa mesma é uma relação *humana* e *objetiva* para si e para o homem e inversamente. Carecimento e gozo perderam com isto sua natureza *egoísta* e a natureza perdeu sua mera *utilidade*, ao converter-se a utilidade em utilidade *humana*. Igualmente, os sentidos e o gozo dos outros homens converteram-se em minha *própria* apropriação. Além destes órgãos imediatos constituem-se assim *órgãos sociais*, na *forma* da sociedade; assim, por exemplo, a atividade imediatamente na sociedade com os outros, etc., converte-se em um órgão de minha exteriorização de vida e um modo de apropriação da via *humana*. (Marx, 1844/1978, p. 11).

Observa-se até aqui que Marx ressalta a constituição material dos homens, ou seja, explicita sem rodeios que o homem constitui-se como humano em suas relações com os demais homens e com a Natureza, sendo esta uma condição ontológica. Em outras palavras, Marx (assim como Engels) defende uma compreensão materialista de indivíduo, sociedade e história, na qual a existência do homem não é um *a priori*, mas que sua essência é produto do conjunto das relações sociais (6ª tese contra Feuerbach).<sup>a</sup>

Como observado por Marx, a relação entre o objetivo e o subjetivo é sempre mediatizada pelo trabalho, e assim o homem transformou uma relação direta com a realidade (como os demais animais fazem) em uma relação indireta e possível de controle intencional, de controle consciente de sua conduta.

---

<sup>a</sup> Lênin (1908/1983, pp. 39-40) assim define o materialismo: “(...) o materialismo (...) considera a matéria como o dado primeiro, e a consciência, o pensamento, a sensação, como dado secundário (...)” [(...) el materialismo (...) toma la materia por lo primeramente dado, y la conciencia, el pensamiento, la sensación por la secundario (...)]

Este controle da conduta é-nos também possível devido ao surgimento da linguagem. Com a divisão do trabalho realizada pelos indivíduos entre material e espiritual foi possível à consciência representar algo (duplicar a realidade), sendo que a materialização desta representação da realidade compartilhada pelos homens ocorreu com o desenvolvimento da linguagem, devido à “(...) *necessidade de intercâmbio com outros homens*.” (Marx-Engels, 1845/1989, p. 43).

Essas modificações promoveram também uma nova compreensão espaço-temporal, transformando **radicalmente** a relação do homem com o mundo.

A mediação dialética é uma metamorfose na qual *se cria o novo*, é a gênese do qualitativamente novo. (...) No trabalho e por meio do trabalho o homem domina o tempo (enquanto o animal é dominado pelo tempo), pois um ser que é capaz de resistir a uma imediata satisfação do desejo e a contê-lo “ativamente” faz do presente uma função do futuro e se serve do passado, isto é, *descobre no seu agir a tridimensionalidade do tempo como dimensão do seu ser*. (Kosik, 1976, p. 183).

Essas conquistas históricas (linguagem, tridimensionalidade do tempo, dentre outras) permitiram ao homem apropriar-se não somente dos fenômenos aparentes, imediatos da realidade, mas propiciou ao homem condições de apreender as mediações e contradições dos fenômenos, enfim, apreender o movimento e o desenvolvimento do mundo a partir de suas relações com este, de sua atividade *sensível* (sensorial), ou seja, apreender “(...) *o mundo sensível como atividade sensível, viva e total, dos indivíduos que o constituem* (...)” (Marx-Engels, 1845/1989, p. 70), podendo distinguir com clareza o mundo objetivo do subjetivo.

Para se apropriar de um mundo humanizado, de uma realidade desenvolvida por meio da atividade humana e até mesmo para criar essa realidade humana, era necessária uma nova organização psíquica, era preciso que o psiquismo humano estivesse à altura do produto da atividade humana, dos objetos da realidade. As transformações dos sentidos e da percepção/vivência espaço-temporal pelo trabalho também modificaram a fisiologia do homem.

Seu corpo orgânico como um todo e seu encéfalo mais especificamente foram transformados (complexificados), propiciando aos seres humanos mais possibilidades de apropriação e objetivação da realidade (Engels, 1876/1985; Lênin, 1915/1986d). Um exemplo claro disso é o maior desenvolvimento das partes frontais do cérebro humano em comparação com os demais cordados, lembrando que essas áreas cerebrais são as responsáveis pela ação intencional, assim como do maior desenvolvimento do córtex e neocórtex, não sendo por menos que Lênin (1915/1986d) entende o cérebro como a matéria mais elaborada e complexa de toda a natureza.

O psiquismo humano é para a epistemologia materialista dialética a mais elevada expressão e a mais complexa propriedade (produto)<sup>a</sup> da natureza como um todo e do cérebro humano em particular sendo, este um dos pontos principais não só para a compreensão dessa epistemologia, mas também para uma psicologia que se pretenda materialista dialética, sendo que tal posição já é exposta tanto por Marx quanto por Engels desde o início de suas obras.

Engels, em seu livro *Anti-Düring* (1878/1979, p.32), expressa de forma inequívoca a questão da relação entre pensamento e cérebro:

Mas, se queremos, na realidade, saber o que são o pensamento e a consciência e de onde procedem, saberemos, então, que são produtos do cérebro e o próprio homem nada mais é do que um produto natural que se formou e se desenvolveu dentro de seu ambiente e com ele.

Ampliando a discussão sobre o problema da substância do psiquismo, Marx (1883/1985b, p. 20) escreve que o “*ideal* [Ideelle em alemão - também traduzido como reflexo] *nada mais é do que o material transposto e traduzido na mente do homem*”.<sup>2</sup>

---

<sup>a</sup> Mas quando se diz que a consciência, a capacidade de pensar, é uma propriedade do cérebro significa que somente o sujeito tátil deve ser o único objeto digno, de modo que assim se tem acabado com o predicado espiritual. (Lenin, 1908/1986a, p. 445). [Pero cuando se dice que la conciencia, la capacidad de pensar, es una propiedad del cerebro significa que sólo el sujeto tátil debe ser el único objeto digno, de modo que así se ha acabado con el predicado espiritual.]

Assim sendo, o substrato do ideal é material, a realidade apreendida pela sensibilidade é **auxiliada e possibilitada** pelo cérebro na atividade material real.

O materialismo se expressa aqui no fato de compreender que o ideal, como forma determinada da atividade social do homem, que cria objetos de uma ou outra forma, nasce e existe não na cabeça, mas com ajuda da cabeça na atividade material real como agente efetivo da produção social. (Ilyenkov, 1978, p. 186) <sup>3</sup>

É importante ressaltar que o desenvolvimento do reflexo consciente da realidade é uma exigência do aparecimento e desenvolvimento de necessidades e objetos humanizados. Somente com o desenvolvimento de uma nova relação (consciente) com o mundo foi possível ao homem apropriar-se da realidade de forma efetiva, afinal a realidade já não era tão imediata (natural) como antes e era necessário aos indivíduos apreenderem as mediações e contradições existentes no mundo humanizado, gerando assim novas necessidades e relações objetivas/sensíveis.

Por todas as conquistas indicadas anteriormente é possível ao homem planejar suas ações e executá-las de acordo com esses planejamentos, sendo estas uma exclusividade de nossa espécie.

Concebemos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações que recordam às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue vantajosamente, de antemão, o pior arquiteto com a melhor abelha, é que ele modelou o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na *imaginação do trabalhador*, ou seja, *idealmente*. (Marx, 1867/1985a, p. 216 – sublinhado nosso) <sup>4</sup>

Mas para o homem imaginar e planejar sua ação é preciso que ele conheça a realidade, suas contradições e determinações, é necessário que ele apreenda idealmente as relações existentes na realidade. Isso significa que o homem em sua atividade e por

meio de suas sensações apropriou-se da realidade – um todo ainda caótico –, elaborou essas sensações formando representações (imagens sensoriais subjetivas) ou, em outras palavras, elaborou o dado imediato.

No entanto, a realidade não é imediatamente cognoscível ao homem, é necessário que ele negue o imediatamente perceptível, aparente e fenomênico e, em um exercício do pensar, apreenda as contradições da realidade, ou seja, abstraia das relações imediatas da realidade o movimento e as regularidades do mundo, elaborando conceitos sobre este, apreendendo seu movimento interno, suas múltiplas determinações.

Enfim, o homem apropria-se da realidade por suas sensações e percepções, elabora conscientemente esses conteúdos, consolida em sua memória essas experiências e planeja suas ações futuras tendo como fundamento seu reflexo psíquico da realidade. Ao elaborar conscientemente as informações da realidade, o indivíduo desvela as contradições e mediações da realidade, apreende elementos estáveis desta realidade, elaborando conceitos e abstrações, sendo que a verdade será comprovada pela prática<sup>a</sup>, sem, no entanto, dissociar a elaboração teórica do pensamento e a prática.

Faz-se assim a ascensão do abstrato ao concreto, ou seja, a negação do abstrato (como este negara o concreto-sensível, o dado imediato) e a análise dos múltiplos fatores presentes no fenômeno, seu desenvolvimento histórico e suas contradições. Na negação dialética retêm-se partes do velho que são incorporadas em um novo estágio (*aufheben* – superação por incorporação).

As relações que antes estavam veladas podem ser descobertas e só assim é possível a síntese das diversas determinações; é possível compreender a realidade como uma totalidade, um todo estruturado (concreto):

---

<sup>a</sup> The proof of pudding is in the eating. (Engels, 1892/1969, p. 16). [A prova do pudim é comendo-o]

O concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. (Marx, 1857/1978, p.116).

Assim, o objeto (fenômeno, realidade) não pode ser apreendido pela análise de fatos isolados. Para se apropriar da verdade é exigência a análise de vários aspectos da realidade, para que assim se possa elaborar a síntese como resultado (produto), sendo este confirmado ou reprovado pela ação prática. Tal posicionamento é esclarecido por Lênin (1908/1983, p. 112), ao escrever que

(...) a teoria materialista, a teoria da reflexão dos objetos pelo pensamento, está aqui exposta [no caso, o livro “Socialismo utópico e socialismo científico” de Engels] com toda clareza: as coisas existem fora de nós. Nossas percepções e as nossas representações são as imagens das coisas. A comprovação dessas imagens, a distinção entre as verdadeiras e as errôneas, as dá a prática.<sup>5 a</sup>

A principal tônica desse livro de Lênin, como escreve Lukács (1979, p.207), é a própria questão da materialidade: “*A ideologia dos autores do **Manifesto Comunista** é um materialismo **dialético e histórico**, enquanto que na época de Lênin, o centro da gravidade do problema se desloca: a evolução do pensamento está agora centrado num **materialismo dialético e histórico**”.*

Efetivamente Lênin, em inúmeras vezes nesse livro, versa sobre a questão da materialidade e a contraposição desta com o idealismo e com o empiriocriticismo, sendo a obra de Mach o principal alvo de sua crítica radical; crítica esta que abrange não somente os seguidores de Mach como também as demais correntes filosóficas que se afastam do materialismo e não abraçam abertamente o idealismo.

---

<sup>a</sup> Em outro escrito, Lênin (1915/1986d, p. 180) apresenta estas relações de uma maneira ainda mais clara: “A vida dá nascimento ao cérebro. No cérebro humano se reflete toda a natureza. Mediante a verificação e a aplicação da exatidão destes reflexos em sua prática e técnica, o homem chega à verdade objetiva.” [La vida da nacimiento al cerebro. En el cerebro humano se refleja la naturaleza. Mediante la verificación y la aplicación de la exactitud de esos reflejos en su práctica y su técnica, el hombre llega a la verdad objetiva.]

No que se refere estritamente à discussão do reflexo psíquico da realidade por Lênin, nesse livro de 1908, alguns posicionamentos do autor russo não ficam muito claros, sendo que por vezes sua leitura sobre esse aspecto do homem fica próxima a um materialismo mecanicista, como expresso no trecho a seguir: “(...) *a sensação é o verdadeiro vínculo **direto** da consciência com o mundo exterior, é a transformação da energia da excitação exterior em um fato psíquico.*” (1983, p. 46 – grifo nosso) <sup>6</sup>

Nesse trecho, como em outros nesse livro, Lênin aborda muitas vezes a relação do homem com o mundo como sendo restrito à sensação e que, a partir desta, seria formado diretamente o pensamento ou, então, a imagem psíquica. Mas, uma leitura um pouco mais atenta e menos superficial (ou mesmo tendenciosa) desse material mostra que esta não era a posição central ou predominante de Lênin.

Não é exagero ressaltar que se concorda aqui com o posicionamento de Lênin de que é a partir das sensações e percepção que o reflexo é formado, tal qual postulado por Marx, nas 1ª e 5ª teses contra Feuerbach, ao discutir a sensibilidade e a atividade prática sensível. Discorda-se, no entanto, que este seja um reflexo especular, *imediato, direto*.

Em diversas partes do texto o autor russo faz justa crítica a leituras deturpadas da obra de Engels, explicitando de forma clara não só sua posição, mas também as de Marx e Engels sobre essa temática. Mesmo sabendo do risco do texto tornar-se enfadonho entende-se aqui que é necessário, para eliminar qualquer suspeita da posição leninista sobre essa delicada questão, mostrar alguns trechos da obra que indicam a posição do autor:

(...) (seria mais exato dizer: imagens ou reflexos das coisas). Esta última teoria constitui o *materialismo filosófico*. Assim, o materialista Friedrich Engels – colaborador bem conhecido de Marx e fundador do marxismo – fala, constantemente e sem exceção, nas suas obras, das coisas e das suas imagens ou reflexos mentais (Gedanken-Abbilder), e é por si claro que estas imagens não surgem de outra maneira que das sensações. (p. 34) <sup>7</sup>



(...) a representação sensorial [ou sensível] *não* é a realidade existente fora de nós, senão somente *a imagem* desta realidade. (p.117) <sup>8</sup>

As palavras “*stimmen mit*” *não podem* significar *coincidir* no sentido de “*ser idêntico*”. E para o leitor que não saiba alemão, mas que tenha lido com alguma atenção a Engels, está completamente claro, não pode menos que estar claro, que Engels todo o tempo, ao longo de todo seu raciocínio, interpreta a “representação sensorial” como *imagem (Abbild)* da realidade existente fora de nós, e que a palavra “coincidir” não pode empregar-se em russo mais que no sentido de corresponder, estar em consonância, etc. (p. 118) <sup>9</sup>

O reconhecimento da regularidade objetiva da natureza e do reflexo **aproximadamente** exato desta regularidade no cérebro do homem é materialismo. (p. 165 – grifo nosso) <sup>10 a</sup>

O universo é o movimento regulado da matéria, e nosso conhecimento, sendo o produto supremo da natureza, somente pode *refletir* essa regularidade. (p. 181) <sup>11</sup>

Como demonstram tais citações, o conhecimento da realidade se dá a partir do contato do homem com esta (direta ou indiretamente) e segue não uma linha reta, não uma ordem exata (como a seta de Comte que segue diretamente para o positivo), não é como um reflexo no espelho e sim

(...) um ato complexo, dividido em dois, ziguezagueante, que inclui a possibilidade de que a fantasia voe apartando-se da vida; é mais: a possibilidade *da transformação* (...) do conceito abstrato, da idéia, em uma fantasia (...) Porque inclusive na generalização mais simples, na idéia geral mais elementar (...), há certa partícula de **fantasia**. (Lênin, 1915/1986c, p. 336).<sup>12</sup>

Assim, o desenvolvimento da realidade somente é possível pela apreensão das contradições e multideterminações existentes no mundo e que, por meio do desenvolvimento da imagem subjetiva da realidade, da imagem ideal, é possível a transformação da natureza, transformação esta fundamentada em uma ação teleológica

---

<sup>a</sup> A própria definição de lei que Lênin dá em seu *Resumo do libro de Hegel “Ciencia de la lógica”* (1915/1986d, p. 133) é contra a idéia de uma imagem idêntica do fenômeno, tendo em vista que “a lei = reflexão serena dos fenômenos” e por isto, toda lei é “(...) estreita, incompleta, aproximada.” [ley = la reflexión serena de los fenómenos] (...) [estrecha, incompleta, aproximada.]

cuja origem está em uma atividade criativa, em uma atividade inovadora, na qual há elementos de fantasia, elementos de criação do novo, decorrentes do surgimento de novas necessidades humanas.

O homem pode em seu psiquismo elaborar idealmente sua ação, sendo o ideal o reflexo do mundo objetivo, o reflexo do mundo material na subjetividade do homem. No entanto, “*a consciência do homem não só reflete o mundo objetivo, senão que o cria*” (Lênin, 1915/1986d, p. 191).<sup>13</sup> Dessa forma, a discussão sobre o desenvolvimento do conhecimento não ocorre idealisticamente, pois não começa pelo eu <sup>a</sup> e sim pela realidade efetiva e pela atividade sensível, assim como não é uma cópia fotográfica da realidade, tendo em sua formação aspectos subjetivos envolvidos, aspectos estes que dependem diretamente das experiências do indivíduo no mundo, de seus aprendizados e do desenvolvimento de seus processos psicológicos superiores.

Não é demais ressaltar que não se tem aqui uma posição relativista de conhecimento tal como observada no Pragmatismo. Nesta vertente, como observa Vazquez (1977), o conceito de verdade está fundado no utilitarismo, ou em outras palavras, naquilo que é útil, ou naquilo que nos é mais interessante/vantajoso em cada relação, em cada contato com a realidade.

Observa-se assim a manifestação de um posicionamento relativista da realidade, muito mais voltado a interesses de grupos ou tão somente dos indivíduos em suas experiências particulares, não revelando as multideterminações da realidade concreta, mas somente facetas dessa realidade; facetas que a consequência da ação dos indivíduos mostra como útil.

Como já ressaltado anteriormente, entende-se aqui (no materialismo-histórico e dialético) que o processamento da realidade se dá pela razão (pensamento), a partir da

---

<sup>a</sup> “No se pode começar a filosofia pelo ‘Eu’. Não há ‘movimento objetivo’”. (Lênin, 1915/1986d, p. 91) [No se puede comenzar la filosofía por el ‘Yo’. No hay ‘movimiento objetivo’]

experiência dos indivíduos, sendo a realidade a referência da verdade, ou seja, o desenvolvimento de conceitos – que captam as mediações, relações, transições e contradições do fenômeno – cada vez mais próximos ao conhecimento do concreto: “O homem não pode captar = refletir = representar a natureza como um todo, em sua integridade, sua ‘totalidade imediata’; somente pode acercar-se eternamente a ela, criando abstrações, conceitos, leis, uma imagem científica do mundo, etc., etc.” (Lenin, 1915/1986d, p. 161-162) <sup>14</sup>, sendo, como já escrito, “somente mediante a razão, a partir da experiência [que] se pode conseguir conhecimentos.” (Lenin, 1908/1986a, p. 393) <sup>15</sup>

Essa aproximação chegará com a apropriação da totalidade da realidade. O homem somente é capaz de aproximar-se eternamente da totalidade, pois este apreende o que é estável (suas leis) e parte de seu movimento, pois o próprio pensamento do homem não é inerte nem sem contradições e deve ser entendido “*No eterno processo de movimento, do surgimento das contradições e sua solução*” (Lenin, 1915/1986d, p. 174).<sup>16</sup> Isto não significa, entretanto, que o conhecimento desenvolvido pelo homem seja sempre relativo e subjetivo, como defendido pelas correntes idealistas adeptas do relativismo subjetivo (ou até mesmo do idealismo objetivista), cuja lógica subjacente é a formal.

Esse é justamente um dos principais pontos diferenciadores da teoria do conhecimento fundamentada no materialismo histórico e dialético para as demais teorias, uma análise dialética da realidade, como bem analisa Lukács (1979, p. 233):

É assim que à questão bem posta da relatividade do conhecimento, a teoria do conhecimento do materialismo dialético fornece a boa resposta. Nossos conhecimentos são apenas aproximações da plenitude da realidade, e por isso mesmo, são sempre relativos; na medida, entretanto, em que representam a aproximação efetiva da realidade objetiva, que existem independentemente de nossa consciência, são sempre absolutos. O caráter ao mesmo tempo absoluto e relativo da consciência forma uma unidade dialética indivisível.

Outra característica dessa epistemologia que reafirma a apreensão constante do movimento e das contradições (e transições) é a historicidade na compreensão e análise da realidade, revelando uma compreensão da mutabilidade do mundo, do homem e da própria história, pois a história efetiva é a base, o cimento, o ser, ao qual segue a consciência (Lênin, 1915/1986b). Afinal, estudar algo historicamente significa estudá-lo em seu movimento (modificação da matéria – contradições) e em seu desenvolvimento (em sua passagem do menos para o mais complexo) (Kopnin, 1978).

Observam-se nessa perspectiva tanto os aspectos subjetivos (experiência empírica individualizada) quanto os aspectos da realidade objetiva, negando tanto o idealismo subjetivista quanto a objetividade reducionista (mecanicista), buscando compreender a realidade em sua totalidade e historicidade.

Em síntese, o psiquismo (e, assim, a consciência) não se origina dos processos fisiológicos (cérebro), mas tem sua origem nas relações materiais entre o homem e a natureza, sendo essa realidade apropriada pelo homem em sua atividade sensível, por meio da sensibilidade, com o auxílio do cérebro – e dos processos psicológicos – e elaborada pelo homem, desenvolvendo seu reflexo psíquico consciente da realidade, isto é, a apreensão das contradições e mediações dos objetos e a possibilidade de conhecer a realidade aproximando-se eternamente de sua totalidade. É pela objetivação desse conhecimento que o homem não somente constata a verdade de suas elaborações (conceitos), mas também apreende novos elementos para a contínua apropriação das contradições do mundo sensível. Enfim, o reflexo psíquico (ou o ideal)

(...) é uma imagem subjetiva da realidade objetiva, isto é, um reflexo do mundo exterior nas formas de atividade do homem, nas formas de sua consciência e vontade. O ideal não é o psicológico individual, nem muito menos o fator fisiológico, senão o fato histórico-social, o produto e a forma da produção espiritual. O ideal existe em múltiplas formas de consciência social da vontade do homem como sujeito da produção social e da vida material e espiritual. (Ilénkov, 1978, p. 180) <sup>17</sup>

### 2.1.1. A FILOGÊNESE DO REFLEXO PSÍQUICO DA REALIDADE

Para compreender o reflexo psíquico não é suficiente saber que este é historicamente determinado e ontologicamente social, e que a realidade é apreendida pela sensibilidade com o **auxílio e efetivação** do cérebro na atividade material real. É preciso também conhecer a história filogenética do reflexo psíquico, assim como a maneira como o cérebro humano está organizado e estruturado para formar a consciência.

Lênin indica que para investigar a teoria do conhecimento e a dialética era preciso investigar suas áreas constitutivas. O autor discute sobre isso no livro de Lassalle, acerca da filosofia de Heráclito:

Estas são as esferas do saber com que devem constituir a teoria do conhecimento e a dialética: *história da filosofia*; história das ciências distintas; história do desenvolvimento mental da criança; história do desenvolvimento mental do animal; história da linguagem; NB [*note bene*]: mais psicologia e fisiologia dos órgãos dos sentidos. kurz [Em poucas palavras], a história do conhecimento em geral. Toda a esfera do saber. (Lênin, 1915; 1986d, p. 318) <sup>18</sup>

Nessa discussão, Lênin apresenta um leque amplo de áreas nas quais a psicologia tem participação em diversas frentes, como o estudo do desenvolvimento mental da criança, da linguagem e psicologia e fisiologia dos órgãos dos sentidos.

Leontiev, em seu “Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo” investigou, como o próprio título expressa, o desenvolvimento do psiquismo, ou mais precisamente, a evolução do psiquismo animal e o desenvolvimento do psiquismo humano, desde as primeiras organizações humanas até às sociedades de classes e socialista/comunista.

O autor estrutura seu texto discutindo o psiquismo animal e o humano nos diversos momentos históricos, desde os primeiros períodos constituídos unicamente por animais unicelulares até a formação do homem pleno em sua genericidade, tendo como referências centrais as proposições de Darwin (no que concerne às leis naturais) e Marx

e Engels nas discussões das leis sócio-históricas. Em outras palavras, o autor discute tanto a filogenia quanto a ontogenia humana.

Leontiev afirma que a relação vital e ativa do organismo com a realidade dá-se por meio da atividade (*deiatelnost*, em russo, e *Tätigkeit*, em alemão) e que foi justamente a complexificação dessa relação vital que permitiu o surgimento de seres vivos dotados de sensibilidade, sendo relevante destacar desde já que é a atividade do organismo com o meio que possibilitará tanto as mudanças anátomo-fisiológicas, quanto as mudanças nos próprios estádios de desenvolvimento do reflexo psíquico.

É por meio dessa sensibilidade que o organismo apreende a realidade externa e reage a ela de uma forma específica, que depende de sua organização biológica e do ambiente.

Esta complexificação reside na formação de processos da actividade exterior que mediatizam as relações entre os organismos e as propriedades do meio donde depende a conservação e o desenvolvimento de sua vida. A formação desses processos é determinada pelo aparecimento de uma irritabilidade em relação aos agentes exteriores que preenchem a função de sinal. Assim nasce a aptidão dos organismos para refletir as acções da realidade circundante nas suas ligações e relações objectivas: é o *reflexo psíquico*. (Leontiev, 1947/1978b, p. 19)

O primeiro estágio que Leontiev apresenta é o estágio do psiquismo sensorial, caracterizado por um reflexo psíquico derivado de uma atividade direta, imediata, do organismo com a realidade circundante. O reflexo da realidade desses animais é formado a partir de uma relação fundada na sensibilidade desses animais a *agentes particulares* ou a *um grupo de agentes isolados*, seja ele químico ou físico. Esse estágio é característico de seres vivos que vão desde os grupos unicelulares até aqueles cujo sistema nervoso é difuso, como a classe *Arthropoda* e algumas espécies de peixes.

O segundo estágio é chamado por Leontiev de estágio do psiquismo perceptivo, que se caracteriza “(...) *pela atitude para reflectir a realidade objectiva exterior, não*

*sob a forma de sensações isoladas (provocadas por propriedades isoladas ou grupos de propriedades), mas sob a forma de reflexo de coisas.”* (Leontiev, 1947/1978b, p. 39)

No estágio anterior, a diferenciação dos órgãos sensitivos era o que conduzia à atividade dos organismos. No estágio perceptivo, os órgãos diretores são “(...) *cada vez mais órgãos que integram os estímulos exteriores.*” (Leontiev, 1947/1978b, p. 40) ou, em outras palavras, tem um sistema nervoso central, constituído por um encéfalo e medula cervical. Esses animais agem por meio de operações (como, por exemplo, movimentos) para obter o objeto pelo qual sua atividade está orientada. Os organismos mais representativos desse estágio são alguns tipos de peixes e anfíbios, répteis, aves e pequenos mamíferos.

O estágio seguinte é o estágio do psiquismo intelectual ou do intelecto, cuja principal característica é o surgimento da possibilidade do animal refletir não somente coisas isoladas, mas relações entre estas coisas, entre situações. Isso é consequência, dentre outras, do aparecimento e desenvolvimento do córtex cerebral e de suas funções (destacando também o desenvolvimento nos símios superiores dos lobos frontais), assim como da atividade bifásica, ou seja, da atividade executada por meio de uma ação preparatória e uma ação de realização.

Recapitulando, tem-se que, no que concerne à formação do reflexo psíquico, no estágio sensitivo há uma ligação imediata e sensorial do organismo com um elemento ou parte dele com a realidade; no estágio perceptivo já há a reflexão de coisas, sendo que no intelectual o reflexo é de relações.

Por fim, antes de o autor discutir o estágio do psiquismo humano, ele estabelece os caracteres gerais do psiquismo animal e diferencia-os do humano, ressaltando aqui que a distinção desenvolvida por Leontiev é muito similar à realizada por Marx nos

Manuscritos de 1844 e por Marx e Engels n'A ideologia alemã. Destacam-se aqui as características dadas por Leontiev ao psiquismo animal:

1. a atividade dos animais é biológica e instintiva;
2. a atividade dos animais permanece sempre dentro dos limites de suas relações biológicas, instintivas, com a natureza;
3. os motivos da atividade animal estão sempre encerradas na determinação biológica;
4. as relações dos animais com seus semelhantes e outros seres na natureza são fundamentalmente idênticas às estabelecidas por ele com quaisquer objetos exteriores.

Leontiev estabelece ao final a diferença decisiva: *“No mundo animal, as leis gerais que governam as leis do desenvolvimento psíquico são as da evolução biológica; quando se chega ao homem, o psiquismo submete-se às leis do desenvolvimento sócio-histórico.”* (Leontiev, 1947/1978b, p. 68)

Assim, o autor estabelece a diferença fundamental e inicia a discussão sobre o papel do trabalho na formação do humano e na formação do reflexo psíquico consciente, sendo este responsável pela distinção entre a realidade interna e externa, ou seja, o *“(...) o reflexo que distingue as propriedades objectivas estáveis da realidade.”* (Leontiev, 1947/1978b, p. 69)

## **2.2. O REFLEXO PSÍQUICO CONSCIENTE DA REALIDADE**

O trabalho é uma atividade socialmente organizada e, portanto, há necessidade de divisão de funções e transmissão de conhecimentos para que se possam coordenar as ações para os fins comuns (coletivos) e individuais.



A linguagem permite ao homem a representação de conteúdos objetivos libertos de sua materialidade, isto é, sem a presença física do objeto ou conteúdo significado. Assim, é por meio da linguagem que é possível aos homens não só o intercâmbio de objetos, mas também e, principalmente, de pensamentos.

A linguagem possibilita a acumulação e a transmissão das representações e conhecimentos de uma geração para outra, proporcionando ao homem e à humanidade a possibilidade de refletir sobre o mundo que cria e que, ao criá-lo (pelo processo de apropriação-objetivação), estrutura sua consciência; enfim, o reflexo psíquico ganha novas dimensões, que não se limitam ao sensível.

Devido a essa indissociação consciência-linguagem e da dependência de ambos no trabalho, Marx escreve que

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – *a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo*; e a linguagem nasce, como a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens. (Marx-Engels, 1845/1989, p. 43 – grifos nossos).

Tendo esses escritos em consideração, Leontiev escreve que “*A consciência é o reflexo da realidade, refractada através do prisma das significações e dos conceitos lingüísticos, elaborados socialmente.*” (Leontiev, 1947/1978b, p. 88) <sup>a</sup> Observa também que “*estes traços característicos da consciência são os mais gerais e mais abstractos. A consciência do homem é a forma histórica concreta de seu psiquismo.*” (Leontiev, 1947/1978, p. 88)

---

<sup>a</sup> Na edição inglesa deste texto há uma ligeira variação, sem que, no entanto, modifique o resultado final. “Consciência é o reflexo da realidade refratado como ele era através do prisma das significações ou dos conceitos lingüísticos, elaborados socialmente. (Leontyev, 1947/1981c, p. 221 – grifo nosso) [Consciousness is the reflection of reality refracted as it were through the prism of socially developed *linguistic meanings or* concepts].

Para expor o desenvolvimento da consciência humana na história o autor escreve, acompanhando as afirmativas de Marx e Engels, que se deve “(...) *considerar a consciência (o psiquismo) no seu devir e no seu desenvolvimento, na sua dependência essencial do modo de vida, que é determinado pelas relações sociais existentes e pelo lugar que o indivíduo considerado ocupa nessas relações.*” (Leontiev, 1947/1978, p. 89 – grifos nossos)

A reflexão sobre a realidade não é feita somente por um homem, é também feita pelos homens, dando origem à diferenciação entre consciência social e consciência individual. A consciência social compreende os conhecimentos elaborados (e acumulados) historicamente por conceitos sobre a natureza, a sociedade e o próprio homem. São compartilhados pelos homens como formas de reflexão e estabilizados em significações lingüísticas.

Já a consciência individual é a apreensão idiossincrática da consciência individual, dos produtos da coletividade. Esta apropriação está diretamente relacionada ao modo de vida dos indivíduos, à posição que ele ocupa na coletividade, assim como suas condições sociais e biológicas (sejam estas condições hereditárias ou adquiridas).

É importante destacar que uma das preocupações (objetivos) da psicologia soviética como um todo e, mais particularmente, daquela desenvolvida nos marcos da Escola de Vigotski, é explicar as leis psicológicas do desenvolvimento do psiquismo em geral e da consciência, seu principal objeto de estudo, em particular.

Para tal, os autores não só investigaram e elaboraram a explicação da estrutura e desenvolvimento da consciência; também investigaram e elaboraram a estrutura da atividade.

### 2.2.1. A ESTRUTURA DA ATIVIDADE

Na psicologia histórico-cultural, assim como em praticamente toda psicologia soviética, a atividade é entendida como sendo o meio pelo qual o indivíduo se apropria da realidade, assim como é pela mediação da atividade que se objetiva.

Para se compreender e investigar o processo de formação do psiquismo é importante, além de conhecer a estrutura e o funcionamento da consciência, encontrar a estrutura geral da atividade humana determinada por condições históricas concretas.

Leontiev foi quem propôs uma estrutura e um modo de funcionamento da atividade, sendo esta analisada em diversos níveis. A estruturação da atividade trouxe elementos significativos para a efetivação de algumas proposições de Vigotski, desenvolvidas pouco antes de sua morte (mais notadamente no “Pensamento e fala”, de 1934) sobre a análise por unidades.

Leontiev postula que cada um dos níveis da estrutura da atividade é uma unidade a ser analisada, propiciando condições concretas para o melhor entendimento das neoformações psíquicas, assim como das conexões entre a atividade e o desenvolvimento da consciência e da personalidade.

Inicialmente o autor destaca três níveis de análise, indicando que cada *atividade* é distinguida por seus motivos correspondentes e pelo objeto à qual está orientado, objeto este capaz de saciar uma necessidade do indivíduo, lembrando sempre que no caso humano essas necessidades não são mais de origem biológica e sim histórico-sociais. O segundo nível são as *ações*, orientadas por seus objetivos e as *operações*, estas determinadas pelas condições concretas da realidade.

Essas unidades de análise são definidas de acordo com as funções que cada uma tem, sendo que cada unidade contém as características básicas inerentes à realidade

como um todo. A atividade está constituída de dois elementos fundamentais, o de orientação e o de execução.

As necessidades e motivos são responsáveis pela orientação do indivíduo em sua atividade e, conseqüentemente, as ações e operações são responsáveis pela execução da mesma. Observa-se, no entanto, que para a realização da identificação e elaboração dos motivos e necessidades, seguidos pelo conseqüente planejamento e execução da ação, é preciso a formação e objetivação do reflexo psíquico da realidade, assim como da ação conjunta dos processos psicológicos ou, complexificando a situação, pelo sistema psicológico.

Para Leontiev, a atividade é uma relação concreta entre o homem e o mundo, sendo esse processo orientado por um objeto<sup>a</sup> (realidade objetiva), podendo ser este interno ou externo. Esse objeto, para o qual a atividade se orienta, é aquele que pode satisfazer a necessidade do indivíduo, lembrando que esta é criada pela relação do homem com o mundo, sendo, portanto, necessidades humanizadas.

Como escreve Marx, n'O Capital, "*os elementos simples do processo de trabalho são a atividade orientada a um fim – ou seja, o trabalho mesmo –, seu objeto e seus meios.*" (1867/1985a, p. 216)<sup>19</sup>

Os motivos da atividade estimulam o sujeito a executar a atividade, sendo que o objetivo dos motivos coincide com o objeto carencial. Estes motivos podem ser de duas ordens, motivos realmente eficazes e motivos apenas compreensíveis.<sup>b</sup>

---

<sup>a</sup> Objeto aqui tem o sentido de objetivo, finalidade, e não objeto físico. Nota-se que na maioria das traduções em espanhol de textos soviéticos este caráter objetivo (finalidade) da atividade é usualmente traduzido como *objetal*. Faz-se essa observação para não incorrer no erro de analisar a relação do homem com o mundo como uma relação gráfico-visual e não teleológica.

<sup>b</sup> Em textos posteriores ao presente n'O Desenvolvimento do Psiquismo (1947/1959), Leontiev utilizou não só outras denominações para os motivos, como os descreveu de forma diferente. Optou-se aqui por usar a explicação da década de 1940 por entender que estas estão mais coesas com a explicação de atividade (e atividade principal), consciência (reflexo psíquico estável da realidade) e personalidade, como categoria síntese do psiquismo, do que as desenvolvidas pelo autor já nos anos 1960, e mais bem sistematizado em seu último livro "Atividade, consciência e personalidade", publicado em 1975. Outro

Os motivos realmente eficazes são aqueles que têm relação intrínseca com os fins da atividade e com seus significados, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Esse tipo de motivo é mais constante e independente de relações causais. Já os motivos apenas compreensíveis atuam em circunstâncias mais diretas da realidade e, assim, indiretas para o indivíduo, e por isso não impulsionam, efetivamente, a atividade.

Leontiev afirma que a passagem de motivos apenas compreensíveis para realmente eficazes, como consequência das mudanças nas relações do indivíduo com a realidade, indica a mudança na própria atividade do indivíduo. Nesse processo de mudança *“ocorre uma nova objetivação de suas necessidades, o que significa que elas são compreendidas em um nível mais alto.”* (Leontiev, 1945/1994b, p. 71) Se há mudança nas necessidades, há mudança nos objetos capazes de satisfazê-las e, assim, há uma mudança efetiva na orientação e finalidades da atividade.

A atividade humana está estruturada em ações ou em cadeias de ações, sendo a ação *“(...) um processo cujo motivo não coincide com seu objetivo.”* (Leontiev, 1945; 1994b, p. 69). É necessário, porém, ressaltar que a ação reside na atividade da qual faz parte, mas, como destacado, seu motivo pode não coincidir com seu objetivo; as ações realizadas dependem diretamente dos interesses envolvidos e dos tipos de motivos, pois *“para que uma ação surja e seja executada é necessário que seu objetivo apareça para o sujeito, em relação com o motivo da atividade da qual ele faz parte.”* (Leontiev, 1945/1994b, p. 69).

As ações são processos correspondentes à noção de resultado (objetivo) que deve ser alcançado, ou seja, o conceito de ação está relacionado com o conceito de finalidade.

---

motivo foi a análise das obras de outros autores soviéticos que utilizam essa proposição de Leontiev; a maioria deles referencia sua produção nos textos dos anos 1940, mesmo aqueles produzidos após 1975.

A execução da ação é feita por meio das operações que, como o próprio nome expressa, é a operacionalização da ação, sendo que cada ação pode ser operacionalizada de diversas formas, pois as operações dependem diretamente das condições concretas da realidade, como bem indica Leontiev: “(...) *uma operação depende das condições em que o alvo da ação é dado, enquanto uma ação é determinada pelo alvo.*” (Leontiev, 1945/1994b, p. 74)

Leontiev indica também que as operações desenvolvem-se a partir das ações, pela inserção na realidade do indivíduo de uma nova ação da qual a ação anterior dependa para ser efetivada: “*Em outras palavras, aquilo que era alvo da ação dada deve ser convertido em uma condição da ação requerida pelo novo propósito.*” (Leontiev, 1945/1994b, p. 75)

Por exemplo, para que um estudante consiga calcular uma equação de segundo grau, as operações matemáticas e equações de primeiro grau já devem ter sido dominadas. Há uma mudança do alvo da ação e o que era anteriormente uma ação passa a ser uma operação. O autor também escreve que quando o nível de uma operação se torna muito alto, com relações muito complexas, ela pode tornar-se uma ação, tendo como base novas operações.

(...) quando o nível do desenvolvimento das operações é suficientemente alto, torna-se possível passar para a execução de ações mais complicadas e estas, por sua vez, podem proporcionar a base para novas operações que prepararam a possibilidade para novas ações e assim por diante. (Leontiev, 1945/1994b, p. 76)

É importante relacionar essas proposições de Leontiev com o conceito de zona de desenvolvimento proximal, desenvolvido por Vigotski nos anos de 1933-34, pois a organização e procedimentos do processo explicado por Leontiev é o mesmo dado por Vigotski ao discutir a zona de desenvolvimento proximal, cuja base é a complexificação

da relação do indivíduo com a realidade, que possibilita uma nova complexificação dessas relações, não sendo demais recordar que os textos com citações das obras de Vigotski eram proibidos nesse momento e assim não eram possíveis referências diretas ao autor.

Por fim, é preciso destacar que pode haver também a transformação de uma ação em uma atividade pela transformação do motivo da atividade em alvo da ação, criando uma nova atividade (com isso há a mudança dos motivos anteriormente discutidos). Nas palavras de Leontiev:

Há uma relação particular entre atividade e ação. O motivo da atividade, sendo substituída, pode passar pelo objeto (o alvo) da ação, com o resultado de que a ação é transformada em uma atividade. Este é um ponto excepcionalmente importante. Esta é a maneira pela qual surgem todas as atividades e novas relações com a realidade. Esse processo é precisamente a base psicológica concreta sobre a qual ocorrem mudanças na atividade principal e, conseqüentemente, as transições de um estágio do desenvolvimento para outro. (Leontiev, 1945/1994b, p. 69)

O surgimento de novas atividades e/ou mudanças nas existentes não necessariamente são positivas. Podem ocorrer mudanças que contribuam para o adoecimento ou sofrimento psíquico, ou até mesmo para o desenvolvimento de psicopatologias ou, como é usual na terminologia psicológica soviética, anomalias na personalidade, principalmente se considerarmos as condições de vida alienantes no mundo do capital.

Observa-se que parte significativa do trabalho do psicólogo com esses indivíduos está no processo de re-organização da hierarquia de motivos, criando novas necessidades e, portanto, novos motivos, sendo esse processo intimamente relacionado ao desenvolvimento da autoconsciência e autonomia do indivíduo. Para tal, conhecer e re-significar os significados e sentidos é fundamental, assim como as condições concretas que constituem esse indivíduo, seus significados e sentidos.

Para tal, é necessário ao psicólogo conhecer também a estrutura e o funcionamento da consciência, que está diretamente relacionada com a estrutura da atividade.

O nosso método geral consiste, portanto, em encontrar a estrutura geral da actividade humana engendrada por condições históricas concretas, depois, a partir desta estrutura, por em evidência as particularidades psicológicas da estrutura da consciência dos homens. (Leontiev, 1947/1978, p. 100)

### **2.2.2. A ESTRUTURA DA CONSCIÊNCIA**

A reflexão sobre a realidade não é feita somente por um homem, mas é feita pelos homens, dando origem à diferenciação entre consciência social e consciência individual. A consciência social compreende os conhecimentos elaborados (e acumulados) historicamente por meio de conceitos sobre a natureza, a sociedade e o próprio homem; são compartilhados pelos homens como formas de reflexão e estabilizados em significações lingüísticas.

A consciência individual é a elaboração idiossincrática da consciência social. A apropriação dos conteúdos por um indivíduo está diretamente relacionada ao seu modo de vida, por suas condições sociais e biológicas (busca-se compreender o homem como totalidade). Assim, a consciência individual é a apropriação idiossincrática dos produtos da coletividade.

Sendo a linguagem a síntese da atividade humana, a consciência social materializada, é por ela que se compreendem as significações da realidade dada pelo homem. Os significados são os conceitos compartilhados pelos homens, são os conceitos dicionarizados, refletindo as apropriações historicamente elaboradas pelo gênero humano, independente da relação de um indivíduo com a realidade: *“É a forma ideal, espiritual da cristalização da experiência e da prática sociais da humanidade.”* (Leontiev, 1947/1978, p. 94)



A apropriação ou não de um conteúdo depende do sentido subjetivo ou pessoal que o significado tem para o indivíduo; assim, o sentido pessoal “(...) *traduz precisamente a relação do sujeito com os fenômenos objectivos conscientizados.*” (Leontiev, 1947/1978, p. 98). Para se compreender o sentido pessoal é preciso descobrir o motivo da atividade correspondente, relacionando-o com os fins da atividade. Leontiev destaca também que

Quando se distingue sentido pessoal e significação propriamente dita, é indispensável sublinhar que esta distinção não concerne à totalidade do conteúdo reflectido, mas unicamente aquilo para que está orientada a actividade do sujeito. Com efeito, o sentido pessoal traduz precisamente a *relação* do sujeito com os fenômenos objectivos conscientizados. (Leontiev, 1947/1978, p. 98)

O último componente (não sendo tal encadeamento hierárquico) da consciência descrito por Leontiev é o conteúdo sensível. Este é composto por sensações, imagens de percepção e representação, conteúdos da memória, enfim, é o tecido material que cria as bases e as condições de toda consciência, ou como mais bem expressara Leontiev, em seu texto de 1945 sobre o desenvolvimento do psiquismo da criança:

Todas as funções (sensoriais, mnemônicas, tônicas etc.) constituem igualmente as bases dos correspondentes fenômenos subjetivos da consciência, isto é, sensações, experiências motoras, fenômenos sensoriais e a memória, que formam a ‘matéria subjetiva’, por assim dizer, a riqueza sensível, o policromismo e a plasticidade da representação do mundo na consciência humana. (Leontiev, 1945/1994b, p. 76).

O conteúdo sensível é o conteúdo imediato da consciência, mas apesar de ser sua base e condição de existência, não exprime sua totalidade. Leontiev afirma também que a modificação e o desenvolvimento do conteúdo sensível somente ocorrem no decorrer do desenvolvimento das formas humanas da atividade, “(...) *na medida em que o*

*objecto se torna para o homem um objecto social.*” (Leontiev, 1947/1978, p. 99)<sup>a</sup>, portanto, as imagens sensíveis são os elementos constituintes do significado, do sentido pessoal, enfim, do reflexo psíquico da realidade.

Merece destaque a dimensão motora do desenvolvimento como um dos elementos integrantes do conteúdo sensível. Tal destaque é feito por dois motivos: o primeiro deles a pouca relação que se faz entre a motricidade e o conteúdo sensível (assim como são escassos os autores que efetivamente consideram o conteúdo sensível na investigação da consciência) e o segundo aspecto está relacionado ao desenvolvimento do controle voluntário do movimento em sua relação com o desenvolvimento da consciência, assim como com a extensa produção de Nikolai A. Bernstein, sobre a fisiologia do movimento orientado pela atividade.

Com esta compreensão, estabelecem-se também mais contatos com a obra de Henri Wallon, que propôs o entendimento da personalidade por meio da análise de suas dimensões afetivas, cognitivas e motoras, sendo estas existentes e analisadas em sua integralidade funcional.

A consciência é, portanto, constituída pelos significados, pelo sentido pessoal ou subjetivo e conteúdo sensível. Ela é tanto subjetiva quanto objetiva e sua função principal é permitir e permear a relação ativa do sujeito e do objeto; enfim, *“não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.”* (Marx-Engels, 1845/1989, p.37)

Observa-se também que o desenvolvimento da consciência implica maior domínio, pelo indivíduo, de seu comportamento, do conhecimento dos motivos e necessidades de sua atividade e maior controle sobre sua atividade futura.

---

<sup>a</sup> Ou um objeto humanizado como na discussão desenvolvida por Marx no terceiro manuscrito de 1844 sobre a humanização dos sentidos.

Para que isso ocorra é necessário também o desenvolvimentos singular dos processos psicológicos superiores, promovendo assim a formação do sistema psicológico, formação esta essencial e coincidente com o desenvolvimento da personalidade, expressão singular e sintética da individualidade sócio-historicamente determinada. Como indica Silva (2007, p. 91), personalidade é “*o processo que possibilita a singularização do sujeito, de forma única na história da ontogênese. Ela é a forma mais complexa e elaborada da individualidade, com raízes sócio-históricas. A personalidade é um sistema psicológico integrado.*” (Silva, 2007, p. 91) <sup>a</sup>

### 2.2.3. FORMAÇÃO DO SISTEMA PSICOLÓGICO

Entende-se aqui que para o mais completo entendimento do desenvolvimento histórico do psiquismo, assim como do projeto de psicologia elaborado inicialmente por Vigotski, Leontiev e Luria, faz-se necessário discutir a formação do sistema psicológico, pois este permite compreender não só aspectos essenciais da formação do psiquismo, como também o porquê da organização fisiológica do cérebro do *Homo sapiens sapiens*, sendo esses processos decorrentes do surgimento do reflexo psíquico consciente da realidade e fundamentalmente da atividade vital humana = trabalho.

O sistema psicológico é uma complexa estrutura funcional cuja dinâmica está fundada na inter-relação e no inter-funcionamento dos processos psicológicos superiores, sendo este desenvolvido na ontogênese, permitindo ao indivíduo a percepção totalizante do psiquismo, com uma correspondente organização cerebral que lhe confere sua materialidade.

Explicando amplamente sua formação tem-se que os processos psicológicos internalizados ficam cada vez mais interligados, havendo uma mudança na relação

---

<sup>a</sup> Sobre o tema, consultar Martins (2007).

existente entre os processos superiores, modificando a estrutura funcional da consciência e formando um novo sistema psicológico caracterizado, como já escrito, pela intrínseca interconexão e inter-relação dos processos.

O sistema psicológico começa a se desenvolver inicialmente como uma relação entre as diversas funções psicológicas. No entanto, com o desenvolvimento do indivíduo, essas funções, que anteriormente estavam somente relacionadas, começam a se fundir, a ter relações sistêmicas, vínculos interfuncionais.

No primeiro ano de vida é observável uma estreita relação entre a sensação/percepção e o ato motor, tendo as atitudes emocionais como principal meio da relação criança-adulto. Essa relação propriamente dita intensifica-se já no ano seguinte, e a ação e a percepção começam a se integrar. O indivíduo inicia aos poucos o controle de seus atos motores tendo a percepção como sólida referência (e não mais como simples eliciador).

Um fator que contribui de forma decisiva para essa conquista, além é claro do próprio desenvolvimento da habilidade motora e percepção, característica da atividade principal dessa idade (objetal-manipuladora, entre dois e três anos aproximadamente), é o surgimento da linguagem. Esta, mesmo que ainda bastante rudimentar, possibilita a categorização da percepção, ao sujeito nomear com sentido o mundo objetivo, materializando seu pensamento. Nesse momento, começa a ser mais amplamente desenvolvida a relação entre pensamento e linguagem, que se fundirão mais tarde.

O surgimento da linguagem, o domínio da marcha e o maior conhecimento e controle do ambiente criam as condições para que o indivíduo se conheça e assim desenvolva sua consciência, sendo a auto-nomeação (aparecimento do “eu” na fala) um dos principais indícios desse novo momento.

Assim, com a maior apropriação do mundo humano, a criança desenvolve ainda mais sua imaginação e mundo simbólico, em que o jogo de papéis (a atividade principal da criança pré-escolar) é fundamental. Nessa atividade, utilizando, entre outras coisas, a imitação, a criança desenvolve ainda mais seus movimentos, linguagem, percepção, memória e imaginação, sendo esse período (por volta dos 3 a 6 anos) de vital importância para a solidificação das habilidades recém conquistadas, assim como um período crucial para a apropriação das regras sociais, desenvolvimento dos sentimentos, enfim, de sua consciência social.

No momento seguinte (cuja atividade principal é o estudo), o indivíduo passa a desenvolver capacidades e motivos mais complexos (do que os existentes até então), impulsionados pela aprendizagem de um corpo de conhecimentos transmitidos de forma elaborada pela escola. No que concerne às funções psicológicas, memória e atenção, em maior destaque que as demais, estão neste momento em franco desenvolvimento, com suas estruturas tornando-se cada vez mais mediatizadas e controladas voluntariamente. A memória, que já tem em sua origem uma relação de interdependência com a atenção, funde-se ao pensamento, tornando-se lógica (memória lógica). Com o desenvolvimento do corpo inorgânico, essas funções vão se relacionando sistematicamente com o pensamento.

Esse mesmo processo de surgimento de neoformações, tendo como referência central a atividade principal do período, ocorre também na adolescência e vida adulta. Não serão aqui observadas com mais detalhes esses períodos, mas é preciso ressaltar que nestes o desenvolvimento da autoconsciência e da personalidade são aspectos em primeiro plano.

Afinal, com o maior desenvolvimento e interconexão das funções psicológicas superiores, há uma maior estruturação do sistema psicológico, formando um sistema

cada vez mais unificado (porém não monolítico), sendo que nessas conexões e relações com o mundo (ou riqueza inorgânica do indivíduo) radicam as vidas dos sujeitos.

O desenvolvimento de um sistema unificado, fundado na interconexão e inter-relação dos processos psicológicos que agem como centros isolados e interdependentes, é essencial para (e coincide com) a formação da personalidade e, assim sendo, para a própria ação voluntária do indivíduo na realidade ou, como expressa Vigotski “*O homem pode certamente reduzir a um sistema não somente funções isoladas, mas criar também um centro único para todo o sistema.*” (Vygotski, 1930/1997a, p. 92).<sup>20</sup>

Esse centro único para todo o sistema é desenvolvido na ontogênese e dá ao indivíduo a *percepção integrada, totalizada do psiquismo*, em seus aspectos *biológicos e culturais*. Essa categoria síntese caracteriza a personalidade, sua singularidade, ou seja, a apropriação particular pelo indivíduo da genericidade humana.

K. Lewin disse acertadamente que a formação dos sistemas psicológicos coincide com o desenvolvimento da personalidade. Nos casos mais elevados, ali onde nos encontramos em presença de individualidades humanas que oferecem o grau máximo de perfeição ética e a mais bonita vida espiritual nos encontramos ante a um sistema em que o todo guarda relações com a unidade. (Vygotski, 1930/1997d, p. 92)<sup>21 a</sup>

A formação desse sistema dinâmico está, como já afirmado, diretamente relacionada com a formação, no encéfalo, de um conjunto variável de conexões assim como de relações interfuncionais. O encéfalo humano é o que tem, dentre os primatas, a maior região frontal, sendo esta a principal área responsável pelas características afetivo-volitivas.

Desta forma, pode-se observar que a atividade psíquica complexa do homem é função do encéfalo. No entanto, este não é o demiurgo do psiquismo e sim o órgão que

---

<sup>a</sup> Leontiev, em sua discussão sobre consciência, explicaria a relação do sistema com a unidade pela não oposição entre sentido pessoal e significado.

possibilita (biologicamente) a efetivação dessa atividade, ou como expressara Luria (1973/1981, p. 04) “(...) *o cérebro como órgão da atividade mental concreta*”.

Cremos que o sistema de análise psicológico adequado para desenvolver uma teoria deve partir da teoria histórica das funções psíquicas superiores, que por sua vez se apóiam em uma teoria que responde à organização sistêmica e ao significado da consciência no homem. Esta doutrina atribui um significado primordial à: a) variabilidade das conexões e relações interfuncionais; b) formação de sistemas dinâmicos complexos, integrantes de toda uma série de funções elementares, e c) reflexão generalizada da realidade na consciência. (Vygotski, 1930/1997d, p. 134)<sup>22</sup>

Observa-se nessa passagem de Vigotski que ainda é preciso, para expor em síntese geral os aspectos centrais da teoria histórico-cultural, discutir sucintamente a organização cerebral que dá suporte à atividade consciente do homem.

#### **2.2.4. O PROBLEMA DA ORGANIZAÇÃO CEREBRAL DA ATIVIDADE CONSCIENTE HUMANA**

A resolução da problemática da organização cerebral da atividade psíquica sempre foi motivo de debates e discussões entre os autores da psicologia, havendo primordialmente dois grupos, aqueles que defendem um localizacionismo estrito dos processos psicológicos no cérebro (uma determinada função está localizada em determinada área do cérebro) ou aqueles contrários a essa posição, defendendo, portanto, um cérebro como órgão indiferenciado.

Como já escrito, Vigotski iniciou a resolução deste problema com a proposição sobre a formação do sistema psicológico. Um pouco antes de seu falecimento, em 1934, escreveu um artigo especificamente sobre a localização dos processos psicológicos no cérebro afirmando que este é constituído por diversas partes sendo que essas partes estão inter-relacionadas e são inter-funcionais, permitindo assim o funcionamento em conjunto de áreas isoladas.

Isto não é ainda suficiente para explicar o funcionamento fisiológico. Assim, Luria, dando continuidade aos trabalhos vigotskianos, propõe um esquema de funcionamento do psiquismo fundado tanto na proposta vigotskiana de sistema psicológico quanto na proposição fisiológica de Peter Anokhin de sistemas funcionais.

Elaborando sua proposta dentro dos marcos da psicologia histórico-cultural, Luria entende o desenvolvimento dos sistemas funcionais como historicamente determinados em sua origem, resultado da atividade objetiva teleologicamente orientada e da comunicação social, sendo mediatas em sua estrutura e consciente e intencional em seu funcionamento. Destaca também que os sistemas funcionais “(...) *se apóiam no complexo das zonas do córtex cerebral que trabalham conjuntamente.*” (1963;1970/1979a, p. 40) <sup>23</sup>

Tendo esses pressupostos como referência, Luria propõe que, para a efetiva resolução da problemática da organização cerebral da atividade consciente (e psíquica em geral), dever-se-ia realizar uma revisão radical da compreensão básica dos termos função, localização e sintoma (ou perda de função).

Iniciando pelo conceito de função, Luria refuta a compreensão de função como função de um órgão (ou parte de) particular. Propõe então – como fizera Anokhin – a investigação de um sistema funcional completo. Essa nova compreensão pode ser entendida como “A presença de uma tarefa constante (invariável), desempenhada por mecanismo diversos (variáveis), que levam o processo a um resultado constante (invariável), *é um dos processos básicos que caracterizam a operação de qualquer ‘sistema funcional’*” (Luria, 1973/1981, p. 13)

Observa-se, portanto, que a função passa a ser entendida como um sistema de composição complexa (com um conjunto de impulsos aferentes e eferentes) e assim mais caracterizado como um sistema funcional inteiro.



Com essa nova compreensão do conceito função, fez-se necessária a revisão do termo localização que, como já abordado, era compreendido principalmente como uma localização cerebral estrita ou então como não localizada, devido a uma compreensão de cérebro indiferenciado.

Luria propõe que as funções mentais devem ser organizadas em sistemas de zonas funcionais operando em concerto, sendo que cada uma operando em um sistema funcional complexo. O autor claramente remete-se à proposição vigotskiana que postulava que o cérebro funciona a partir de centros isolados interdependentes. Remete-se a seu mestre, quando também afirma que

(...) apoios externos ou artifícios historicamente gerados são *elementos essenciais no estabelecimento de conexões funcionais entre partes individuais do cérebro*, e que por meio de sua ajuda, áreas do cérebro que eram previamente independentes tornam-se os *componentes de um sistema funcional único*. (Luria, 1973/1981, p. 16)

E à Leontiev, na rica proposição dos “novos órgãos funcionais”

Isto pode ser expresso mais vivamente dizendo-se que *medidas historicamente geradas para a organização do comportamento humano determinam novos vínculos na atividade do cérebro humano*, e é a presença desses vínculos funcionais, ou como alguns denominam “novos órgãos funcionais”, que é uma das características mais importantes à organização funcional do cérebro humano em confronto com o cérebro animal. (Luria, 1973/1981, p. 16)

Explicitando melhor o termo, Vigotski, em seu texto sobre os sistemas psicológicos (1930/1997c), explicita um pouco mais esse processo. Segundo o autor, as funções psicológicas superiores são inicialmente interpsicológicas e caracterizam-se pelo adulto (ou outro indivíduo qualquer) ordenar à criança a ação a ser realizada. Aos poucos a criança começa a ordenar a ela mesma – em geral em voz alta – o que deve fazer, sendo, no entanto, esta ação ainda externa (extrapsicológica). Por fim, as funções

passam a ser intrapsicológicas, ou seja, o indivíduo elabora e comanda suas ações sem precisar exteriorizar seus pensamentos pela linguagem e, portanto, o controle e a regulação da ação são mediatizados pela linguagem internalizada.

O autor ainda diz que as funções intrapsíquicas caracterizam-se “(...) *por dois pontos do cérebro, que são estimulados a partir de fora, tem tendência de atuar dentro de um sistema único.*” (Vygotski, 1930/1997c, p. 91)<sup>24</sup>. Essa proposição vigotskiana teve como uma de suas principais decorrências o conceito desenvolvido por Leontiev, nos anos 1940, de “novos órgãos funcionais”.

Para Leontiev, os órgãos funcionais, entendidos aqui como neoformações tipicamente humanas e ontologicamente sociais, não são fixados morfológicamente no encéfalo, mas necessitam dele para sua efetivação: “*As faculdades do homem não estão virtualmente contidas no cérebro. O que o cérebro encerra virtualmente não são tais ou tais aptidões especificamente humanas, mas apenas a aptidão para a formação de novas aptidões.*” (Leontiev, 1959/1978c, p. 257)

Tal como Vygotski, Leontiev (1959/1978c) ressalta que o cérebro é estimulado de fora, pelo mundo de objetos e fenômenos da realidade do homem, e criado pelo trabalho, fornecendo o que é verdadeiramente humano. Assim sendo, é pela apropriação dos conhecimentos elaborados historicamente pela humanidade que os indivíduos desenvolvem sua atividade psíquica complexa e sua personalidade.

Esse postulado já fora, como ligeira diferença, exposto por Marx nos Manuscritos de 1844, ao discutir a formação dos órgãos da individualidade, assim como nos *Grundrisse* (1857/2008), ao afirmar que

A natureza não constrói máquinas, locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, self-acting mules etc. Todos eles são produtos da atividade humana; são materiais naturais transformados em órgãos de poder da vontade humana sobre a natureza ou participação destes na natureza. São *órgãos do cérebro humano criados pela mão do homem*; é a força objetivada do saber.<sup>25</sup>

Assim, o processo de investigação da atividade psíquica é o processo de

*(...) determinar mediante uma análise cuidadosa que zonas do cérebro operando em concerto são responsáveis pela efetuação da atividade mental complexa, qual a contribuição de cada uma dessas zonas ao sistema funcional complexo, e como a relação dessas partes do cérebro que operam em concerto na efetivação da atividade mental complexa se modifica nos vários estágios de seu desenvolvimento. (Luria, 1973/1981, pp. 18-19)*

Observa-se, portanto, que, se se considerar que a atividade psíquica é um sistema funcional complexo com a participação de um grupo de zonas corticais operando em concerto e baseados numa complexa e dinâmica “constelação” de conexões, o sintoma decorrente da perda de uma função particular não indica sua efetiva localização no cérebro, sendo necessária a análise da totalidade do funcionamento psíquico/cerebral para o correto diagnóstico e entendimento do mesmo.

Realizada essa revisão, que sintetiza uma compreensão totalizante, multideterminada, dinâmica e ativa do cérebro, Luria postula que o encéfalo é constituído por três unidades funcionais, sendo a primeira para regular o tono cerebral e o processos sono-vigília; o segundo para obter, processar e armazenar informações, e o terceiro para programar, regular e verificar a atividade psíquica.

Os processos psicológicos em geral, assim como a consciência são atividades decorrentes (não em sua origem) do funcionamento em concerto dessas três unidades funcionais, sendo que cada uma é responsável por um aspecto do desempenho desses processos.

Cada uma dessas unidades básicas exibe ela própria uma *estrutura hierarquizada* e consiste em pelo menos três zonas corticais construídas uma acima da outra: as áreas *primárias* (de projeção) que recebem impulsos da periferia ou os enviam para ela; as *secundárias* (de projeção- associação), onde informações que chegam são processadas ou programas são preparados, e, finalmente, as *terciárias* (zonas de superposição), os últimos sistemas dos hemisférios cerebrais a se desenvolverem e responsáveis, no homem, pelas formas mais complexas de atividade mental que requerem a participação em concerto de muitas áreas corticais. (Luria, 1973/1981, pp. 27-28)

É relevante ressaltar que parte considerável da obra luriana e de seus orientandos versava sobre a terceira unidade funcional, ou seja, aquela responsável pela ação intencional. Esse terceiro bloco circunscreve praticamente os lóbulos frontais e pré-frontais, estes mais bem desenvolvidos no *Homo sapiens sapiens*, sendo filo e ontogeneticamente determinados pelo trabalho e pela linguagem, e essenciais para a execução da atividade consciente.

O homem não somente reage passivamente a informações que chegam a ele, como também cria *intenções*, forma *planos* e *programas* para as suas ações, inspeciona a sua realização e regula o seu comportamento de modo a que ele se conforme a esses planos e programas, o homem *verifica* a sua atividade consciente, comparando os efeitos de suas ações com as intenções originais e corrigindo quaisquer erros que ele tenha cometido. (Luria, 1973/1981, p. 60)

### 2.3. SÍNTESE

Tem-se, em síntese, que o reflexo psíquico da realidade é a configuração da realidade para o sujeito, sendo o critério de verdade dessa configuração a prática social. Parte essencial dessa configuração é o reflexo psíquico estável, ou a consciência, que permite ao sujeito distinguir a realidade objetiva da subjetiva, assim como avaliar, regular e executar a atividade com conhecimento dos motivos e necessidades que a impulsionam.

Com o desenvolvimento do indivíduo há um maior desenvolvimento e interconexão das funções psicológicas superiores e, conseqüentemente, estruturação do

sistema psicológico, formando um sistema cada vez mais unificado, com essas conexões e relações com o mundo radicadas na vida dos homens.

O desenvolvimento de um sistema unificado é essencial para (e coincide com) a formação da personalidade e, assim sendo, para a própria ação voluntária e autoconsciente do indivíduo no mundo. Esse centro único para todo o sistema é desenvolvido na ontogênese e dá ao indivíduo a percepção totalizante do psiquismo, em seus aspectos *biológicos e culturais*.

A formação desse sistema dinâmico e o reflexo psíquico consciente da realidade estão relacionados e exigem a formação, no encéfalo, de um conjunto variável de conexões e de sistemas funcionais que operam em concerto, que auxiliam e possibilitam a atividade humana, observando que a qualidade e a complexidade da rede neural são determinadas pelas relações e apropriações que o indivíduo tem e, assim quanto mais rico o corpo inorgânico do homem, mais rica o suporte material (neural) de suas ações.

Não é exagero lembrar também que, como incessantemente afirmam os autores soviéticos fundadores da perspectiva histórico-cultural em psicologia, o cérebro não é o demiurgo do psiquismo; as origens deste devem ser procuradas nas relações que os indivíduos estabelecem com a realidade pela mediação da atividade objetiva e da comunicação social.

Nesses parâmetros que se buscará nos próximos capítulos investigar e elaborar uma psicologia histórico-cultural da memória ou, estendendo essa proposição, investigar as estruturas e desenvolvimento dos processos mnemônicos no conjunto da formação e atividade dos sistemas psicológicos e, para tal, investigar-se-á a produção da psicologia histórico-cultural soviética – suas concepções, formas de investigação e conclusões – sobre a memória.

### CAPÍTULO III. A CONSTRUÇÃO DE UMA PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA: UMA NOVA FORMA DE ENTENDER A MEMÓRIA

---

*As pessoas vêm e vão,  
mas permanecem as forças criativas  
dos grandes eventos históricos,  
as idéias e feitos importantes.*

*Alexander R. Luria*

O objetivo deste capítulo é trazer em linhas gerais as proposições teórico-metodológicas existentes na URSS pós-revolucionária ou, como também é denominada por Asmolov (1977), a “era de ouro” da psicologia soviética. Esse período se caracteriza pelas primeiras edificações de uma psicologia fundada nos marcos do materialismo-histórico e dialético, sendo as quatro principais correntes teóricas existentes na psicologia soviética gestadas nesses anos.

A psicologia soviética do período pós-revolucionário tem como um de seus alicerces a produção da fisiologia e psicologia materialistas anteriores à Revolução de 1917, sendo relevante um breve relato sobre essa herança, para então abordar a vanguarda de cientistas que iniciam a construção de uma psicologia fundada no marxismo.

### **3.1. ANTECEDENTES: A PSICOLOGIA MATERIALISTA PRÉ-REVOLUCIONÁRIA**

Neste item serão discutidos os pilares da produção da fisiologia e psicologia russas anteriores à Revolução de 1917. O caráter claramente materialista das obras de Sechenov, Bekhterev e Pavlov, dentre outros, é uma das principais heranças herdadas pela vanguarda pós-revolucionária.

#### **3.1.1. RETRATO DESBOTADO**

A sociedade russa vivia, antes da Revolução de 1917, sob o domínio do império dos tzares, que desde meados do segundo milênio dominavam não só a Rússia, mas também muitas das regiões nas quais viviam os povos eslavos.

A dinastia autocrata dos Tzares, que inclui nomes como Pedro, o Grande, Ivan, o Terrível, e Catarina II, reinou com mãos de ferro, subjugando a população com violência, fome e extorsões. Outra característica dos tzares era a total convicção no idealismo subjetivo, assim como na metafísica, seja ela oriunda do Catolicismo Ortodoxo, seja de místicos, como, por exemplo, o famigerado Rasputin.

A Rússia e seus vizinhos tinham no período Pré-Revolucionário uma economia fortemente calcada na agricultura, com pouquíssimas (ou nenhuma) indústrias de base e um nacionalismo exaltado (*narodnost*) que execrava o que vinha do exterior.

#### **3.1.2. SECHENOV, BEKHTEREV E PAVLOV**

As disputas filosóficas e políticas entre materialistas e idealistas eram bastante comuns nas discussões dos psicólogos (e de toda ciência) soviéticos. Entretanto, essa disputa não tem sua gênese na Revolução, mas já existia no interior da ciência pré-revolucionária, seja na psicologia, seja em outras áreas, como se observa nas produções dos médicos Sergei Korsakov e Mikhail Lomonosov, ente outros intelectuais.

Na psicologia, o primeiro grande salto se dá com a publicação, em 1863-64, do livro “Reflexos do cérebro” (1956a), de Ivan Sechenov, que trazia importantes questões (inclusive experimentais) sobre fisiologia do cérebro e psicologia. Sechenov defendia claramente uma concepção materialista de homem e mundo, assim como defendia o estudo do psiquismo por meio das investigações fisiológicas do cérebro.

Apesar da discussão sobre a importância da fisiologia para o entendimento do psiquismo ser uma discussão de seu tempo, Sechenov avançou em muitos aspectos em relação a seus contemporâneos, como pode ser observado nas discussões desenvolvidas por Paul Broca, Carl Wernicke e Gustav Fechner. As pesquisas desenvolvidas por Sechenov eram mais avançadas, tanto pelo maior refinamento de suas técnicas, como por sua efusiva defesa da materialidade do real. Um dos pontos a ser ressaltado é sua adoção da teoria da seleção natural das espécies de Charles Darwin.

A obra de Sechenov abriu as portas para importantes questões e para autores que vieram depois dele, principalmente no que concerne à materialidade, à fisiologia do sistema nervoso e aos procedimentos investigativos.

Em sua obra fundamental, Sechenov tem como objetivo central investigar a “atividade psíquica do cérebro”, sendo que esta atividade “(...) *se expressa como é sabido, por manifestações exteriores – e habitualmente todo mundo, tantos os simples como os sábios, os naturalistas e os estudiosos dos problemas do espírito – julgam as atividades psíquicas por estas manifestações exteriores.* (Sechenov, 1864/1956a, p. 32)<sup>26</sup>; o autor ainda defende que essa atividade deve ser mais bem estudada, mas pelos fisiologistas, a quem cabe essa tarefa.

Para Sechenov (1864/1956a), as manifestações exteriores são movimentos musculares (que poderiam ser hoje chamados de comportamentos) que podem ser



divididos, segundo sua origem, em dois grupos, um que englobaria os movimentos involuntários ou reflexos, e outro que englobaria os voluntários.

O movimento involuntário ou reflexo é automático e originado no meio ambiente, sendo provocado por uma excitação de um nervo sensorial, com duração mais ou menos constante, que sempre produz um efeito útil, apropriado à conservação da existência.

O movimento voluntário distingue-se do anterior pelo fato de que, embora igualmente devido a uma excitação sensorial, vem acompanhado de um estado de consciência. Esses movimentos são determinados somente por motivos psíquicos elevados (abstrações), com duração submetida à vontade, sendo somente úteis aos motivos psíquicos que os causam.

Por fim, Sechenov destaca dois aspectos que são bastante interessantes não só para a época em que foi escrito, mas para a própria psicologia soviética. O primeiro é uma assertiva que se relaciona diretamente com as proposições desenvolvidas somente na década de 1920. Diz Sechenov (1864/1956a, p. 136) “(...) que a causa inicial de qualquer atividade humana encontra-se fora do homem.”<sup>27</sup> O outro aspecto é o papel da educação para a formação do indivíduo.

Algumas posições levantadas por Sechenov ganharão vitalidade e força somente nos primeiros anos do século XX, com as produções de Ivan Pavlov e Vladimir Bekhterev, que publicavam seus estudos em diversos livros ou nos inúmeros periódicos existentes na Rússia pré-revolucionária.

A principal característica da produção de Bekhterev era sua tendência natural-científica de compreensão do psiquismo, isto é, uma compreensão biológica dos processos psicológicos. Como manifesto em uma de suas principais obras (1910; 1965), Bekhterev defende a impossibilidade da consciência como objeto da psicologia, assim

como quaisquer dados subjetivos. Defende uma psicologia objetiva, cujo fundamento é a fisiologia.

Opinamos que a psicologia objetiva não deve ocupar-se em nenhum sentido nos dados proporcionados pela introspecção. Sua finalidade é indagar e explicar a atividade neuropsíquica do indivíduo como resultante dos processos materiais do cérebro, e somente como tal. Por isso excluimos a observação interna, tanto do estudo como da experiência, limitando nossos recursos ao registro e controle dos fatos objetivos. Nossa ciência deve continuar sendo *exclusivamente* objetiva em todas suas partes. (Bechterev, 1910/1965, p. 16) <sup>28</sup>

Considera também – como fará Skinner alguns anos depois – que o psicólogo deve se furtar de qualquer terminologia subjetivista, como pensamento, memória etc., argumento este será muito aceito até meados-fins da década de 1920. Sua teoria, chamada inicialmente de psicologia objetiva, será posteriormente mais conhecida como reflexologia.

Ao mesmo tempo que Bekhterev, Pavlov desenvolvia de forma independente suas investigações fisiológicas. Inicialmente seus estudos concentravam-se na fisiologia do sistema digestivo, sendo que durante essas investigações deu-se a descoberta dos reflexos condicionados<sup>a</sup>. A primeira exposição dessa descoberta ocorreu em 1903 e, em 1904, Pavlov recebeu o Prêmio Nobel de Medicina ou Fisiologia por esses estudos. Em seu texto (*lecture*), no recebimento do Nobel, o autor explica o que é o reflexo condicionado:

---

<sup>a</sup> É importante diferenciar a categoria reflexo psíquico (ontológico), discutida no capítulo 2, deste utilizado por Pavlov (fisiológico). O mesmo vale em relação a outras teorias (como a de Watson) e outras áreas fisiológicas.

Os fatos dados encaixam perfeitamente em nossa maneira fisiológica de pensar. Nossos estímulos trabalhando à distância podem certamente ser denominados e considerados como reflexos. Quando observado cuidadosamente parece que a atividade da glândula salivar é sempre excitada por algum fenômeno externo, isto é, que ela é induzida por estímulos externos como o reflexo salivar comum; somente o segundo é evocado da superfície oral, o primeiro, entretanto, do olho, do nariz etc. A diferença entre os dois reflexos é primeiramente que nosso velho reflexo fisiológico é constante, incondicionado, enquanto o novo reflexo oscila continuamente, e, por isso, é *condicionado*. (Pavlov, 1904/2008) <sup>29</sup>

Em obras posteriores, o autor explica de uma forma mais clara e concisa o reflexo condicionado:

A condição fundamental para a formação de um reflexo condicionado é a coincidência no tempo, uma ou várias vezes sucessivas, de uma excitação indiferente com um excitante incondicionado. Esta formação tem lugar mais rapidamente e com menor dificuldade quando o primeiro excitante precede imediatamente o excitante absoluto (...) (Pavlov, 1934/1976a, p. 138).

Este tipo de reflexo ficou conhecido como reflexo condicionado de primeira ordem (ou primeiro sistema de sinais). Pavlov, em suas obras dos anos 1930, diferencia este do reflexo condicionado de segunda ordem (ou segundo sistema de sinais), no qual o signo – ou como aparece na literatura, linguagem, palavra ou símbolo – é o estímulo do reflexo incondicionado. Para Pavlov, o segundo sistema é característico do homem e de suma importância para a auto-regulação do comportamento deste. Assim, o comportamento humano é resultado da relação entre o primeiro sistema de sinais (cujo excitante são as sensações) e o segundo sistema (linguagem).

Sechenov, Bekhterev e Pavlov são os principais articuladores (mesmo que independentes) de uma sólida abordagem materialista que se desenvolvia na fisiologia e na psicologia russa pré-revolucionária. No entanto, essas proposições restringiam-se a uma tendência reducionista de psicologia, na qual os processos psíquicos podiam ser explicados pela fisiologia da atividade nervosa superior. Tal proposição fica expressa em uma exposição de Pavlov anos depois:

Assistimos ao desenvolvimento de uma nova ciência, a fisiologia da atividade nervosa superior. Doravante, a fisiologia está apta a estudar, pelo método objetivo dos reflexos condicionados, a actividade normal do córtice e da região subcortical vizinha (...) estabelecendo as principais regras desta actividade (...)

Daqui para o futuro, rasga-se uma perspectiva cada vez mais vasta, permitindo firmar as manifestações da nossa vida subjectiva em conexões fisiológicas nervosas, o que equivale a operar uma fusão desses fenômenos. (Pavlov, 1933/1976b, p. 279)

É preciso ressaltar que Pavlov reconhecia a existência da psicologia, principalmente para aqueles casos em que não há afecções do cérebro humano; no entanto, entende-se aqui que sua defesa da não-redução da psicologia à fisiologia não é coerente com seus próprios estudos sobre as bases fisiológicas dos temperamentos e de sua tipologia, no qual acabava reduzindo os processos psicológicos a fisiológicos.

Outro autor de grande relevo na ciência russa desse período (assim como do período pós-revolucionário) foi Vladimir Vágner. Ele desenvolveu seus estudos de psicologia animal e comparativa, elaborando e realizando importantes estudos nessa área, investigando comparativamente o psiquismo animal e humano. O autor defendia que o estudo comparativo deveria caracterizar-se por um “monismo a partir de baixo”, tendo o reino animal como referência e não um “monismo a partir de cima”, caracterizado em termos subjetivistas e teleológicos.

Como escrevem Yaroshevsky e Petrovsky (1987, pp. 20-21), Vágner foi o fundador de uma tendência materialista evolucionária e histórica de psicologia animal, sendo um de seus eixos organizativos a teoria de conhecimento marxista desenvolvida por Lênin.

Sua influência é bastante significativa na produção de Vigotski (inclusive mantinham constante correspondência), assim como na produção futura de Leontiev,t

em sua discussão sobre o desenvolvimento filogenético do reflexo psíquico da realidade.

As discussões materialistas foram muito caras a essa geração, principalmente à Sechenov, que sofreu forte perseguição do governo czarista; já Bekhterev e Pavlov tiveram menos pressão do império russo.

Mas a defesa do materialismo ganhou força com a irrupção da Revolução de 1917. Com esta, não só a psicologia e a ciência em geral entraram em novos rumos, mas todo o futuro povo soviético entrou numa nova era, em um novo período de esperanças e conquistas, assim como de dor e desespero.

### **3.2. PERÍODO DE CONSTRUÇÃO DE UMA PSICOLOGIA MARXISTA**

O objetivo deste item é expor sucintamente o desenvolvimento histórico da psicologia histórico-cultural no período pós-revolucionário e a elaboração e desenvolvimento de seus primeiros estudos sobre a memória.

#### **3.2.1. RETRATO VERMELHO**

A proposta de construção de uma sociedade pautada nas elaborações de Marx e Engels ganha as ruas de São Petersburgo, assim como de outras cidades russas. Conflitos de todos os gêneros eclodem em uma sociedade em que grassavam a fome, doenças e opressão. No entanto, ao mesmo tempo em que a Guerra Civil desola o país nesse momento, o sentimento geral de que pela primeira vez na história daquele país o destino de um povo estava nas mãos dele próprio dá forças, ânimo e esperança.

Na sociedade russa pós-revolucionária, boas partes dos trabalhadores estatais, acadêmicos e militares haviam ocupado seus cargos antes da Revolução; não tinham, assim, necessariamente, um compromisso com a nova ordem social.

Uma parte considerável dos trabalhadores comprometidos com a Revolução era muito jovem ainda na profissão, ou ainda com pouca idade, possibilitando que parte considerável dos cargos acadêmicos pertencesse aos mesmos intelectuais que ocupavam esses cargos antes da Revolução. Estes estavam em consonância com a ideologia tzarista; na psicologia não era diferente.

Artes e ciências buscavam novas formas de realizar suas tarefas. O novo e o inimaginável eram nesse momento não só possíveis como realizáveis. A população soviética aprendera a lidar com as dificuldades e elas não cessariam tão cedo.

Durante os quatro anos posteriores à Revolução, a Rússia e os países vizinhos (como Ucrânia, por exemplo), que a ela se filiaram na proposta de construção de uma nova sociedade, sofreram ataques armados dos países aliados aos tzares ou ainda daqueles países que viram na insurreição dos trabalhadores ameaças ao seu próprio poder.

A situação da população era miserável; além da fome, também doenças e desemprego assolavam o país que estava arrasado. Lênin propôs medidas para melhorar as condições da população com a Nova Política Econômica (NEP), que teve efeitos imediatos positivos. No entanto, um novo golpe atingiria a população.

A população recebeu, no ano de 1924, o impacto da morte de Lênin. O grande líder deixara um imenso vazio nas lideranças da recém-criada (em 1922) URSS. Um novo conjunto de forças começava a ser arranjado, sendo que este arranjo demorou quatro anos para se consolidar.

Os anos de 1928-29 foram de mudanças intensas na URSS. Com a morte de Lênin, as disputas pela direção do Estado soviético se intensificaram. Zinoviev, Kamenev e Stalin eram os principais dirigentes do Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética (PC(b)US) – chamado de triunvirato –, sendo a posição de Trotski,

outro importante personagem da Revolução, bastante frágil nesse momento. Apesar da severa ressalva feita por Lênin às posições e interesses de Stalin em seu testamento político, os membros do partido resolveram desconsiderar a crítica de Lênin e mantiveram Stalin na secretaria do partido.

Stalin tinha ligações muito importantes, com as pessoas certas, nos lugares certos, criando uma rede de interesses e intrigas que acabou por minar os outros triúmviros, acarretando em 1927-28 seu total comando do partido, com apoio do Politburo (Birô Político).

Com a presença já dominante de Stalin, a URSS tomou novos rumos, diferentes daqueles traçados pela Nova Política Econômica (NEP) estabelecida nos anos Lênin. Os anos de 1928-1932 ficaram conhecidos como os anos da “Grande Mudança”, quando tudo foi alterado no país dos soviets.

A grande indústria ganhou reforços e incentivos, o analfabetismo foi considerado um dos vilões a ser destruído, sendo o outro vilão o grande proprietário rural (*kulak*), que seria derrotado com a coletivização e planificação da agricultura. Nesse momento, os principais alvos de erradicação do analfabetismo e coletivização da agricultura eram as regiões mais remotas da URSS, muitas com forte influência islâmica.

Revistas e jornais científicos foram, um após o outro, fechados e/ou censurados, a liberdade começou a ser paulatinamente cerceada, as vanguardas política e cultural incorporadas ao *establishment*, perdendo suas forças criativas e de contestação. O estado soviético começou a efetivamente tomar as rédeas da vida cotidiana, não pelas mãos dos operários e camponeses, mas pelas mãos de Stalin.

### 3.2.2. A VANGUARDA DA PSICOLOGIA E AS INVESTIGAÇÕES VIGOTSKIANAS SOBRE MEMÓRIA

Um espectro vermelho também ronda a ciência psicológica. A disputa entre o materialismo e o idealismo, que há alguns anos já ocorria no campo psicológico, ganha novos contornos.

Concernentes ao *Zeitgeist*, diversos autores na psicologia, liderados por Kornílov, condenaram as concepções dualistas, principalmente Chelpanov, e começaram, paulatinamente, a destituir dos órgãos oficiais como Institutos e departamentos nas universidades, os representantes dessas concepções, e revistas de divulgação de artigos idealistas.

Uma das primeiras ações de relevância foi a cessação de publicação do periódico *Voprosy filosofii i psikhologii* (Questões de filosofia e psicologia) que fora fundado em 1889 por Grot, considerado na época o principal porta-voz da tendência idealista-subjetivista da época, de inspiração alemã.

Em 1921 ocorreram dois eventos de suma importância. O primeiro deles é a publicação, por Konstantine Kornilov, do livro “O estudo das reações humanas: reactologia”, lançando as bases iniciais da reactologia, que influenciaria muitos autores na primeira metade da década de 1920.

Outro evento teve um impacto maior, apesar de mais tardio, na psicologia. Em janeiro desse ano, Lênin (Lênin, 1921/2008; Seabra-Dinis, 1976), então Presidente do Conselho de Comissários do Povo, deu apoio oficial às pesquisas de Pavlov. Esse apoio concretizava-se não só na garantia de condições especiais de moradia e alimentação (em um período de escassez de alimento e habitação), mas também pela publicação em edição *de luxe* de suas obras (lembrando que havia também escassez de papel de impressão), além de estrutura e mobiliário para laboratórios. Com esse decreto, Lênin



planejara elaborar as bases materiais fundamentais para a compreensão do homem e de sua consciência.

Como já escrito, uma parte considerável dos trabalhadores compromissados com a Revolução era muito jovem ainda na profissão, ou ainda com pouca idade, destacando-se Sergei Rubinstein e Pável Blonski (com aproximadamente 35 anos), além de Leontiev e Luria (por volta de 20 anos de idade).

Dentre os psicólogos anteriores a 1917, destacam-se Kornilov e Chelpanov, que propiciaram uma das maiores disputas ideológicas desse período. Chelpanov era diretor do Instituto de Psicologia de Moscou desde sua criação em 1912, e defendia uma posição dualista e subjetivista de psicologia. Kornilov, que se formou sob os ensinamentos de Chelpanov, desde meados da década de 1910 desenvolveu investigações sobre as reações humanas em bases materialistas e fisiológicas.

Entre 10 e 15 de janeiro de 1923 ocorreu em Moscou o Primeiro Congresso de Toda a Rússia de Psiconeurologia e este tinha como objetivo central possibilitar a troca de experiências e conhecimentos entre psicólogos, psiquiatras e neurologistas, com a apresentação de aproximadamente 160 relatos.

Dentre os diversos relatos, merece destaque o de Kornilov, cujo título era “Psicologia e marxismo”, sendo este o marco que dá início às discussões sobre uma psicologia fundamentada no marxismo na União Soviética. Nesse relato, Kornilov, além de defender uma orientação marxista para a psicologia, dirigiu a Chelpanov sérias críticas, lembrando sempre que o momento sócio-político soviético era bastante propício a esse tipo de crítica, seguindo as recomendações leninistas de construção de uma ciência materialista.

Durante o ano de 1923, Kornilov teve toda espécie de apoio de diversos psicólogos marxistas, tanto na crítica a Chelpanov (inclusive um texto no *Pravda*, em

outubro) quanto à proposição de uma psicologia marxista, o que acarretou, em fins desse ano, na reorganização do Instituto de Psicologia e na conseqüente substituição de Chelpanov por Kornilov em sua direção.

Realizou-se em Petrogrado, entre os dias 3 e 10 de janeiro de 1924, o Segundo Congresso de Toda a Rússia de Psiconeurologia, e nessa edição houve um aumento significativo de relatos científicos, passando dos 160 do ano anterior a aproximadamente 400, compreendendo também outras áreas, sendo que foi nesse evento que um novo nome surgiu para o grande público: Liev S. Vigotski.

Vigotski realizou nesse evento três exposições orais, sendo que a mais importante e a que mais impactou os participantes foi a realizada no dia 6 de janeiro, com o título “Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos” (Vygotski, 1924; 1997a), publicados na coletânea do Instituto de Psicologia de Moscou, organizada por Kornilov, denominada “Problemas de psicologia moderna” (1926/1935).

Nessa fala, Vigotski criticou radicalmente as concepções psicológicas de sua época (inclusive autores intocáveis na época, como Bekhterev e Pavlov, chamando-os de dualistas), aproximando muito, nesse momento, da concepção reactológica de Kornilov.

Como resultado desse impacto e da proximidade com Kornilov, Vigotski foi convidado a integrar o corpo acadêmico do Instituto de Psicologia de Moscou. Neste, outros autores já desenvolviam pesquisas relacionadas à abordagem de Kornilov, destacando-se aqui Luria e Leontiev, com trabalhos sobre ato motor combinado e sobre emoções, tendo especificamente os escritos lurianos forte influência psicanalítica nesse momento.

Não tardou para que Vigotski, Leontiev e Luria acertassem seus gostos e discursos e assim comesçassem a trabalhar juntos, apesar de não na mesma seção,

formando a conhecida *troika* da psicologia soviética. Apesar de Vigotski ser o mais novo na instituição (e institucionalmente orientando de Luria, como Leontiev), era o que tinha maior domínio do marxismo e não tardou para que este fosse aceito como líder intelectual do grupo, que já contava com a participação de Leonid Zankov e Leonid Sakharov, grupo este que ganharia logo o reforço de cinco novos membros (*pyatorka*): Lídia Bozhovich, Lia Slavina, Natália Morozova, Rosa Levina e Alexander Zaporozhets.

Dentre as diversas atividades de pesquisa desenvolvidas por Vigotski e grupo estavam as investigações sobre memória, levada a cabo por Leontiev, o responsável direto pela execução destas, sendo então relevante discutir como elas foram desenvolvidas e a que resultados chegaram os autores.

Os estudos da *troika* sobre memória foram desenvolvidos principalmente entre os anos de 1927 e 1932. Apesar de Leontiev concentrar as pesquisas sobre memória nesse período, Vigotski já desenvolvia reflexões e estudos sobre o tema (1926/2001a), sendo, no entanto, bastante atrelados às posições dominantes em seu país, como as de Pavlov, Freud e Kornilov. Assim, serão focadas aqui as investigações que compreendem mais propriamente os pilares da teoria histórico-cultural.

Nesse momento, as investigações tinham como eixo norteador três conceitos fundamentais: “(...) o conceito de função psíquica superior, o conceito de desenvolvimento cultural da conduta e o domínio dos próprios processos de comportamento.” (Vygotski, 1931/2000, p. 19).<sup>30</sup>

Assim sendo, uma das preocupações centrais do grupo nesse período foi a investigação das funções psíquicas superiores, ou seja, aquelas caracteristicamente humanas; aquelas que, para se desenvolverem, é necessário que o sujeito se aproprie dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Segundo Leontiev (1929/1977, pp. 53-54), esses estudos deviam ser desenvolvidos em uma base materialista, sendo o método dialético seu método de análise psicológica.

Psicologia materialista nos requer mais que a incorporação dialética dos princípios materialistas para fundamentar os problemas psicológicos ou exemplificar os princípios de dados psicológicos concretos: o método dialético deve tornar-se o método de análise psicológico. Neste sentido, a psicologia contemporânea não pode descansar tranqüila com a simples interpretação de sua matéria do ponto de vista subjetivo enquanto se acomoda em dados da velha psicologia empírica; ela deve, na verdade, estudar seu material por meio do método dialético, que deve ser o de desempenhar papel central, dominando outros métodos mais específicos.<sup>31</sup>

Essa proposição de Leontiev vai ao encontro da desenvolvida, mas até então não publicada, tese vigotskiana de que a psicologia deveria construir seu próprio Capital, e não fazer mudanças somente aparentes, terminológicas.

(...) a única aplicação legítima do marxismo em psicologia seria a criação de uma psicologia geral cujos conceitos se formulem em dependência direta da dialética geral, porque esta psicologia não seria outra coisa que a dialética da psicologia; toda aplicação do marxismo à psicologia por outras vias, ou a partir de outros pressupostos, fora deste planejamento, conduzirá inevitavelmente a construções escolásticas ou verbalistas e dissolverá a dialética em enquetes e testes; a argumentar sobre as coisas, baseando-se em suas características externas casuais e secundárias; à perda de todo critério objetivo e tentar negar todas as tendências históricas no desenvolvimento da psicologia; a uma revolução simplesmente terminológica. (Vygotski, 1927/1997b, p. 388-389).<sup>32</sup>

Para tal, os autores desenvolveram uma série extensa de experimentos e análises, pois, para eles, era pela experimentação e análise dos dados, à luz do materialismo dialético, que compreenderiam o desenvolvimento do psiquismo. A experimentação é “(...) o único caminho pelo qual podemos pesquisar por dentro nos padrões dos processos psicológicos superiores (...)”(Vygotsky, 1930/1999, p. 43).<sup>33</sup>

Leontiev, claramente influenciado pelo texto de Marx e Engels e pelos recém-publicados textos dos “Cadernos Filosóficos” de Lênin, escreveu que

[A] experiência concreta é dada para nós duas vezes, como se fosse: primeiro, como concreto desorganizado e caótico, do qual deriva, nas palavras de Marx, os primeiros traços de abstrações, e segundo, experiência como uma realidade concreta estável até o fim do processo cognitivo, que tem organizado, construído e realizado a realidade com seu próprio conteúdo em um sistema de conceitos abstratos, isto é, teoria. (Leont'ev, 1929/1977, p. 65).<sup>34</sup>

Isto posto, para os autores, nesses anos, no início de sua história, o homem é um candidato à humanização, ou seja, torna-se humano ao apropriar-se da produção dos homens (Marx, 1844/1987). Para humanizar-se o homem deve desenvolver suas funções psicológicas superiores e assim tornar-se cada vez mais livre, cada vez mais independente de suas necessidades naturais. As funções psicológicas superiores são desenvolvidas a partir das formas mais simples (funções psicológicas elementares), que são involuntárias e têm uma relação imediata com a realidade.

As funções psicológicas elementares são predominantes na vida do indivíduo por um curto espaço de tempo. Já em tenra idade, a criança começa a se comunicar com o mundo por meio de sinais e instrumentos; suas relações já não são exclusivamente diretas e imediatas como em seus primeiros meses de vida.

Com o passar do tempo, por seu desenvolvimento, a criança, em e por sua atividade, vai intencionalmente usando instrumentos físicos e a linguagem como meios para sua ação sobre a realidade. Suas funções psicológicas já têm as características das funções psicológicas superiores (mediatas e intencionais), sendo estas operações externas. Com a complexificação das relações que essa criança estabelece com o mundo, aliada à complexificação de seu sistema nervoso (aparato biológico) e à apropriação dos conhecimentos humanos, a criança internaliza as estruturas que antes eram exclusivamente externas:

Qualquer dos sistemas a que me refiro recorre a três etapas. Primeiro, a interpsicológica: eu ordeno, você o executa; depois, a extrapsicológica: começo a dizer a mim mesmo, e logo a intrapsicológica: dois pontos do cérebro, que são estimulados a partir de fora, têm tendência a atuar dentro de um sistema único e transformar-se em um ponto intracortical. (Vygotski, 1930/1997c, p. 91).<sup>35</sup>

Assim, “(...) *a natureza psíquica do homem vem a ser um conjunto de relações sociais deslocadas para o interior e convertidas em funções da personalidade e em formas de sua estrutura.*” (Vygotski, 1931/2000, p. 151).<sup>36</sup>

Esse processo não ocorreu somente na evolução histórica do homem, mas também ocorre durante o desenvolvimento infantil, nas relações que a criança estabelece com o mundo. Para Vigotski, o processo de internalização deveria ser chamado *processo de revolução*, tendo em vista que há um salto qualitativo de uma estrutura para outra, a superação de um ponto nodal.

Há uma radical reestruturação da atividade psíquica, pois há modificação nas funções naturais, substituições de funções, e, assim, o aparecimento de novos sistemas psicológicos, funcionais, como já discutidos no capítulo 2.

Ao longo do desenvolvimento houve mudança de um processo que era interpessoal para um intrapessoal; é justamente essa estrutura qualitativamente nova que permite aos seres humanos controlar seu próprio comportamento.

É o processo de apropriação dos conhecimentos e experiências historicamente acumuladas que permite ao indivíduo a possibilidade de se tornar pertencente ao gênero humano, desenvolvendo as funções psicológicas superiores. A educação, na constituição dessas funções, tem papel fundamental na construção da humanidade em cada indivíduo singular por meio da própria história de humanização dos homens.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores não extingue as funções psicológicas elementares, assim como as funções psicológicas superiores internalizadas não anulam as mediadas por estímulos externos, visto que Vigotski, fundamentado no

materialismo histórico e dialético, não fazia a dissociação entre natural e social, entre os processos elementares e os superiores. O que ocorre é um domínio das formas superiores sobre as inferiores devido às diferenças qualitativas entre suas estruturas; há superação por incorporação (*aufheben*). Assim, “(...) *as formas inferiores não se aniquilam, mas se incluem na superior e continuam existindo nela como instância submetida.*” (Vygotski, 1931; 2000, p. 129).<sup>37</sup>

As funções psicológicas internalizadas ficam cada vez mais interligadas, há uma mudança na relação existente entre as funções superiores, modificando a estrutura funcional da consciência e formando um novo sistema psicológico caracterizado pela intrínseca interconexão e inter-relação das funções. É esse sistema que dá ao indivíduo a percepção e apreensão de totalidade do psiquismo.

No caso específico dos processos mnemônicos, Leontiev discute os pontos já abordados aqui, referindo-se especificamente à memória:

Assim, nós temos duas abordagens metodológicas para o estudo da memória: a primeira estuda o desenvolvimento da memória humana investigando e comparando suas várias formas, isto é, os vários estágios de seu desenvolvimento. O segundo estuda o processo de desenvolvimento em si mesmo, isto é, a transição de uma forma para outra, potencialmente contido na precedente, e as condições habilitadoras em que esta transição, em que novas propriedades são adquiridas, ocorre. (Leont’ev, 1929/1977, p. 66)<sup>38</sup>

Os autores partem do princípio de que “(...) *a moderna memória do homem é o mesmo produto de seu desenvolvimento cultural e social, como sua fala, escrita ou cálculo.*” (Leontyev, 1931/1981a, p. 327)<sup>39</sup>, e de que há dois tipos de memória, uma elementar, direta e involuntária, e uma superior, mediata e voluntária, historicamente desenvolvida.

A memória elementar caracteriza-se por ser involuntária e ter base biológica, tendo assim uma relação direta e imediata com os estímulos externos. As informações

armazenadas são muito próximas às detectadas pelos órgãos dos sentidos, sendo basicamente reflexos incondicionados e condicionados de primeira ordem.

Essa memória [natural ou elementar] resulta da ação direta das impressões externas das pessoas e é tão direta quanto a percepção imediata, com a qual ainda não interrompe a conexão direta. Do ponto de vista estrutural, a mais importante característica desse processo como um todo é o imediatismo, uma característica que relaciona a memória da pessoa com a do animal; sendo correto chamá-la de memória natural. (Vygotsky, 1930/1999, p. 46).<sup>40</sup>

O autor russo afirma que, com o desenvolvimento, o indivíduo começa a utilizar instrumentos para a realização de suas atividades. Essas ferramentas medeiam a relação do homem com o mundo material, permitindo a estes uma maior liberdade, possibilitando a eles ir além do que lhes era permitido pelo aparato biológico.

Com o auxílio dos instrumentos, o homem pôde dominar voluntariamente a memória: “*O desenvolvimento histórico da memória começa a partir do momento em que o homem, pela primeira vez, deixa de utilizar a memória como força natural e passa a dominá-la.*” (Vygotsky; Luria, 1930/1996b, p. 114).<sup>a</sup> O homem começa a utilizar o próprio corpo, madeiras, pedras e cordas como meios auxiliares em sua organização da vida cotidiana. Exemplos dessa utilização é o uso de pequenas pedras (cálculos) para contar os animais do rebanho ou o comportamento de contar nos dedos.

Ao transformar um objeto da natureza em instrumento, o homem teve que se apropriar da natureza e de sua (do homem) realidade social e conhecer as propriedades dessa realidade para transformar o objeto em instrumento.

A transformação de objeto em instrumento é o processo de objetivação, que só foi possível graças à apropriação que o homem fez da realidade e das propriedades do

---

<sup>a</sup> Tal posição (que pode ser estendida às demais funções psicológicas superiores) parece ter fundamento na passagem de Engels (1876/1985, p. 224): “(...) somos a cada passo advertidos de que não podemos dominar a Natureza como um conquistador dominando um povo estrangeiro, como alguém situado fora da Natureza; mas sim que lhes pertencemos, com a nossa carne, com o nosso sangue, nosso cérebro; que estamos no meio dela; e que nosso domínio sobre ela consiste na vantagem que levamos sobre os demais seres de poder chegar a conhecer suas leis e aplicá-las corretamente.”



objeto. O objeto não sofreu apenas a ação humana, mas passou a comportar funções sociais criadas pelo homem. Para que esse objeto (objetivado) se tornasse realmente um instrumento, ele foi apropriado por outros homens como instrumento, que o objetivaram e o aperfeiçoaram ou criaram outros a partir do primeiro, sendo o mais rico exemplo de memória mediada por estímulos externos a escrita ou, de uma maneira mais ampla, o uso de signos.

O subsequente desenvolvimento da memória mediata segue duas linhas inter-relacionadas, sendo a primeira mediada por estímulos externos e a segunda por estímulos internos, como resultado da internalização desses processos anteriormente externos.

Com a internalização dos processos psicológicos superiores, o indivíduo começa a sistematizar seu conhecimento, desenvolvendo ainda mais a memória mediata que, assim como seu pensamento, está sendo organizado por conceitos. A memória torna-se cada vez mais lógica, isto é, a memória intencional baseia-se no pensamento abstrato e se organiza em conceitos. Esses processos são, agora, predominantemente internos e “(...) *ao chegar à adolescência, passa a mnemotécnica interna que pode ser denominada memória lógica ou forma interna de memorização mediada.*” (Vygotski, 1931/1996a, p. 137).<sup>41</sup>

Percebe-se até aqui a mudança que ocorre na estrutura da memória, que passa de mneme (elementar) para mnemotécnica (superior) (Vygotski, 1932/2001b), ou seja, de uma estrutura imediata para uma mediata, com um elo entre o estímulo e a ação, sendo que, como já explicitado, a forma superior supera por incorporação a inferior.

Com o desenvolvimento, não é somente a estrutura da memória que se modifica, mas também, e principalmente, modificam-se as relações que essa função psicológica

estabelece com as demais; são estabelecidas relações interfuncionais assim como uma interconexão entre as funções.

Recordar é, com a interconexão de funções, buscar uma seqüência lógica e essa nova função está fundamentada em “(...) *uma complicada fusão do pensamento e a memória, que tem recebido a denominação empírica de memória lógica.*” (Vygotski, 1930/1997c, p. 76).<sup>42</sup>

As funções psicológicas, cada vez mais, estão inter-relacionadas, isto é, cada função psicológica estabelece relações com as demais funções, proporcionando, assim, um funcionamento integrado do psiquismo, a formação de um *sistema* psicológico.

Com a apropriação das formas superiores, o indivíduo (o adolescente e o adulto) começa a ter maior controle de suas ações e a memória passa a ser uma função do pensamento, ou seja, o indivíduo recorda ou memoriza um conteúdo que ele deseja e o faz por meio de signos auxiliares. Esses conteúdos memorizados são constituídos de elementos abstratos (assim como de conteúdos gráfico-visuais) e a memória baseia-se na lógica.

Desta forma, Vigotski pôde estabelecer uma ligação entre as funções psicológicas superiores com o desenvolvimento cultural e o domínio da conduta, os três fundamentos do projeto de psicologia por ele liderado.

Com o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é possível a ação voluntária do indivíduo; ação esta que não é imediata, como consequência direta dos estímulos ambientais: “(...) *uma ação voluntária começa somente quando um indivíduo controla seu próprio comportamento com a ajuda de estímulos simbólicos.*” (Vygotsky, 1930/1999, p. 36).<sup>43</sup> Assim, o sujeito pode planejar sua ação, ação esta que se torna intencional, orientada pela realidade. “(...) por termos controle sobre nossa memória nós

liberamos todo nosso comportamento do poder cego do efeito automático e espontâneo do passado.” (Leontyev, 1931/1981a, p. 364)

Vigotski considerava a memória uma função de suma importância para o comportamento voluntário. Por meio da evocação de conteúdos memorizados (armazenados) <sup>a</sup> é possível ao indivíduo a elaboração de estratégias de ação, assim como permite ao sujeito que continue se lembrando dessas estratégias enquanto a ação é executada. Vigotski tanto valorizava essa função psicológica, que concordava com a proposição spinoziana de que “*Intenção é memória.*” <sup>44</sup> (Spinoza, apud Vygotski 1932/2001b, p. 374). Leontiev (1931/1981a, p. 337) explicita um pouco mais essa relação ao escrever que

Enquanto o mecanismo de ação da memória imediata, direta apresenta o processo de reprodução em dependência com uma situação análoga ou similar a alguns dos elementos que está sendo lembrado, a recordação mediata faz nossa lembrança voluntária, isto é, independente da situação. E enquanto o primeiro tipo de mecanismo de recordação pode ser mais bem expresso por “isso me *faz lembrar*”, o segundo tipo é expresso por “eu me *lembro* disso”. <sup>45 b</sup>

Em síntese, pode-se dizer que, com a utilização dos meios auxiliares foi possível ao homem ir além de suas possibilidades e limitações naturais. A utilização dos instrumentos culturais é aprendida pelas crianças quando estas se apropriam dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade e começam a organizar suas funções psicológicas, tendo como base o uso de conceitos e abstrações. Essas funções psicológicas e, mais especificamente, a memória, são internalizadas, tornando-se intrapsicológicas, proporcionando ao sistema psicológico um funcionamento

---

<sup>a</sup> Destaca-se desde já que a utilização dos termos evocação e memorização é consequência do uso tradicional do termo em psicologia e não de sua compreensão idealista (não menos tradicional) ou ultralocalizacionista.

<sup>b</sup> Vigotski (1931/2000, p. 134) apresentou esta diferença em uma de suas mais famosas assertivas ao dizer que “Se na criança o intelecto é uma função da memória, no adolescente a memória é função do intelecto” [Si en el niño el intelecto es una función de la memoria, en el adolescente la memoria es función del intelecto].

intencional. Assim, boa parte dos conteúdos recordados por um adulto, que tenha desenvolvido suas funções psicológicas superiores, são mediados por signos internos ou externos, como a escrita, que pode aumentar a possibilidade de controle da conduta e do livre arbítrio.

### 3.2.3. UM NOVO RETRATO

No fim dos anos 1920 as condições de trabalho e vida na URSS começaram a ser dificultadas. A mão stalinista começa a invadir o Estado e a ciência. Vigotski e grupo sofreram fortes ataques e perseguições, sendo que o convite feito pela Universidade de Kharkov (capital da Ucrânia) para montarem um instituto de psicologia foi uma grande oferta que permitiria sair do foco das tensões (Moscou) e finalmente realizar um antigo sonho de todos trabalharem juntos, pois, até então, isto nunca houvera se efetivado.

As condições concretas, no entanto, dentre elas a frágil condição de saúde de Vigotski, gravemente acometido pela tuberculose, impediram que esse sonho fosse concretizado. Apesar desses reveses, parte do grupo (Leontiev, Luria, Bozhovich e Zaporozhets) instalou-se na capital ucraniana e lá recebeu dois novos integrantes, Peter Ia. Galperin e Peter I. Zinchenko.

Assim, era possível, de uma forma ou de outra, realizar as pesquisas desejadas, apesar do clima tenso existente entre Moscou e Kharkov nesses anos, como revelado pela fome intensa e genocídio da população ucraniana. Algumas pesquisas desse período foram publicadas em jornais regionais (longe de Moscou, nesse caso), uma vez que *todos* os periódicos de psicologia haviam sido fechados, ou em jornais da área de medicina, fisiologia e educação.

Em Kharkov foram realizadas outras linhas de pesquisas, diferentes das que eram desenvolvidas em Moscou, sendo as investigações em terras ucranianas mais

fortemente focadas na relação dos indivíduos com a atividade prática, assim como investigações de cunho psicobiológico e até mesmo zoopsicológico, sendo essas novas pesquisas em geral coordenadas por Leontiev.

O motivo desse novo retrato é o fato desse período da chamada Escola de Kharkov ser utilizado por alguns autores como justificativa para a cisão entre as obras de Vigotski e Luria e as de Leontiev e seu grupo (no qual Bozhovich não é incluída). O principal argumento colocado é que Vigotski estava entendendo nesse período a mediação semiótica (cf. *Pensamento e linguagem*, 1934/2001c) como a principal na relação homem-mundo, e não a mediação prática por instrumentos físicos (mediação pela atividade prática), *um* dos objetos de estudos dos autores na Ucrânia.<sup>a</sup>

Com o falecimento de Vigotski, no dia 11 de junho de 1934<sup>b</sup>, a *troika* e a *pyatorka* foram desfeitas fisicamente. No entanto, as obras dos autores que faziam parte desses grupos estavam definitivamente marcadas pelas experiências e aprendizados daqueles anos de ouro, nas quais Vigotski construiu, com eles, uma herança inestimável: os pilares de uma teoria psicológica cuja fundação estava firmemente alicerçada no materialismo-histórico e dialético.

---

<sup>a</sup> Defende-se aqui que não há essa cisão colocada e que por vezes os autores que defendem essa posição usam inclusive de má fé para fazê-los. Van der Veer e Valsiner defendem essa posição, mas a crítica a elas já foram bem desenvolvidas por Levitin (1998) e Duarte (2000).

O exemplo mais escandaloso dessa ação é realizado por Alex Kozulin (1986; 2002, p. 127) quando utiliza uma passagem de Cole para justificar seus argumentos. No entanto, o autor comete o “deslize” de citar somente metade do parágrafo do psicólogo estadunidense, sem completar a idéia do autor. Segue a citação completa, sendo a parte em negrito a utilizada por Kozulin.

**“Até mesmo uma leitura superficial desta obra [produzida na Escola de Educação de Kharkov] indica que Leontiev e os jovens pesquisadores que trabalhavam com ele estabeleceram uma grande distância entre eles mesmos e seu mestre Vygotsky.** De fato, não fosse pelo conhecimento das biografias individuais, publicações subseqüentes em que as conexões são explicitadas (por exemplo, Zaporozhets & Elkonin, 1971), e o fato de que os argumentos em que este trabalho é baseado são *claramente determinados* por Vygotsky, e seria possível ler estes artigos sem jamais perceber esta importante totalidade teórica e histórica.” (Cole, 1979-80, p. 05 – grifos nossos).

Cole ainda vai além, ao, na página seguinte, escrever que a noção de zona de desenvolvimento proximal, apesar de não citada, está presente por toda a obra desses autores.

<sup>b</sup> Um apresentação interessante do funeral de Vigotski é apresentado por A.A. Leontiev (2005), indicando inclusive que tanto seu pai, Leontiev, e, mais surpreendentemente, Luria, não foram permitidos discursar no velório.

Leontiev, no obituário escrito a Vigotski, resume bem o papel deste na psicologia soviética.

A influência de Vigotski foi tremenda; ele deixou sua marca não somente no destino da psicologia, mas também, em certa extensão, no desenvolvimento das disciplinas contíguas a ela. (...)

Esses novos prospectos para o crescimento da psicologia, sendo uma parte intrínseca ao sistema científico desenvolvido por L. S. Vigotski, determinou seu próprio universalismo científico. Vigotski foi um psicólogo, um pedólogo, um defectologista, um educador, e um psicopatologista; mas foi também mais que isto: mesmo quando ele *permaneceu* um psicólogo, ele introduziu nessas disciplinas aquele acorde vital forjado pela abundância de chaves da teoria psicológica que ele criou, que determinou sua extraordinária versatilidade. (1934/1997, p. 46)<sup>46</sup>

Parece que o falecimento de Vigotski era o prenúncio das nuvens negras que chegavam para a psicologia e a sociedade soviética. A partir de 1936 tudo mudaria e as mãos de Stalin conduziriam a vida soviética para um lugar muito longe da pensada em 1917.

*Gênios morrem cedo,  
os talentosos são condenados a uma longa vida,  
mediocridade é imortal.*

Karl Levitin

O objetivo deste capítulo é discutir quais e como foram as investigações sobre memória desenvolvidas durante o período mais árduo da vida soviética: os anos Stalin.

Como este período não é uniforme em seus acontecimentos sócio-políticos e científicos, serão aqui discutidos em quatro partes separadas, havendo para cada uma delas um retrato histórico próprio evidenciando as idiossincrasias de cada uma.

#### **4.1. RETRATO PANORÂMICO DOS ANOS STALIN**

Nos anos 1927-1928, Stalin assume definitivamente o poder sobre a sociedade soviética, recompensando-o por seus anos de participação na luta pela instauração do socialismo na Rússia e nas demais repúblicas, sendo importante notar que, como afirma Elleinstein (1976, v.2), nesses anos Stalin não poder ser considerado como ditador, pois há ainda um Partido vivo, com numerosos membros que o conduzem.

Nos primeiros anos de sua gestão procurou resolver alguns problemas imediatos, como a falta de alimento e de infra-estrutura, com medidas controvertidas, como a planificação forçada da agricultura e o desvio massivo de investimentos para a grande indústria de tratores e aço. Tudo isto sob a justificativa da edificação do socialismo, que ganhava nova configuração: a edificação do socialismo num só país.

Essas medidas tiveram repercussões diversas na sociedade soviética, de apoio e oposição, sendo que, nesses momentos (pós-1932), não pertencer à situação tornava-se perigoso.

Nos primeiros anos da década de 1930 começa a haver cada vez mais condenações públicas de pessoas acusadas como inimigas da classe operária e dos propósitos socialistas, sendo essas condenações muitas vezes chamadas de crimes de consciência.

Muitas reuniões e discussões eram realizadas com o propósito de discutir os rumos da ciência, arte e vida soviética, determinando o que era ou não digno do nome de proletário, o que efetivamente faz parte da edificação do *novo homem socialista*. Literatura, música, teatro, biologia, astronomia, ciências matemáticas, pedagogia e psicologia, entre outras áreas do conhecimento, estavam sob as determinações desses conselhos e discussões desenvolvidas sob a tutela do Partido.

As determinações elaboradas pelas diversas comissões que eram acatadas pelo Partido passavam a ter força de verdade absoluta, como dogmas (apesar de não explícito, pois isso seria religião), afinal o Partido era o porta-voz da ciência proletária (isto é, a verdade), tal qual os déspotas europeus eram representantes da verdade eclesial na Terra. No entanto, no período stalinista, a esse caráter dirigente somou-se o caráter justiceiro (vigilante), com o intenso uso de acusações, perseguições, expurgos e mortes.

É importante destacar, antes de começar a análise dos períodos, que a obra de muitos autores que serão discutidos nesse período tem peculiaridades características desse momento histórico e que não aparecem de forma alguma em períodos posteriores ou em outros momentos desse mesmo período. Isso se deve a circunstâncias históricas bem delimitadas e que não ferem a qualidade e a competência dos autores, assim como



não ferem significativamente seus posicionamentos em relação às concepções de homem, mundo e natureza, defendidos na maioria de suas produções.

Muitos profissionais honrados “confessaram” e realizaram atos que, sem uma análise histórica adequada, podem ser interpretados erroneamente, como sendo referendos aos acontecimentos nos anos stalinistas e não tentativas de defender suas vidas e dos seus. Mas também é verdade que muitos autores defendiam os acontecimentos como sendo a coisa certa a ser feita, independente de pressões e armações, referendando e defendendo a política stalinista.

No período de guerra, a nação toda se uniu na defesa da pátria, tanto que a Segunda Guerra Mundial era conhecida na URSS como a Grande Guerra Pátria. Stalin conseguiu, ao final desse período, sair aclamado como grande herói nacional (o Generalíssimo).

As feridas da guerra demoraram a cicatrizar. Trabalho árduo foi necessário para reconstruir o país e as vidas soviéticas; afinal, estima-se que 27 milhões de vidas foram perdidas pela URSS nessa guerra.

Mas mal haviam sido erguidos os primeiros pilares, uma segunda onda de terror estatal avassala o país e, nesta, a psicologia foi envolvida por inteiro. Esse movimento somente não foi pior, pois, em 1953, Stalin falece.

#### **4.2. 1º MOMENTO: 1936-1941: 1ª ERA DO TERROR**

Este item tem como objetivo discutir o período em que Stalin realizou intensas perseguições aos opositores, fossem eles reais ou imaginários.

##### **4.2.1. RETRATO DE SANGUE**

Nos anos de 1936-1938, um verdadeiro mar de acusações, calúnias e, por que não, de sangue, jorrou no seio da sociedade soviética. Torturas físicas e psíquicas eram utilizadas e até mesmo familiares eram “seqüestrados” e apresentados aos tribunais na tentativa de pressionar os acusados a se entregarem, confessando muitas vezes (a maioria) um crime que não cometeram para proteger suas famílias.

Muitos caminhos foram usados na depuração das fileiras do Partido e dos grupos opositores, sendo muitas vezes esses caminhos tão inventados quanto as confissões dos réus que eram perseguidos.

Esse momento histórico dirigiu os destinos de muitos indivíduos e grupos, pesquisas científicas e experiências artísticas, inclusive a psicologia.

Esse processo na ciência psicológica, ao que consta nos poucos materiais encontrados sobre o tema no Ocidente, foi muito mais calmo (isto é, sem assassinatos e deportações aos campos de trabalho forçado) do que em outras áreas da sociedade soviética, principalmente na política na qual se estima cerca de um milhão de mortos<sup>a</sup>.

A principal reprimenda que a psicologia como ciência sofreu foi por meio do decreto, publicado no *Pravda*, contra os erros pedológicos, em 04 de julho de 1936. Por meio deste, vários autores foram proibidos de publicar, além de perderem seus cargos, principalmente no ensino da pedologia, que foi extinta; destaque-se que ocorreram nesse período as famosas autocríticas.

---

<sup>a</sup> O principal alvo das perseguições nesse momento eram oposições políticas, funcionários de alto escalão, sejam civis ou militares, e membros do partido. Cientistas e artistas sofreram mais com as perseguições estatais no segundo período de terror, entre 1946 e 1953.

A discussão que resultaria na “Resolução do dia 04 de julho de 1936 adotada pelo Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética sobre os erros pedológicos nos Comissariados de Educação (*Narkompros*)”, foi conduzida por Viktor N. Kolbanovski, então diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Moscou e teve, entre as resoluções do Comitê Central do PC(b)US, duas com maior relevância para a psicologia histórico-cultural soviética, sendo elas o fim da conexão dos pedólogos com as escolas e supressão de todos os livros de teor pedológico e conseqüente censura pela imprensa das obras publicadas até a data do decreto.<sup>a</sup>

Com essas resoluções, a publicação das obras de Vigotski ficou proibida até o ano de 1956, impedindo seus camaradas de citá-lo, mas não os impedindo de usar e ensinar suas propostas, ou mesmo de ler suas obras já publicadas ou em manuscritos. Devido à proibição, o nome de Vigotski some por 20 anos dos textos soviéticos, sendo difícil encontrá-lo e, quando o era, faziam-no para criticar suas posições.

Na psicologia, as interferências estatais não foram tão incisivas para uma unificação das diversas tendências como as ocorridas nas artes (com o realismo socialista) e não tão violento, no que tange ao conhecimento estrito de uma área, como foi na biologia com a teoria da transmissão às gerações posteriores dos caracteres (fenotípicos) adquiridos, de Michurin-Lisenko.

A unificação da psicologia não ocorreu pela criação de um conglomerado de teorias ou via dominação de uma teoria psicológica, mas pela unificação da epistemologia de referência, no caso, o materialismo-histórico e dialético, havendo vários autores e algumas tendências (teorias), sendo as mais conhecidas e sólidas as relacionadas às obras de Vigotski, Rubinstein, Uznadze e Pavlov. Este último, apesar de

---

<sup>a</sup> Há diversos relatos da leitura dos textos de Vigotski clandestinamente, sendo este o principal meio de formação de novos psicólogos nessa abordagem.

não ter elaborado efetivamente uma teoria psicológica, fundamentou com sua obra autores que a desenvolveram.

Essa unificação é consequência direta dos debates ocorridos na década de 1920 e primeira metade da década de 1930 sobre a elaboração de uma psicologia fundada na epistemologia desenvolvida por Marx, Engels e Lênin, sendo fortemente impulsionada pelo decreto de 1936, que efetivamente não normalizou as produções, mas, sem dúvida, sinalizou aos autores que algumas coisas deveriam ser mudadas.

O primeiro autor a realizar uma proposição categorizada de princípios norteadores foi Rubinstein. Em 1935, em seu livro “Fundamentos de psicologia” (*Osnovy Psikhologii*), elaborou os primeiros esboços desses princípios, que teriam sua forma mais bem acabada em 1940, em uma de suas obras capitais, o livro “Fundamentos de psicologia geral” (*Osvony Obshchey Psikhologii* – 1946/1967)<sup>a</sup>.

No quarto capítulo dessa extensa obra, chamado “O problema da evolução em psicologia”, o autor propõe os princípios norteadores da psicologia soviética, que foram sintetizados por Payne (1968, p. 52):

Escrito em 1940, Rubinstein formulou quais ele considerava ser os mais importantes princípios governando a psicologia soviética como segue:

(1) o *princípio da unidade psico-físico* – a unidade do psiquismo com seu substrato orgânico, o cérebro, do qual é uma função, e com o mundo externo, do qual é uma reflexão;

(2) o *princípio do desenvolvimento psíquico* – o psiquismo é um derivado embora um componente específico no desenvolvimento do organismo; ele desenvolve junto com as mudanças na estrutura do organismo e seu modo de vida;

(3) o *princípio da historicidade* – a determinação de (2) – consciência humana muda com o desenvolvimento do ser social do homem;

(4) o *princípio da unidade da teoria e prática*.

Rubinstein via estes quatro princípios como a expressão de um princípio básico da psicologia soviética, ou seja, o princípio da unidade consciência e comportamento.<sup>47</sup>

---

<sup>a</sup> A primeira edição é de 1940 e a segunda de 1946. A tradução que será aqui utilizada (Principios de psicología general) é oriunda da edição de 1946, sendo, no entanto, importante notar que não há diferenças significativas entre as duas edições.

É importante observar que esses princípios já estavam claramente presentes no *corpus* teórico vigotskiano, sem, no entanto, estarem de forma tão organizada como a encontrada na obra de Rubinstein, assim como a necessidade (em termos de urgência) histórica de uma sistematização não era tão grande.

Esses princípios gerais foram seguidos por todas as vertentes existentes na URSS (menos estritamente pela pavloviana), que conseguiram neste momento evitar os atritos diretos com o Birô Político e a NKVD <sup>a</sup>.

Um pouco antes da publicação do livro de Rubinstein, em 1940, é publicado em 1939 em Kharkov um texto sobre memória, escrito por Peter Zinchenko e ,apesar de escrito antes, já traz as características apregoadas por Rubinstein, assim como fortes traços do *Zeitgeist*.

#### 4.2.2. PETER ZINCHENKO E A MEMÓRIA INVOLUNTÁRIA

Esse texto de Zinchenko, que ficaria bastante famoso e que abriria novos rumos para a investigação da memória na URSS, discute a memória involuntária e a relação desta com o desenvolvimento do psiquismo. Esse trabalho foi orientado por Leontiev, que, apesar de não mais viver na Ucrânia, ainda mantinha estreito contato com o grupo.

Zinchenko, jovem psicólogo ucraniano que ingressou no grupo no início dos anos 1930, desenvolveu durante toda sua vida acadêmica investigações sobre a memória involuntária, sendo o principal representante soviético da investigação desse processo. Seu primeiro texto sobre o assunto, como já afirmado, data de 1939 e foi publicado nas

---

<sup>a</sup> A polícia (secreta) política que inicialmente era conhecida como *Tcheka*, sendo renomeada e re-estruturada em 1922, ficando conhecida a partir desta data por GPU (Gosudarstvennoe Politicheskoe Upravlenie – Direção Política Estatal). Em 1934 passou a ser conhecida como NKVD (sigla de *Narodnyi Komissariat Vnutrennikh Del* - a polícia política do Commissariado do Povo para o Interior), sendo novamente renomeada e re-estruturada em 1954 sob a conhecida e temida mundialmente sigla KGB (*Komitet Gosudarstvenno Bezopasnosti* – Comitê de Segurança do Estado).

notas científicas do Instituto Pedagógico de Línguas Estrangeiras da Universidade de Kharkov, ou seja, por meio de um periódico local, longe dos olhos moscovitas.

Antes de discutir esse artigo, é importante observar que se procura ao mesmo tempo discutir mais profundamente as proposições do autor, utilizando predominantemente suas próprias palavras e a seqüência de argumentação, procurando ao máximo compreender as discussões efetivamente desenvolvidas pelo psicólogo ucraniano. Mesmo assim, devido à extensa apresentação de informações oriundas dos experimentos desenvolvidas pelo autor, não serão discutidos com minúcia tanto os experimentos quanto seus resultados, mas procurar-se-á estudar as conclusões e implicações dessa investigação naquele momento histórico.

Sabendo também do risco de tornar a discussão esquemática, serão apresentadas inicialmente as argumentações de Zinchenko, para depois analisar suas contribuições. Julga-se que tal seqüência é a mais apropriada devido ao pouco conhecimento desse texto de 1939.

Zinchenko inicia seu artigo ressaltando a importância da memória involuntária para os processos pedagógicos, pois, segundo o autor, “(...) *a memória involuntária tem papel em qualquer atividade teórica ou prática em que o sujeito realiza uma atividade, mas não designa para si mesmo o objetivo de recordar.*” (Zinchenko, 1939/1984, p. 56).<sup>48</sup>

O autor apresenta, então, a já constante discussão, presente na psicologia clássica e contemporânea, da diferença entre a memória involuntária – característica dos animais – e voluntária, que se desenvolve a partir da base fornecida pelos processos involuntários e caracterizada por ser voluntária, argumenta que:

Apesar da extrema diversidade de visões correntes sobre a natureza da memória, memória involuntária é consistentemente caracterizada como *memória mecânica*. Alguns caracterizam todas as formas de memória como “mecânica”; outros reservam esta caracterização para memória involuntária. No ultimo caso, as formas superiores de memória são descritas como formas de atividade ativas, voluntárias e conscientes. Aqui, há uma divisão de memória entre formas mecânica e lógica, formas que serão entendidas como dois estágios sequenciais, genéticos no desenvolvimento da memória. Esta distinção agora tradicional é preservada nas teorias psicológicas correntes. Ela é, no entanto, uma falsa distinção, baseada em uma compreensão distorcida da natureza do fenômeno psicológico, em uma compreensão distorcida da natureza da consciência humana. (Zinchenko, 1939/1984, p. 57).<sup>49</sup>

Após essas considerações, Zinchenko discute as proposições das teorias burguesas (ou se preferir, não-soviéticas), sendo as teorias associativas, a psicologia da gestalt, o behaviorismo, e a psicologia funcional, na qual se encontra a psicanálise, as principais abordagens discutidas.

De uma maneira geral, essas teorias foram analisadas à luz da discussão presente em toda a psicologia e ciência soviética, ou seja, a disputa materialismo e dualismo e materialismo dialético e materialismo mecanicista. As teorias analisadas entendiam a memória somente em seus aspectos externos e/ou fisiológicos ou divorciada da realidade objetiva.

Na sequência do texto, Zinchenko discute as pesquisas soviéticas sobre a temática e, mais detidamente, a produção de Vigotski e seu grupo “(...) *a mais significativa tentativa na psicologia soviética (...) [de] superar estas concepções mecanicistas e idealistas de memória (...)*” (Zinchenko, 1939/1984, p. 64).<sup>50</sup> Essa discussão deve ser feita mais detalhadamente. Não é demais recordar que as pesquisas e publicações sobre memória foram predominantemente desenvolvidas por Leontiev, sendo essa produção, realizada em parceria com Vigotski e os demais pesquisadores do grupo, o alvo das críticas.

Segundo o autor, duas teses podem sintetizar as posições vigotskianas, sendo que estas “(...) em nenhum sentido esgota a riqueza do sistema teórico como um todo.” (Zinchenko, 1939/1984, p. 64).<sup>51</sup>

A primeira refere-se à tese vigotskiana de que os processos mentais são entendidos como produtos do desenvolvimento, seja ele biológico, seja ele histórico-cultural do homem em sociedade. A segunda tese refere-se ao caráter mediato dos processos psicológicos humanos, sendo estes mediados por instrumentos e signos. (Zinchenko, 1939/1984). Escreve também que “*o conceito de mediação foi, de fato, uma das mais importantes e positivas idéias introduzidas por Vigotski na teoria psicológica.*” (Zinchenko, 1939/1984, p. 69 – grifo nosso).<sup>52</sup>

No entanto, segundo Zinchenko, essas teses gerais tiveram como resultado a divisão da memória, e de todas as funções psicológicas, em dois tipos, sendo funções inferiores (ou elementares), caracterizadas por serem naturais e, assim sendo, imediatas e, segundo Vigotski, involuntárias, e superiores, caracterizadamente humanas e produto do desenvolvimento histórico humano.

Assinala também que o desenvolvimento da memória para Vigotski é determinado pelo desenvolvimento do pensamento – ou como expressa Vigotski, memória lógica – sendo que para este é necessário o desenvolvimento da mediação por signos. Aí, Zinchenko (1939/1984, p. 66) indica alguns aspectos positivos da abordagem vigotskiana:

Quando comparado com conceitos mecanicistas e idealistas, as características positivas destas teses básicas são prontamente aparentes. Pela primeira vez na história da psicologia, a memória não é representada nem como um conteúdo da consciência contida dentro do sujeito (isto é, não como seu mundo subjetivo fenomênico) nem como uma capacidade metafísica abstrata. Recordação é representada como um processo ativo, como uma *ação* mental concreta. Como resultado, a investigação da estrutura do processo de memória em vários estágios de seu desenvolvimento é possível.<sup>53</sup>



A partir desse ponto, a obra de Vigotski e seu grupo é alvo de críticas. A primeira delas é característica dos anos em que o artigo foi escrito, mas com tons mais científicos do que o usual para o mesmo período. Segundo Zinchenko (1939/1984, p. 67)

(...) a conceitualização da natureza da mente foi incorretamente resolvida. A característica central da mente humana foi considerada ser o *domínio* da mente natural ou biológica por meio do uso de meios psicológicos auxiliares. O erro fundamental de Vigotski está contido nesta tese, em que ele interpretou erroneamente a concepção marxista da determinação histórica e social da mente humana. Vigotski interpretou a perspectiva marxista idealisticamente. O condicionamento da mente humana pelos fatores social e histórico foi reduzido para a influência da cultura humana no indivíduo. A origem do desenvolvimento mental foi considerada ser a interação da mente do sujeito com a cultura, realidade ideal antes que sua efetiva relação com a realidade. Isto resultou na divisão da memória em forma elementar (isto é, biológica, imediata, e conseqüentemente involuntária) e forma superior (histórica, mediata, e conseqüentemente voluntária).<sup>54</sup>

Com isso, segundo Zinchenko, Vigotski e seu grupo teriam reduzido às funções elementares às leis da biologia (fisiologia): “*O ‘mental’ é procurado no domínio das leis naturais ou fisiológicas do comportamento, e não na estrutura da efetiva relação do sujeito com a realidade.*” (Zinchenko, 1939/1984, p. 67).<sup>55</sup>

Seria esse contraste entre o fisiológico e o histórico o principal problema da teoria elaborada pelo grupo de Vigotski, pois “*o problema da transição da mente instintiva animal para a mente humana foi redefinido como o problema da transição dos processos fisiológicos para os mentais.*” (Zinchenko, 1939/1984, p. 67).<sup>56</sup>

O autor defende que Vigotski, ao propor esta divisão dos processos psicológicos não abandonou as proposições que pretendia superar – o mecanicismo e o idealismo – mas, “*(...) reconciliadas em um único caminho. As posições extremas das duas tradições foram rejeitadas. O fisiológico e o psicológico foram novamente colocados*

*em uma única série genética. O que não podia ser correlacionado foi feito correlato.”* (Zinchenko, 1939/1984, p. 69).<sup>57</sup>

Entretanto, o autor volta a afirmar que a proposição vigotskiana da atividade mediata é o que permite a análise da estrutura interna da recordação e a análise efetiva da atividade de lembrar. Apesar disso, devido ao divórcio proposto por Vigotski entre os meios auxiliares da realidade do sujeito, tal avanço tem uma clara limitação.

Em sentido estrito, esta relação entre os meios e o objeto foi uma relação lógica antes que uma relação psicológica. Mas a história do desenvolvimento social não pode ser reduzida à história do desenvolvimento da cultura. Similarmente, não podemos reduzir o desenvolvimento da mente humana – e o desenvolvimento da memória em particular – ao desenvolvimento da relação dos meios “externos” e “internos” com o objeto da atividade. A história do desenvolvimento cultural deve ser incluída na história do desenvolvimento social e econômico de uma sociedade; deve ser considerado no contexto de relações sociais e econômicas particulares que determinam a origem e o desenvolvimento da cultura. Precisamente neste sentido, o desenvolvimento da mediação teórica ou ideal deve ser considerado no contexto do sujeito real, relações práticas com a realidade, no contexto que realmente determina sua origem, desenvolvimento, e o conteúdo de sua atividade mental. (Zinchenko, 1939/1984, p. 69).<sup>58</sup>

Vigotski, no desenvolvimento de sua teoria dos processos psicológicos caracterizou os processos elementares de involuntários, sendo esta uma das principais divergências de Zinchenko com ele, ou, como indica o autor, “(...) [a] *confusão básica feita por Vigotski e Leontiev foi terem aceitado a interpretação mecanicista da memória involuntária como o primeiro estágio do desenvolvimento da memória, e terem reduzido a memória involuntária a uma função fisiológica (...).*” (Zinchenko 1939/1984, p. 72).<sup>59</sup>

Desse ponto em diante, Zinchenko (1939/1984) começa a apresentar sua proposição para o estudo da memória, iniciando com a discussão de alguns pressupostos epistemológicos fundamentais, sendo as referências centrais as proposições de Marx e

Engels e, principalmente, as de Lênin, no “Materialismo e empiriocriticismo”, sobre a formação e desenvolvimento do reflexo psíquico da realidade.

Disto depreende-se que há dois tipos distintos de leis científicas, uma que rege a fisiologia e uma que rege a psicologia, correspondendo a duas formas do movimento da matéria. Uma não pode ser reduzida à outra. No entanto, o autor escreve que apesar de haver leis diferentes e que os processos psicológicos podem ser estudados por duas (ou mais) ciências, não há duas formas de memória.

Finalmente, após toda esta explanação, o autor apresenta sua proposição. De forma direta e resumida, expõe que tem utilizado a perspectiva desenvolvida em seus trabalhos teóricos e experimentais, remetendo-se claramente à produção de Leontiev e Luria, assim como ao grupo de Kharkov.

Faz-se necessário aqui uma breve explicação para se entender melhor esta afirmação de Zinchenko.

Há pouco material traduzido em inglês ou espanhol de artigos de Leontiev referentes a esse período (anos 1930). Dos encontrados, destaca-se um texto sobre o desenvolvimento das sensações produzido entre 1933 e 1936 e utilizado por Leontiev em 1940 como a primeira parte de seu texto de doutoramento. Esse texto, especificamente, encontra-se publicado no ocidente na edição em inglês do *Desenvolvimento do Psiquismo*, publicado pela Progresso, e uma edição em espanhol, publicada em Cuba.

Nesse texto (Leontiev, 1936/1981b), não há ainda uma discussão mais clara da concepção de Leontiev sobre a estrutura da atividade. O *leitmotiv* desse texto é a discussão do desenvolvimento das sensações e a participação destas na formação do reflexo psíquico da realidade, investigação claramente influenciada pelos escritos leninistas sobre o tema (Lênin, 1908/1983, 1915/1986b).

Entende-se aqui que o avanço central na exposição de Leontiev nesse texto foi apresentar mais diretamente a importância da atividade para a formação do humano e para a investigação psicológica, reafirmando a posição de Vigotski (1931/2000, p. 93) ao discutir a *atividade (deiatelnost)* mediadora.

Leontiev (1936; 1981b, p. 96) afirma que a relação vital e ativa do organismo com a realidade se dá por meio da *atividade* e discute que toda atividade tem um *objeto* que pode ser interno ou externo (*Gegenstand* em alemão), ao qual a atividade está orientada, tal como afirma Marx (1867/1985, p. 216), “*Os elementos simples do processo de trabalho são a atividade orientada por um fim – ou seja, o trabalho mesmo –, seu objeto e seus meios.*”<sup>60</sup>

Observa-se (e infere-se) que algumas discussões desenvolvidas por Zinchenko, nesse texto de 1939 devem considerar alguns desenvolvimentos teórico-práticos apresentados e discutidos por Leontiev no interior dos grupos ou em artigos não-publicados ou de pequena circulação, haja vista que os primeiros escritos em que Leontiev sistematiza mais a sua proposição teórica de uma estrutura da atividade ocorrerão efetivamente nos anos de 1944 e 1945, ou ainda na publicação resumida de sua tese de doutorado, em 1947, visto que a edição integral foi perdida na guerra.

Retornando a Zinchenko, este tendo a discussão desenvolvida por Leontiev e seu grupo como referência, escreve que

Os processos de memória devem ser entendidos como processos que constituem o conteúdo de uma ação específica. Eles devem ser entendidos como recordação ou evocação responsiva e funcionando em uma tarefa específica. (...) O sujeito aqui é o sujeito da vida real, o sujeito de uma ação específica em que uma de suas diversas conexões com a realidade é realizada. (...) O objeto da memória é um aspecto fundamental da ação. (Zinchenko, 1939/1984, p. 76).<sup>61</sup>

Zinchenko discute que, na tese defendida por ele, a memória, em nenhum estágio de seu desenvolvimento, pode ser reduzida a seus pré-requisitos biológicos ou fisiológicos. Esses pré-requisitos são somente condições para a origem e desenvolvimento dos processos mentais. Para o autor,

A forma inicial de recordação é *involuntária*. Ela é caracterizada pelo fato que a lembrança ocorre dentro de uma ação de uma natureza *diferente*, uma ação que tem uma tarefa, fim e motivo determinados e um determinado sentido para o sujeito, mas que não é diretamente orientado para a tarefa de lembrar. (Zinchenko, 1939/1984, p. 77) <sup>62</sup>

Como exemplos de memória involuntária, o autor escreve sobre o caso do animal que procura o alimento recordando-se de onde a comida estava e não de onde ela não estava ou, então, quando um pré-escolar participa de alguma ação prática e recorda-se de palavras, situações ou objetos, sendo que o objetivo não era recordar. Ou, ainda, quando um escolar ou um adulto lê um livro ou assiste a um filme e recorda-se um pouco do conteúdo. Ressalta ele que a memória involuntária deve ser caracterizada dependendo do nível de desenvolvimento da espécie e do tipo específico de ação que está sendo realizada.

Ressalta também que, e isto é muito importante, “(...) *nenhuma dessas formas de memória devem ser reduzidas a leis associativas ou conexões reflexo-condicionadas, desde que estas são externas ao efetivo conteúdo da ação.*” (Zinchenko, 1939/1984, p. 77) <sup>63</sup>, e, assim sendo, não é passível de explicação satisfatória pelo modelo pavloviano.

A memória involuntária é, geneticamente falando, a forma inicial da memória, que se modifica e se desenvolve de acordo com as mudanças na atividade do sujeito. O desenvolvimento dos processos superiores depende do desenvolvimento da memória involuntária. A memória voluntária (superior) “(...) *é uma ação especial devotada a*

*lembrar.*” (Zinchenko, 1939/1984, p. 77) <sup>64</sup>. O que se observa nesse caso é que o objetivo da ação está diretamente orientado para a tarefa de lembrar.

Tendo realizado toda essa discussão, criticando os modelos existentes e apropriando-se de seus aspectos positivos, Zinchenko apresenta sua proposição e elabora uma extensa experimentação para ter mais elementos para elaborar suas hipóteses.

Essa experimentação consistiu em quatro experimentos, sendo dois referentes à memorização involuntária e dois à voluntária. Participaram dos experimentos desde crianças pré-escolares (com idade mínima de quatro anos) até adultos, sendo que para os pré-escolares as tarefas foram adequadas à idade.

Os experimentos tiveram duas formas de aplicação: a primeira individual, que contou com 688 participantes, e a segunda, cuja aplicação realizou-se em grupos de quatro a seis integrantes, contou com 2460 sujeitos. Cada participante realizou um experimento para memória involuntária e um para voluntária.

Com o objetivo de evitar extensões desnecessárias com a descrição dos experimentos, serão apresentadas diretamente as conclusões destes, ressaltando que há no artigo clara descrição dos procedimentos, além de farto material estatístico (com tabelas e gráficos) das investigações realizadas. Zinchenko defende que os dados obtidos são fidedignos por terem apresentado pouca variação estatística, assim como pouca variação entre os experimentos realizados individualmente e em grupo, além, é claro, do grande número de sujeitos.

Os dados experimentais deram a Zinchenko uma riqueza maior na argumentação em defesa da existência da memória involuntária, em sua defesa da não equidade entre os processos fisiológicos e a memória involuntária e, ele afirma, tendo os dados como referência, que “(...) *um objeto pode ser lembrado somente quando ele é o objeto da*

atividade do sujeito.” (Zinchenko, 1939/1984, p. 96) <sup>65</sup>, seja essa atividade de lembrar intencional ou não. Mas adverte que “*isto não significa que o mero fato de ser o objeto de uma atividade é uma condição suficiente para recordar. (...) O problema básico da pesquisa sobre memória é identificar as condições específicas sob as quais nós realmente lembramos o objeto de uma atividade.*” (Zinchenko, 1939/1984, p. 96).<sup>66</sup>

Seguindo o texto, Zinchenko (1939/1984, p. 105-106) destaca que fatores como atenção, natureza do objeto, intenção, fins e o comprometimento do indivíduo com a atividade são também determinantes para que algo seja memorizado ou não, sendo muito importante analisar sempre o contexto em que a atividade está ocorrendo.

Afirma também, na conclusão do artigo, que a memória, em sua origem e em todos os estágios de seu desenvolvimento, “(...) *é produto da atividade **significada** do sujeito.*” (Zinchenko, 1939/1984, p. 108 – grifo nosso) <sup>67</sup>. Até mesmo os mecanismos fisiológicos que formam a base da memória devem ser entendidos no contexto dessa atividade significada.

Ao discutir a diferença entre as duas formas de memória (voluntária e involuntária), o autor afirma que

A diferença é que a memória involuntária, o primeiro estágio na gênese dos processos mnemônicos, é sempre integrada em alguma outra forma de atividade. Memória voluntária, um estágio superior de memória em um sentido genético, é uma ação especializada associada com uma finalidade de recordar. Ela é, portanto associada com processos especiais que facilitam a recordação. (Zinchenko, 1939/1984, p. 109-110) <sup>68</sup>

Tem-se então que é efetivamente preciso que o indivíduo tenha uma posição ativa em relação ao objeto para que possa ser lembrado e que, se a posição é passiva, a recordação não ocorrerá.

Recordação involuntária sempre ocorre em alguma ação. Esta ação não é sempre de natureza intelectual ou cognitiva (...). Nas condições da vida diária, pode-se muito bem ter as características de ação de jogo, estética ou prática. Mas ela sempre é o mecanismo que ativamente realiza uma relação particular entre o sujeito e o mundo externo, relação que surge no curso da vida do sujeito. Ela é sempre direcionada para a realização de necessidades do sujeito. Uma consequência disto é que os interesses do sujeito, o sentido afetivo que a situação e o objeto têm para o sujeito, têm particularmente uma forte influência sobre as formas involuntárias de lembrar. (Zinchenko, 1939/1984, p. 110).<sup>69</sup>

Com esse parágrafo, Zinchenko encerra seu artigo, complementando apenas com os caminhos que a pesquisa ainda deve seguir, pois muitas questões não foram suficientemente respondidas e devem ser mais bem investigadas no futuro.

As proposições de Zinchenko sobre a psicologia da memória devem ser analisadas em um duplo aspecto teórico, um psicológico e outro histórico, sendo que estes são indissociáveis.

Defende-se aqui que a discussão realizada por Zinchenko é legítima e científica, apesar de ter características de seu tempo histórico, marcado pelos grandes julgamentos de Moscou. Um forte argumento para esta afirmativa é a defesa feita por Zinchenko da categoria mediação como sendo uma das, senão a, principal contribuição de Vigotski à elaboração de uma teoria psicológica fundada no marxismo. Tal defesa ia diretamente contra as proposições “filosóficas” de Stalin naqueles mesmos anos.

Outro ponto que mostra a ousadia de Zinchenko está em sua afirmação da produção vigotskiana como uma das mais significantes tentativas na psicologia soviética de superar as concepções mecanicistas e idealistas, lembrando que nesses anos a obra vigotskiana estava proibida. Essa proibição estendia-se também a qualquer *affair* com os autores condenados.

Outro ponto positivo a ser destacado é que Zinchenko também procura a todo o momento fundamentar suas afirmações nos dados experimentais que obteve, buscando assim mais elementos para a elaboração de suas construções teóricas.



Zinchenko também critica seriamente a divisão proposta por Vigotski entre as funções elementares e as funções superiores, indicando tal divisão como decorrente de uma análise idealista da obra de Marx pelo autor. Essa discussão precisa ser feita por partes.

A primeira delas é a discussão sobre a divisão vigotskiana entre processos elementares e superiores. Concorde-se aqui com Zinchenko que essa divisão vigotskiana não consegue abarcar a totalidade da explicação dos processos psicológicos e que sua identificação entre processos fisiológicos e involuntários deixa muito a desejar, visto que não explica efetivamente uma grande quantidade de aspectos psicológicos.

Entretanto, entende-se que as construções teóricas realizadas por Vigotski na explicação dos processos voluntários mediatos são riquíssimas e ainda muito pouco exploradas em sua plenitude. Concorde-se também que há processos involuntários que podem ser mediatos e, assim sendo, a relação involuntário/imediato também não pode ser aceita completamente.

Georgi Sereda (1985) afirma que o próprio Vigotski já entendia esse processo e indica a seguinte passagem, em um texto sobre o desenvolvimento da atenção, como argumento: *“Talvez seja impossível apresentar uma prova mais contundente de que a atenção secundária [voluntária] procede da primária como o fato, confirmado pela prática diária, da conversão constante da atenção secundária em primária.”* (Vygotski, 1931/2000, p.221) <sup>70</sup> Em outras palavras *“(...) memória voluntária secundária torna-se novamente involuntária, mas como um ‘derivativo’ da memória primária, isto é, sendo mediata em sua gênese, ela não se torna ‘inferior’.”* (Sereda, 1985, p. 26).<sup>71</sup>

Em outros dois trechos desse texto de Vigotski, o autor abre espaço para uma interpretação semelhante:

Em vez de a conhecida tese de que a atenção voluntária e a involuntária guardam entre si a mesma relação que a vontade e o instinto (a idéia nos parece correta, mas demasiado geral), poderíamos dizer que a atenção voluntária e a involuntária se relacionam entre si como a memória lógica com as funções mnemotécnicas ou como o pensamento em conceitos com o pensamento sincrético. (Vygotski, 1931/2000, p. 224).<sup>72</sup>

E, ainda:

Vemos, portanto, que o desenvolvimento da atenção da criança, desde os *primeiros dias de sua vida*, se encontra em um meio complexo formado por estímulos de um duplo gênero. Por um lado, os objetos e os fenômenos atraem a atenção da criança em virtude de suas propriedades intrínsecas; por outro, os correspondentes estímulos-catalisadores, isto é, as palavras orientam a atenção da criança. *Desde o princípio a atenção da criança está orientada*. Primeiro a dirigem os adultos, mas a medida que a criança vai dominando a linguagem, começa a dominar a mesma propriedade de dirigir sua atenção com respeito aos demais e depois em relação consigo mesma. (Vygotski, 1931/2000, p. 232 – grifos nossos).<sup>73</sup>

Pode-se argumentar também que os comportamentos automatizados ou então os fossilizados podem ser também originados e consolidados por meio de uma relação involuntária com a realidade. Pode-se relacionar também o desenvolvimento da memória involuntária com as proposições da Escola de Uznadze, que desenvolveu na Geórgia a “Psicologia da Atitude”<sup>a</sup>, uma teoria fundamentada na filosofia de Marx, Engels e Lênin, que defendia, como os demais autores das principais teorias psicológicas soviéticas e, independente deles, que era necessária a construção de uma psicologia concreta do homem, fundamentada nas relações materiais com a realidade (Uznadze, 1949/1966a, 1950/1966b, Prangishvili, 1967/1972, Bassin, 1967/1981).

---

<sup>a</sup> Utiliza-se aqui a palavra *atitude* como tradução da palavra russa *ustanovka*, tal qual aparece na tradução em português do livro de Bassin (o único livro traduzido que efetivamente discute a obra do autor georgiano, apesar de não ser o foco central de sua obra) e em Kechwachvili (2001). Apesar disso, é necessário sinalizar que a palavra mais frequentemente utilizada nas traduções ocidentais é a inglesa *set*, tal como utilizada por Shuare em seu livro de história da psicologia soviética ou por Brožek (1998). É necessário ressaltar a diferença da utilização do conceito de atitude elaborado por Uznadze e o usual na psicologia e nos livros de auto-ajuda e gerenciamento de pessoal em áreas de Recursos Humanos.

Diferentemente da produção psicológica das demais escolas psicológicas soviéticas, Uznadze não propõe o estudo dos fenômenos conscientes. Apesar de não descartá-los e considerá-los de suma importância, o autor defendia que “(...) *este problema da natureza da totalidade [psíquica], a ação pessoal é resolvida sobre as bases do conceito de atitude. Isto é porque este conceito emerge como um dos conceitos básicos da psicologia concreta.*” (Prangishvili, 1967/1972, p. 270)<sup>74</sup>.

De uma forma simplificada, Uznadze entendia a atitude como “(...) *em estado de prontidão para uma atividade determinada, seu começo depende da presença das seguintes condições: uma necessidade, verdadeiramente sentida por um organismo em particular, e uma situação objetiva para a satisfação desta necessidade.*” (Uznadze, 1949/1966a, p. 90).

Este estado de prontidão é formado a partir da relação do indivíduo com a realidade, sendo, portanto, resultado da reflexão do objetivo (ou outras palavras, da formação do reflexo psíquico da realidade ou da imagem subjetiva, ideal), e assim, historicamente determinado.

Bassin ainda lembra que a

(...) teoria de Uznadze põe em evidência *em que se transforma o vivido* após ter cessado de ser vivido, sem nos obrigar a recorrer, para explicá-lo, ao esquema ingênuo do *transporte* do vivido não modificado para uma esfera particular, inacessível ao inconsciente [teoria psicanalítica]. Assim *essa teoria põe em evidência a verdadeira essência do inconsciente* como fator *ao qual permanece ligada a função de regulação, apesar de não ser nem um afeto, nem um pensamento, nem um impulso.* (Bassin, 1967; 1981, p. 209).

Chega-se aqui ao primeiro momento da discussão. O segundo é refletir sobre a parte em que Zinchenko analisa a divisão realizada por Vigotski como conseqüente à sua interpretação idealista da obra de Marx. Nesse ponto, entende-se que a avaliação do

autor ucraniano está mais determinada pelo momento histórico do que por uma análise mais correta da teorização vigotskiana.

Entende-se aqui que a divisão promovida por Vigotski é consequência da própria influência que o autor certamente sofreu da psicologia de seu próprio país. Explicando melhor, a divisão entre funções elementares e superiores era comum na psicologia da época. Na psicologia soviética, tal divisão foi de forma determinante influenciada e desenvolvida a partir da obra de Sechenov, “Reflexos do cérebro” (1864/1956a).

Nessa obra Sechenov divide as funções (no caso os movimentos) em voluntários e involuntários, sendo os primeiros – também chamados de elementares – caracterizados por serem “(...) *reflexos* – porque aqui a excitação do nervo sensorial é refletido no nervo motor. Assim, é claro que estes movimentos são involuntários (...)” (Sechenov, 1864/1956a, p. 37 – sublinhado nosso) <sup>75</sup>, e o voluntário “(...) *é sempre consciente.*” (Sechenov, 1864/1956a, p. 75) <sup>76</sup>. Outro aspecto a ser destacado é a assertiva de Sechenov (1873/1956b) de que os movimentos reflexos elementares são característicos dos bebês e crianças pré-escolares.

Assim sendo, defende-se aqui que Vigotski foi fortemente influenciado pelo esquema de Sechenov para dividir e caracterizar as funções psicológicas, elaborando, sem dúvida nenhuma, novas respostas e teorias. Mas não conseguiu efetivamente superar as elaborações correntes.

Por fim, é interessante ressaltar que essa discussão desenvolvida por Zinchenko continuou por vários anos, tendo sido uma importante e forte linha de pesquisa na URSS até os anos 1980. Isto posto, a discussão da memória involuntária e suas implicações para a psicologia da memória continuarão no decorrer dos anos, sendo as

posições do autor mais bem fundamentadas e menos suscetíveis às pressões do momento histórico, como será visto nos próximos capítulos.

No fim dos anos 1930 e início dos 1940 a situação tornou-se muito crítica na Europa. Com o avanço e desenvolvimento das políticas nazi-fascistas na Alemanha e Itália, a II Guerra Mundial ganhou os campos europeus e, neste, os campos soviéticos. Tanto pelos flancos ocidentais (com os ataques nazi-fascistas), quanto nos orientais com o Japão, a URSS sofreu ataques.

Com isso, toda a vida naquele país foi alterada de forma radical. Política e psicologia foram novamente viradas de cabeça para baixo.

### **4.3. 2º MOMENTO: 1941-1948: ANOS DE GUERRA E RECONSTRUÇÃO IMEDIATA**

Este item discutirá a participação de psicologia nos anos de guerra, seu papel na reconstrução do país após fim dos conflitos e as investigações sobre memória durante esses anos.

#### **4.3.1. RETRATOS DE GUERRA E ESPERANÇA**

Nos momentos que precederam os anos de guerra muito se discutiu sobre as possibilidades de um novo conflito armado na Europa. A situação ficava cada vez mais insustentável e foram realizados diversos acordos entre os virtuais países envolvidos no conflito, sendo o mais relevante para o presente trabalho o Pacto de Não-Agressão, assinado entre a Alemanha nazista e a URSS (23 de agosto de 1939).

Com a guerra que tivera início em primeiro de setembro de 1939, com a invasão-relâmpago (*blitzkrieg* em alemão) da Polônia, o exército alemão expandiu tanto para leste (chegando à Inglaterra) quanto para oeste, chegando às portas da URSS no dia 21 de junho de 1941, inesperadamente, pelo menos para os soviéticos; afinal Stalin não acreditava na ofensiva de Hitler, devido a existência do acordo entre os países e pela frente alemã ocidental.

A ofensiva alemã – utilizando a fronteira com a Finlândia – destruiu uma quantidade significativa de armamentos e aviões (ainda em terra) soviéticos, revelando ainda mais o despreparo dos dirigentes soviéticos para o conflito.

No dia 22 de junho, Molotov (um dos altos funcionários soviéticos) transmite por rádio à nação a notícia sobre a invasão alemã.

Apesar do discurso clamando a vitória, havia uma expectativa externa (e, por que não interna?) da dificuldade da tarefa soviética; afinal, o exército alemão era mais forte, maior e com melhor tecnologia que o soviético, além de bem treinado. É válido

ressaltar que nos expurgos de 1936-38, Stalin condenou parte considerável do alto escalão do Exército Vermelho, o que resultou na falta de quadros militares experientes nos primeiros momentos da guerra, intensificando a falta de crença generalizada na URSS, assim como a velocidade das derrotas em batalha do exército soviético.

Nesse momento, Stalin ainda não se pronunciara. Seu silêncio duraria longo dez dias, quando, no dia 03 de julho de 1941, pronuncia-se à nação, sendo este considerado um dos mais impactantes discursos realizados na história.

Todos são conclamados à defesa da URSS, independente de sua posição nos diferentes postos de trabalho. Outro ponto a ser destacado é a exaltação do nacionalismo soviético, da defesa da pátria, o que pode ser visto inclusive na nomeação da historiografia soviética para a II Guerra Mundial: Grande Guerra Pátria. Esse discurso de Stalin também remete, ainda que em pequena escala, à defesa da pátria russa em 1812 contra o exército de Napoleão, resgatando assim o orgulho pan-russo.

Com um saldo de quase três dezenas de milhões de mortos, a URSS derrotou os nazistas e começou novamente a reconstruir-se das cinzas e destroços. A honra e o orgulho de serem soviéticos eram os estímulos que esses indivíduos tinham. O país tinha que ser novamente erguido.

#### **4.3.2. A PSICOLOGIA NA GUERRA**

Nesse mesmo mês de julho, Leontiev alista-se nas forças armadas e começa a desenvolver estudos para auxiliar as tropas, sendo os mais divulgados seus estudos sobre visão noturna. Luria, nesse período, estava no Instituto de Neurociências de Moscou (chamado posteriormente de Instituto Burdenko). Nesse mesmo momento, outros psicólogos entram para as fileiras das forças armadas, como pesquisadores ou como soldados.

A ofensiva alemã continuava impiedosa. Em setembro, Leningrado estava cercada. Novembro marca não só a tomada de dois terços dessa cidade, como a chegada do exército alemão nos arredores de Moscou.

É nesse panorama que, em dezembro, a URSS começa a efetivamente combater os alemães. Outra medida que começa em fins de 1941 e continua no início de 1942 é a evacuação de fábricas e usinas para o leste, dando início efetivo à economia de guerra pedida por Stalin em seu discurso de julho.

Em outubro de 1941, Kornilov, então diretor do Instituto de Psicologia da Universidade Estatal de Moscou (MGU), foi evacuado para o interior, sendo então substituído na direção do instituto por Leontiev. Em dezembro desse mesmo ano, como medida de proteção da MGU, que sofria com diversos ataques, vários acadêmicos (e suas famílias) foram chamados a evacuar as instalações da universidade para os Urais do Sul, mais especificamente a cidade de Ashkhabad. Dentre esses acadêmicos, destacam-se aqui os psicólogos Leontiev, Boris Teplov, Anatoli Smirnov e Mikhail Iaroshevski e o filósofo Evald Ilienkov.

No início de 1942, Luria muda-se para Kisengach (vila próxima a Cheliabinski), também nos Urais do Sul, onde foi um dos responsáveis pela montagem de um hospital de recuperação e evacuação. Em junho, Galperin e Zaporozhets juntam-se a Leontiev e auxiliam o grupo de evacuação da MGU a mudar as instalações de Ashkhabad para Sverdlovsk, onde também foi criado um hospital de evacuação. Esses hospitais, segundo Luria (1976/1992, p. 144), tinham como objetivos

Primeiro, tínhamos que conceber métodos de diagnóstico de lesões cerebrais localizadas, e de reconhecimento e tratamento de problemas como as inflamações e infecções secundárias que eram causadas pelo ferimento. E segundo, tínhamos que desenvolver técnicas racionais, científicas, para a reabilitação das funções prejudicadas.



Nos idos de 1942, a situação da URSS no conflito é bastante grave. Além dos ataques em Leningrado e Moscou, no sul há conflitos intensos e em julho de 1942 ocorre o cercamento e invasão de Stalingrado (atual Volgogrado).

Nesse mesmo mês começa o contra-ataque soviético em Moscou, dando início à primeira grande virada da guerra. A tomada de Moscou, que iniciara no verão de 1942, será completada somente nos primeiros meses de 1943.

Em fevereiro desse ano, a batalha de Stalingrado também terá seu fim, marcando o segundo ponto de virada na guerra, sendo este o marco efetivo do início da derrota alemã, além da conquista simbólica soviética, que não permitiu que as tropas de Hitler tomassem a cidade de Stalin.

Em 4 de setembro de 1943, Stalin surpreende novamente ao permitir a eleição (e conseqüente reabilitação) de um novo patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, inserindo também a igreja ortodoxa no conflito armado, e reunindo, assim, mais elementos para o aumento da estima da população na luta contra o invasor.

Nesse mesmo mês, Leontiev e seu grupo retornam a Moscou, montando novamente uma unidade hospitalar de evacuação. Além dos psicólogos que participaram da evacuação da MGU, em 1941, integraram-se ao grupo Bozhovich, Slavina, Morozova e Elkonin (que perdeu suas duas filhas e esposa no cerco de Leningrado, no qual havia lutado como soldado, sendo acolhido por Leontiev e grupo em Moscou). Leontiev passou a dirigir a Seção de Psicologia Infantil e o laboratório de psicologia da criança em idade escolar do Instituto de Psicologia, sendo que neste também trabalhavam Bozhovich, Slavina e Morozova. O laboratório de psicologia da criança pré-escolar ficou sob a responsabilidade de Zaporozhets, e o laboratório da Seção de Linguagem e Clínica do Instituto de Defectologia ficou a cargo de Levina.

Luria e seu grupo, dentre eles Evgenia Homskaia, voltariam para o Instituto de Psicologia em Moscou somente no início de 1944. Nesse Instituto, Zeigarnik também chefiou grupos de trabalho e desenvolveu diversas pesquisas em parceria com Luria e Suzana Ia. Rubinstein.

O relato de Galperin sobre esse ano é bastante esclarecedor dos sentimentos e enfrentamentos daquele momento:

Em 1944, a totalidade do plantel volta a Moscou, quando a frente retrocede após a libertação definitiva do solo pátrio.

É justamente a partir do difícil ano de 1944, já próximo da vitória final, quando passo a ir a nossa amada Universidade, ali me instalo permanentemente, sem interrupção de continuidade, e ali conduzo já quase quarenta anos de trabalho. Como todos nós, vivo outra vez o clima de reconstrução, de um renascer à vida e à possibilidade de sonhar novamente com a ciência e com a psicologia a serviço do homem. Outra vez todos assumimos uma época heróica, cansados, mal alimentados, com privações, com frio nas casas e nos hospitais, mas seguros e confiantes em nosso destino. (Galperin, 1986, p. 47) <sup>77</sup>

Sobre esse sonho científico, escreve Leontiev a Elkonin, em uma carta de 1943, ressaltando também os ânimos na guerra e a preocupação com o amigo em Leningrado:

Eu sonho que daqui algum tempo estaremos todos juntos, que vamos recompor nossa ciência na Ucrânia, sobre uma maior base e uma maior hierarquização. Lá vai estar o centro fundamental de nossa ciência! Tu me dirás que isso é uma insolência; não é: é só uma consequência.

Meu estado de ânimo está um tanto vazio, demasiados temas insignificantes de coisas externas à gente. Isso é agora, a partir de nossa transferência definitiva para esta área [Moscou]. Farei o possível para liberar-me desses problemas.

Nós todos estamos bem, todos te enviam muitas saudações cordiais, os melhores desejos. Meu caro militar: aguardo com impaciência o momento em que possamos nos dar um abraço... Assim penso, aqui em Moscou... Assim não me desligarei de ti, nem mesmo um passo, até os fins dos dias. Tens alguma idéia dos perigos que te aguardam na retaguarda? Cuida-te... (Carta de Leontiev a Elkonin, apud Elkonin, 1983/2004, p. 81)

É interessante observar que esse sonho de Leontiev é um antigo sonho da *troika*, assim como um antigo sonho da ciência psicológica russa/soviética (da independência

da ciência psicológica em relação à Pedagogia e à Filosofia), que somente será conquistada em 1966, não em Kharkov, mas em Moscou.

No início de 1944 (27 de janeiro), Leningrado foi oficialmente libertada do bloqueio que sofria desde o início dos conflitos germano-soviéticos e, em 02 de maio, o Exército Vermelho toma a cidade de Berlin.

Com a rendição alemã e o fim dos conflitos armados, a situação da URSS era totalmente contraditória. Ao mesmo tempo em que gozava de prestígio internacional por ter derrotado os alemães e seu líder ser ovacionado tanto internacionalmente quanto dentro do Estado soviético, sua infra-estrutura e população estavam completamente arrasadas. O número de mortos e desaparecidos chegava a mais de 27 milhões, sem contar os feridos e lesionados. As cidades e vilas completamente destruídas. A economia soviética apresentava números semelhantes ao do período pré-revolucionário ou, quando muito, números equivalentes aos primeiros anos da NEP.

Muito conhecimento foi perdido. Por exemplo, a tese de doutoramento de Leontiev foi quase que completamente perdida, sendo que a pequena parte do que restou foi parcialmente reconstruída pelo próprio autor no pós-guerra, originando o “Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo”, publicado pelo autor quando, em 1947, trabalhava no Instituto Pedagógico Militar (a partir de 1945, juntamente com Zaporozhets, Bozhovich e Elkonin).

Galperin (1986, p. 47) afirma também que dentre os materiais destruídos em conflito estavam “(...) *propostas esboçadas pelo próprio Vigotski de seu punho e letra (...)*” e diz mais “*A horda hitleriana arrasou com esses capítulos vivos de nosso desenvolvimento, incipiente, mas pujante e criativo como poucos!*”<sup>78</sup>

Mas também muito conhecimento foi desenvolvido. Os primeiros que merecem destaque são aqueles sistematizados principalmente no pós-guerra como resultado dos

trabalhos desenvolvidos nos hospitais de evacuação com o restabelecimento e recuperação dos lesionados de guerra. Dentre esses trabalhos, merecem destaque os desenvolvidos por Boris Ananiev, Zeigarnik, Leontiev e Zaporozhets e Sergei Rubinstein.

Também merece destaque a produção de Luria nesse período, sendo suas principais obras “Afasia Traumática” (Luria, 1947/1978) e seu texto sobre restauração de funções de um lesionado de guerra (“Restauração de função após lesão cerebral”, 1948/1963).

É importante destacar que a produção luriana desse período marca a criação e início de um novo ramo na ciência psicológica, denominada neuropsicologia. Essa nova área tem como objetivo central investigar os mecanismos cerebrais dos processos psicológicos superiores, sendo a investigação dos processos resultantes de lesões cerebrais e sua recuperação uma de suas vertentes centrais.

Durante a permanência de Leontiev na Seção de Psicologia Infantil e no laboratório de psicologia da criança em idade escolar do Instituto de Psicologia, ele publicou dois importantes textos no periódico “Pedagogia Soviética” (*Sovietskaia Pedagogika*), sendo o primeiro, de 1944, chamado “Os princípios psicológicos da brincadeira escolar” e outro, em 1945, intitulado “Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil”.

O texto de 1944 discute o brincar e o jogo infantil e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança (homem) e, para tal, o autor desenvolve o conceito de atividade principal; esta é entendida como a

(...) conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da criança [e do indivíduo em geral] para um novo e mais elevado nível do desenvolvimento. (Leontiev, 1944/1994a, p. 122)

Afirma ainda o autor que (...) *nossa tarefa não consiste apenas em explicar esta atividade [mas também] as conexões psíquicas que aparecem durante o período em que essa é a atividade principal.* (Leontiev, 1944/1994a, p. 123)

Leontiev, nesse texto, também começa a explicar a estrutura dessa atividade, trazendo os conceitos de motivos e fins, ações e operações. Traz também uma rica teorização sobre o brincar e suas relações com o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, e a imitação, estabelecendo fortes laços com a teoria vigotskiana, assim como com as idéias desenvolvidas até então por Elkonin.

Essas novas contribuições de Leontiev, assim como os primeiros escritos sistematizados de Luria sobre neuropsicologia, são fundamentais para o entendimento das futuras discussões da psicologia histórico-cultural sobre a estrutura e funcionamento da memória e o papel deste processo psicológico na totalidade do desenvolvimento psíquico do indivíduo.

É importante notar que apesar de esta ser uma das (se não a) primeiras publicações de Leontiev sobre a estrutura da atividade, os fatos históricos mostram que essa conceitualização já está presente, mesmo que embrionariamente, nas discussões de Leontiev com seu grupo mais imediato, assim como nas produções destes nos anos 1930 e início dos anos 1940.

A estruturação da atividade trouxe elementos significativos para a efetivação de algumas proposições de Vigotski desenvolvidas pouco antes de sua morte (mais notadamente no “Pensamento e fala”, de 1934) sobre a análise por unidades. Leontiev escreve que cada um dos níveis da estrutura da atividade é uma unidade a ser analisada, propiciando condições concretas para o melhor entendimento das neoformações

psíquicas, assim como das conexões entre a atividade e os desenvolvimentos da consciência e da personalidade.

#### 4.3.3. A PSICOLOGIA DA MEMÓRIA NOS PRIMEIROS ANOS PÓS-GUERRA

Leontiev, em seu texto de 1945, discute diversos aspectos sobre o desenvolvimento psíquico da criança e suas relações com os diversos períodos de desenvolvimento (sendo suas proposições claramente relacionadas às de Vigotski sobre uma periodização por crises).

Leontiev faz algumas ressalvas gerais sobre os processos psicológicos, escrevendo que estes se desenvolvem e se reestruturam na realidade e atividade das quais estão inseridos. Fazem parte também, como fizera Vigotski em diversos momentos de sua obra, que “(...) *as mudanças observadas nos processos de vida psíquica da criança, dentro dos limites de cada estágio, não ocorrem independentemente um dos outros; eles estão ligados entre si.*” (Leontiev, 1945/1994b, p. 78)

Especificamente sobre a memória, Leontiev escreve que

É claro que o desenvolvimento da memória, por exemplo, forma uma sequência unida de mudanças, mas sua necessidade não é determinada pelas relações que surgem dentro do desenvolvimento da própria memória, mas por relações que dependem do lugar que a memória ocupa na atividade da criança em um certo estágio de seu desenvolvimento. (Leontiev, 1945/1994b, p. 79)

Como o próprio autor escreve, o desenvolvimento da função ocorre no interior dos processos que a realiza, e assim sendo tem uma intrínseca dependência da atividade na qual ocorre, haja vista que os processos mnemônicos são sempre analisados pelo autor como ações ou operações: “*Nós não chamamos de atividade um processo como, por exemplo, a recordação, porque ela, em si mesma, não realiza, via de regra,*

*nenhuma relação independente com o mundo e não satisfaz qualquer necessidade especial.”* (Leontiev, 1945/1994b; p. 68).

Leontiev chama atenção à mudança da memória na criança pré-escolar, sendo esta caracterizada por terem os processos de memorização e recordação se tornado voluntários.

O autor escreve também que o lugar que os processos mnemônicos ocupam na vida psíquica da criança também se altera: *Anteriormente, a memória surgia apenas como uma função servindo a algum processo; agora, a recordação torna-se um processo especial, propositado, uma ação anterior, ocupando um novo lugar na estrutura da atividade da criança.* (Leontiev, 1945/1994b; p. 79)

Essa discussão de Leontiev remete-se claramente à proposição vigotskiana de que *“se na idade infantil o pensamento é função da memória, na idade de transição a memória é função do pensamento.”* (Vygotski, 1931/1996a, p. 166) <sup>79</sup> ou, em outras palavras, para a criança pensar significa recordar e, para o adolescente, para recordar é preciso pensar.

Tal discussão fica um pouco mais clara em Leontiev que, baseando em provas experimentais, escreve que *“o processo de transformação de um ato mental difícil para a criança, i.e., a recordação, em uma operação, não começa imediatamente, e que ele, algumas vezes, só se completa com a transição para a educação escolar.”* (Leontiev, 1945/1994b, p. 80), ou, ainda, ganhará efetivamente corpo com a chegada da adolescência e a efetiva fusão entre o pensamento e a memória, na formação do sistema psicológico.

O autor também discute a automatização e a não-consciência dos processos mnemônicos ao se tornarem, estes, uma operação, retomando claramente uma das propostas de Zinchenko em seu texto de 1939. Leontiev explica esse processo da

seguinte forma: “*Ao tornar-se uma operação, ela [a recordação] sai do círculo dos processos conscientes, mas retém os traços de um processo consciente e, a qualquer momento, pode tornar-se novamente consciente.*” (1945/1994b, pp. 80-81) ou, em outras palavras do mesmo autor, pode ser **apresentada** à consciência.

Esse texto de Leontiev foi publicado no fim da guerra, ano em que a União Soviética e, mais especificamente, a psicologia deste país, procuraram se re-erguer. A reconstrução da pátria era a ação central desse país devastado e faminto. E isso fora feito.

No início de 1948, o clima ainda era favorável às publicações de temas “mais psicológicos”. Anatoli Smirnov publicou em 1948 um texto chamado “Problemas de psicologia da memória”<sup>a</sup>, e há, no mesmo ano, outro texto, de Z.M. Istomina (1948/1975), chamado “O desenvolvimento da memória voluntária em crianças pré-escolares”.

O texto de Istomina é um dos elementos centrais na discussão sobre memória, não só nessa década, mas também no corpo da psicologia soviética. Ele tem como objetivo relatar as investigações da autora sobre a gênese e desenvolvimento da memória (aqui compreendidas tanto a memorização quanto a evocação de informações) em crianças, mais especificamente em pré-escolares (entre 3 e 7 anos).

Nessa investigação, Istomina trabalha com duas hipóteses centrais, sendo elas a dependência dos processos mnemônicos da atividade do indivíduo e a emergência da memória voluntária como resultado da diferenciação de um tipo específico de ação, cujo propósito é recordar ou memorizar algo dentre a totalidade da atividade da criança.

Para que haja essa diferenciação, é preciso, segundo Istomina, que haja motivos que signifiquem os fins da atividade, fins estes que devem ter relação com a realidade

---

<sup>a</sup> A publicação desse texto em inglês ocorreu somente em 1966, após revisão do autor; assim, avalia-se que esse texto deve ser analisado no período referente ao ano do texto revisado e não do original, pois já apresenta mais características dos anos 1960 do que do ano de sua primeira publicação.



concreta. A autora observa também que a criança precisa ter a sua disposição meios para execução (atividade mediata) dos atos mnêmicos voluntários, sendo que esses requisitos são gradualmente desenvolvidos pelo indivíduo em sua ontogênese, por meio de sua relação com os demais indivíduos de seu grupo.

Os procedimentos experimentais desenvolvidos por Istomina (assim como os realizados por Zinchenko em 1939) são bastante simples e característicos da psicologia soviética. Usualmente os procedimentos desenvolvidos são chamados de método (ou procedimento) formativo, também nomeados por Vigotski de método genético-causal ou genético-experimental, que consiste em estudar as mudanças no desenvolvimento do psiquismo por meio da ativa influência do pesquisador na experimentação, ou, em outras palavras, pela formação dirigida dos processos psicológicos que serão investigados (Davidov; Shuare, 1987), sendo esses experimentos claramente fundados na proposição vigotskiana de zona de desenvolvimento proximal.

O experimento é dividido em dois grupos, um realizado em laboratório, individualmente, com os sujeitos, e outro em jogos de faz-de-conta, sendo que, neste, apesar de participarem seis crianças, uma de cada vez é avaliada em seu desenvolvimento dos processos mnemônicos. Participaram das atividades 200 crianças moscovitas, sendo realizadas um total de 1300 sessões individuais.

Observou-se uma melhora significativa no número de palavras recordadas tanto nos experimentos em laboratório quanto na situação de faz-de-conta (sendo esta novamente a que obteve melhores resultados), após a influência educativa, evidenciando o papel diretivo da educação na formação dos processos voluntários.

Segundo Istomina, já na conclusão de seu trabalho, isso somente é possível devido ao surgimento da motivação para a ação da criança ou, em outras palavras, do surgimento dos motivos da atividade.

Istomina argumenta que é justamente pela diferença da motivação que há a grande alteração entre a situação de laboratório e a do jogo. Segunda a autora, na situação de laboratório o objetivo e a operação de memorizar não estão diretamente relacionados com o motivo da atividade. Esses fatores estão, segundo ela, relacionados com a criança somente externamente, pela relação da criança com o experimentador. No jogo a situação é diferente, pois

(...) os objetivos de memorizar e recordar tem um significado totalmente específico e real com esta situação. Por esta razão, na situação de jogo ou brincadeira a criança compreende os objetivos mnemônicos como tal, mas rapidamente e facilmente [que em uma situação de laboratório]. (Istomina, 1948/1975, p. 60)<sup>80</sup>

Ainda escreve ela que

A educação progressiva tem sempre acentuado a importância do papel do brincar no desenvolvimento psicológico infantil durante o período pré-escolar. Brincar, especialmente o jogo de papéis criativo, é o tipo de atividade em que a criança aprende sobre o vasto mundo [e] sobre ele de uma forma ativa e real. (p. 60)<sup>81</sup>

Nesse ponto, Istomina retoma o papel dirigente da educação na formação dos processos psicológicos voluntários ou, nas palavras vigotskianas, nos processos psicológicos superiores. A autora defende a pré-escola como um momento único na formação das crianças para a escolarização. Assim, a educação infantil deveria atender algumas demandas necessárias para o pleno desenvolvimento das crianças no ensino formal, ou nas palavras da autora “(...) *estar em prontidão para a escolarização formal* (...)” (p. 61)<sup>82</sup>

A autora diz que estar preparado para a escolarização não significa somente dominar um conjunto de idéias, conhecimentos, habilidades ou outras questões pedagógicas: “*Prontidão escolar inclui um número de exigências psicológicas, dos*

*quais o mais importante é o aspecto motivacional da personalidade infantil ser suficientemente desenvolvido.”* (p. 61) <sup>83</sup>, ou em outras palavras, a criança deve estar preparada para assumir novos tipos de obrigações e para tal ela deve “(...) *querer aprender, i.e., motivação geral para aprender dever ser **instilado** nele.*” (p. 61 – grifo nosso). <sup>84</sup>

Só que, para que isso ocorra, é preciso que se desenvolva concomitantemente a esse processo o desenvolvimento do controle voluntário dos processos psicológicos, não sendo demais ressaltar que o comportamento voluntário é um processo complexo que consiste na conquista gradual de diversos estágios.

Os processos discutidos por Istomina nesse artigo refletem o surgimento da conduta voluntária e não o controle efetivo, pelo indivíduo, desse processo. Esse processo será mais plenamente desenvolvido no período escolar, tendo sua maior completude na adolescência, com o desenvolvimento do sistema psicológico e, mais especificamente, da memória lógica (Almeida, 2004).

É interessante observar que essa investigação de Istomina foi replicada na década de 1990, como pequenas alterações em seu procedimento, por Ivanova e Novoennaia (1998). O mais importante a ressaltar é que as autoras chegaram a resultados bastante semelhantes ao obtidos em 1948 por Istomina, com uma pequena diferença: houve uma ligeira antecipação na idade em que os processos começaram a ter características de voluntariedade, evidenciando assim o caráter sócio-histórico do desenvolvimento dos processos mnemônicos em particular e do psiquismo em geral.

Os experimentos realizados por diversos psicólogos nos anos pós-guerra foram de extrema relevância na constituição e confirmação do corpo teórico desenvolvido nos anos anteriores, principalmente algumas teses da década de 1920 e 1930, inclusive vigotskianas, mesmo sem referência direta à obra do autor.

Mas esse período teve uma curta duração. Já em 1946, iniciaram novos ataques e perseguições a artistas e cientistas, austeramente intensificados a partir do ano de 1948, sendo os comandantes principais desses novos ataques, Stalin e Zhdanov, este então responsável pelas questões relacionadas à ideologia e à ciência na URSS.

A psicologia sofreu ataques em diversas frentes. Os principais autores da época, Leontiev e Rubinstein, tiveram suas obras capitais colocadas sob análise; diversos autores na fisiologia (e posteriormente na psicologia) foram acusados de “desviadores e deturpadores” dos ensinamentos de Pavlov e ainda os pilares da ciência genética foram abalados com o caso Lisenko, cuja diretriz geral era a acusação de erro na genética mendeliana, e em parte da teoria darwinista.

Ciência e cultura são os alvos centrais desse momento. Psicologia, fisiologia, biologia, genética e medicina (esta de uma forma mais grotesca ainda) tiveram seus rumos alterados brutalmente. Cinema, teatro e música também.

A sociedade soviética entrava novamente em um período de terror.

#### 4.4. 3º MOMENTO: 1948-1953: 2ª ERA DO TERROR

Um segundo período de terror assombrou a sociedade soviética. No entanto, nesta segunda era do terror o alvo central foram a arte e as ciências.

##### 4.4.1. RETRATO EM MACRO

Os anos que compreendem este terceiro momento são novamente anos difíceis para os cidadãos soviéticos. Diferentemente do segundo momento desse período, o alvo agora não são mais políticos e militares (a “oposição” desses já havia sido liquidada) e sim ciência e cultura.

Os sinais e início dessas perseguições datam do final do ano de 1945 e início de 1946, com o discurso de Zhdanov (membro da Secretaria Geral do Comitê Central do Partido e principal responsável pelas questões ideológicas do CC PC(b)US), com seu discurso sobre os erros ideológicos dos editores das revistas literárias *Zvezdá* (A estrela) e *Leningrad* (Leningrado), ambas de Leningrado, coincidindo – não por acaso – com o surgimento da Guerra Fria e acirramento das disputas econômicas, políticas e ideológicas entre os países que ganharam o *status* de superpotências mundiais no pós-II Guerra (Estados Unidos da América – EUA – e URSS).

Nos anos pós-guerra a economia soviética estava arruinada. Muitas indústrias foram destruídas, levadas ao leste e transformadas em indústrias bélicas ou em produtoras de produtos característicos de uma economia de guerra. A colheita apresentava números equivalentes ou inferiores ao período revolucionário e pré-revolucionário, sendo o mesmo válido para a pecuária.

Para complicar as relações internas e externas, os EUA haviam mostrado no final da guerra um poderio militar (armas atômicas) em relação ao qual a URSS não tinha ainda equivalente, apesar de suas pesquisas estarem em estágio avançado e, assim

sendo, havia a necessidade posta do desenvolvimento bélico e ideológico para a disputa, minimamente em igualdade, com o “ocidente burguês e decadente”.

Tem-se assim o seguinte panorama: um Estado arrasado pela guerra, que sofre com a fome e a falta em número suficiente de uma indústria de base e de consumo, além é claro, de um déficit populacional decorrente dos conflitos da guerra (mínimo de 27 milhões de mortos, sem contar os feridos) e outros tantos milhares decorrentes dos expurgos pré-guerra. Aliado a isso, tem-se a necessidade (quase existencial do Estado) de desenvolvimento tecnológico industrial e bélico para confrontar em mínimas condições os EUA na Guerra Fria anunciada.

É nesse palco que se desenrolarão as mais peculiares ações de toda a história soviética. Entre elas, destaca-se aqui o estabelecimento feroz do realismo socialista para as artes, do lisenkoismo e pavlovinização das ciências biológicas, médicas e psicológicas, do gênio lingüístico de Stalin, a perseguição à categoria médica e o afloramento do anti-semitismo.

Uma das faces dessa “revolução cultural” foi a elaboração de uma ciência proletária, sendo dois de seus principais pilares as produções de Pavlov e Trofim Lisenko, que tiveram implicações diretas na produção da ciência psicológica. Discutir-se-á aqui mais detidamente essas questões e suas possíveis decorrências.

Lisenkoismo é o nome geral dado ao movimento ocorrido na biologia e genética russa liderado por Trofim Lisenko e apoiado pelo governo da URSS. Outras expressões são utilizadas para designar esse debate, como por exemplo, caso Lisenko ou Lysenko Affair, mas entende-se aqui que este não foi um debate isolado, pois houve outros com a mesma intensidade, mas com menor divulgação e estudo, como na história, lingüística e medicina.

Stalin sempre foi conhecido por ser defensor do lamarckismo e por compactuar com as posições defendidas por Lisenko. O ponto central da proposição de Lisenko é a transmissão à descendência (filhos) dos caracteres adquiridos pelo indivíduo durante sua vida, ou seja, uma re-edição das teorias lamarckistas, sendo, assim, a teoria lisenkoista um neolamarckismo.

Tais posições são facilmente observáveis nos textos de Lisenko, sendo sua fala em 1948 o exemplo mais rico, ao dizer que *“Nós, os representantes da tendência Michurin Soviética, argumentamos que **a herança dos caracteres adquiridos por plantas e animais** nos processos de seus desenvolvimentos **é possível e necessária.**”* (Lisenko, 1948/2006 – grifos nossos) <sup>85</sup>

Destaca ainda que essa proposição não é neolamarckiana, mas o desenvolvimento criativo da teoria elaborada por Darwin, ou um darwinismo soviético criativo: *“Nosso Darwinismo Soviético Michurinista é um Darwinismo criativo que apresenta e soluciona os problemas da teoria da evolução em novos caminhos, à luz dos ensinamentos de Michurin.”* (Lisenko, 1948; 2006) <sup>86</sup>

Tal proposição é fundada na compreensão de que a *“(...) hereditariedade é inerente não somente ao cromossomo, mas a qualquer parte do corpo vivo.”*, e ainda que *“(...) a hereditariedade é determinada por um tipo específico de metabolismo. Você precisa mudar este tipo de metabolismo no corpo vivo para efetuar a mudança na hereditariedade.”* (Lisenko, 1948/2006) <sup>87</sup>

A mudança no metabolismo do ser vivo proposta por Lisenko para a alteração na hereditariedade é possível pelo “abalo” na hereditariedade, isto é, um rompimento (ou enfraquecimento) da estabilidade normal da constituição hereditária de um organismo. Com isso, a hereditariedade torna-se instável e as modificações passam à descendência.

No caso humano, o abalo seria a construção da sociedade soviética, ou mais especificamente a revolução de 1917, que modificou bruscamente as condições ambientais de vida, enfraquecendo a estabilidade e criando condições para a transmissão à hereditariedade de uma nova forma de vida ou, em outras palavras, do “novo homem soviético”, observando-se aqui sérias posições eugenistas.

Enquanto ocorriam os processos de discussão das teorias de Mendel-Morgan-Weismann e a de Lisenko, um processo semelhante, mas com menor intensidade e menos repercussão internacional, ocorria em outras áreas da ciência soviética.

Nesse mesmo ano de 1950, tiveram início os preparativos para a realização da Sessão Científica da Academia de Ciências Médicas da URSS (a partir de agora somente Sessão), cujo objetivo era investigar o ensino e a produção científica fundados nos trabalhos de Ivan Pavlov, observando os erros e faltas na elaboração das idéias pavlovianas.

Essa sessão foi inicialmente sugerida por Stalin, cuja realização ficou a cargo de Iuri Zhdanov. Foram dez no total, ocorrendo entre os dias 28 de junho e 4 de julho de 1950, na Casa dos Cientistas de Moscou. O encontro foi comandado por Kostantin M. Bikov – representante não-oficial direto de Stalin (Diretor do Departamento de Fisiologia Geral do Instituto de Medicina Experimental) e pelo Prof. Anatoli G. Ivanov-Smolenski, ambos ex-alunos de Pavlov.

A sessão funcionou da seguinte forma: foi aberta por Sergei I. Vavilov (Presidente da AC da URSS), seguido por Ivan P. Razenkov (Vice-Presidente da AC Médicas da URSS), havendo posteriormente as falas de Bikov, Ivanov-Smolenski, assim como por Ezras A. Asratian. Seguido a estas falas (*kritika*), os acusados dos erros puderam se defender (*samokritika*), havendo posteriormente uma tréplica dos acusadores, assim como o fechamento da Sessão, com a Resolução Final.



Os cientistas mais acusados foram aqueles que a partir das elaborações pavlovianas desenvolveram novas teorias e novos rumos para o entendimento da fisiologia da atividade nervosa central; foram eles Leon Orbeli, Peter Anokhin, Nikolai Bernstein, Ivan Beritashvili (Beritov) e Alexei Speranski; os acusadores foram Anatoli Ivanov-Smolenski e Bikov.

Na Sessão de 1950 foi debatida majoritariamente a obra de médicos e fisiologistas, sendo a produção dos psicólogos pouco discutida. Somente a quatro foram dirigidas acusações: Teplov, Rubinstein, Kolbanovski e Luria (cujo pronunciamento não foi lido na conferência, somente publicado).

Suas defesas basearam-se no argumento da importância dos estudos pavlovianos para a psicologia, sendo a fala de Rubinstein elaborada em outro sentido, explorando também a relação da obra pavloviana com o estudo da psique, do pensamento e linguagem e da relação atividade e linguagem, lembrando que Rubinstein já havia sido “liberado” de suas atividades um ano antes (Payne, 1968, pp. 54-55).

Um desdobramento da Sessão de 1950 foi a realização de sessões especiais nas diversas áreas do conhecimento relacionadas com os ensinamentos pavlovianos. Com o intuito de evitar mais ataques, os psicólogos decidiram organizar sua própria sessão em junho/julho de 1952 em Moscou. A sessão foi organizada pelo diretor do Instituto de Psicologia, Anatoli Smirnov que

(...) se encontrava em uma situação difícil porque ele sabia que o alto comando dos oficiais soviéticos demandava mudanças na psicologia, mas ele não podia pensar em nenhum caminho em que tais mudanças fossem possíveis. Essencialmente, Smirnov leu um papel urgindo aos participantes basear a psicologia nos ensinamentos pavlovianos e oferecer posições concretas. (Windholz, 1997, p. 77) <sup>88</sup>

A posição dos psicólogos era especialmente delicada, como já observado na Sessão, pelo fato de que reduzir os estudos psicológicos aos ensinamentos pavlovianos

seria reduzir a psicologia à fisiologia; não utilizar os ensinamentos de Pavlov era praticamente destruir a psicologia, pois iria contra as determinações gerais do PC(b)US.

Como esclarece ainda Shuare (1990), nem todas essas medidas foram concretizadas, mas permitiram aos psicólogos uma maior mobilização e luta por algumas conquistas como, por exemplo, um periódico especializado para a área. Observa-se também que após essas sessões houve como consequência lógica para a psicologia a pavlovinização de seu conhecimento, mas é interessante observar que ela é mais visível nas produções publicadas entre os anos de 1953 e 1956 e, assim, serão discutidas no próximo momento, que corresponde justamente a esses anos, mas sendo perceptível praticamente por todo o período soviético.

Com o falecimento de Stalin partes consideráveis dos peculiares assuntos da URSS desapareceram, mas ainda aconteceriam muitos casos, principalmente envolvendo a política. No entanto, deve-se destacar que não houve casos na ciência e arte que possam ser comparados às ocorrências do período stalinista, desde o ano de 1928, quando Stalin efetivamente assumiu o poder, até 1953, com sua morte.

Segundo Rahmani (1973, p. 60), a Sessão de pavlovinização marcou o final da influência decisiva da política na ciência psicológica soviética, o fim das mudanças de rumo promulgadas por decisões estranhas à própria psicologia.

Entretanto, a ciência psicológica e seus autores ficaram marcados de forma indelével, sendo os sinais bastante visíveis nos primeiros anos pós-Stalin. E, apesar de paulatinamente sumirem, nunca deixaram seu *corpus*.

#### 4.4.2. A PSICOLOGIA DA MEMÓRIA NOS ÚLTIMOS ANOS STALINISTAS

Os estudos soviéticos nos últimos anos de poder de Stalin foram muito peculiares no todo da história da psicologia na URSS. Tendo os eventos recém-ocorridos em vista, os autores produziram suas investigações e artigos tendo como norte a obra de Ivan Pavlov, mais especificamente seus estudos sobre o primeiro e o segundo sistemas de sinais. A principal norma era investigar e explicar o psiquismo por meio da fisiologia da atividade nervosa superior.

Com a memória não foi diferente. O que anteriormente era investigado como processos (ou função) psicológicos superiores, mediatos e intencionais, passaram a ser entendidos e estudados como atividade nervosa superior (ANS), ou seja, entendida a partir das conexões temporais estabelecidas pelo organismo com o meio. Os estímulos desse meio modificariam a estrutura das conexões cerebrais e alteraria a forma de agir dos seres. Observa-se, portanto, um reducionismo biológico na proposição da psicologia. O que era psicológico reduz-se ao biológico. Anos de conquista foram neste momento deixados de lado.

Dois bons exemplos desses estudos sobre memória são os trabalhos de Leonid Zankov e de A.N. Leontiev com T.V. Rozonava, ambos publicados em 1951 no periódico *Soviestikaia Pedagogika*.

O artigo de Zankov é um artigo padrão do período, repleto de referências a Pavlov e seus continuadores oficiais (Bikov e Ivanov-Smolenski), assim como da terminologia da teoria pavloviana. Seu objetivo no artigo é discutir a partir do ponto de vista fisiológico as reais diferenças entre as formas de recordação e representação. Para tal, aborda os reflexos condicionados de primeira e segunda ordem ou, como é mais bem conhecido, primeiro e segundo sistemas de sinais, sendo, no segundo, o estímulo

condicionado a linguagem, na formação de conexões associativas ou de traços mnemônicos.

O autor ressalta a indissociabilidade da memória (assim como das demais ANS) com a emoção, dando forte relevo à crítica usual da época ao intelectualismo, ou ao privilégio dado aos processos cognitivos em detrimento dos emotivos. Um dos principais alvos dessas críticas era Vigotski, apesar da defesa do autor da impossibilidade de separar afetivo e cognitivo, logo no primeiro capítulo de seu livro máximo “Pensamento e fala”. O autor também realiza as mesmas críticas elaboradas por Zinchenko doze anos antes sobre as escolas idealistas e burguesas e a impossibilidade da divisão entre funções psicológicas superiores e inferiores.

Em síntese, a discussão de Zankov sobre memória pode ser retratada no seguinte trecho, observando nele a própria limitação da teoria de Pavlov na explicação do processo mnemônico:

No curso da vida humana conexões multiformes, amplamente ramificadas e intrinsecamente interligadas são acumuladas e aperfeiçoadas com o primeiro sistema de sinais, entre os dois sistemas de sinais e com o segundo sistema de sinais. Estes dados, em alguma medida, trazem luz sobre a complexidade e mobilidade dos processos de memória. (Zankov, 1951/1957, pp. 162)<sup>89</sup>

Já o texto de Leontiev com Rozonava expõe outra forma de enfrentamento da política stalinista, sendo esse modelo também utilizado por Luria em seus textos.

Os autores iniciam o texto expondo como Pavlov entendia o termo associação (como conexão temporal com um estímulo indiferente [neutro], base do mecanismo de ligação cortical), discutindo que ambos aparecem nos animais e nos humanos, mas nestes adquirem novos contornos, como segundo sistema de sinais (reforçamento verbal).

O objetivo do texto é mostrar como as conexões da memória involuntária são formadas e ativadas. Os autores destacam que tanto Zinchenko quanto Smirnov<sup>a</sup> já delinearam os aspectos gerais da memória involuntária em suas pesquisas, principalmente a dependência dos processos mnemônicos da atividade do indivíduo, assim como dos objetivos da mesma.

Apesar de começarem o artigo diretamente com referência a Pavlov, os autores delinham, discutem e explicam a pesquisa e os dados da mesma forma que antes das sessões pavlovianas, isto é, utilizam o mesmo arcabouço teórico-prático indesejado para aquele momento e utilizado anteriormente, por exemplo, nos textos de Leontiev de 1944, 1945 e 1947. Pode-se afirmar que o texto foi maquiado para que fosse aceito pela censura.

Os procedimentos experimentais utilizados pelos autores foram muito semelhantes aos delineados por Zinchenko e Smirnov em suas pesquisas, e até mesmo com os delineados por Vigotski em sua pesquisa com esquizofrênicos ou Sakharov no desenvolvimento de conceitos, sendo a principal novidade em relação ao *modus operandi* das pesquisas deste grupo a exclusividade de sujeitos adultos que completaram o ensino superior.

Quanto às conclusões, os autores fazem uma mescla de “estilos”, ressaltando a importância da atividade orientada por um fim para a formação da memória involuntária, o lugar da memorização na totalidade da atividade do sujeito e a importância do reflexo de orientação para a novidade. Esta última uma explicação praticamente anexa ao conjunto das demais conclusões.

---

<sup>a</sup> O texto de Smirnov consultado foi inicialmente publicado em 1948, mas a edição aqui utilizada é de 1966. Como o autor revisou e atualizou suas explicações das pesquisas, estas não serão aqui discutidas, pois não são mais representativas desse momento histórico.

Destacam também, como fizera Zinchenko, em 1939, a importância desses estudos na educação, podendo ser aplicada na melhor ordenação das atividades escolares, interferindo diretamente no processo de planejamento da atividade escolar.

#### **4.5. 4º MOMENTO: 1953-1955: MOMENTO DE RECUPERAÇÃO**

Com o falecimento de Stalin novas perspectivas de reconstruir o país foram criadas, mas era preciso ainda se recuperar das perdas da Grande Guerra Pátria e dos mandos e desmandos do comandante.

##### **4.5.1. RETRATO EM GRANDE-ANGULAR**

Com a morte de Joseph Stalin, o povo e a política da URSS quase entram em colapso. A referência central da vida soviética dos últimos 25 anos não está mais presente para conduzir a vida daquele país, por mais surpreendentes que fossem as diretrizes por ele dadas. É relevante lembrar que era um povo que convivia com dirigentes centralizadores desde o século XV/XVI, e que a oportunidade de mudar os rumos da história havia sido interrompida com a morte de Lênin.

Uma nova oportunidade surgia. Sem a figura nefasta de Stalin, mas sem quadros suficientes para montar uma nova secretaria do PCUS, com um país arrasado pela falta de alimentos e por perseguições políticas, e em conflito político-armamentista com os países capitalistas ocidentais, a (re)construção dos pilares não foi tarefa das mais simples.

Entre os anos 1953 e 1956, a sociedade soviética buscou eliminar os efeitos imediatos da mão stalinista, seja prendendo ou expulsando os colaboradores mais imediatos, como, por exemplo, Beria e Molotov, seja liberando os presos dos GULAG ou reintegrando aos postos de trabalho aqueles que foram dispensados de suas atividades, como Rubinstein na psicologia.

Na psicologia, os principais fatos desse momento são o retorno dos psicólogos aos eventos e viagens internacionais, a partir de 1954, no Congresso Internacional de Psicologia, realizado em Montreal, e a publicação em 1955, do *Voprosy Psikhologii*

(Questões de Psicologia), um periódico exclusivo da psicologia soviética, o que não ocorria desde a década de 1930.

Nesses anos há ainda publicações marcadas pelo referencial pavloviano, fato este que acompanhará boa parte das obras psicológicas subseqüentes às Sessões da Academia Médica; no entanto, destaca-se que já há uma amplitude maior de temáticas e formas de trabalhar, apesar de que ainda bem timidamente. Destaque deve ser dado à retomada de Rubinstein à produção em psicologia, com a produção de textos que seriam publicados na segunda metade da década de 1950.

No que concerne às pesquisas sobre memória, esse período não trouxe publicações significativas sobre o tema. Mas há uma série de investigações sendo realizadas, cuja publicação ocorrerá somente após 1956, ano este decisivo na vida soviética. Foi nesse ano que o então (recém) secretário-geral, Nikita Khrushchev, leu o famoso relatório sobre o culto à personalidade de Stalin no XX Congresso do PC(b)US dando um passo sem retorno ao processo de degelo, na expressão já tradicional, cunhada pela escritora Ilia Ehrenburg, ou, simplesmente, desestalinização da URSS.



---

V. PERÍODO DE EXTENSÃO

*Depois de todas as revoluções, os seus inimigos  
põem sempre em dúvida a sua legitimidade  
histórica. – por vezes tentam fazê-lo  
dois a três séculos mais tarde.*

Isaac Deutscher

O objetivo deste capítulo é discutir o período sucessor da “era Stalin”, caracterizado por uma grande abertura política acarretando, entre outras coisas, uma intensa produção da psicologia soviética, fortalecimento do periódico *Voprossy Psikhologii*, solidificação das relações com os psicólogos estrangeiros, sendo um dos fatos mais relevantes desse reaquecimento a publicação, em 1956 e 1960, de algumas obras de Vigotski.

### 5.1. (DES)RETRATO DE UMA PERSONALIDADE

O ano inicial desse período, 1956, foi um ano emblemático na história da URSS. Nesse ano, mais exatamente entre os dias 14 e 25 de fevereiro, realizou-se o XX Congresso do PC(b)US na sala do grande palácio, no Kremlin, este já com a coordenação de Nikita Khrushhev, então Secretário Geral do Partido desde o falecimento de Stalin.

Dentre os diversos assuntos discutidos nesse congresso, o principal foi o relatório secreto lido por Khrushhev sobre os crimes de Stalin, ou como ficou conhecida a denúncia ao “culto a personalidade” de Stalin, sendo esta a principal explicação dada pelo Partido aos expurgos de 1936-38 e 1947-1953, assim como aos GULAGs.

Observa-se que esse relatório nunca foi publicado na URSS, tendo sido publicado no exterior inicialmente pelo jornal *New York Times*, em junho do mesmo ano.

Com essa denúncia, Khrushchev expunha aos soviéticos as mazelas que o povo havia sofrido e que sobre ela não podia conversar. Milhares e milhares de presos políticos foram libertados, outros milhares puderam respirar aliviados, pois estavam livres das perseguições. Outros tantos foram reabilitados, milhares de famílias tiveram os nomes de seus entes, inclusive centenas de milhares já mortos, libertos dos flagelos da polícia política (NKVD). A crítica aos desvios stalinistas foram expostas e a ferida dos mortos, perseguidos e calados estava aberta.

Apesar de aberta, no entanto, não foram buscadas suas causas reais. Ao colocar e centralizar as culpas de todo o ocorrido na figura de Stalin, o PC(b)US eximiu-se de expor suas falhas. Os dirigentes soviéticos puderam respirar aliviados, pois viram a manutenção do partido único, assim como toda a podridão dos anos de sangue, repousando solenemente sob os mantos do Kremlin e dos porões da KGB.

A URSS, nesses dez anos, prosperou não só politicamente, mas também econômico e cientificamente. Destaque deve ser dado aos lançamentos, ambos em 1957, do *Sputnik* (primeiro satélite artificial lançado ao espaço) e do *Sputnik II* (que teve a bordo a cachorra Laika, e do cosmonauta Yuri Gagarin realizando o primeiro voo orbital tripulado, a bordo da *Vostok I*), no ano de 1961.

## **5.2. NOVOS ARES NA PSICOLOGIA**

O ano de 1956 ficou marcado na história da psicologia soviética com a publicação das Obras Escolhidas de Vigotski; um conjunto de textos de diversas datas, dentre os quais destacam-se o “Pensamento e fala” e “Problemas do desenvolvimento mental da criança”, com o volume prefaciado por Leontiev e Luria.

Nesse prefácio os autores fazem uma bela e completa apresentação da obra de Vigotski a praticamente cinco gerações de psicólogos que oficialmente foram impedidos de conhecer o autor.<sup>a</sup> Explicam, dentre outras coisas, a construção pelo autor de uma psicologia fundada nas proposições de Marx e Engels, a formação dos processos psicológicos superiores e do sistema psíquico (e a neuropsicologia decorrente dessa proposição) e a discussão desenvolvida por Vigotski no livro “Pensamento e palavra”.

Leontiev e Luria discutem a consciência e a motivação, inter-relacionando-as com a primazia ontológica da atividade e o papel da linguagem na formação da consciência, assim como a proposta vigotskiana de análise por unidades.

Os autores também fazem críticas às proposições vigotskianas, sendo estas de três tipos:

- a) indicando algumas discussões que não foram possíveis a Vigotski fazer, seja por não ter conseguido elaborá-las, seja porque faleceu antes de fazê-las, como por exemplo, a discussão sobre emoções e a relação destas com a cognição;
- b) em uma espécie de concessão ao Regime, eles fazem uma crítica velada a Vigotski, por este não ter estabelecido relações claras entre seu trabalho e o de Pavlov, muito pelo contrário, realizou críticas severas a ele. Observa-se pelo conteúdo e até pela forma de exposição que a crítica a Vigotski foi um tanto forçada ou, mais precisamente, historicamente necessária; e
- c) indicando erros nas elaborações de Vigotski. Dentre estes se destacam três:

- 1. a construção de uma teoria intelectualista, que privilegiava o cognitivo (razão) em detrimento da emoção e/ou a experiência prática de vida;

---

<sup>a</sup> Segundo diversos relatos, somente oficialmente a produção vigotskiana ficou proibida. Versões dos escritos do autor foram apresentadas e usadas em diversos momentos durante os anos Stalin.

2. o contraste entre natural e cultural ou, em outras palavras, os autores acataram parte (a mais significativa) da crítica de Zinchenko, em 1939, sobre a problemática do involuntário/voluntário, natural/cultural, elementar/superior;
3. a terminologia usada por Vigotski. Segundo os autores, ele elaborou mal alguns conceitos (como sincrético, complexo e espontâneo/cotidiano) ou utilizou os mesmos que outras psicologias, de forma que eram necessárias explicações complementares para entendê-las, assim como foi mais fácil a teoria por ele elaborada sofrer críticas devido às imprecisões.

As críticas estabelecidas pelos autores têm pontos positivos e negativos a serem considerados. Concorde-se com a primeira crítica (a), pois é de amplo conhecimento que Vigotski escreveu parte significativa de sua obra lutando, literalmente, contra a morte. Desta forma, muitos pontos ficaram em aberto ou escritos de forma imprecisa, o que no todo da obra não é significativo, mas efetivamente carece de mais precisão, o que deve ser feito pelos autores que continuaram a teoria, o que em parte também explica a crítica sobre a imprecisão terminológica.

A terceira posição é mais delicada (c3), mas mais sutilmente apresentada pelos autores que a forma desenvolvida por Zinchenko, em 1939. Conforme o que já foi escrito, concorda-se com a crítica a esse ponto específico da produção vigotskiana, a correlação estabelecida entre involuntário, natural e elementar, pois tal separação impossibilita a percepção de sutilezas do comportamento e do desenvolvimento do psiquismo, como os comportamentos involuntários mediatos. Esse ponto ainda será discutido neste capítulo.

O outro ponto importante a ser discutido é a crítica a um possível intelectualismo na obra de Vigotski (c1). Concorde-se com a predominância de discussões sobre as questões cognitivas e escolares na obra do autor, mas entende-se que isto é decorrente

da urgência de entender esses processos como resposta às necessidades escolares da URSS, assim como se constituem em um ponto chave na crítica às demais escolas psicológicas existentes. Entende-se também que o autor estava, a partir de 1932, paulatinamente mais preocupado com a questão das emoções e sentimentos, mas como já explicitado, não houve tempo hábil para desenvolver seus projetos.

Assim, defende-se que, apesar de haver predominância de discussões cognitivas, tal deve ser compreendida historicamente, sob o risco de perder o real movimento da obra vigotskiana ou mesmo do projeto de psicologia histórico-cultural, que devido a outros problemas, historicamente dados, somente voltou-se às emoções a partir de 1970.

Desta forma, as posições adotadas por Luria e Leontiev indicam que os autores, durante esses anos, estudaram e continuaram efetivamente a obra de Vigotski, mantendo o essencial de suas propostas, sem dogmatizar ou canonizar sua obra, avançando na construção da psicologia

Além dessa primeira coletânea de obras de Vigotski, outros textos do autor foram publicados em 1960 em outro conjunto de textos, sendo eles, o “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (equivalente aos cinco primeiros capítulos do tomo 3 das Obras Escolhidas, publicados em 1982), das Conferências (presentes no tomo 2) e Pedologia do adolescente (tomo 4). Além destes, no ano de 1965 foi publicado o ainda inédito Psicologia da arte.

Nesse período Sergei Rubinstein também publicou, após algum tempo de ostracismo por uma aposentadoria forçada, seu livro mais seminal, chamado “O ser e a consciência” (1957), além dos ricos “O pensamento e suas vias de investigação” (1958) e “O desenvolvimento da psicologia: princípios e métodos” (1959).

Outra relevante publicação desse período é a coletânea “O desenvolvimento do psiquismo”, de Leontiev, em 1959, com textos produzidos em meados da década de

1940 e alguns elaborados em 1959. Em outras edições (de 1964, 1972 e 1981), houve pequenas diferenças nos textos que integram a obra.

Outra rica fonte de textos soviéticos desse período são as coletâneas de traduções em inglês e espanhol (Cuba), publicadas em diferentes edições representando distintos momentos e trajetórias da psicologia soviética, desde seus momentos mais atrelados à produção de Pavlov até os momentos mais claramente originais no início da década de 1960. Publicaram-se também diversos livros autorais, como os elaborados por Luria, Alexander Sokolov, Zeigarnik, Uznadze e Smirnov. Estes diversos livros foram editados como resultado das tentativas estabelecidas entre as comunidades científicas dos Estados Unidos e da URSS para minimizar ou dar outros parâmetros às relações estabelecidas entre os países durante a Guerra Fria.

Com isso, a psicologia na URSS não só ganhou status internacional como ficou fortalecida internamente, pois se livrou (pelo menos oficialmente) das amarras do pavlovismo reacionário e fortaleceu suas produções e contribuições para o desenvolvimento de diversos campos da sociedade soviética.

### **5.3. ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA**

Nessa década, as pesquisas sobre memória tiveram grande impulso com a publicação de dois textos extensos sobre o tema, sendo um escrito por Peter Zinchenko, em 1961, e outro por Anatoli Smirnov, em 1966, dois dos principais estudiosos do assunto. Esses livros são resultados de décadas de trabalho, sendo praticamente sínteses das investigações desenvolvidas pelos autores desde a década de 1940; no caso específico de Smirnov, o texto é uma re-edição atualizada de seu texto de 1948, com mudanças significativas na forma como os processos estudados são explicados, pois além de se apropriar de suas pesquisas posteriores, apoiou-se na produção de Zinchenko

e na nova ordem científica da psicologia, podendo usar as produções da Escola de Vigotski livremente.

Ambos os autores elaboraram sua teoria nos marcos da psicologia soviética: (1) princípio da unidade psicofísica; (2) princípio do desenvolvimento psíquico; (3) princípio da historicidade; e (4) princípio da unidade da teoria e prática, assim como na estrutura da atividade elaborada por Leontiev a partir da proposição vigotskiana de análise dos processos psicológicos por níveis.

Oleg Tikhomirov (1987) sintetiza a estrutura da atividade:

O conceito de “atividade objetiva” pertence às categorias centrais dentro do sistema da psicologia marxista. O chamado “enfoque orientado pela atividade” na psicologia, pode-se ver hoje como a variante mais elaborada da análise psicológica sistêmica (à diferença da análise sistêmica fisiológica e o sistema cibernético) (...)

Na teoria psicológica da atividade, as atividades se delimitam umas de outras tomando como critério os *motivos* desencadeantes. São partes integrantes fundamentais de cada uma das atividades humanas, as *ações* à seu serviço. Denomina-se ação ao processo dirigido por uma idéia do resultado que é necessário alcançar, *isto é*, a meta. [objetivo – SA] Os procedimentos para a realização das ações denominam-se *operações*. Segundo Leontiev, as mencionadas “unidades” da atividade humana constituem sua macroestrutura.

Na teoria da atividade, o termo “meta” está associado ao reflexo, ocorrido consciente, do resultado futuro da ação.<sup>90</sup>

Discutir-se-ão a seguir esse texto seminal de Smirnov e mais um publicado pela editora Progresso em uma coletânea de divulgação da ciência psicológica soviética. Discutir-se-á também um dos capítulos do texto de Zinchenko (o único publicado no Ocidente) e outro presente na coletânea supracitada.<sup>a b</sup>

<sup>a</sup> Esta coletânea é a tradução de dois volumes publicados na URSS, chamado “Pesquisas Psicológicas na URSS”, em 1959 (traduções de textos revisados de 1966). O primeiro volume, cuja tradução somente há em inglês, traz textos sobre problemas gerais de psicologia (incluindo textos de Vigotski inéditos no Ocidente, hoje publicados no tomo 3 das OE) e sobre sensação e percepção. Já o segundo volume (publicado somente em francês) traz textos sobre memória, pensamento e linguagem, completando assim parte significativa dos principais campos de estudo em psicologia.

<sup>b</sup> Apesar da primeira edição de “Funções corticais superiores do homem”, escrito por Luria, seja 1963, a edição que será aqui utilizada é a revisada pelo autor em 1969 e assim será analisada no próximo capítulo.

### **5.3.1. AS INVESTIGAÇÕES DE ANATOLI SMIRNOV**

Anatoli Smirnov não se associou explicitamente a nenhuma das quatro escolas psicológicas existentes na URSS. Durante muitos anos ele foi o Diretor do Instituto de Psicologia de Moscou, o que em parte pode justificar sua “neutralidade”. Parte significativa de suas publicações no Ocidente referem-se à sua atividade como diretor nos relatos de como a pesquisa em psicologia estava nos diversos momentos da história.

Analisando a produção do autor sobre memória, no entanto, pode-se inferir que sua produção está fortemente calcada nas proposições da Escola de Vigotski e mais especificamente na estrutura da atividade elaborada e mais bem desenvolvida por Leontiev, justificando assim sua inserção junto aos autores aqui analisados.

#### **5.3.1.1. A MEMÓRIA E A ATIVIDADE**

O artigo de Smirnov, presente na coletânea sobre as pesquisas psicológicas na URSS (Smirnov, 1966), tem como eixo e temática central a relação entre a atividade do indivíduo e os processos de memorização, buscando discuti-la por meio das investigações desenvolvidas tanto pelo autor quanto pelos demais pesquisados de seu país.

É uma explanação bastante panorâmica, identificando os principais núcleos de pesquisa e suas principais conclusões, com o autor pouco se expondo nas conclusões ou até mesmo nas apresentações sobre a memória. Três são os eixos de pesquisas discutidos neste artigo:



1. a dependência da memorização espontânea (ou involuntária) da atividade do sujeito;<sup>a</sup>
2. relação entre a memória espontânea e a memória voluntária;
3. a dependência da memória voluntária de características da atividade mnemônica (ou da atividade orientada para a memorização)

De uma maneira geral, Smirnov discute a importância de se identificar e analisar o lugar que a memorização ocupa na estrutura da atividade, assim como qual é esta estrutura. É preciso identificar os motivos e fins da atividade e suas necessidades, observando quais são as ações necessárias para efetivá-la e por quais meios (operações) essa atividade será executada.

Sobre a *memória involuntária*, o autor reafirma parte da colocação de Zinchenko, de 1939, ao afirmar que a memorização involuntária está subordinada à atividade e a seu motivo, assim como é mais eficaz se a memorização *estiver ligada aos objetivos (orientação) das ações* e conseqüentemente menos produtiva, se ligada aos meios da atividade.

Já a *memorização voluntária* depende da orientação da atividade, ou seja, de qual é a intenção consciente em alcançar uma (ou mais) finalidade particular, que no caso é memorizar algo; tem-se assim uma *atividade orientada para a memorização*.

Em síntese, nesse texto Smirnov retoma e reafirma a posição de que os processos psicológicos em geral (e a memória em particular) têm estreita relação e dependência do curso da atividade, de sua estrutura e da atividade concreta ou, em outras palavras, da realidade, a real fonte da atividade e psiquismo humano.

---

<sup>a</sup> Tanto neste texto de Smirnov quanto no de Zinchenko para memória involuntária (*neproizvol'noe zapominanie*) é utilizado o termo memória espontânea (*mémoire spontanée* em francês, *spontannii zapominanie* em russo). Entende-se aqui que o termo involuntário (*neproizvol'noe*) reflete melhor o que os autores querem expressar, além de ser a mais correta tradução.

### 5.3.1.2. PROBLEMAS DE PSICOLOGIA DA MEMÓRIA

Em 1966 Smirnov publica um extenso e interessante livro sobre memória, cuja matéria-prima era seu próprio livro sobre memória, publicado em 1948 (Smirnov, 1966/1973). Nessa nova edição, o autor revisa diversos aspectos da obra, atualizando-a, principalmente no que se refere às novas compreensões sobre memória e à própria atualidade da psicologia soviética, visto que o texto de 1948 fora escrito justamente no período stalinista, mais especificamente nos primeiros anos do segundo expurgo. Nessa nova edição, a produção de Vigotski e Rubinstein está liberada, assim como a compreensão da mediaticidade dos processos psíquicos.

Nesse texto, a discussão de Smirnov é bem mais autoral que no artigo do mesmo ano, inclusive trazendo muitos dados e delineamentos experimentais aqui não detalhados, mas há alguns pontos de intersecção, como a afirmação e compreensão da inter-relação e dependência da atividade do indivíduo e seus processos mnemônicos.

O primeiro tópico discutido pelo autor é a memorização voluntária. Como já escrito anteriormente, o autor relaciona a memorização voluntária a uma atividade orientada para a memorização, cuja finalidade é, portanto, memorizar algo. Em contraposição, a memória involuntária tem como orientação da atividade outra finalidade, e assim sua relação central está com os objetivos das ações.

Smirnov dá destaque também às possíveis fontes (ou orientações) inconscientes, sendo a discussão diretamente fundada nas proposições de Uznadze. Smirnov fala de uma memorização que não é voluntária nem involuntária, mas seria transitória, como resultado da presença de uma atitude (*ustanovka*) mnemônica ou, em outras palavras, em uma tendência que o indivíduo teria voltada para a memorização de algo específico, sendo esta *ustanovka* sócio-historicamente determinada.

Smirnov delineia também alguns tipos da orientação mnemônica que qualificam a informação memorizada. São eles:

1. completude: se os conteúdos são memorizados por completo ou se estes foram selecionados de um todo;
2. exatidão: se são idênticos à fonte ou se são revistos ou interpretados;
3. oportunidade de revisão: o que e quando foi memorizado;
4. estabilidade: se é por muito tempo (memória de longo prazo) ou por pouco tempo (memória de curto prazo).

Smirnov está claramente preocupado com essa diferenciação em relação à qualidade do conteúdo memorizado e, principalmente, como essas qualidades afetam o processo final de memorização.

Destaque aqui é à diferenciação entre memória de curto prazo e de longo prazo, sendo esta a primeira vez (no material até aqui analisado) que tal diferenciação é desenvolvida.<sup>a</sup>

Essa distinção foi originalmente desenvolvida por James, em seu livro “Princípios de psicologia”, e após diversas observações (não experimentais). No entanto, tal diferenciação não foi explorada pela psicologia soviética por muitas décadas, sendo a principal preocupação da psicologia neste país a análise do comportamento voluntário, mas foi muito explorada no Ocidente, principalmente nos EUA, com os estudos desenvolvidos por Lashley, Hebb, Penrose e Milner entre outros.

Nesses anos era usual compreender a memória de longo e curto prazo como contínuas, isto é, a de curto prazo como sendo a primeira fase da memorização e, a partir desta, a formação da de longo prazo. Entretanto, havia o questionamento se estas não eram paralelas e desenvolvidas concomitantemente, variando a duração de cada

---

<sup>a</sup> No texto elaborado por Zinchenko para a coletânea de dois volumes da Progresso, o autor também faz essa diferenciação, mas como os textos são do mesmo ano, Smirnov foi o primeiro na sequência de minha exposição.

uma. Havia evidências para ambas as possibilidades e, no caso, Smirnov utilizou a primeira explicação, assim como seu colega Zinchenko em seu texto de 1959, que será em breve discutido.

Tendo analisado os tipos de conteúdos da orientação mnemônica, Smirnov questiona-se sobre quais são as possíveis fontes da orientação mnemônica, dos motivos dessa atividade. Para descobri-los é preciso descobrir qual o propósito da memorização (os fins), as condições em que esta memorização é realizada, observando a natureza do material (sua significância para o indivíduo, densidade e dificuldade para entendê-lo e o tipo de material) e, por fim, qualidades psicológicas de quem está memorizando, ou seja, seus interesses, emoções e atitudes em relação ao material.

Assim sendo, pode-se descobrir quais os motivos que estão orientando a atividade do indivíduo, sempre observando que um mesmo motivo pode evocar em indivíduos distintos diferentes respostas.

No que concerne à memória involuntária, reafirma que esta é realizada sob as condições da vida comum e que, isto posto, pode-se afirmar que a memorização é dependente da atividade da qual a memorização faz parte e conseqüentemente dos motivos que a orientam.

Como novidade teórica, escreve que além da orientação da atividade devem ser considerados o *conteúdo* (o que está sendo realizado) e a *natureza* (como as ações estão compostas) da *atividade*, para que se possa avaliar mais precisamente a extensão da memorização. Desta forma, reafirma-se a posição de que a mais importante condição para efetivação da memória involuntária é a ação com a qual deve tornar-se o objeto de memorização.

Comparando esses dois tipos de memória, o autor revela que a memória involuntária costuma ser muito mais eficaz em crianças que em adultos e que as

informações memorizadas involuntariamente costumam ser mais estáveis que as voluntariamente memorizadas. O autor explica essa diferenciação pelo lugar que a memorização costuma ocupar em crianças e em adultos, pois nestes últimos a memorização costuma estar mais ligada aos meios da atividade do que às ações.

Ampliando essa explicação, retoma-se aqui a assertiva vigotskiana de que crianças lembram para pensar e adultos pensam para recordar. Essa discussão de Vigotski mostra que os processos são bastante distintos nesses dois períodos do desenvolvimento, expondo claramente no adulto a fusão entre o pensamento e a memória na formação da memória lógica (sistema psicológico) e conseqüente subordinação da memória ao pensamento.

Smirnov discute também as pesquisas relacionadas à relação entre a memorização e a compreensão dos conteúdos. Segundo o autor a memorização baseada em materiais compreendidos é incondicionalmente mais eficaz que memórias formadas a partir de um material não bem compreendido, reiterando-se a importância do conteúdo a ser aprendido/memorizado ser bem compreendido e significativo para o indivíduo, mostrando clara consonância com a discussão elaborada por Leontiev sobre os motivos compreensíveis e eficazes. Isto se dá pela maior estabilidade do conhecimento, possibilitando uma maior elaboração do conteúdo, liberando o indivíduo para o processo de memorização, pois este não concentra a maior parte do psiquismo no entendimento do material.

É importante destacar que o conteúdo memorizado não é uma cópia fotográfica da realidade. O conteúdo memorizado é reconstruído pelo indivíduo, observando seus aspectos lógicos e a relação entre aspectos objetivos e subjetivos relacionados a essas informações.

Smirnov identifica os principais tipos de desvio da fonte original na memorização, sendo eles:

1. generalização ou condensação;
2. concretização e detalhamento;
3. substituição por conteúdo equivalente;
4. substituição ou transferência de partes do original;
5. unificação (de partes separadas) ou dissociação (de partes conectadas);
6. adições para além do original;
7. distorções

Pode-se observar que somente o último item efetivamente colabora para a formação de falsas memórias, isto é, considerando que o novo conteúdo não se relacione com um falso já existente. Os demais itens são claramente relacionados a atividades do pensamento, como generalização e transferências de informações e relacionamento de conteúdos novos com os já existentes.

Smirnov destaca como elemento fundamental nesse processo a atividade reflexiva, ou seja, processo responsável pela melhor compreensão e clareza do conteúdo, buscando neste a veracidade por meio da prática social, sendo pela atividade reflexiva em suas diversas e complexas manifestações que se forma o núcleo psicológico da reprodução das informações, aquele conteúdo que será evocado pelo indivíduo.

Por essa atividade há a formação do reflexo psíquico da realidade, ou seja, a configuração da realidade para o indivíduo, considerando tanto aspectos subjetivos e objetivos, sempre tendo a prática social como critério de verdade. Enfim, a formação da própria consciência.

Com isso, Smirnov deixa clara a importância da memória na formação do psiquismo e suas diversas manifestações e relações. Ratifica também a necessidade de compreendê-la em sua atividade e em sua relação com os demais processos psicológicos na formação do sistema psicológico e na imagem subjetiva da realidade, assim como a importância do conteúdo sensível (elemento constitutivo da consciência, como analisado por Leontiev) para a formação do psiquismo.

### **5.3.2. AS PROPOSIÇÕES DE PETER ZINCHENKO**

Peter Zinchenko teve como objeto central de suas investigações acadêmicas a memória e, mais especificamente, a memória involuntária. Suas pesquisas foram desenvolvidas em Kharkov e a síntese maior de sua produção foi o livro “Memória Involuntária” publicado em 1961, alguns anos antes de seu falecimento em 1969.

O primeiro texto a ser analisado é o capítulo 4 da citada obra (Zinchenko, 1961/1981) e o segundo é o artigo publicado na coletânea sobre as pesquisas psicológicas na URSS (Zinchenko, 1966), sendo que, nesse texto, além da memória involuntária é discutido o desenvolvimento da memória operacional (ou como também é chamada, memória de curto prazo).

#### **5.3.2.1. A MEMÓRIA INVOLUNTÁRIA E A ATIVIDADE ORIENTADA POR UM FIM**

Este texto de Zinchenko (1961/1981) foi muito bem explorado por Smirnov em seu livro de 1966, e assim sendo, poucos aspectos inéditos podem ser aqui descritos. Em geral pode-se assim traçar os aspectos centrais do texto:

- a. informações fortemente ligadas com os objetivos da ação são mais bem recordadas que aquelas relacionadas com os meios de uma atividade ou com as operações;
- b. além do lugar que a memorização ocupa na estrutura da atividade, Zinchenko chama atenção para a importância que tem a relação do indivíduo com a informação a ser memorizada, ou, os motivos, interesses, atitudes e emoções envolvidos tanto no processo de memorização quanto no momento de evocação destas lembranças. Observa também que as condições do material a ser memorizado (sua exposição, clareza etc.) e seu conteúdo (se mais ou menos difícil ou compreendido) influi nesse processo;

Assim, retoma-se a importância de se identificar as necessidades e objetos pelo quais a atividade está orientada ou até mesmo construir novas necessidades e atividades, com suas ações e operações, lembrando que qualquer operação complexa iniciou-se como uma ação dirigida a um objetivo e somente posteriormente as operações foram desenvolvidas; o mesmo vale para a possibilidade dos objetivos das ações ganharem novo *status* e estas ações se tornarem uma (ou mais) nova atividade. É por meio desse processo que há o surgem novas necessidades e atividades, incluindo aí as atividades principais.

#### **5.3.2.2. A MEMÓRIA OPERACIONAL E MEMÓRIA INVOLUNTÁRIA**

Neste artigo de Zinchenko, publicado na coletânea de pesquisas em psicologia (1966), o autor discute, além da memória involuntária, o desenvolvimento e conceitualização da memória operacional; procura também pesquisar a importância da memória para o desenvolvimento da atividade.<sup>a</sup>

---

<sup>a</sup> Usualmente discute-se o papel da atividade na formação da memória. Zinchenko, portanto, inverte o questionamento usual.



Zinchenko escreve que a memória operacional é aquela que permite o funcionamento da atividade em sua concretude. Caracteriza esse tipo de memória como estritamente determinada aos fins de uma atividade dada, com brevidade relativa (dependendo do conteúdo e complexidade da atividade), sendo mais passageira que a memória permanente (longo prazo), mas sendo mais duradoura que a memória imediata.

A memória imediata é muito breve e, segundo o autor, corresponderia a uma atitude psicofisiológica para guardar informações, ou seja, uma prontidão para memorizar, sendo esta biologicamente dada.

Zinchenko expõe que a memória operacional liga-se diretamente a uma atividade concreta e procede de modo que atenda a ação em curso. Devido a essa função, Zinchenko qualifica essa memória de operária, pois ela é que possibilita a realização da ação, garantindo a qualidade e a eficiência da atividade objetivada.

Assim, Zinchenko, juntamente com Smirnov, dão um importante passo na investigação da estrutura e funcionamento da memória, identificando não somente características relacionadas estritamente à atividade (como ser voluntária, involuntária e elementar), mas também avançam quanto à discussão da memória em referência à estabilidade (ou duração) da informação armazenada, ou seja, se de curto e longo prazo ou imediata.

Além disso, Zinchenko, ao discutir a memória involuntária, traz uma informação valiosíssima no que tange ao uso educacional desse processo mnemônico, diferentemente dos demais textos em que ele aborda a importância de se entender e utilizar a memorização involuntária em sala de aula.

Ao começar a identificar, baseado em investigações desenvolvidas por seus colegas, as estruturas das operações da ação mnemônica, o autor começa a desvelar o funcionamento desse processo. O autor identifica a ordem de sucessão e a composição

das informações, assim como para que serve (sua função) e sua dinâmica como elementos dessa estrutura.

Assim, observa que todo o processo de conhecimento do material a ser memorizado, a categorização deste e a análise intra e inter categorias são operações fundamentais para a melhoria da memorização, pois permitem a melhor compreensão do material e, conseqüentemente, como já expôs Smirnov, permitem melhoria significativa do volume e estabilidade das informações memorizadas.

Smirnov (1966/1973) ainda acrescenta que, além dessa categorização e análise inter e intra categorias, são importante para a compreensão do texto correlacionar esse conhecimento com o já existente e elaborado pelo indivíduo, assim como a uniformização da linguagem do texto.

Continuando a exploração dos procedimentos para a utilização da memória involuntária, Zinchenko indica que a proposição de Galperin sobre a formação do ato intelectual por etapas (ou também conhecida como teoria de formação de ações mentais por etapas) é a principal ferramenta que o educador pode utilizar para elaborar intencionalmente um plano de aula que maximize a memorização involuntária de conteúdos escolares.

De um modo geral, a proposta de Galperin consiste em propiciar as condições necessárias (por meio de método de trabalho) para promover, de preferência coletivamente, a internalização de conteúdos, ou seja, a transferência da ação ao plano ideal, mais especificamente o intelectual, sendo sua proposta intrinsecamente ligada às formulações teóricas dos diversos autores da Escola de Vigotski.<sup>a</sup>

A primeira etapa deste processo é a motivacional, com o estabelecimento e construção dos motivos, preparando os estudantes para a apropriação do material; a

---

<sup>a</sup> Esta breve exposição da teoria de Galperin está baseada nos seguintes textos: Zinchenko (1959/1966), Galperin (1959/1966, 1969/1987) e Nuñez e Pacheco (1997). Outras referências sobre essa teoria estão no anexo 1.

segunda etapa refere-se ao estabelecimento do esquema de base orientadora da ação, isto é, o estabelecimento de condições e orientações para que o aluno execute e controle as ações, sendo nessa etapa a figura do professor essencial, seja transmitindo informações sobre o conteúdo, seja servindo de exemplo de como agir.

A terceira etapa consiste na formação da ação no plano materializado, por meio da manipulação/utilização de objetos para a execução de uma tarefa dada. Esses objetos podem ser físicos ou representacionais, desde que essas representações limitem-se a expor a essência do objeto. A próxima etapa é a etapa de formação da ação no plano da linguagem externa, por meio da representação oral (conceitualização) dos objetos anteriormente manipulados, sendo esta verbalização fundamental para a interiorização das ações, como bem já discutido por Vigotski, em seu “Pensamento e fala”.

Por fim, a última etapa é a mental propriamente dita, quando o indivíduo por si só consegue organizar as imagens da realidade. Segundo Galperin (1969/1987), o conteúdo internalizado não é propriamente uma ação, mas um pensamento (representação) desta ação, que permitirá ao indivíduo agir no futuro (clara formação do reflexo psíquico – apropriação/objetivação)

Por ser a memorização involuntária dependente das ações e de seus objetivos é que Zinchenko propõe esse processo como o mais indicado para favorecer a memorização involuntária, pois o cerne da atividade docente proposta por Galperin são as ações.

Por fim, Zinchenko escreve que a principal contribuição da memória para a atividade é, além de permitir operacionalmente seu funcionamento, permitir a própria teleologia característica da atividade vital do homem, ou seja, a orientação pelo devir e conseqüente intencionalidade.

Os textos de Smirnov e Zinchenko deixam claro que, com a desestalinização, a psicologia soviética ganhou solidez tanto em sua categoria profissional – fortalecendo os Institutos, estabelecendo mais contatos com os psicólogos do exterior –, quanto nos conhecimentos por ela produzidos e divulgados, seja no *Voprossy Psikhologii*, seja por meio de livros e coletâneas. Foi um momento de efetivo ganho de autonomia.

---

## VI. PERÍODO DE SISTEMATIZAÇÕES

*Eu sonho que daqui algum tempo estaremos todos juntos, que vamos recompor nossa ciência na Ucrânia, sobre uma maior base e uma maior hierarquização. Lá vai estar o centro fundamental de nossa ciência!*

*Alexei N. Leontiev em carta para Daniil B. Elkonin*

O objetivo deste capítulo é discutir um período muito rico, em que houve a produção dos textos que organizaram as idéias e delinearam muitos dos caminhos que no futuro seriam trilhados pela psicologia soviética, assim como foi o período em que essa área foi elevada ao status de ciência independente na URSS. Em contraste com essa riqueza na ciência psicológica, a sociedade soviética iniciava um período bastante difícil de estagnação política, econômica e até mesmo social.

### 6.1. RETRATO SEM MOVIMENTO

No ano de 1964 findara a direção de Khrushhev da Secretaria Geral do PC(b)US, sendo este substituído (após um golpe de Estado branco) por Leonid Brezhnev. Nos primeiros anos de seu mandato, a URSS foi alavancada por grande desenvolvimento econômico, com destaque para a produção de bens de consumo, item bastante raro até então naquele país.

Esses anos iniciais de progresso foram seguidos pelo início de um período de estagnação econômica, apesar de historicamente a economia apresentar melhores dados que os períodos anteriores, sendo que alguns historiadores preferem o nome estabilidade à estagnação para melhor retratar os anos Brezhnev.

Um dos principais motivos da crise que se estabelecia na URSS era a grande dificuldade em manter uma produção industrial que atendesse a alta demanda, seguido por uma produção agrária intensa o suficiente para saciar a fome do povo soviético e uma política de Estado armamentista que pudesse ser comparada à desenvolvida pelo EUA.

Devido a razões historicamente bem determinadas (Guerra Fria), os setores de tecnologia de ponta e militares receberam grandes somas de recursos, agravando ainda mais a situação econômica do país, favorecendo ainda mais a estagnação da economia.

Observa-se também que, principalmente, nos anos 1970 houve uma estagnação também no desenvolvimento político-social da URSS, provocado tanto pela falta de perspectivas e rumos para o desenvolvimento do socialismo na URSS, seja pela manutenção pelo Estado de políticas que inibiam o desenvolvimento da liberdade individual (como por exemplo, as repressões na Hungria e Checoslováquia).

Outro fator que contribuiu para os problemas sócio-econômicos e políticos da URSS foi o crescimento e solidificação de uma classe conhecida internamente como *Nomenklatura*, uma classe social de privilegiados que tinha acesso a diversas regalias que o povo não tinha, tendo esta surgida ainda nos anos Stalin, mas que ganhou corpo e organização nos anos pós-1956. Dentre seus integrantes (cujo poder em geral era hereditário) estão principalmente intelectuais e funcionários da burocracia estatal, assim como o alto escalão do PC(b)US, funcionando muitas vezes como um poder paralelo.

Pelo que a literatura indica, além dos problemas sociais e econômicos vividos pela URSS, a mão da *Nomenklatura* agia forte na condução do país, principalmente nos gastos militares, pois quem governava estava presente nessa casta.

Na psicologia, progressos e estagnações também forma vistos e vividos.

## 6.2. PROGRESSOS E ESTAGNAÇÕES DA PSICOLOGIA

O ano de 1966 foi um ano de significativa importância para a história da psicologia soviética. Foi no início desse ano que iniciaram as aulas das primeiras turmas das faculdades de psicologia nas universidades estatais de Leningrado e de Moscou após a determinação assinada pelo ministro da educação superior da URSS autorizando os cursos no fim de 1965.

Pela primeira vez na história, a ciência psicológica foi integrada à Academia de Ciências da URSS, ganhando status de ciência e oficial independência da filosofia, fisiologia e pedagogia.

Esse novo *status* foi ratificado com a realização, em agosto do mesmo ano, do XVIII Congresso Internacional de Psicologia, evento de grande importância que integrou de forma inequívoca a psicologia soviética e a psicologia internacional, possibilitando à ciência psicológica ocidental efetivamente conhecer a produção soviética, desmitificando as teorias, métodos e objetivos da produção desenvolvida na URSS.

Após esses dois marcos, houve um aumento significativo da publicação de textos de autores soviéticos no ocidente, assim como o estabelecimento de parcerias científicas em pesquisas e intercâmbio de estudantes.

O intercâmbio e a concretização do *status* científico da psicologia foram muito facilitados pela autorização, em outubro de 1968, da criação da pós-graduação em psicologia na URSS, aceitando candidatos para elaborar e defender teses com o intuito de receberem o título de Doutor em Ciências Psicológicas (*psikhologicheskiye nauki*).

A produção na década de 1960 foi bastante rica, sendo a principal linha teórica nesses anos a desenvolvida pela Escola de Vigotski, com destaque para a produção de

Leontiev sobre a estrutura da atividade/consciência e os estudos neuropsicológicos de Luria.

A década de 1970 foi marcada por dois aspectos. O primeiro deles é a publicação por alguns autores (mais especificamente Leontiev e Luria) de obras que sintetizem e/ou organizem a produção daquele grupo ou momento histórico; o segundo aspecto de relevância nesse período é o início das investigações e publicações sobre a temática personalidade.

Observa-se que até essa década, a discussão ou publicação sobre o desenvolvimento da personalidade ou sobre o indivíduo era tabu. Tal situação está claramente ligada aos anos de expurgos no qual era terminantemente proibido falar de um; somente o coletivo podia ser pensado, mesmo que se entendesse o um como ontologicamente social.

Apesar desse movimento de surgimento de novos temas e de sistematização, existente na década de 1970, havia nesses mesmos anos um processo de retração ou estagnação em relação à proposição de novas formas de se entender os processos psicológicos.

Segundo o que alguns autores, principalmente aqueles oriundos de Cuba, indicam é que todos estavam subordinados às linhas e teorizações propostas por Luria e Leontiev, pois estes impediam questionamentos – principalmente Leontiev – e proposições que desviassem do rumo por eles traçados.

Concorda-se aqui que houve sim um processo de retração e até mesmo estagnação na proposição de novos temas ou direções no entendimento do psiquismo, mas entende-se que isto se deu mais por demandas próprias daquele momento histórico (efetiva necessidade de sistematizações) do que por proibições dos principais autores.



Outro aspecto a ser considerado é que a posição de autores como Leontiev, Luria, Galperin etc., eram decorrência de estes serem os mais eminentes autores da psicologia soviética e autoridades incontestes em suas áreas de atuação. Soma-se a isso o apoio estatal às proposições dos autores devido, entre outros motivos, à excelência de suas produções científicas, históricos na psicologia soviética e *status* na comunidade científica internacional. Esses aspectos por si só inibiriam aspirantes na ciência psicológica a questionar abertamente os estandartes.

É importante destacar que na década de 1980 diversos fatores colaboraram para a revisão e contestação das teorias psicológicas existentes na URSS. Os autores que defendem a opressão de Luria e principalmente Leontiev aos novatos indicam que o falecimento destes foi o que propiciou essas contestações. Defende-se aqui que, além desse aspecto, dois mais relevantes devem ser considerados, a publicação das “Obras Escolhidas” de Vigotski e a subida de Gorbachev ao poder com as políticas de *perestroika* e *glasnot*, mas estes aspectos serão mais bem discutidos no próximo capítulo.

### **6.3. A EBULIÇÃO DOS ESCRITOS SOBRE MEMÓRIA**

Nesse período houve, apesar da calma e até mesmo das possíveis estagnações na produção de idéias psicológicas na URSS, uma intensa produção sobre memória, como se pode observar nos resumos do Congresso Internacional de Psicologia, realizado em Moscou em 1966, e com a variedade de obras e discussões existentes na obra luriana desse período.

Esse período está dividido em duas partes centrais: a primeira engloba a diversidade de produções sobre memória que lançam luz na elaboração de uma proposta

atual de uma psicologia histórico-cultural da memória, e uma segunda, exclusiva para discutir a produção de Luria sobre a memória.

### **6.3.1. CONTRIBUIÇÕES VARIADAS**

#### **6.3.1.1. XVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA**

Analisando o volume de Psicologia Geral do congresso de psicologia realizado em Moscou (1966), podem-se observar duas sessões exclusivamente dedicadas aos estudos sobre memória, sendo o primeiro nomeado como “Memória de Curto e Longo Prazo” e o outro como “Memória e Ação”.

No grupo sobre memórias de curto e longo prazo foram apresentados ao todo 23 trabalhos, sendo destes somente 3 soviéticos. No outro grupo foram publicados ao todo 28 trabalhos, com 23 deste total sendo soviético, o que sintetiza 51 trabalhos ao todo, com aproximadamente 50% soviéticos (24 trabalhos).

Os dois blocos sobre memória presentes nos anais indicam que, apesar de os autores soviéticos considerarem a existência e importância das memórias de curto e longo prazo, a principal linha de pesquisa é a relação entre a memória e a atividade humana.

Isto pode ser afirmado não só pela diferença significativa de trabalhos soviéticos no segundo bloco, mas também pela presença de apresentações neste bloco dos principais estudiosos sobre tema na URSS, como por exemplo, Zinchenko, Smirnov, Istomina e Sereda.

#### **6.3.1.2. PSICOLOGIA MILITAR**

Uma das áreas na qual a psicologia soviética teve grande inserção foi na militar, seja relacionado ao treinamento de soldados, seja na criação de novas técnicas de ação.

Em 1972 foi lançada uma grande série de obras na URSS (e traduzido nos EUA) sobre diversos temas relacionados à atividade militar, sendo um de seus volumes voltado para a psicologia militar.

Nessa obra há uma diversidade grande de temas e a memória é um destes. Como é característico de um manual (e do pensamento militar), a linguagem do texto é bastante direta e sintética, apresentando os principais resultados das produções sobre memória quase que em tópicos, o que dá boas indicações sobre como estavam as pesquisas e assertivas sobre o tema, lembrando que o texto do manual sempre é voltado para a atividade do soldado.

A memória é compreendida como reforço, retenção e subsequente reprodução dos elementos das experiências passadas, sendo a memória a “(...) *principal condição para o desenvolvimento da pessoa, e ela provê a unidade e integridade da personalidade humana*. (Shelyag et. al., 1972, p. 118) <sup>91</sup>

Os autores indicam que há quatro tipos de memória: imagética, motora, lógico-semântica e emotiva, sendo que a imagética pode ser visual, auditiva, olfativa, gustativa ou mista; já a emotiva deixa os indivíduos em alerta sobre seus interesses, aspirações, necessidades e motivos/fins da atividade.

Essas memórias podem também ser divididas de acordo com outros critérios:

- duração de armazenamento da informação memorizada:
  - de curto prazo ou também chamada operativa;
  - de longo prazo;
- finalidade da atividade de memorização:
  - arbitrária – com intenção específica de memorizar algo;
  - não arbitrária – sem fins específicos de memorizar algo (poderia também ser chamada de involuntária)

Os autores também ressaltam que o desenvolvimento da memória ocorre com o desenvolvimento de todos os aspectos da personalidade dos indivíduos (soldados). O problema central dessa colocação (por mais correta que seja) é que a mesma também pode ser utilizada como justificativa para a doutrinação autoritária, característica de exércitos e governos totalitários.

Uma indicação dessa possibilidade de entendimento mecânico do desenvolvimento do indivíduo é a seguinte proposição dos autores: “(...) *a estrutura da atividade de um soldado (seus motivos, propósitos, significância, tarefas, objetivos e os métodos para realizá-los) determina o que será impresso, retido, e subseqüentemente recordado por sua memória.*” (Shelyag et. al, 1972, p.121) <sup>92</sup>

Os autores acertadamente indicam também que a memória é dependente da atividade do indivíduo, dos motivos/fins que a orientam, assim como da compreensão que o sujeito tem da informação a ser memorizada, sendo particularmente essencial para a memória lógico-semântica.

Destaque também é dado à relação que uma boa memorização tem com a atenção dispensada pelo sujeito ao conteúdo a ser memorizado (principalmente na formação das memórias voluntárias) e a relação direta que há entre o treino de uma habilidade/atividade para melhor memorizá-la, sendo um exemplo militar o uso do armamento, e em um exemplo cotidiano a automatização dos comandos motores na condução de um veículo.

Por fim, para finalizar a ampla, mas sucinta, exposição da importância da memória para o soldado, os autores destacam a outra face da memória, o esquecimento. Dizem que este é algo que pode ser fatal para o soldado, dependendo da situação, mas destacam que se bem memorizado e treinado algo, dificilmente será esquecido, visto que o esquecimento é seletivo, pois depende diretamente do envolvimento que

determinada informação tem com a atividade, das necessidades e motivos. Uma informação somente será esquecida (extinta) se perder seu valor, salvo naquelas condições em que há um esquecimento somente temporário do conteúdo, motivado por algum fator emocional ou um forte distrativo. Para isso, é necessário a formação emocional do soldado. E assim segue a discussão do livro.

### **6.3.1.3. AS PESQUISAS FISIOLÓGICAS DE IVAN S. BERITASHVILI<sup>a</sup>**

Ivan Beritashvili desenvolveu uma obra magistral sobre o desenvolvimento da memória nos vertebrados, investigando desde os peixes até o humano.

Para o autor, a memória dos vertebrados superiores (aves e mamíferos) é manifestada como recordação, da única experiência perceptiva subjetiva que o organismo tem do mundo exterior e pela simples instância de adaptação a uma mudança específica do ambiente, ou seja, a memória permite ao animal, em sua atividade, a localização no espaço e a ação sobre o meio, tanto numa situação conhecida quanto em uma original.

Ele destaca três formas de memória:

- imagética: permite por meio da sensação e percepção a formação da imagem ambiental, isto é, a configuração em seu cérebro do ambiente exterior;
- emotiva: recordação de circunstâncias emocionais específicas pela repetição da circunstância emotiva original;
- condicionada reflexa: formada pelo estabelecimento de um reflexo condicionado.

Essas três formas de memória manifestam-se de duas maneiras quanto a sua duração – por pouco tempo (memória de curto prazo) ou por mais tempo (memória de

---

<sup>a</sup> Ivan Solomovich Beritashvili é um fisiologista da ex-República Soviética da Geórgia que desenvolveu importantes aspectos da fisiologia do comportamento. Nota-se aqui que seu nome em russo (alfabeto cirílico) era Beritov ou também traduzido como Beritoff, sendo usual encontrar esta nomeação.

longo prazo). Para o autor, a memória de longo prazo é a estabilização das excitações neurais características da memória de curto prazo.

Destaca também que o processo de memorização nos animais (exceto no *Homo sapiens*) está fortemente relacionado às necessidades biológicas dos mesmos ou de forte apelo biológico, sendo excitação, inibição, reforçamento, punição e extinção conceitos que auxiliam em seu entendimento.

Para Beritashvili, a atividade mnemônica se complexifica de acordo com a complexificação das espécies nas diversas classes, trabalhando o autor com uma seqüência progressiva de complexificação, qual seja (de acordo com os animais por ele usados): peixes (peixe-dourado e peixe-ossudo), anfíbios (sapos e salamandras), répteis (tartaruga e lagarto), aves (galinha e pombos) e mamíferos (coelhos, gatos, cachorros e babuínos).

Como um dos resultados da pesquisa, o autor diz que todos os vertebrados têm memória imagética, emotiva e relacionada aos reflexos condicionados; destaca também que é propriedade da memória dos vertebrados a existência de memória de curto e longo prazo.

Esses tipos de memória foram se complexificando paulatinamente na história filogenética dos vertebrados, modificando a maneira como estes percebem o ambiente e a duração da informação memorizada (ou permanência dos objetos). Essa modificação alterou significativamente a imagem que se forma do ambiente e de seus objetos, implicando mudanças cerebrais e anatômicas, sendo o comportamento psiconeural do animal orientado por essa imagem memorizada.

É importante relacionar esses dados obtidos por Beritashvili dos elaborados de forma independente por Leontiev, em seu “Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo”. Neste, Leontiev identificou a complexificação do psiquismo pela mudança

nos meios pelos quais os organismos se apropriavam da realidade. O autor escreve que “(...) *com a modificação da estrutura da actividade dos animais e com a correspondente modificação da forma do reflexo da realidade por eles realizada, produz-se igualmente uma re-organização da função da memória.*” (Leontiev, 1947/1978b, p. 45)

Tanto para Leontiev quanto para Beritashvili, a memorização e a formação do reflexo psíquico passam de uma relação quase imediata com a realidade (como nos peixes e algumas aves e répteis) para um modo mais elaborado, uma complexa percepção multi-sensorial, com o uso de várias formas de perceber e agir no mundo, e de memorizá-lo.

Como já afirmara Leontiev, em seu livro de 1947, todas as formas anteriores de reflexo são também existentes no humano, mas este desenvolveu o reflexo consciente da realidade. Beritashvili faz uma afirmação semelhante, mas concernente ao desenvolvimento da memória.

O humano tem todas essas formas aqui descritas de memória mais bem desenvolvidas e auxiliadas por um novo tipo de memória, exclusivamente humana, a lógico-verbal (ou lógico-semântica). Afirma também que essa memória é desenvolvida na ontogênese do indivíduo, ou nas palavras do autor no desenvolvimento pós-embrionário, é dependente das relações que esse indivíduo tem com o mundo e possibilitada pelo extraordinário desenvolvimento de seu córtex cerebral.

#### **6.3.1.4. A SÍNTESE FINAL DE ZINCHENKO E SMIRNOV**

Zinchenko e Smirnov promovem, nesse texto de 1969, uma revisão e síntese dos principais conceitos, investigações e resultados de suas pesquisas sobre memória nas últimas décadas.

Um dos primeiros aspectos destacados pelos autores são duas importantes características do processo mnemônico, a importância da memória para a formação da personalidade do indivíduo e o papel deste processo psicológico na regulação da atividade humana, por permitir ao sujeito o uso de suas experiências prévias assim como as da própria humanidade.

Os autores sintetizam suas investigações sobre memória voluntária e involuntária apresentando as conclusões de suas investigações anteriores, quais sejam, a memorização como função da atividade, a importância do local que a memorização ocupa na estrutura da atividade para sua maior eficácia e o papel que o conteúdo do material memorizado ocupa nesta atividade, isto é, de suas conexões significativas; destaque também é dado ao papel dos motivos e fins da atividade para a melhor memorização de informações.

Por fim, destaca-se que para os autores – assim como na psicologia histórico-cultural soviética em geral –, as principais características da memória humana, ser predominantemente lógico-semântica e mediata, são desenvolvidas ontogeneticamente, não sendo, pois, uma conquista filogenética.

Devido a isso, atenção particular é dada pelos pesquisadores a investigações que não somente abordem aspectos quantitativos da memória, mas também, qualitativos, nos diversos momentos do desenvolvimento humano, procurando identificar o conjunto de determinações que a formam, e como orientar intencionalmente o desenvolvimento desse processo psicológico.

Com esse artigo encerra-se (pelo menos em textos no Ocidente) a discussão desses autores sobre suas investigações sobre memória. Zinchenko falece nesse ano e deixa como legado toda uma nova área de estudo – a memória involuntária – e contribuições valiosas sobre o entendimento do funcionamento do psiquismo. Smirnov



escreve ainda um importante texto sobre história da psicologia na URSS, antes de seu falecimento em 1980, sintetizando suas contribuições de narrador do desenvolvimento das produções científicas da psicologia soviética.

Observa-se, para finalizar, que esse texto publicado em uma coletânea organizada por Michael Cole e Irving Maltzman é o primeiro de Zinchenko publicado em língua inglesa e o segundo de Smirnov específico sobre memória. Assim, apesar de na cronologia aqui adotada outros textos dos autores terem sido já discutidos, na cronologia de suas aparições no Ocidente, esse texto síntese de 1969 é um importante documento de divulgação de como a memória era estudada na URSS.

### **6.3.2. A RIQUEZA DA OBRA DE ALEXANDER LURIA SOBRE MEMÓRIA**

As investigações sobre memória foi uma das mais centrais em toda a produção de Luria, sendo dedicado a este tema não só diversos capítulos em seus livros, como também artigos e livros específicos sobre esse processo psicológico, além, é claro, de seus dois romances científicos.

É importante observar que toda essa produção é fundamentada em alguns princípios claros sobre o desenvolvimento do psiquismo, princípios estes constantemente apresentados em seus livros e característicos da abordagem histórico-cultural, lembrando que, além da bibliografia, Luria conhecia o que de ponta estava sendo produzido sobre esse tema no ocidente.

Destaca-se a compreensão do psiquismo como um produto histórico-social, resultado da apropriação e objetivação do homem na natureza por meio do trabalho, sendo essa atividade objetiva regulada pela linguagem; promoveu-se assim o desenvolvimento dos processos psicológicos, processos estes complexos, ativos, sociais

em sua origem, mediatos em sua estrutura, conscientes e voluntários em seu modo de funcionamento.

Outro importante aspecto de fundamentação da produção luriana é o desenvolvimento de suas investigações com base no método histórico-dialético, pelo qual busca a compreensão dos objetos de estudo em sua historicidade e processualidade, observando a materialidade de seu desenvolvimento e a totalidade de sua existência.

Por fim, destaca-se sua compreensão de que a base material do psiquismo é o cérebro em sua totalidade, sendo este cérebro um sistema altamente diferenciado, cujas partes são responsáveis por diferentes aspectos para a integração e unificação do sistema.

É importante lembrar que Luria tinha como uma de suas preocupações centrais o desenvolvimento da neuropsicologia, ciência cujo objetivo é a investigação do papel dos sistemas cerebrais individuais (sistemas funcionais) em formas complexas de atividade psíquica. Devido a isso, o estudo da estrutura e funcionamento do cérebro e as investigações sobre lesões cerebrais são freqüentes na produção de Luria.

Devido ao objetivo desta tese não será possível discutir com profundidade todos os aspectos da obra luriana, mas somente aqueles que contribuam para o entendimento das estruturas e desenvolvimento dos processos mnemônicos no conjunto da formação e atividade dos sistemas psicológicos.

Tendo estas posições como norte, a produção luriana sobre memória será discutida em três partes, sendo a primeira referente às primeiras obras desse período, mais especificamente os livros “Funções Corticais Superiores do Homem” (1969/1980), “Fundamentos de Neuropsicologia” (1973/1981) e o volume três do “Curso de Psicologia Geral” (1970/1979b) <sup>a</sup>.

---

<sup>a</sup> O “Curso de Psicologia Geral” é uma obra escrita em quatro volumes, entre os anos de 1967 e 1970. Para efeitos de citação, será usado o ano de conclusão da obra, 1970.

A segunda parte está dedicada aos dois romances científicos de Luria, “A mente e a memória” e “O homem com seu mundo estilhaçado”, escritos respectivamente em 1968 e 1972; neste ele traz uma nova forma de expor as investigações científicas, elaborando ainda melhor a compreensão sobre o estudo dos processos psicológicos e da neuropsicologia.

Por fim, na terceira parte será discutida a última obra de Luria sobre memória “Neuropsicologia da memória” (1976/1980), na qual ele se propõe a revisar e atualizar o entendimento desse processo, tendo em vista as constantes mudanças ocorridas nessa área do conhecimento. Entende-se que esse livro é o mais representativo, pois reflete a última síntese do autor sobre o tema, e é bem mais acabada e completa que a apresentada na primeira parte.

#### **6.3.2.1. A PRIMEIRA SÍNTESE**

Os livros que fundamentam esta parte já são livros caracterizadamente de síntese do desenvolvimento do pensamento de Luria. Dois deles são predominantemente de caráter de divulgação de suas investigações e conclusões (o “Fundamentos de Neuropsicologia” e o “Curso de Psicologia Geral”) e o terceiro é considerado sua obra máxima, na qual consegue dar um formato mais bem acabado a suas proposições sobre estrutura e funcionamento do cérebro, assim como em todo processo de diagnóstico e possibilidades de intervenção em caso de lesões cerebrais que afetam as funções corticais, ou seja, aquelas especificamente humanas. Com essa obra Luria também deixa claro seu interesse pela investigação dos lobos frontais, aqueles responsáveis pela programação, regulação e verificação da atividade humana, entre outras funções.

Observa-se também que o “Curso de Psicologia Geral” é resultado das aulas dadas por Luria nas disciplinas de psicologia geral e evolutiva, ministradas na

Universidade Estatal de Moscou, sendo, portanto, apresentada de forma didática, buscando abranger o conhecimento sobre o tema até aquele período.<sup>a</sup>

Neste período Luria compreende por memória

(...) o registro, a conservação e a reprodução dos vestígios da experiência anterior, registro esse que dá a possibilidade de acumular informação e operar com os vestígios da experiência anterior após o desaparecimento dos fenômenos que provocaram tais vestígios.

Os fenômenos da memória podem pertencer igualmente ao campo das emoções e ao campo das percepções, ao reforço dos processos motores e da experiência intelectual. Todo reforço dos conhecimentos e habilidades e a capacidade de aproveitá-los pertencem à área da memória. (1970/1979b, p. 39)

Essa definição deixa clara a importância da memória para a ação presente e futura do homem, e sua importância para o planejamento da atividade. Luria procura também destacar o funcionamento sistêmico do psiquismo e o papel que a memória ocupa neste sistema, em sua inter-relação com a percepção, emoções e pensamento. Destaque também é dado por Luria ao caráter ativo e complexo dos processos mnêmicos e à intrínseca relação que a memória tem com a linguagem, mas esses aspectos serão mais bem discutidos a seguir.

Ao processo mnemônico é adicionada a sua negação, ou seja, o esquecimento. Esta pode ser de duas origens: a primeira e menos comum é resultado do declínio do traço mnêmico (extinção das informações memorizadas), a segunda, e mais usual, é resultado do efeito inibitório – regulador – que os processos interferentes (distratores) ou irrelevantes têm na evocação das lembranças. Segundo Luria, é por meio desse processo, pela inibição de memórias por meio de fortes emoções (que seriam os processos interferentes), que se formam os conteúdos reprimidos (assim como de alguns

---

<sup>a</sup> Luria compartilhava esta disciplina com Leontiev, havendo anos que somente um ministrava e anos em que as temáticas eram divididas entre ambos.

aspectos do próprio inconsciente), e que justamente por não serem extintos podem ser recordados no futuro pelo sujeito.

Dois caminhos são necessários trilhar nas investigações sobre memória. O primeiro é o desenvolvimento de conceitos mais bem precisos da real estrutura e funcionamento da memória; o segundo caminho é a pesquisa da arquitetura cerebral dos processos mnêmicos, isto é, a contribuição que cada zona cerebral dá à organização da memória humana.

Sobre esse segundo tópico, pode-se afirmar sucintamente que o hipocampo e as formações a ele relacionados (como os núcleos do tálamo ótico, os corpos mamilares e a amígdala – localizados na segunda unidade funcional do cérebro – principalmente no diencéfalo, tronco cerebral e regiões mediais do córtex) desempenham papel central na fixação e conservação de informações.

A memorização (memorização e evocação) baseia-se em um sistema complexo de sistemas funcionando em concerto no córtex e estruturas subjacentes, sendo que cada sistema dá sua contribuição específica para a organização dos processos mnêmicos. Destaque é dado ao papel que os lobos frontais têm na organização dos motivos relacionados ao armazenamento e evocação voluntária de lembranças, afetando assim a atividade complexa como um todo, conseqüentemente a própria atividade consciente humana.

É preciso, pois, investigar os processos mnemônicos, assim como todos os processos psicológicos, em sua relação com o desenvolvimento da personalidade do indivíduo e no caso de alterações no funcionamento desses processos – seja por causas naturais ou artificiais –, implicações que essas mudanças tiveram para o todo do psiquismo, não analisando, portanto, os processos isoladamente e sim em complexidade e plenitude. O autor evidencia dois estágios de formação de memória:

- *breve*: estágio em que os vestígios se formam, mas ainda não estão consolidados. Assim podem ser mais facilmente suscetíveis à extinção ou inibição.

- *longo*: neste estágio os vestígios já estão formados e consolidados, e assim estáveis por longo tempo e mais resistentes a efeitos externos destruidores.

Algumas outras diferenciações na estrutura da memória são desenvolvidas por Luria. O autor diferencia a memória tendo como referência as dimensões constitutivas do psiquismo<sup>a</sup>, cognitiva, emocional e motora, mas opta por discutir somente a primeira. Nesta propõe, de forma bastante semelhante à Beritashvili, que a memória cognitiva pode ser sensorial, eidética, visual e verbal (ou lógica).

A memória verbal seria também para Luria a mais evoluída dentre todas e que a linguagem não somente é utilizada na formação de palavras, mas também na formação de categorias e utilizadas como rico instrumento para a memorização de um maior número de informações, seja por meio de estratégias internas de mediação, seja por processos mediatos externos, como a escrita; observa-se o papel regulador ou organizador da linguagem na formação e funcionamento dos processos mnemônicos.

Os aspectos individuais da memória também são realçados por Luria, ao diferenciar a memória quanto às modalidades de memorização (ou tipos de memória na tradição psicológica associacionista de estudos sobre o tema) e no âmbito de organização dos conteúdos na memória.

A primeira das divisões distingue cinco tipos de modalidades de memória, sendo estas elencadas em sua relação com os processos perceptivos; são elas a memória visual, auditiva, olfativa, gustativa e cinestésica. Um indivíduo pode ter a predominância de uma destas modalidades, mas dificilmente terá uma pura.

---

<sup>a</sup> Terminologia aqui emprestada da obra de Henri Wallon.

A segunda divisão refere-se à organização do material memorizado, se há predominância de formas sensoriais indiretas de memorização ou se predominam formas complexas de codificação e transformação desses materiais em esquemas lógico-semânticos. Em outras palavras, predominam formas mediatas de memorização, o que depende diretamente da formação dos processos psicológicos mediatos.

Luria acata também a diferenciação da memória realizada por Smirnov e Zinchenko, tendo como critério a atividade do sujeito. Assim teria uma memória imediata ou mecânica e a memória mediata; esta poderia ser voluntária ou involuntária dependendo do motivo da atividade e do lugar que a memorização ocupa dentro da estrutura da atividade.

Dois pontos escritos por Luria faltam ser analisados. O primeiro deles são os aspectos procedimentais do estudo da memória e o segundo o desenvolvimento ontológico desse processo psicológico.

Luria indica que os estudos sobre memória podem ter três finalidades:

- estabelecer o volume e a estabilidade da memorização: para tal usam-se testes de retenção mecânica, lógico verbal e testes das modalidades de memória utilizados;
- caracterizar a natureza fisiológica do esquecimento;
- descrever os níveis possíveis de organização semântica (mediatas) da memória.

Pode-se constatar que em sua produção, Luria não se restringiu a nenhum desses fins especificamente, atuando nas três instâncias.

Finalizando as análises sobre a memória nessa primeira parte das pesquisas e elaborações de Luria, é necessário reconhecer o desenvolvimento ontológico do processo mnemônico nos humanos.

Segundo Luria, a história da memória é bastante dramática em mudanças qualitativas, estruturais e sistêmicas. Inicialmente a criança pequena tem uma forte

memória eidética ou, de uma forma geral, uma memória bastante ligada aos processos perceptivos.

À medida que a criança vai se apropriando da cultura organizada a sua volta, seus processos psicológicos vão se desenvolvendo: “A ação, antes compartilhada por duas pessoas, se converte em procedimento de organização da atividade psíquica, a ação interpsicológica adquire uma estrutura intrapsicológica.” (Luria, 1963; 1970/1979a, p.58) <sup>93</sup>

Paulatinamente a memória da criança vai se tornando mediata. Aos poucos a memória figurativa típica da criança pequena vai dando lugar a uma memória lógica e intencional. Inicialmente, a criança (por exemplo, a dos primeiros anos escolares) utiliza-se de meios externos para auxiliá-la a memorizar, passando a ser internamente mediata nos adolescentes e adultos, lógica e semanticamente organizados. Passa-se assim da memória mecânica à memória lógica. Em síntese,

A via da memorização mecânica à memorização através da organização lógica do material é a via fundamental de desenvolvimento das formas complexas de memória, que ocorrem igualmente na ontogênese e no processo de assimilação dos procedimentos da atividade mnésica no processo de aprendizagem. (Luria, 1970/1979b, p. 77)

Luria ainda faz, no “Curso de Psicologia Geral”, uma breve discussão sobre as possíveis patologias da memória, destacando as amnésias retrograda (impossibilidade de recordar eventos anteriores à lesão), anterógrada (não há a formação de novas memórias), assim como as afasias que acometem de alguma forma a memorização, a síndrome de Korsakov (amnésia devido a destruição de partes do cérebro decorrentes de ingestão de álcool) e as lesões nos lobos temporais já discutidas.



### 6.3.2.2. OS ROMANCES CIENTÍFICOS

Luria, no último capítulo de sua autobiografia científica<sup>a</sup>, discorre sobre a diferenciação entre as ciências românticas e as clássicas, observando suas características e consequências.

As ciências clássicas explicam a realidade por seus componentes, isolando os elementos e unidades essenciais com a intenção de formular leis gerais e abstratas (e assim reducionistas) de funcionamento do objeto de investigação ou, em termos mais usuais em psicologia, uma abordagem nomotética.

As ciências românticas são opostas às clássicas, buscando evitar esse reducionismo ao procurarem representar a riqueza da realidade concreta evitando leis gerais e universais, deixando muitas vezes a intuição e as interpretações subjetivas dos investigadores como guias da produção científica; e usualmente na ciência psicológica nomeada como abordagem idiográfica.

Vigotski, em um texto de 1927 (somente publicado em 1982), identificava a existência e oposição dessas duas formas de entender e fazer ciência, e analisava como consequência dessa oposição o desenvolvimento de uma crise na ciência psicológica entre as abordagens mais quantitativas e fisiológicas e aquelas mais qualitativas e subjetivistas deixando a psicologia em um beco sem saída.

Luria identificou o mesmo tipo de crise nas ciências neuro-psicológicas e a superação dessa crise foi um objetivo constante de toda sua atividade científica. Parte significativa de sua produção teve, se observadas isoladamente, mais características das ciências clássicas. No entanto, se sua produção for analisada em totalidade tem-se como

---

<sup>a</sup> O título original dessa obra póstuma de Luria é “Etapas de um caminho percorrido: uma autobiografia científica” [*Etapi projdennogo puti: Nauchnaja avtobiografija*]. A tradução em inglês, da qual derivou a brasileira, é “A construção da mente: a vida de um psicólogo soviético em retrospecto”. O título em português perde ainda mais sentido do que a tradução em inglês, ficando somente “A construção da mente”. Farr (2006) traz um detalhe curioso sobre a publicação dessa obra em inglês. Segundo o historiador o livro de Luria faz parte de uma coleção de biografias científicas, sendo a do cientista soviético a única que centrou a discussão na produção científica (portanto coletiva) e não na vida pessoal do cientista.

conclusão que obra após obra Luria buscou elaborar leis (determinadas sócio-historicamente) sobre o funcionamento do psiquismo, identificando suas múltiplas determinações, buscando a totalidade do fenômeno estudado e, para tal, era preciso não somente a análise cuidadosa e descritiva dos produtos, mas também o conhecimento e explicação de seus processos.

Elaborou, em conjunto com seus camaradas, teorias explicativas que não isolavam o homem do mundo, nem o homem de seus processos psicológicos e cérebro, mas que o investigavam e compreendiam em suas inter-relações e interdependências, explicando os fatos e preservando a multiplicidade de riquezas dos objetos.

Com o intuito de concretizar a superação nas ciências neuropsicológicas, Luria revisou os pilares categoriais dessas ciências, criou novas formas de investigação das afecções cerebrais, investigou por volta de 35 mil casos e narrou centenas destes em seus livros, e publicou dois romances científicos inspirados nos relatos de casos da ciência romântica do final do século XIX, nos quais a observação, que para Luria era a principal ferramenta do cientista que busca analisar a totalidade dos fenômenos, era utilizada.

Para reviver a tradição romântica, Luria escolheu dois casos de narravam sujeitos que tinham como problema central a memória (um com hiper memória e o outro com hipo memória) e que foram acompanhados por ele por mais de 25 anos.

Em ambos os livros descrevi um indivíduo e as leis de sua vida mental. Sendo quase impossível escrever uma descrição analítica da personalidade de alguém escolhido aleatoriamente de uma multidão, decidi escrever a respeito de dois homens, cada um dos quais tinha uma característica que assumia um papel dominante na determinação de suas personalidades e o diferenciava de todas as demais pessoas. Em cada um dos casos, tentei estudar os traços básicos de cada indivíduo tão cuidadosamente quanto possível, e desses traços deduzir as outras características da personalidade. (Luria, 1976/1992, p. 183)

Os livros escritos por Luria chamam-se “A mente e a memória” e “O homem com seu mundo destruído”<sup>a</sup>, publicados respectivamente em 1968 e 1972, sendo que o primeiro narra a história do mnemonista Solomon Sherashevski, um homem que tinha uma memória tão prodigiosa que não conseguia esquecer, e o segundo conta a história de Lyova Zassetski, um estudante de escola politécnica que, na atividade de defesa de seu país contra a invasão alemã na II Guerra Mundial, é ferido na cabeça e tem como consequência uma grave lesão cerebral, que lhe traz diversos problemas.

Uma importante observação: o relato aqui feito das obras em nenhum momento conseguirá reproduzir a riqueza estilística de Luria, nem mostrará em sua plenitude as personalidades de seus protagonistas. Assim, a leitura dos textos originais é relevante.

#### **6.3.2.2.1. UMA VASTA MEMÓRIA**

Sherashevski (S.) tinha já mais de trinta anos quando seu chefe, intrigado com a prodigiosa memória de seu repórter, sugeriu que fosse ao laboratório de psicologia na Universidade de Moscou para que sua memória fosse investigada. Foi nesse momento que Luria o encontrou.

Seguindo o padrão investigativo sobre memória, Luria aplicou diversos testes de memorização nos quais incluiu testes com números, palavras com e sem sentido, textos curtos e longos, e em todos eles S. memorizava todos os itens sem nenhuma dificuldade. Alguns desses testes foram replicados dias, meses e até anos depois de ter sido realizado e S. continuava lembrando de todos os itens.<sup>b</sup> Como conclusão das baterias de testes, Luria chegou à primeira conclusão: a memória de S. era praticamente ilimitada.

---

<sup>a</sup> Os títulos originais são respectivamente “Um pequeno livro sobre uma vasta memória” e “Mundo perdido e recuperado”. Este segundo sem tradução em português.

<sup>b</sup> Há relatos que Leontiev e Luria também realizaram testes e investigações com S., assim como o cineasta Sergei Eisenstein, que tinha laços bem estreitos com os autores da psicologia histórico-cultural.

O próximo passo era investigar como ele fazia para memorizar tão facilmente e com tanta estabilidade as informações a ele passadas. Após várias sessões, Luria chegou à conclusão de que S. tinha um tipo complexo de memória, do tipo eidético-sinestésico. Cada palavra ou sensação era convertida por S. em imagens ópticas intimamente relacionadas a cores, cheiros, gostos ou sons característicos. Como, por exemplo, a voz de Vigotski era amarela e crocante e a de Eisenstein como um buquê tão belo que S. não conseguia prestar atenção no conteúdo de sua fala; ou o caminho para o laboratório de Orbeli tinha uma cerca que tinha gosto salgado e era áspera, com som agudo e penetrante.<sup>a</sup>

Era por meio dessa constituição sinestésica das informações que ele tinha do mundo que ele podia memorizar tão bem as coisas. Ele elaborava uma seqüência de imagens visuais que representava cada uma das palavras que ele ouvia ou lia e distribuía essa seqüência numa rodovia ou rua e então visualizava o material ordenadamente. Para evocar essas informações, ele então “caminhava” pela rua visualizando cada uma das imagens associadas às palavras enunciadas.

Quando ocorria uma reprodução errônea das memórias era devido a falhas na percepção dos elementos e não falhas em sua memória. S., nesses casos, visualizava um objeto erroneamente seja porque não ouviu ou leu claramente a palavra, seja porque dispôs a imagem em um lugar da rua de difícil visualização.

Ter uma memória como a de S., no entanto, têm suas desvantagens, tão grandes quanto sua capacidade mnemônica.

Durante o trabalho que desenvolvia com Luria, S. começou a trabalhar como mnemonista em shows pela URSS, sendo essa agora sua nova atividade e sua habilidade em memorizar estavelmente as coisas por longo tempo começou a lhe trazer

---

<sup>a</sup> Um rico relato sobre as impressões de Eisenstein sobre S. pode ser encontrado no livro “O sentido do filme” (1943/2002) escrito pelo próprio cineasta.

preocupações (e até mesmo tormentos), pois temia confundir as listas a ser memorizadas nas diversas apresentações.

S. não sabia esquecer.

Assim, foi necessário o desenvolvimento de estratégias para intencionalmente apagar as informações indesejadas da memória de S. A primeira delas foi apagar como se fosse uma lousa, mas esta técnica não deu certo, pois, segundo S., era possível ver as marcas do escrito anterior apagadas, o que o confundia ainda mais. Tentou ainda escrever as informações para não precisar memorizá-las; tentou ainda queimá-las depois para visualizar melhor que as estava apagando. Também não deu certo, o que gerava ainda mais angústia.

Por fim, ele encontrou uma forma de esquecer. S. se auto-sugestionava dizendo que o material desapareceria porque ele queria. E assim acontecia. S. intencionalmente desejava que o material sumisse e seu controle sobre suas percepções e memórias era de tal grau que elas simplesmente sumiam.

Mas S. tinha problemas mais graves que esse. Devido a sua memorização ser estritamente gráfico-visual tinha sérias dificuldades em trabalhar com conceitos abstratos. Luria narra que S. ficava bastante perturbado quando tinha que visualizar conceitos não visualizáveis, como infinito e nada; a transição do pensamento gráfico-visual para o abstrato usual na passagem da infância para a adolescência não foi vivenciada por S, o que lhe trazia sérios problemas para o entendimento da realidade.

Outro obstáculo que tinha e que lutava para superar era o próprio entendimento de frases ou períodos longos. Se lidos rapidamente, não era possível lidar com as visualizações e não obtinha o entendimento do todo da frase, pois as palavras colidiam umas com as outras; se lidos mais vagarosamente, ele começava a estabelecer relações entre as palavras (como conflitos entre as percepções de cada uma) que

impossibilitavam também perceber o todo. Era assim muito sofrido e desgastante para S. se concentrar e se apropriar das essências de leituras (orais ou escritas).

S também conseguia controlar os processos involuntários de seu corpo, como aumentar a temperatura da mão, pois imaginava que segurava um copo de água quente, ou esfriar, porque segurava um gelo; podia controlar batimentos cardíacos e coisas análogas. No entanto, se algum fator da realidade fosse diferente ou conflitante com aquilo que imaginava ficava sem ação.

Investigar a memória de S. era impossível sem estudar o impacto dessa memória em sua personalidade. Nessa situação foi possível observar o quão difícil deveria ser a compreensão da realidade por S. e o quanto sua vivência era conflituosa.

No último capítulo do livro, Luria analisa a personalidade de S. ou o impacto de sua memória em sua vida. Escreve Luria:

Era muito comum que as impressionantes imagens de S. não coincidissem com a realidade; com muita frequência, tendo confiado nelas, descobria-se incapaz de lidar com as circunstâncias. (...) Era precisamente seu desamparo nessas ocasiões que, como tantas vezes ele se queixou, levava as pessoas a verem-no como um indivíduo estúpido, desastrado e um tanto desligado.

Contudo, sua compreensão instável da realidade e as implicações realistas de suas fantasias tinham um efeito ainda mais profundo sobre o desenvolvimento de sua personalidade. Pois ele vivia a espera de algo que, tinha certeza, cruzaria seu caminho, entregando-se, portanto, muito mais a devaneios e “visões” do que à praticidade da vida. (...)

Portanto, ele continuou desorganizado, mudando de empregos dezenas de vezes – todos eles “temporários”. (...)

Com efeito, seria difícil dizer o que era mais real para ele: o mundo da imaginação no qual vivia, ou o mundo da realidade no qual não passava de um hóspede temporário. (Luria, 1968/1999, pp.137-140)

Luria, mais do que investigar a memória de S., investigou sua personalidade, como ela se desenvolveu e o impacto de sua memória prodigiosa (e ao mesmo tempo tão fragilizada) em sua vida. Luria não analisou um processo psicológico isoladamente, buscando suas leis, assim como não buscou entender o sujeito holisticamente sem

apreender desse caso, informações relevantes para o conhecimento dos processos mnemônicos e do desenvolvimento da personalidade.<sup>a</sup>

#### **6.3.2.2.2. MUNDO PERDIDO E RECUPERADO**

O segundo romance científico de Luria foi elaborado a partir dos escritos de Zasetki (Z.), sendo significativa do texto decorrente deste. Luria fez a seleção dos trechos a serem transcritos e inserções para explicar o porquê daqueles acontecimentos, seja para oferecer uma explicação histórica, seja para dar uma explicação neuropsicológica.

O livro narra a história de Z., um jovem estudante de 23 anos, no quarto ano de escola politécnica, com aspirações de obter experiência prática em uma fábrica especializada.

Nesse período, ocorreu a invasão da URSS pela Alemanha nazista, havendo uma interrupção de todas as atividades cotidianas. Z., junto com outros milhares de jovens, foi chamado à defesa da pátria.

Z. tinha muitas habilidades práticas e forte noção espacial e, por isso, entre outras coisas, logo ganhou posições dentro do exército, comandando um pelotão de lança-chamas. Em uma de suas incursões contra a milícia alemã na cidade de Smolensk, no ano de 1943, após o estouro de uma granada, foi ferido por um de seus estilhaços, que lhe causou uma profunda ferida na cabeça.

O ferido foi prontamente atendido pelos médicos locais, que procuraram estancar a hemorragia, evitando que o soldado morresse. Após a estabilização do quadro, ele foi removido para um dos hospitais de guerra montado nos montes Urais (provavelmente na cidade de Cheliabinsk), onde conheceu Luria, em maio de 1943.

---

<sup>a</sup> Quando publicado esse livro nos EUA uma das principais críticas foi a de que Luria não se ateu na memória de S. e sim em sua personalidade.

Z. teve diversas perdas cognitivas devido à lesão no cérebro. O primeiro dos sintomas relatados por ele foi a perda da memória, demorando um bom tempo para relembrar seu nome. Após dois meses, começou a recordar algumas palavras, mas como ele mesmo escreve:

*“Minha cabeça era então um vazio absoluto. Não fazia mais que dormir, despertar, mas não podia pensar, concentrar ou recordar nada. Minha memória – como minha vida – dificilmente parecia existir.”* (Luria, 1972/2002, p. 09) <sup>94 a</sup>

Também como consequência da lesão, Z. desaprendeu a ler, escrever e gesticular, não entendia perguntas simples e nem sabia nomear os objetos da realidade ou partes de seu corpo; não sabia mais somar, assim como não possuía mais pensamento reversível e não lembrava mais de atividades diárias, como, por exemplo, ir ao banheiro ou se orientar espacialmente (direita e esquerda, entre outros).

Por fim, Z. teve perda de parte dos movimentos do lado esquerdo de seu corpo e uma grave alteração em sua visão: conseguia enxergar somente com a metade direita da visão.<sup>b</sup>

A lesão de Z. atingiu a zona parieto-occipital esquerda de seu crânio e ainda devido à problemas de cicatrização e ao pós-cirúrgico houve mais danos em sua estrutura cerebral. Como resultado, desenvolveu-se uma grave lesão local irreversível e uma progressiva atrofia cerebral.

Inicialmente, como forma de reabilitação, tentaram inserir Z. no fabrico de sapatos. Apesar de todas as tentativas do instrutor de explicar a tarefa para Z., este não conseguia entender ou efetuar as operações. Até reconhecia os objetos da sapataria, mas não conseguia nomeá-los; sabia que já utilizara o martelo, mas não havia meios de acertar o prego.

---

<sup>a</sup> Todas as citações que aparecerem durante este item foram retiradas do relato de Luria sobre Z.

<sup>b</sup> É equivalente a uma televisão que na metade direita tem imagem e na metade esquerda não tem; era esse o campo de visão de Z.



Em sua volta para casa os problemas continuaram; ele era incapaz de ajudar seus familiares nas tarefas, pois se perdia em seu vilarejo e não sabia mais como fazer nada.

Em síntese, o fragmento de bala que penetrou em seu cérebro devastou seu mundo a tal ponto que já não tem sentido algum de espaço, não pode julgar a respeito das relações entre as coisas e percebe o mundo como quebrado em milhares de partes separadas. (p. 61) <sup>95</sup>

Z. não se conformou com essa situação e se negou a continuar como analfabeto, voltando a estudar e aprender a ler e escrever, tendo professor e material especializados para recuperação de lesionados cerebrais.

Ler mostrou-se mais difícil que escrever. Para ler, tinha que ir letra por letra, palavra por palavra, devido ao problema de visão. Se fosse muito devagar não se lembrava do que leu devido aos problemas com a memória.

A área cerebral lesionada era responsável pela habilidade visual-espacial (necessária para leitura) e não oral-motriz, que ficou preservada e é imprescindível para a escrita. E foi com essa capacidade que ocorreu o ponto de viragem.

Para escrever novamente, Z. teve que, inclusive, re-aprender a pegar no lápis. No entanto, Luria, identificando que ele já havia aprendido a escrever e que as áreas oral-motrizes estavam intactas, utilizou o que denominou de “melodias cinéticas”, ou seja, de um caminho neural já estabelecido pelo indivíduo, e assim Z. voltou a escrever utilizando-se de automatismos desenvolvidos pré-lesão. Dessa forma, escrever foi um processo muito mais simples. Palavras curtas eram em geral escritas de uma só vez, enquanto que para as mais longas era necessário a divisão por sílabas. <sup>a</sup>

---

<sup>a</sup> Sobre as teorias e atividades recuperativas de escrita e leitura na URSS, procurar o principal livro de Luria (1969/1980) e o de Tsvetkova (1966/1977), este exclusivamente voltado ao tema.

Para re-aprender a ler com dificuldade e escrever mecanicamente, Z. demorou por volta de seis meses, e após esse período tomou a decisão de escrever um diário, como uma luta para recuperar o que ele havia perdido.

Durante mais de 25 anos Z. trabalhou diariamente em seus escritos, produzindo ao todo por volta de 3000 paginas. Havia vezes que conseguia escrever por volta de dez linhas ou meia página no máximo por dia, tamanha era sua dificuldade. Concomitante ao sofrimento para conseguir escrever, Z. tinha que enfrentar o fato de não conseguir ler o que escrevia, lidar com a dificuldade de se lembrar e com as coisas que ele lembrava, mas que não eram mais possíveis ou então eram indesejáveis.

Escrever para ele era uma atividade polimotivada. Era a chance de conseguir desenvolver novamente sua memória e linguagem, assim como era a própria razão de sua vida, de se sentir útil novamente. Para Z., escrever sobre sua vida e lesão era um auxílio para a própria ciência. *“Sei que meu escrito pode também ser de grande ajuda para homens de ciência que estudam como funciona o cérebro e a memória (psicólogos, neurologistas e outros médicos).”* (p. 86) <sup>96</sup>

Inicialmente Z. chamaria seu livro de “A história de uma terrível lesão cerebral”, mas decidiu dar outro título, mais representativo de sua trajetória: “Seguirei lutando”. Fica claro assim a construção de novas necessidades e motivos.

O maior problema de Z. foi a desagregação e desintegração de sua memória que inicialmente foi quase que totalmente perdida, mas que com o auxílio da escrita teve alguma melhora, principalmente em sua comunicação. No entanto, apesar de sua memória remota estar preservada e de, por meio da escrita, Z. conseguir evocar parte dessa memória, efetivamente pouco foi alterado, devido à maciça lesão em seu cérebro.

Sua memória não era somente empobrecida; era também limitada. Qual o diagnóstico?

Z., com clareza, responde em seus escritos o nome dado ao tipo de alteração que ele teve. Apesar de um pouco longa a citação é válido observar até onde foi o seu processo de recuperação:

Quando uma pessoa tem uma grave ferida na cabeça ou sofre uma enfermidade cerebral, já não entende ou reconhece em seguida o significado das palavras, nem pode pensar em muitas palavras, quando se trata de falar ou pensar. E vice-versa: não pode formar uma imagem de uma coisa ou um objeto quando o ouve mencionar, ainda que já conheça a palavra.

Devido a sua enfermidade, tampouco pode orientar-se no espaço ou perceber em seguida de onde provém um som. Sempre vacila, vai e vem antes de poder apontar com segurança (...). Como consequência de sua lesão e enfermidade, sua memória encontra-se destruída, nada pode recordar. Estas são as consequências de uma lesão grave na cabeça.

Tudo isto é o que eu denomino “afasia intelectual”. Uso a expressão para referir-me a tudo o que me impede de recordar e pronunciar palavras, visualizar objetos quando os ouço mencionar e entender um sem número de palavras em russo, que vinculam as idéias entre si e lhes dão sentido. Quando penso em meu passado – nos distintos hospitais a que os médicos me enviaram –, assim entendo minha desgraça. (pp. 137-138) <sup>97</sup>

O diagnóstico de Z. foi correto. A afasia intelectual a que ele se refere também é conhecida como afasia mnésica ou nominativa, pois afeta o aspecto interno, semântico, da linguagem e se caracteriza pela dificuldade de recordar palavras, especialmente nomes de objetos.

Dois pontos devem ser destacados desse caso narrado e analisado por Luria:

**a.** assim como no caso do mnemonista Sherashevski, nesse caso Luria procurou investigar e compreender o indivíduo em sua totalidade, não centrando somente naquilo que ele perdera, mas principalmente naquilo que ele tinha, que se tornou a pedra angular do processo de reabilitação.

Observe-se também que se buscou reorientar a atividade do indivíduo em sua totalidade, seus motivos, necessidades, emoções e sentimentos, e não somente focar estritamente a lesão. Mas nota-se que isso somente foi possível pelo domínio que Luria

tinha dos aspectos técnicos da estrutura e funcionamento do cérebro, assim como da compreensão de seu funcionamento.

**b.** o processo de recuperação de Zasetski por meio do trabalho com a linguagem escrita vem reafirmar a proposição de funcionamento do cérebro e do psiquismo elaborado pela psicologia histórico-cultural, apresentado no capítulo 2 da presente tese, assim como apresenta praticamente o conceito de órgãos funcionais elaborado por Leontiev. Áreas do cérebro de Z. que não podiam ser conectadas “internamente” pelos neurônios, foram interligadas por meio de um estímulo externo, a linguagem escrita, possibilitando a rememoração de informações.

Nós, portanto, concordamos com a visão que a evolução, sob a influência das condições sociais, incumbiu o córtex como um órgão capaz de formar órgãos funcionais e que esta última propriedade é uma das mais importantes características do cérebro humano. (Luria, 1969/1980, p. 33) <sup>98</sup>

Isso indica também que a elaboração teórica dos autores deve ser compreendida em seu conjunto e não em suas produções isoladas.

Por fim, nesse momento a conceitualização de memória de forma distinta daquela do momento anterior, observando mais a complexidade do sistema psicológico e dos sistemas funcionais. Para Luria

Aprender e entender significa absorver idéias que a memória conserva em forma sucinta, como uma espécie de resumo ou compêndio. Mais adiante pode-se reviver este conhecimento e ampliá-lo. É claro que é possível esquecer por um tempo alguns princípios de matemática ou da herança, mas esta informação “esquecida” volta com rapidez quando algo refresca as recordações. Os conhecimentos não se acumulam na memória como as mercadorias em um depósito ou os livros em uma biblioteca, senão que se conservam por meio de um sistema abreviado de codificação que cria um marco de idéias. Assim, tudo o que a memória tem retido nesta forma concisa pode ser revivido e desenvolvido. (1972/2002, p. 140) <sup>99</sup>

### 6.3.2.3. A SÍNTESE FINAL <sup>a</sup>

A síntese final da compreensão de Luria foi publicada em seu último livro sobre o tema, chamado “Neuropsicologia da memória” e segundo o autor estes eram os seguintes temas a serem discutidos no livro <sup>b</sup>:

- mecanismos fisiológicos gerais do esquecimento e quais são os fatores que estão em sua base, possibilitando assim distinguir os fatores que estão na base do esquecimento;
- papel que tem na memória os distintos níveis de organização do material a recordar, por uma parte, e por outra, as distintas esferas e modalidades deste material;
- descrição das diferentes formas de alteração da memória por afecções em partes distintas do cérebro e os problemas da organização cerebral da atividade mnésica.

Para discutir essas questões, Luria inicia seu texto deixando claro seu entendimento de psiquismo, mostrando que para estudar o cérebro não era preciso ter uma visão reducionista de homem, psiquismo ou mesmo de cérebro. Escreve:

(...) todos os processos psíquicos estão baseados em formas complexas de *atividade*; foram obtidos importantes dados sobre seu desenvolvimento na ontogênese, foi descrita a estrutura dos processos cognoscitivos como formas ativas e seletivas de reflexo da realidade, orientados pelos correspondentes motivos, que empregam determinados mecanismos auxiliares e que se apoiam em um sistema hierárquico de atos autoregulados, formados no transcurso da vida. (Luria, 1976/1980, p. 03) <sup>100 c</sup>

Declarado de que ponto partir, o autor continua a discutir como a memória estava sendo estudada, as novas descobertas e novas formas de compreendê-la.

Luria escreve que a memória não devia mais ser entendida como antes, como simples impressão, conservação e reprodução de vestígios e sim “(...) *como um*

---

<sup>a</sup> O final aqui se refere estritamente ao fato de ser a última grande obra do autor sobre o tema, e não que tenha sido o último entendimento dele sobre o tema. Não é demais recordar que ao falecer deixou um artigo pela metade com o título “Paradoxos da memória”.

<sup>b</sup> Problemáticas estas muito semelhantes com as propostas pelo autor no “Curso de Psicologia Geral”. A diferença está na resposta para cada um desses itens.

<sup>c</sup> Todas as citações que aparecerem durante este item foram retiradas do livro “Neuropsicologia da memória”.

*processo complexo de elaboração da informação, dividido em uma série de etapas consecutivas e que, por seu caráter, se aproxima à atividade cognoscitiva.” (p.01) <sup>101</sup>*

Nesse novo conceito, ele não só complexifica a compreensão do que é memorizado, passando de vestígios para informação (apesar de usar às vezes a palavra vestígios), como deixa claro que a memória é um processo com várias etapas e organizado em um sistema psicológico, que se aproxima da atividade cognoscitiva.

Com uma forma diferenciada de escrita, se comparado com os demais livros, Luria vai aos poucos trazendo novos elementos para a formação do conceito de memória. Um pouco mais adiante soma a essa definição o caráter ativo da memória e a participação dos sistemas funcionais:

(...) memória é um *complexo sistema funcional*, ativo por seu caráter, que se desdobra no tempo em uma série de elos sucessivos e que está organizado em vários níveis.

Este caráter complexo e sistêmico está presente nos processos fundamentais da memória e se refere por igual ao processo de registro (ou recordação) como ao de reprodução (ou evocação) de vestígios impressos. (p. 06) <sup>102</sup>

A estrutura da memória também é modificada em relação aos seus demais livros.

A memória passa a ter três estágios em sua formação:

- *memória ultracurta*: bastante ligada à percepção, nesse estágio há um pequenino volume de informação e (muito) breve tempo de permanência;
- *memória curta ou operativa*: conserva pequenas quantidades de material que são selecionadas pela atenção, com curto tempo de permanência e constante inclusão em uma operação determinada;
- Observa-se que pela codificação do material registrado e consecutiva inclusão das informações em um determinado sistema de conexões conceituais, é formado a memória de longo prazo.

- *memória longa*: tem ampla capacidade de armazenamento e permanência de informações, que estão vinculadas a um complexo processo cognitivo e incluem em seu processamento uma série de operações lógicas.

Com essa nova divisão, segundo Luria, é preciso considerar a recordação/evocação como processos que se apóiam em um sistema multidimensional de conexões, que incluem componentes elementares (sensoriais), complexos (perceptivos) e muito complexos (conceituais), sendo que esses processos também dependem do material a ser recordado, o tempo que se tem para registro e do lugar que a memorização ocupa na estrutura da atividade.

Assim, novos elementos devem ser adicionados ao conceito de memória. Além das características já mencionadas – perpassar por vários estágios, estar organizados em um sistema psicológico e um sistema funcional –, a memória consiste em progressiva inclusão de informações. “[É preciso] (...) *considerar a memória como uma complexa atividade cognoscitiva, que transcorre em uma série de etapas sucessivas e que consiste na inclusão progressiva de material em um complexo sistema de relações.*” (p. 07) <sup>103</sup>

Discutindo um pouco mais especificamente a evocação, Luria revela que esse processo ativo depende da eleição de algumas conexões a serem ativadas em detrimento de outras, conexões estas que vão decodificar uma informação que houvera sido codificada no processo de memorização. O processo de evocação inclui a comparação dos resultados da busca com o material original, e é justamente nessa comparação que se obtém a confirmação da veracidade da recordação, e é com essa operação (que implica tomada de decisão) que a memória se submete às mesmas leis de qualquer processo intelectual.

Dois aspectos de natureza diferente merecem ser aqui ressaltados:

- a.** Luria, ao trabalhar com os conceitos de codificação/decodificação, e dá um claro salto qualitativo na compreensão do funcionamento do cérebro, em clara consonância com os principais estudos da época sobre o funcionamento da física e bioquímica dos neurônios;
- b.** parte significativa da formação do reflexo psíquico da realidade está envolvida no processo aqui discutido por Luria. A primeira parte está envolvida na formação da imagem subjetiva pela apropriação da realidade (no processo de memorização); consecutivamente, está o processo de evocação envolvido, ao ser nesse momento, dentre outros, em que há a confirmação da veracidade do conteúdo memorizado.

Têm-se aqui dois locais em que podem ocorrer problemas para a correta formação do conteúdo do reflexo psíquico e conseqüentemente da personalidade. Suponhamos que a pessoa memorize um conteúdo com duvidosa veracidade, como por exemplo, que ela é a única e exclusiva responsável por tudo o que lhe ocorre na vida. Essa informação pode ou não ser confirmada no processo de evocação. O que ocorre se ela erra no processo de avaliação dessa informação e forma uma falsa memória? Quais as conseqüências para a vida desse indivíduo?

Com esse simples questionamento sobre a formação de falsas memórias pode-se ter clara noção de como os processos psicológicos superiores são inter-relacionados e interdependentes, sendo a formação do reflexo psíquico consciente da realidade produto do funcionamento integrado desses diversos processos.

É preciso integrar, no processo acima descrito, e que não é possível fazer agora, as emoções, sentimentos, motivos e necessidades do indivíduo, assim como as distintas modalidades de memorização (visual, auditiva, olfativa, gustativa e cinestésica). Mas ainda falta um elemento para análise.



A caracterização da memória como uma atividade complexa e multidimensional é aplicável em igual medida à recordação e evocação de modelos visuais, movimentos e palavras. No entanto, na recordação de *material verbal* esta complexidade e multiplicidade do processo que começa com a diferenciação das características elementares e termina com sua introdução em um complexo sistema de relações (ou sua codificação) aparece com especial relevância. (p. 09) <sup>104</sup>

A linguagem representa um sistema multidimensional, que regula e organiza a memória, sendo que relacionada à linguagem há toda uma rede de conexões, distinguíveis por diferentes características, sendo elas sonoras, morfológicas, figurativas (imagéticas) e semânticas.

Tem-se aqui uma completa modificação da relação que em geral se faz na psicologia entre linguagem e memória. Usualmente relaciona-se (ou usando o termo tradicional, associa-se) uma palavra ou um signo qualquer a uma imagem desse signo formado “na cabeça” do indivíduo, formando assim um par; para cada signo há uma imagem associada. Tal suposição está de tal forma arraigada em nosso cotidiano que encontramos em várias edições e exposições os famosos livros de interpretação de sonhos ou ainda a correlação sonho com animal-número no jogo do bicho.

Luria em suas investigações e prática clínica com afásicos e demais tipos de lesões, pôde identificar que há uma grande diversidade de alterações na compreensão e expressão da palavra. Dependendo da lesão há dificuldades na compreensão acústica da palavra, dos vínculos morfológicos, da formação figurativa ou da formação conexões semânticas (como formar conceitos).

Tem-se aqui uma intrínseca relação entre a memória e a linguagem, sendo esta relação sistêmico-específico e não modal-específico, o que significa que a relação entre ela está relacionada à formação do sistema psicológico/funcional e não a uma relação de associações sensoriais entre ambas.

Dependendo de como o indivíduo memoriza, a qual aspecto da linguagem ele se prende, ou ainda se identifica o objeto da realidade somente por uma de suas características, será o tipo de lembrança que será formada e que será avaliada em sua evocação.

Quanto mais ricas são as relações dos indivíduos com o mundo, ou em palavras marxianas, quanto mais rico for o homem, mais elaboradas serão as estratégias de avaliação dos conteúdos memorizados, assim como é menos possível que as relações de causa-efeito ou hiper-generalizantes sejam as únicas que se tem como referência.

Luria ainda salienta que a memória humana deve ser compreendida como atividade humana, isto é, como uma ação intencional orientada por uma finalidade a ser realizada. Em suas palavras, a atividade mnésica

(...) se manifesta em que o homem elabora ativamente a informação que chega até ele; não registra simplesmente os sinais das estimulações que lhe são dirigidas, senão que codifica esta informação, seleciona suas características essenciais e a introduz em um determinado sistema, em uma certa “organização subjetiva” (...). Mais ainda, em alguns casos, este caráter ativo se manifesta precisamente em que o homem se propõe à *tarefa* especial de recordar ou evocar um determinado material e justamente isto, de passivo registro sem intenção a uma forma especial de atividade mnésica (...) e dá à memória um *caráter seletivo* especificamente humano. (p.21) <sup>105</sup>

No que tange às estruturas do cérebro envolvidas no processo de memorização, Luria retoma, como feito no “Curso de Psicologia Geral” e no “Fundamentos de Neuropsicologia”, o papel da segunda unidade funcional do cérebro e dos lobos frontais, destacando que são estes que asseguram biologicamente o decurso consciente e orientado a um fim da atividade humana.

Luria apresenta com mais detalhes algumas das áreas que participam da atividade mnésica e suas contribuições: o hipocampo permite a comparação elementar (cotejo) das estimulações atuais com a experiência passada; já as áreas gnósicas e

verbais são responsáveis pela elaboração e codificação da informação (organizadores), e por fim, as áreas frontais que conservam os propósitos e intenções, programam a conduta e garantem a seletiva atividade mnésica.

Por fim, destaca-se que a forma como Luria compreende o esquecimento é bastante semelhante às suas produções anteriores, podendo o esquecimento ter duas origens: uma originada pela debilitação ou extinção de vestígios; e outra, mais comum, como um processo transitório e dinâmico de inibição de sinais (traços) por excitações alheias, interferentes e desvios (distração) da atenção por estímulos.

Não é demais retomar que a atividade psíquica em geral e, mais especificamente aqui, a atividade mnésica, são garantidas por um complexo sistema de setores cerebrais que trabalham em conjunto (concerto), cada um dos quais trazendo seu aporte específico à atividade humana.

Com a análise desta terceira parte da produção luriana encerra-se mais uma parte da periodização da psicologia soviética aqui proposta. Um período muito rico em discussões sobre a memória, que proporcionou não somente avanços na compreensão desse processo psicológico, como também possibilitou a síntese dos conhecimentos elaborados por diversos autores, assim como uma visível e imbricada inter-relação e interdependência entre os autores que compartilham os mesmos pressupostos teórico-metodológicos, assim como de áreas diversas.

Um novo momento histórico terá início. Econômico e politicamente conturbados, mas com muitos caminhos possíveis. São essas possibilidades que começam a ser não só pensadas, mas também trilhadas, inclusive na ciência psicológica.

*A perestroika está estimulando a sociedade com um todo. É verdade que nosso país é imenso, que houve um acúmulo de problemas e não será fácil resolvê-los. Mas as mudanças começaram e a sociedade não poderá voltar atrás.*

Mikhail Gorbachev

O último período é cheio de mudanças, rupturas e derrocadas. As mudanças apregoadas por Gorbachev efetivamente não cessaram. E ainda hoje não pararam.

Este capítulo discutirá esse último momento da história da psicologia soviética e do país que a formou, dentre os anos de 1979 à 1991, procurando observar os avanços e retrocessos, assim como seu legado.

### 7.1. RETRATO EM MOVIMENTO

O fim do período anterior coincide com o fim do governo de Brezhnev. Seu substituto, Iuri Andropov, pouco fica no poder (logo falece) e é substituído por Mikhail Gorbachev.

O novo líder do PC(b)US propôs, para mudar as condições desfavoráveis da URSS – como baixa produções de bens, declínio agrário e principalmente o fortalecimento da *Nomenklatura* –, as políticas da *perestroika* (transparência) e *glasnot* (transparência).

Com essas políticas, Gorbachev pretendia recolocar (ou até mesmo colocar) a URSS dentro dos padrões pensados quando ela foi criada e até mesmo durante seu desenvolvimento, como a efetiva distribuição de renda e a pluralidade de opiniões.

Procurava também dar maior transparência às políticas e ações do Estado, historicamente secretas na URSS. Um claro exemplo dessa nova proposição foi o modo como o governo soviético lidou com o acidente nuclear de Chernobil, em 1986, ao abrir ao mundo o ocorrido e também trabalhar com equipes internacionais para a resolução do problema.

As políticas de Gorbachev estavam, no entanto, alterando de forma significativa as possibilidades de ação da alta-cúpula do governo soviético, promovendo o início de conflitos entre as alas conservadoras e as liberais.

Uma das conseqüências diretas da política instituída na URSS foram os processos de independência de alguns países do leste europeu frente ao controle e dominação soviéticos. Dentre estes países, destaque deve ser dado à Alemanha Oriental que, em 1989, promoveu a queda do muro de Berlin, construído no início do pós-guerra, e às republicas da Letônia, Estônia e Lituânia, independentes em 1990.

O monólito ruíra após setenta e quatro anos de existência. Em seu lugar foi criada a Comunidade dos Países Independentes, a reunião de algumas ex-repúblicas soviéticas, que agora estavam sob a égide (clara desta vez) do capitalismo e do governo de Boris Ieltsin.

## **7.2. A PSICOLOGIA NA *PERESTROIKA***

A política de Gorbachev teve forte impacto na produção científica e no cotidiano da vida soviética. Os novos dizeres tornaram-se o assunto central de conversas e de decisões sobre os rumos dos trabalhadores em geral e dos psicólogos em particular.

As novas gerações de psicólogos acataram esses novos caminhos e com o intuito de reverem os caminhos do socialismo propuseram-se a rever os próprios caminhos da psicologia.

A necessidade dessa revisão na psicologia já dava sinais antes mesmo da subida de Gorbachev ao poder com dois eventos significativos. O primeiro deles foi a realização de um evento em 1977, que teve como um dos objetivos discutir a categoria atividade na psicologia soviética, suas possibilidades de entendimento e implicações; o segundo evento foi um simpósio internacional, em 1979, na cidade de Tbilisi, Geórgia, sobre o inconsciente, sendo relevante ressaltar que não somente em perspectivas marxistas, mas também sob as diversas teorias psicodinâmicas.

Entre 1982 e 1984 foi publicada na URSS a coleção em seis tomos das “Obras Escolhidas” (OE) de Vigotski. Nestas OE havia os principais textos de Vigotski já publicados, além de diversos outros ainda inéditos, sendo o texto sobre a crise da psicologia escrito por Vigotski em 1926/1927 o principal desses textos nunca publicados.

Com as OE uma geração inteira pôde entrar em contato com a produção de Vigotski e, assim, pôde ter mais elementos para entender, elaborar e contestar a produção soviética posterior a 1936. Em 1983, os textos principais de Leontiev também foram publicados em obras escolhidas de dois tomos, e Luria teve sua biografia também publicada nesses anos (1979).

Soma-se a isso um novo clamor feito pela sociedade soviética sobre o papel da psicologia. Esta também fora convocada para auxiliar no desenvolvimento das políticas de *glasnot* e *perestroika*. Não somente as áreas pedagógicas e fisiológicas/médicas seriam alvos de intervenção dos psicólogos; era urgente a ação dos psicólogos em áreas sociais que anteriormente não eram atendidas, pois não era possível dizer que a sociedade soviética tinha problemas com drogas, alcoolismo, grupos juvenis etc. ou, em outras palavras, problemáticas psicossociais.

Para alguns dos novos psicólogos, questionar o anteriormente existente significava negá-lo totalmente; para outros, era analisar e apropriar-se dos estudos anteriores e a partir deles criar o novo, indicando assim que não é possível considerar essa nova geração uniformemente.<sup>a</sup>

A *perestroika* era o passo que faltava para a psicologia soviética em geral e, a psicologia histórico-cultural mais especificamente virem pertencer efetivamente à sociedade soviética. O primeiro passo fora a criação, nas décadas de 1920 e 1930 dos pilares centrais de uma psicologia fundada no materialismo-histórico e dialético; o segundo foi sua consolidação (teórico-prática) nas áreas educacionais e fisiológicas/médicas entre as décadas e 1940 e 1960; o terceiro e decisivo passo foi a entrada da psicologia no grupo de ciências da Academia de Ciências da URSS. O passo que faltava era sua inserção mais plena (prático-teórica) na vida do cidadão soviético. Esse último ponto fica claro em uma entrevista de Asmolov à Marta Shuare em 1988:

Se a *perestroika* continua, há bases para pensar que o psicólogo se converterá em uma figura de nosso sistema estatal. Se não, a psicologia continuará em uma situação de cachorro fraldiqueiro que pode andar em duas patas e fazer qualquer “truque” que ordene o dono. (Shuare, 1990, p. 266)<sup>106</sup>

Infelizmente esse passo não foi completado pelos autores da URSS, mas influenciou muito outros passos pelo mundo.

### **7.3. A PSICOLOGIA DA MEMÓRIA NA BERLINDA**

Os estudos sobre memória nesse período também foram alvo de revisões, análises e até mesmo comparações. Esses trabalhos procuram avaliar o *status* da

---

<sup>a</sup> Nesse processo de negação não só as teorias psicológicas foram refutadas; observa-se no fim dos anos 1980 e principalmente após a queda do poder soviético a negação do materialismo histórico e dialético como epistemologia de referência, como também um forte êxodo de profissionais (não só psicólogos, é verdade) para países do ocidente, especialmente EUA e Reino Unido.

psicologia da memória nos anos 1980 por meio de novas pesquisas, breves sistematizações e efetivas contraposições aos principais estudos realizados anteriormente.

O primeiro texto a ser analisado é o de Damián Kovác (1980/1987), um autor eslovaco que produziu sua obra nos marcos da psicologia histórico-cultural; dada sua contribuição, entende-se relevante sua inserção no grupo soviético de psicólogos investigados.

O autor discute em seu texto a interfuncionalidade dos processos cognoscitivos fundamentais, e para tal apresenta algumas discussões relevantes sobre memória, sendo estas as de caráter mais inédito:

- a.** os processos mnésicos não devem ser reduzidos a mecanismos exclusivamente biológicos;
- b.** há três tipos de memória: icônica (visual), semântica (relacionado à memorização de conhecimentos gerais) e episódica (biográfica);
- c.** o contexto da personalidade modula os processos de memória, tanto na esfera normal quanto patológica.

O aspecto mais inovador certamente é o segundo item, ao propor a diferenciação entre as memórias referentes aos conhecimentos e aqueles biográficos. Tal diferenciação enriquece significativamente a discussão desenvolvida por Luria em sua última proposição de estrutura e funcionamento da memória, pois permite entender o porquê da maior parte das amnésias afetar os conhecimentos autobiográficos e não os relacionados a conhecimentos gerais.

O item “a” confirma as proposições dos demais autores soviéticos, mas é um item sempre importante a ser ressaltado; por fim, o item “c” é claramente exemplificado



nos casos clínicos apresentados por Luria, mas Kovác traz ainda elementos novos a essa discussão.

Sobre a relação entre os processos cognoscitivos e a personalidade, o autor eslovaco destaca três pontos:

- a.** existem inter-relações genuínas entre os processos cognoscitivos e a personalidade;
- b.** cada processo cognoscitivo se relacionará com a personalidade de uma forma característica;
- c.** há prioridade ontogenética dos processos cognoscitivos com a personalidade, ou seja, nas etapas de formação da personalidade há intensa influência dos processos psicológicos sobre esta; já nas fases estáveis do processo de personalização há inversão da influência, sendo nesta predominante a ação da personalidade nas inter-relações com os processos cognoscitivos.

Este último item está claramente relacionado às três proposições. A primeira delas referentes à formação do sistema psicológico proposto por Vigotski e a segunda à teoria dos sistemas funcionais de Luria, principalmente no que tange à primeira lei de funcionamento das regiões corticais, e a terceira com a elaboração vigotskiana posteriormente desenvolvida por Leontiev de que ninguém nasce personalidade.<sup>a</sup>

As proposições de Kovác enriquecem as desenvolvidas pelos soviéticos, tanto no que tange à estrutura da memória quanto a sua inter-relação e interconexão com os demais processos cognoscitivos e a personalidade, justificando sua inserção no grupo de trabalhos soviéticos analisados.

---

<sup>a</sup> A primeira lei que governa a estrutura de funcionamento das regiões corticais (Luria, 1963/1981) é a lei de estrutura hierárquica das zonas corticais, resultado da organização vertical das estruturas cerebrais. Esta lei já fora inicialmente investigada por Vigotski (seguindo investigações de Kretschmer), mas sem maior aprofundamento. A tempo: as demais leis são: 2. Lei da especificidade decrescente das zonas corticais hierarquicamente organizadas que compõem cada unidade funcional do cérebro; 3. Lei da lateralização progressiva das funções cerebrais.

Já o segundo texto é de Georgi Sereda, discípulo Peter Zinchenko, que escreveu em 1985 um texto bastante denso, discutindo a conceitualização da memória e a relevância desse processo psicológico.

Em um questionamento próximo ao luriano, em “Neuropsicologia da memória”, Sereda escreve que a compreensão da memória como memorização, armazenamento e evocação, deixa de lado o elemento central para compreendê-la, isto é, seu caráter ontológico. Observa também que a memória ocupa um papel especial entre os processos psicológicos, pois sem sua participação nenhum outro processo pode ser executado.

Segundo Sereda, para se definir a memória é preciso se perguntar o que e para que ela serve. Seguindo essa referência, o autor inicialmente define memória como “(...) *um processo mental que é o produto de uma ação precedente e a condição de uma ação iminente (processo, experimento).*” (Sereda, 1985, p. 10) <sup>107</sup>

Assim, Sereda afirma a memória como um processo que organiza as informações vividas pelo sujeito e permite, por esta organização, a elaboração e a execução da ação posterior, futura.

O autor reflete também sobre a relação da memória com os demais processos psicológicos. Entende que todo processo cognitivo é continuamente transformado em memória e, assim, toda memória é transformada em algo para que os demais processos, ações e/ou atividade do indivíduo sejam executadas; assim a memória torna-se “(...) *condição para a realização de outro processo (...)*” (p. 12) <sup>108</sup>

Em sua relação com o pensamento, Sereda identifica que um pensamento memorizado tornar-se-á uma opinião, que quando relacionado com os demais conhecimentos do indivíduo transformar-se-á em compreensão. O autor, com esta proposição, refina a discussão de Vigotski sobre a fusão pensamento/memória, assim

como as análises de Smirnov sobre o fato de que um material (bem) compreendido é memorizado de forma mais estável.

A partir das reflexões aqui apresentadas, Sereda discute a importância da memória para a ação futura, e discute a relação da memória com a ação intencional, indicando que a memória não é somente importante, mas necessária (essencial) para a realização de uma atividade (intencional) futura.

Sereda ainda distingue três características essenciais da memória:

- a.** memória é um processo contínuo de auto-organização da experiência individual;
- b.** memória é um processo inconsciente que não é identificável pelo sujeito diretamente, mas somente por seus produtos;
- c.** memória não é somente importante para os propósitos de uma atividade, mas para as relações semânticas de experiência do indivíduo expressas em sua organização da realidade.

Tem-se então que, se a memória é essencial para a formação dos demais processos psicológicos, que sem ela não há atividade futura, e, portanto, não há atividade orientada por um fim, a memória também é fundamental para a organização das experiências do indivíduo. Pode-se depreender que os conteúdos da memória são os principais elementos formadores da personalidade, concordando com as atuais assertivas de que somos consequência (produto, resultado) daquilo que lembramos <sup>a</sup>.

Segundo Sereda, no entanto, essa assertiva está errada, e não é este o caminho da reflexão. A memória é central para o funcionamento do psiquismo, mas não se pode perder de vista a personalidade como síntese da relação indivíduo-realidade e síntese do sistema psicológico. Assim, a “(...) *base para a formação da personalidade é a*

---

<sup>a</sup> Como as divulgadas por Ivan Izquierdo (2004).

*experiência como a totalidade de relações entre o indivíduo e o mundo objetivo.”* (p. 17)<sup>109</sup>

Finalizando, Sereda, sistematizando todas essas análises, define a memória como “(...) *um mecanismo psicológico* (...) do sistema de organização da experiência individual como uma condição necessária para a realização da atividade iminente.” (p. 19)<sup>110</sup>

Sereda com suas reflexões reafirma as últimas proposições de Luria, reforça também a assertiva vigotskiana, emprestada de Spinoza, de que “Intenção é memória”, assim como expõe claramente a necessidade de se observar o psiquismo como resultado da ação inter-relacional dos processos psicológicos e, conseqüentemente, do sistema psicológico, e não de um processo isolado, por mais relevante que ele seja no todo.

O terceiro e último texto a ser analisado é o de Valentine Liáudis e V. Bogdánova sobre a formação precoce da memória na ontogênese dos indivíduos. Este texto foi escrito inicialmente em 1977, mas revisado pelas autoras em 1987, data esta que será considerada.

No início do texto, as autoras retomam a crítica de Zinchenko à divisão que Vigotski estabelece entre os processos elementares e os superiores, assim como afirmam que esta não era a compreensão geral em sua obra, tal qual já discutido anteriormente a partir de outros autores.

As autoras afirmam que, salvo os aspectos incondicionados, a memória é totalmente desenvolvida na ontogênese e buscam por meio da experimentação demonstrar esse desenvolvimento, na historicidade desse processo.

Antes de apresentarem os experimentos e resultados faz uma importante discussão sobre o papel das formações mnemônicas para a formação da dimensão temporal do psiquismo, discussão esta que apesar de ter sido tangenciada por outros

autores ao discutirem o caráter teleológico da memória, não foi efetivamente apresentada.

Nessa discussão sobre a temporalidade, as autoras destacam o papel da memória na organização do comportamento presente, considerando as ações passadas com o intuito de resolver problemas futuros, sendo esta organização desenvolvida na ontogênese nas atividades cotidianas.

A organização temporal é organizada inicialmente por meio de ações isoladas (operações), passando posteriormente a um conjunto de ações e somente por fim um sistema de atividade, que será vivenciado pelo indivíduo no curso do dia, ou pela ritualização das tarefas diárias. A percepção temporal é apropriada pelo indivíduo ao abstrair dessa seqüência de ações (ou seqüência espacial) o tempo, materializando-a na linguagem.

As investigações foram realizadas na escola para crianças cego-surdo-mudas da cidade de Zagorsk. Esse local seria apropriado, segundo as autoras, pois seqüências de ações que usualmente são realizadas muito rapidamente por crianças, poderia ser observado mais vagorosamente nas crianças dessa escola, pois cada etapa ocorre individualmente e não concomitante com as demais.

As autoras observaram diversos grupos de crianças, observando e intervindo na elaboração de tarefas diárias, investigando a seqüência anteriormente já relatada. Dois fatos relevantes destacados no artigo são: a importância do outro e, mais especificamente do adulto, nesse processo de formação dos processos mnemônicos precoces e da própria formação da temporalidade, e a relevância da atividade prática na realização das ações para a formação das memórias e da temporalidade.

Observando a seqüência descrita pelas autoras (da passagem de operações a ações complexas e atividade, com a formação de conceitos lingüísticos) encontram-se muitas semelhanças com a já discutida teoria da formação dos atos mentais de Galperin.

As crianças, ao fim, deste processo eram capazes não só de se orientarem sozinhas na realidade por conhecerem claramente suas atividades, como capazes de narrarem essas atividades antes de desenvolvê-las, evidenciando o desenvolvimento da ação intencional, planejamento este que segundo as autoras era também processado internamente pelas crianças.

Tem-se assim uma investigação que apresenta de forma inequívoca a importância da ontogenia e das relações interpessoais para a formação dos processos psicológicos e da própria linguagem. Apresentam também importantes dados sobre a formação da tridimensionalidade do tempo e da ação teleológica.

Esses três textos exemplificam formas de investigação da última década da URSS. Textos estes que procuram reavaliar as produções anteriores trazendo novos elementos e novas conclusões, não só enriquecendo o entendimento de temas específicos (no caso, memória), mas também das elaborações teóricas mais abrangentes.

---

## VIII. POR UMA PSICOLOGIA DA MEMÓRIA

*A natureza psíquica do homem vem a ser um conjunto de relações sociais transladadas ao interior e convertidas em funções da personalidade e em formas de sua estrutura.*

Liev. S. Vigotski

Neste último capítulo será desenvolvida uma tripla tarefa. Inicialmente, organizar esquematicamente as discussões da psicologia histórico-cultural sobre a memória a partir do que foi apresentado nos capítulos anteriores. A segunda tarefa será apresentar sucintamente as principais concepções atuais de organização da memória. Por fim, a terceira tarefa é propor, à luz destas duas tarefas e dos pressupostos teórico-metodológicos da psicologia histórico-cultural, uma nova estrutura e, assim, um novo funcionamento dos processos mnêmicos.

### **8.1. CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL SOVIÉTICA**

Para elaborar a estrutura dessa classificação foram consideradas todas as contribuições investigadas nos capítulos anteriores formuladas pelos diversos autores nos vários momentos em que as obras foram escritas.

Como ponto de partida é importante entender como a memória é entendida. Tem-se que a memória é entendida como um processo complexo de elaboração da informação, dividido em uma série de etapas consecutivas e que, por seu caráter, se aproxima da atividade cognoscitiva (pensamento). Organiza-se no cérebro em um

complexo sistema funcional, ativo por seu caráter, que se desdobra no tempo em uma série de elos sucessivos e organizados em vários níveis.

Esse caráter complexo e sistêmico está presente nos processos fundamentais da memória e se refere por igual ao processo de registro (ou recordação) e ao de reprodução (ou evocação) de vestígios impressos.

A memória estabelece relação sistêmico-específica com a linguagem e com os demais processos psicológicos, isto é, está relacionada à formação do sistema psicológico/ funcional e não por uma relação de associações sensoriais mecânicas entre ambas. Apóia-se em um sistema multidimensional de conexões que incluem componentes elementares (sensoriais), complexos (perceptivos) e muito complexos (conceituais), sendo estes processos também dependentes do material a ser recordado, o tempo que se tem para registro e do lugar que a memorização ocupa na estrutura da atividade.

Todo o processo mnemônico é também regulado pelas emoções e sentimentos dos indivíduos e assim também é determinado pelos motivos e necessidades da atividade e pelos significados e sentidos da realidade (e dos conteúdos memorizados) para o indivíduo.

A memória é organizada sob diversas formas, sendo cada uma dessas organizações baseada em diversos critérios. A primeira, que usualmente é destacada, é a estruturação da atividade mnésica tendo como critérios o tempo de retenção e o conteúdo da informação memorizada.

Tendo como referência o tempo de retenção, a memória pode ser dividida em memória ultra-curta, de curto prazo (também chamada de operacional) e de longo prazo.

As informações memorizadas a longo prazo podem ser divididas em diversas partes, de acordo com seu conteúdo. As memórias que usam diretamente a linguagem



em sua organização (memórias que podem ser contadas, declaradas) são subdivididas em semânticas, responsáveis pelos conhecimentos gerais, e episódicas, responsáveis pela memorização dos fatos cotidianos e autobiografia.

Aquelas memórias que não são facilmente declaráveis, e assim não usam diretamente a linguagem para evocação, são subdivididas em memórias emotivas, motoras, condicionadas (operantes e respondentes) e comportamentos reflexos (sensibilizações e habituações). (Figura 2)

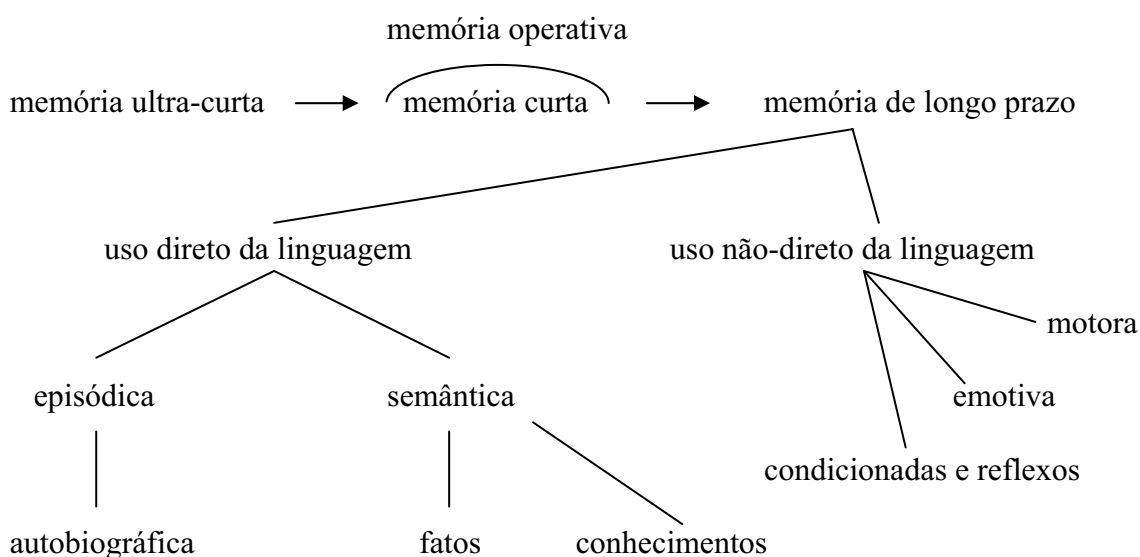
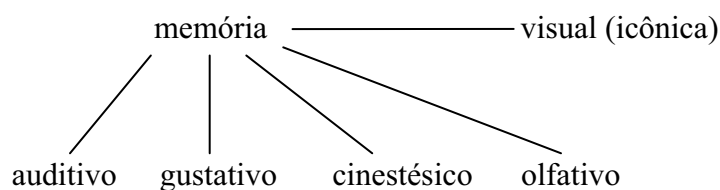


FIGURA 2: CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL SOVIÉTICA SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

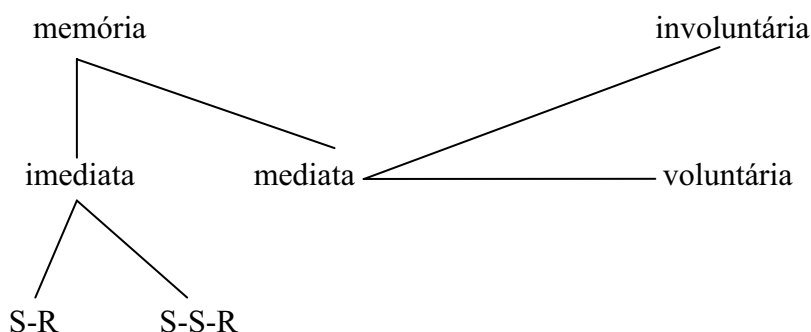
Além da estruturação da memória segundo os critérios de tempo e conteúdo da informação memorizada, outro critério foi utilizado por quase todos os autores, mas por poucos colocados como tal, sendo as modalidades de memorização outro meio de organizar a memória. São elas as memórias olfativas, gustativas, auditivas, visuais e cinestésicas. (Figura 3)




---

FIGURA 3: CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL SOVIÉTICA SEGUNDO CRITÉRIO DE MODALIDADES DE MEMORIZAÇÃO

Por fim, e talvez a divisão mais relevante no conjunto da teoria histórico-cultural, tem-se a classificação da memória segundo a finalidade e a estrutura da atividade. Nessa divisão encontramos um tipo de memória imediata, relacionada aos reflexos e aos condicionamentos pavlovianos, e outra mediata, que pode ser tanto involuntária quanto voluntária. (Figura 4)




---

FIGURA 4: CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL SOVIÉTICA SEGUNDO CRITÉRIO DE FINALIDADE E ESTRUTURA DA ATIVIDADE.

Recorda-se aqui que tanto as memórias modais quanto aquelas dependentes da estrutura e finalidade da atividade têm seu funcionamento segundo o quadro geral apresentado na figura 1, isto é, sendo de curto ou longo prazo, declarável ou não.

É preciso ainda definir outro aspecto importante da memória, o esquecimento. O esquecimento caracteriza-se pela não recordação de alguma informação e pode ser de duas origens: a primeira e menos comum é resultado do declínio do traço mnêmico (extinção das informações memorizadas) e a segunda, e mais usual, é resultado do efeito inibitório-regulador que os processos interferentes (distratores) ou irrelevantes têm na evocação das lembranças.

Tendo essa divisão e definições estabelecidas, dá-se por cumprida a primeira das três tarefas estabelecidas para este capítulo.

## **8.2. CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE**

Os principais estudos sobre memória na atualidade não são mais em sua maioria desenvolvidos no interior da ciência psicológica e sim nas chamadas neurociências, englobando nessa categoria profissionais de diversas áreas, da fisiologia e bioquímica à psicólogos e filosofia (sendo os profissionais desta área usualmente conhecidos como filósofos da mente).

Como para este trabalho definiu-se como objeto de estudo investigar as estruturas e desenvolvimento dos processos mnemônicos, no conjunto da formação e atividade dos sistemas psicológicos, serão tratados, portanto, os aspectos relacionados a uma psicologia da memória das obras analisadas, sem, no entanto, aprofundar-se nas discussões mais voltadas à bioquímica cerebral e mesmo a alguns processos de intervenção.

Buscou-se privilegiar na análise autores brasileiros que se destacam na investigação e teorização sobre a memória, mas é preciso deixar claro que as pesquisas nessa área são internacionalizadas, com pesquisas relevantes em diversos países e por

vezes com a cooperação de pesquisadores de vários lugares, logo, os autores são brasileiros, mas podem ser internacionais.

É concordância entre os autores a definição de memória como um processo de aquisição, armazenamento e evocação de informações, sendo essas informações passadas necessárias para a organização da ação presente e futura.

Os aspectos relacionados à relação entre memória de curto e de longo prazo serão definidos mais à frente, quando se discutir a produção de Ivan Izquierdo, pois os autores aqui abordados têm a mesma posição sobre esse processo.

O primeiro dos textos é o apresentado por Bueno e Oliveira (2004), no qual os autores apresentam uma estrutura de memória tendo como critérios o tempo de armazenamento e o conteúdo da informação.

Quanto ao tempo de retenção da informação, os autores dividem a memória em ultra-curto, curto e de longo prazo. Os autores indicam que os dois primeiros tipos de memória formam a chamada memória operativa que mantém as informações disponíveis, como um armazenamento provisório, para o funcionamento dos demais processos psíquicos, sendo a memória operativa constituída pelo executivo central, estrutura responsável pelo esse funcionamento específico das informações, sejam elas visuo-espaciais ou fonológicas.

Já a memória de longo prazo é organizada sob a condição explícita (ou declarativa) e implícita (ou não declarativa). A memória explícita é aquela que pode ser recordada por meio de expressão simbólica, tanto lingüística quanto imagética, e é subdividida em episódica, referente aos acontecimentos diários e autobiografia, e em semântica, referente aos conhecimentos gerais de uma cultura.

A memória implícita é mais dificilmente relatada verbalmente ou por imagens, sendo em geral manifestada por ações, pelo desempenho do sujeito, como por exemplo,

andar de bicicleta ou nadar. É constituída por habilidades motoras e cognitivas, comportamentos pré-ativados (*priming*), condicionamentos clássico e operante e por aprendizagens não-associativas – habituação e sensibilização. (Figura 5)

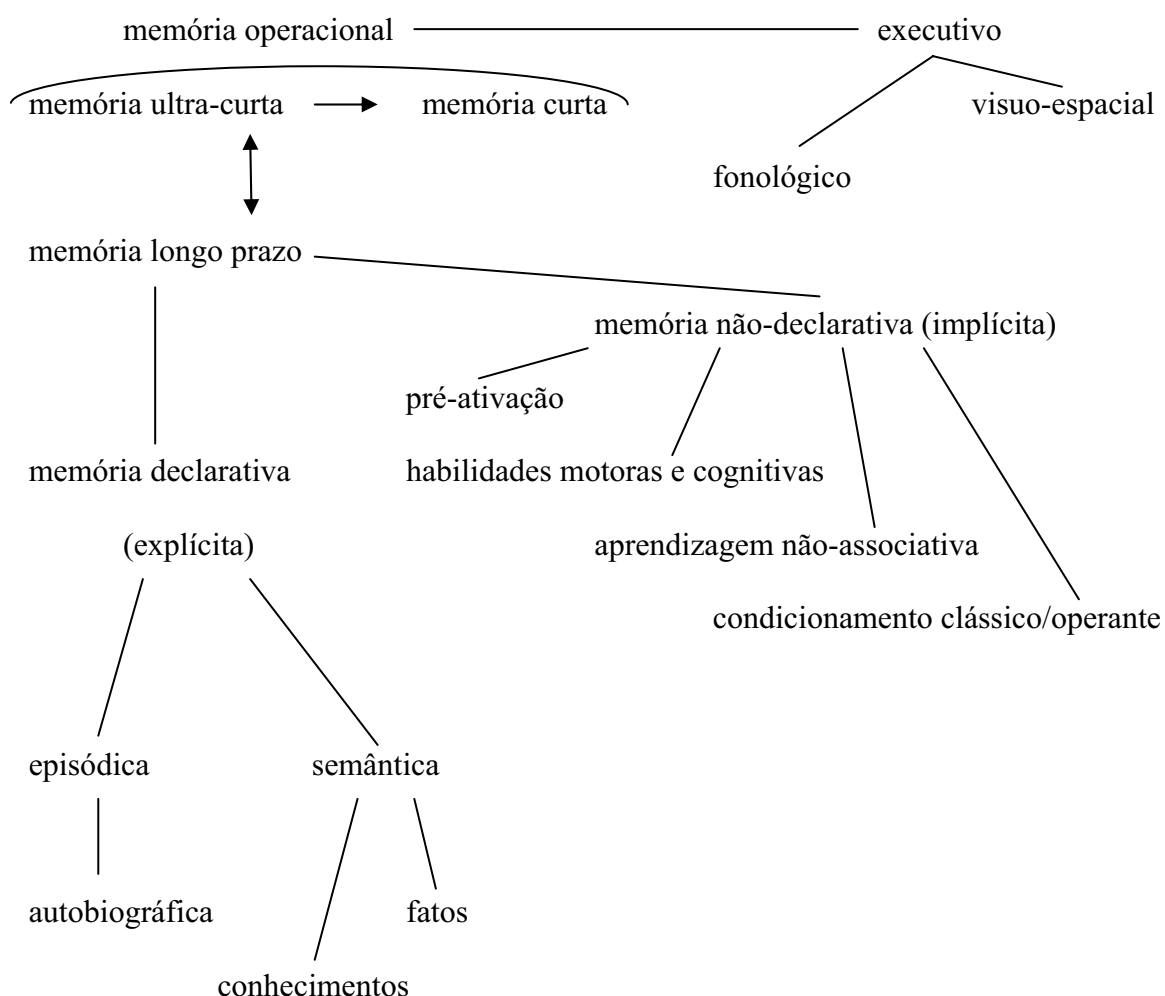
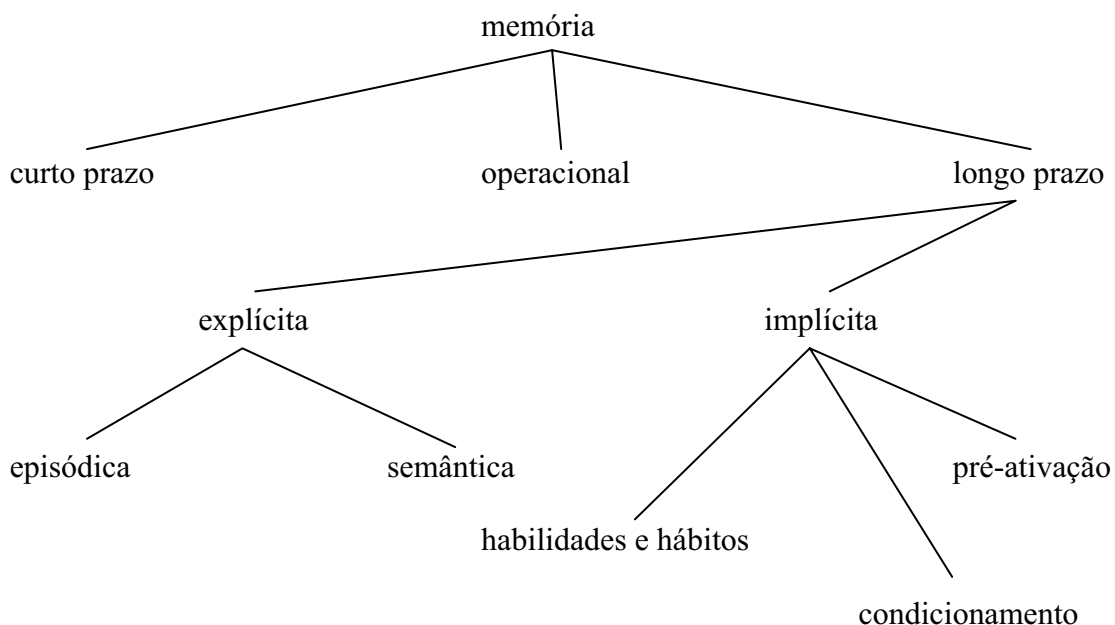


FIGURA 5: CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR BUENO E OLIVEIRA (2004) SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

A outra classificação é a desenvolvida por Xavier (1993). A memória é dividida em memória de curto prazo, operacional e de longo prazo, sendo esta última subdividida em implícita e explícita. As memórias explícitas são organizadas em episódicas e

semânticas, e as implícitas em habilidades e hábitos, pré-ativação e condicionamento clássico. (Figura 6)




---

FIGURA 6: CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR XAVIER (1993) SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

A terceira classificação aqui exposta é a presente no manual de neurociências de Roberto Lent (2001). A principal diferença da proposta de Lent para as anteriores é a inserção da memória operativa não entre as memórias de curto e longo prazo, mas sim no grupo das memórias explícitas e implícitas. Entende-se que o autor preferiu tal diferenciação por ser o conteúdo da memória operativa misto (tanto explícito, quanto implícito; tanto de longa, quanto de curta duração; mas entende-se aqui que tal proposição vai contra a característica central da memória operativa, que é ser temporária. (Figura 7)

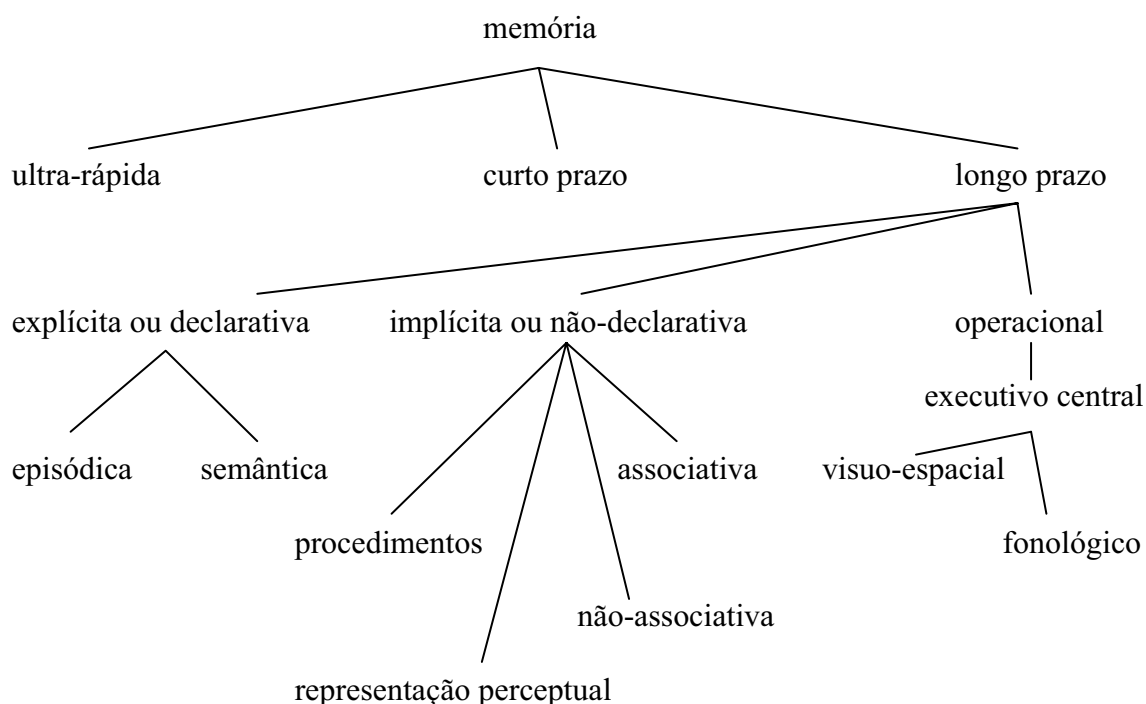


FIGURA 7: CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR LENT (2001) SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

Por fim, tratar-se-á da única das divisões formulada por autores estrangeiros.<sup>a</sup> Foram investigadas duas obras cujo autor, Eric Kandel, está presente. A primeira delas é um manual de neurociências (Kandel, Schwartz e Jessel, 2000) e a segunda é a obra de Kandel, escrita com Squire (2003).

Nessas obras a memória operacional é entendida no âmbito das memórias imediata e de trabalho, e a de longo prazo com uma organização semelhante às anteriores. (Figura 8)

<sup>a</sup> O manual “Neurociências” de Bear, Connors e Paradiso (2002) foi também analisado, mas como não traz nenhuma nova contribuição, não foi relacionado.

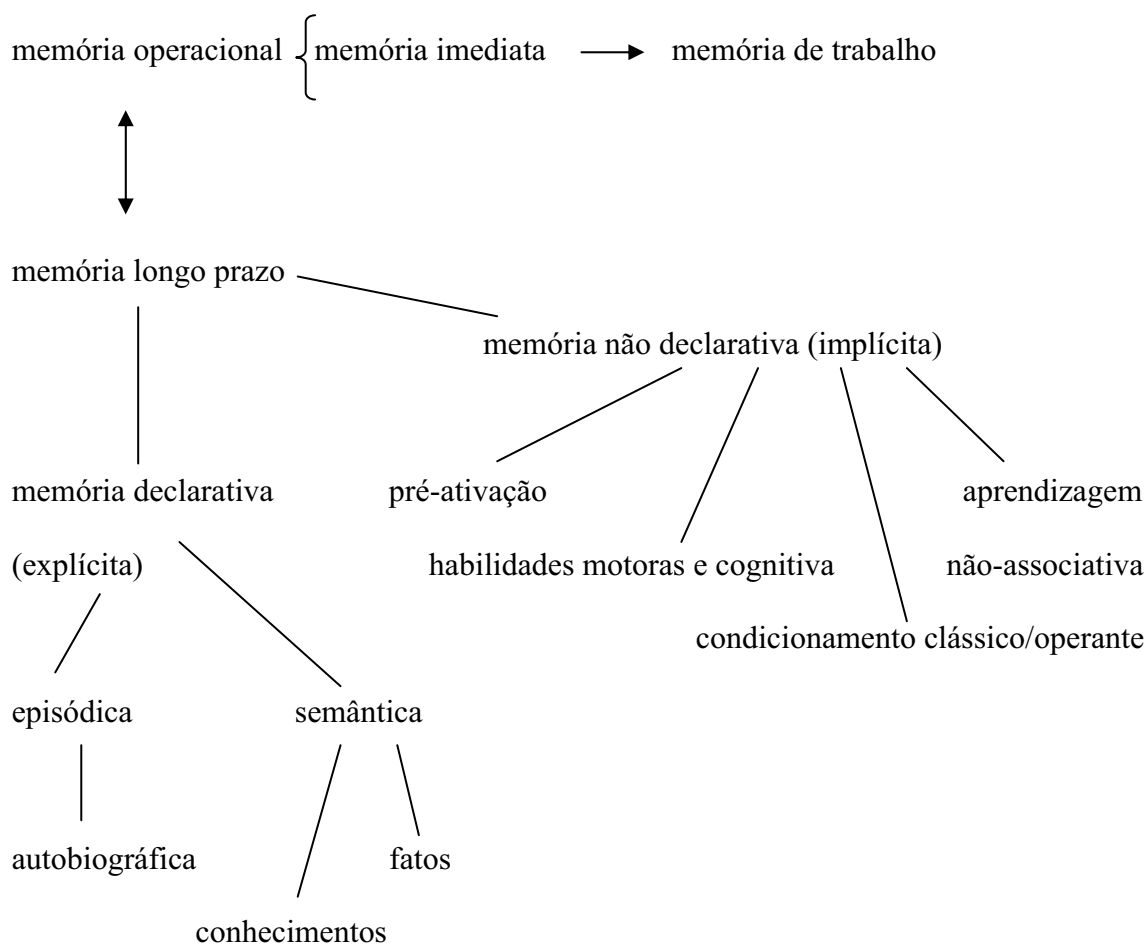


FIGURA 8: CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR KANDEL, SCHWARTZ E JESSEL, (2000); KANDEL E SQUIRE (2003), SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

Por fim, apresenta-se a divisão elaborada por Izquierdo (2002) que, em sua organização, não difere das demais. (Figura 9)



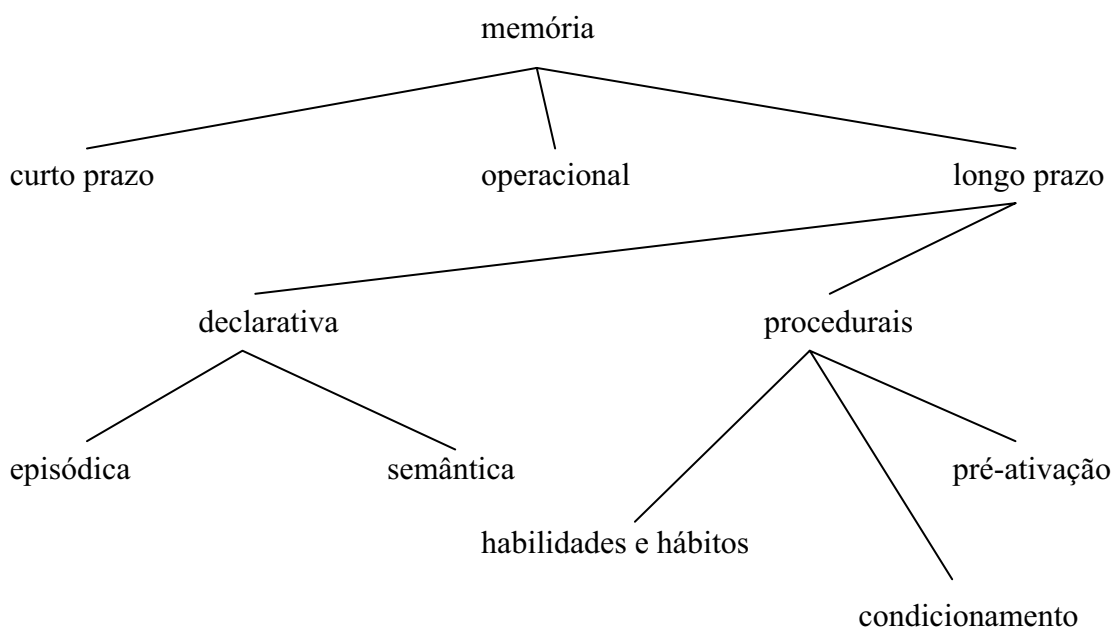


FIGURA 9: CLASSIFICAÇÃO DA MEMÓRIA NA ATUALIDADE POR IZQUIERDO (2002, 2004), SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

A principal contribuição de Izquierdo, no que se refere aos nossos objetivos, foi o esclarecimento entre o funcionamento da memória de curto prazo e de longo prazo. O pesquisador conseguiu por meio de diferenciações bioquímicas dos processos, identificar que a memória de curto prazo e de longo prazo não são processos contínuos e sim paralelos, como pode ser observado na figura 10:

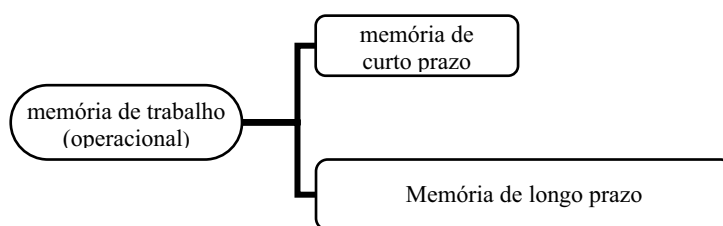


FIGURA 10: REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA COMO UM FENÔMENO FISIOLÓGICO E PARALELO À MEMÓRIA DE CURTA DURAÇÃO (IZQUIERDO, 2002, 2004)

A diferenciação que Izquierdo conseguiu estabelecer finalizou um debate que data desde a proposição por Willian James em seu “Princípios de psicologia”, da existência da memória de curto e longo prazos, abrindo assim diversas possibilidades de investigação e aplicação de técnicas relacionadas aos processos mnêmicos.

No que tange ao esquecimento os autores discutem que a principal forma de se perder uma memória (salvo por lesões ou algum tipo específico de amnésia) é por extinção da informação por falta de uso ou pela perda da sinapse correspondente à memória (também provocada pela perda de neurônios). Em geral faz-se diferenciação entre o esquecimento efetivo de o esquecimento por inibição de sinais. Nesse caso, a memória não é perdida, mas deixa de ser acessível à evocação. A obra de Izquierdo “A arte de esquecer” (2004) discute especificamente esses temas referentes ao esquecimento.

Observa-se, ao final desta segunda tarefa, que as proposições atuais têm vários pontos de interseção não somente entre elas, mas também com a organização final das discussões soviéticas. Há, agora, condições de seguir para a terceira e última tarefa.

### **8.3. PROPOSTA DE UMA CLASSIFICAÇÃO ATUAL DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

A proposição de uma classificação atual da memória na psicologia histórico-cultural deve obrigatoriamente tomar o processo mnêmico em sua materialidade, historicidade, movimento e contradição, assim como apreender a memória em sua relação de totalidade com o psiquismo. Entendo que a compreensão de organização cerebral e psíquica já está suficientemente apresentada no corpo do texto, assim como o ponto de partida, a compreensão do psiquismo como determinado pelo conjunto de relações que o indivíduo estabelece com a realidade, por meio de sua atividade, sendo

esta orientada por motivos e necessidades humanas. Assim sendo, pode-se discutir, neste último item, mais estritamente a memória.

Inicia-se a proposição com a conceituação de memória. Entende-se que a elaboração sobre o que é a atividade mnésica é muito superior não somente às atuais, mas às próprias proposições lurianas anteriores ao seu “Neuropsicologia da memória”. Entretanto, a forma como Luria entende a relação entre a memória de curta e a de longa duração enfraquece sua elaboração, sendo, portanto, necessário reorganizá-la. Observa-se que a definição será em muito igual à apresentada no início deste capítulo, salvo o trecho que estará em negrito.

*Tem-se que a memória é entendida como um processo complexo de elaboração da informação, **dividido em uma série de etapas** que, por seu caráter, se aproxima à atividade cognoscitiva (pensamento). Organiza-se no cérebro em um complexo sistema funcional, ativo por seu caráter, que se desdobra no tempo em uma série de elos e organizado em vários níveis.*

*Esse caráter complexo e sistêmico está presente nos processos fundamentais da memória e se refere por igual ao processo de registro (ou recordação) e ao de reprodução (ou evocação) as informações.*

*A memória estabelece relação sistêmico-específica com a linguagem e com os demais processos psicológicos, isto é, está relacionada à formação do sistema psicológico/ funcional e não por uma relação de associações sensoriais mecânicas entre ambas. Apóia-se em um sistema multidimensional de conexões que incluem componentes elementares (sensoriais), complexos (perceptivos) e muito complexos (conceituais), sendo estes processos também dependentes do material a ser recordado, o tempo que se tem para registro e do lugar que a memorização ocupa na estrutura da atividade.*

*Todo o processo mnemônico é também regulado pelas emoções e sentimentos dos indivíduos e assim também é determinado pelos motivos e necessidades da atividade e pelos significados e sentidos da realidade (e dos conteúdos memorizados) para o indivíduo.*

No que concerne ao esquecimento, a proposição final da psicologia histórico-cultural soviética conseguiu apreender os processos envolvidos no não-lembrar, mas categorizou como esquecimento a perda efetiva de informações, tanto pela perda de sinapses quanto pela perda de neurônios, assim como eventos que foram inibidos à evocação, que não podem ser considerados estritamente como esquecimento.

De um modo geral, até seria possível aceitar esses dois tipos de não-recordação como esquecimento, mas devido às implicações que esse conteúdo pode ter na vida do indivíduo, entende-se que deve ser mantida a diferença.

Observa-se que não está sendo defendida a compreensão freudiana de repressão de conteúdos que, por se tornarem inconscientes, determinam a vida do indivíduo. Entende-se, sim, que esses conteúdos inibidos podem tornar-se inconscientes e que podem, dependendo das condições concretas da vida do sujeito, ser apresentado à consciência, mas de modo algum sob as explicações próprias do determinismo psicanalítico.

Voltando-se para as classificações da memória entende-se que pouca diferença efetiva há entre a proposição resultante do item 8.1 (classificação da memória na psicologia histórico-cultural soviética) com as apresentadas no item 8.2. (classificação da memória na atualidade). Desta forma, apresentar-se-á diretamente o esquema organizativo da memória resultante da análise dos diversos modelos. (Figura 11)

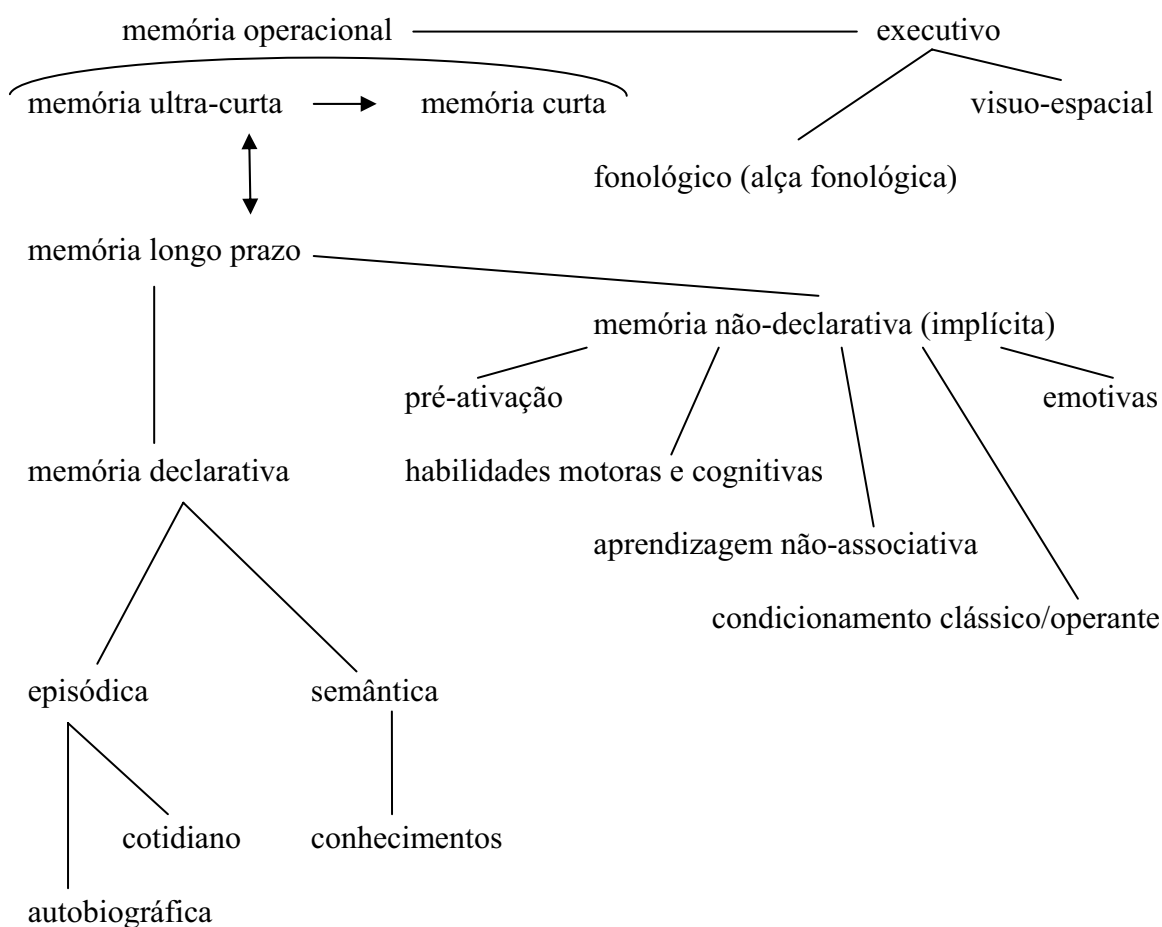


FIGURA 11: PROPOSTA DE UMA CLASSIFICAÇÃO ATUAL DA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL, SEGUNDO CRITÉRIOS DE TEMPO E CONTEÚDO

Observa-se que esta proposição é quase idêntica à proposta por Bueno e Oliveira (2004), tendo como única diferença a inserção das memórias emotivas no grupo de memórias não-declarativas.

Todas as proposições atuais, no entanto, falham em não proporem uma análise do processo mnêmico segundo a finalidade e a estrutura da atividade. Quanto à finalidade, há indícios de estudos que começam a considerar o fator intencionalidade, mas tais estudos certamente fracassarão em seus intuitos de compreensão efetiva da atividade mnêmica caso não busquem entender essa intencionalidade em suas relações

com os motivos e necessidades da atividade, as ações e operações requeridas e o lugar que a memória ocupa na estrutura da atividade.

Na proposta de classificação da memória segundo os critérios de estrutura e finalidade da atividade (figura 4), a memória imediata corresponde aos mecanismos reflexos e condicionamento pavloviano, assim como aos processos de habituação e sensibilização (ambos pertencentes às memórias não-declarativas), sendo somente estas formas de memória que não são de caráter mediato na vida humana.

Ressalta-se este ponto para que não haja confusão entre memórias procedimentais com memórias não-mediatas. Os processos motores, emotivos e cognitivos (difíceis de explicar por meio da linguagem) necessitaram, para se desenvolver, o desenvolvimento de uma relação mediata com a realidade, mediação esta realizada pela atividade humana no processo de apropriação e objetivação da realidade e conseqüente formação do reflexo psíquico da realidade e do sistema psicológico.

Repete-se mais uma vez que tanto os processos voluntários quanto os involuntários são mediatos em sua estrutura e ontogeneticamente sociais em sua origem, e que uma classificação da memória quanto ao tempo de fixação e tipo de conteúdo somente pode ser expressiva se considerada a partir desses marcos.

Assim, retoma-se a importância do desenvolvimento dos processos psicológicos pela apropriação do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade, pela formação dos sistemas funcionais e psicológicos e pela análise histórico-genética da realidade.

#### **8.4. BREVÍSSIMA ANÁLISE HISTÓRICO-COMPARATIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL SOVIÉTICA DA MEMÓRIA E DA PRODUÇÃO OCIDENTAL**

Neste último tópico deste capítulo buscar-se-á refletir sobre o lugar que a psicologia histórico-cultural soviética ocupa na totalidade das pesquisas sobre o tema, assim como quais seriam as principais contribuições da psicologia histórico-cultural soviética para os estudos sobre a memória.

Observando as pesquisas soviéticas e a situação atual das produções sobre memória observa-se o quanto a ciência soviética era de vanguarda, visto que desprovida de toda a tecnologia existente atualmente chegaram a posições bastante semelhantes, principalmente considerando a diferença mínima de quase vinte anos entre as produções. Torna-se assim interessante comparar as produções soviéticas e ocidentais.

Tulving (1995), em um delineamento histórico, discorre sobre três fases dos estudos sobre memória. A primeira, de 1885, com os estudos de Ebbinghaus, até por volta da década de 1960, caracteriza-se por estudos com adultos em procedimentos que investigavam a aprendizagem serial e as associações.

A segunda fase (de 1960 a 1980) caracterizava-se pelo abandono dos procedimentos da fase anterior e o desenvolvimento da aprendizagem por dicas, recordação livre e reconhecimento. A terceira e última fase (de 1980 aos dias atuais) caracteriza-se, resumidamente, pela expansão e flexibilidade de procedimentos e pela aproximação entre psicologia e neuropsicologia.

Assim, tendo como referência as discussões realizadas até o momento em que a psicologia mundial pesquisava aprendizagem serial e associações (até a década de 1960), os autores da psicologia histórico-cultural soviética já estavam pesquisando o desenvolvimento da memória voluntária (com meios auxiliares) e a involuntária (sem paralelo estrito na psicologia ocidental), além de já terem estudos bastante avançados

em neuropsicologia, restauração de processos psicológicos de movimentos oriundos de lesões cerebrais, antes mesmo de 1960.

Observa-se que tais pesquisas somente começaram a ser desenvolvidas no ocidente na década de 1960 com importantes estudos como os de William Scoville e Brenda Milner em 1957, com o paciente conhecido como H.M., ou ainda os de Lashley e Hebb. Destaque ainda deve ser dado ao atual interesse da neuropsicologia ao desenvolvimento ontológico da memorização voluntária, sendo que pesquisas como essas já estavam desenvolvidas com bastante qualidade na década de 1920 por Vigotski e grupo.

Há ainda toda uma análise desenvolvida pelos soviéticos sobre a inter-relação da memória com os demais processos psicológicos, principalmente entre o pensamento e a memória, alvo de discussão desde os anos 1920 com Vigotski.

Outro aspecto a ser analisado é a existência de pesquisas de longa duração na psicologia soviética como um todo, e na psicologia da memória em especial, como visto nas discussões de Luria dos casos de Sherashevski e Zasetski.

Além dessas características das pesquisas desenvolvidas pelos soviéticos, entende-se que as duas principais contribuições para o estudo da memória (sem considerar, é claro, as proposições vigotskianas) são a análise da estrutura da atividade e o local que a memória ocupa nesta atividade (observando aí as contribuições de Leontiev, Zinchenko e Smirnov) e a análise neuropsicológica luriana, que conseguiu, de forma ímpar, mostrar que o estudo de qualquer processo psicológico só é possível e relevante se tiver como referência central o indivíduo em sua totalidade.

Apesar de sucinta, com esta análise comparativa foi possível identificar o quão distintas foram as produções das psicologias nesses diferentes tempos e lugares. Tal diferença entre as produções deve ter ocorrido também em outras áreas da psicologia e



sobre diferentes processos psicológicos, questões estas que fogem das possibilidades do presente trabalho, mas que se constituem em possibilidades para pesquisas futuras.

## IX. ÚLTIMAS REFLEXÕES SOBRE

---

### UMA PSICOLOGIA

### HISTÓRICO-CULTURAL DA MEMÓRIA

O fim da URSS não extinguiu seus ricos frutos.

O stalinismo não extinguiu uma psicologia revolucionária, compromissada com a transformação da realidade e com o modo de produção e reprodução dos homens, isto é, com os princípios originais da revolução.

Os frutos dessa psicologia ainda vivem em diversas obras publicadas em várias línguas. Mas, ao mesmo tempo, morre a cada dia, vítima do descaso e das lutas (derrotas?!) ideológicas.

Mas muito se perde, e como visto no último item do capítulo 8, muitos conhecimentos têm sido refeitos. A roda é reinventada a cada dia.

Uma série de estudos está sendo desenvolvida como re-edição de pesquisas anteriores por desconhecimento das investigações e publicações antecedentes (usando a expressão de Oliver Sacks, escotomização da ciência<sup>a</sup>) ou ainda, o quanto a desconsideração (preconceito!?!; ideologia!?) por pesquisas desenvolvidas sem os mais modernos recursos tecnológicos impede cientistas atuais de buscar pelos grandes pesquisadores das ciências psicológicas e neurológicas.

Ainda no que se refere à URSS pode se desculpar pela dificuldade de ler os textos em uma língua difícil (o cirílico russo), mas se se observar que a produção de Luria está praticamente toda publicada em inglês e espanhol, que Anokhin tem seus mais importantes textos publicados no ocidente, ou ainda Nikolai Bernstein, Beritashvili

---

<sup>a</sup> Escotoma significa perda ou ausência da acuidade visual devida a patologias oculares originadas por lesões cerebrais. O artigo de Sacks chama-se “Escotoma: esquecimento e negligência em ciência” (1997).

e outros grandes fisiologistas, começa o questionamento. Mas ainda há de se considerar que autores sem o apelo (comercial) neurocientífico, como Leontiev, Rubinstein, Uznadze, Vigotski e mais uma grande lista de autores, tiveram seus principais livros traduzidos para o inglês, espanhol e francês, além é claro dos artigos das principais revistas soviéticas traduzidos em diversos periódicos como o Soviet Psychology (atual Journal of Russian and East European Psychology), Soviet Education (Journal of Russian Education and Society) ou o Soviet Psychiatric etc., e livros de coletânea. Por fim uma última observação: parte significativa de todo esse material pode ser encontrado em bibliotecas, como mostra levantamento feito nas bibliotecas da Universidade de São Paulo – USP – e Universidade Estadual Paulista – Unesp – anexo, além de outras bibliotecas espalhadas pelo país.

Analisando-se deste ponto de vista podemos talvez questionar se os pesquisadores atuais vão a bibliotecas ou ainda se consideram o levantamento bibliográfico como um levantamento histórico ou somente um item obrigatório e burocrático a mais de artigos e teses.

Perde-se história e perde-se conhecimento.

Mas, um dos objetivos desta tese, além dos evidenciados em suas estruturas formais, está a compilação e a organização dos materiais produzidos pelos soviéticos – inicialmente na psicologia histórico-cultural e posteriormente independente da escola psicológica – e a sua análise em um amplo espectro de tempo.

Espera-se que este trabalho traga contribuições para a compreensão não somente da psicologia da memória, mas também da história da URSS, de suas pesquisas características e seus diversos personagens, que sem dúvida vão muito além dos mais conhecidos Vigotski, Luria e Leontiev, tão pouco estudados ainda.

Há urgência de novas investigações à luz dos avanços da ciência atual. Mas a investigação do novo somente é possível após a apropriação do elaborado anteriormente e, assim, faz-se necessário o estudo e a busca das produções psicológicas soviéticas e sua apropriação à luz da referência epistemológica do materialismo-histórico e dialético, para que o novo se incorpore ao velho e que o conhecimento siga seu desenvolvimento em espiral.

Assim, faz-se história e produz-se conhecimento.

<sup>1</sup> El trabajo es, en primer lugar, un proceso entre el hombre y la naturaleza, un proceso en que el hombre media, regula y controla su metabolismo con la naturaleza. El hombre se enfrenta a la materia natural misma como un poder natural. Pone en movimiento las fuerzas naturales que pertenecen a su corporeidad, brazos y piernas, cabeza y manos, a fin de apoderarse de los materiales de la naturaleza bajo una forma útil para su propia vida. Al operar por medio de ese movimiento sobre la naturaleza exterior a él y transformarla, transforma a la vez su propia naturaleza.

<sup>2</sup> (...) lo ideal no es sino lo material transpuesto y traducido en la mente humana.

<sup>3</sup> El materialismo se expresa aquí en el hecho de comprender que lo ideal como forma determinada de la actividad social del hombre, que crea objetos de una u otra forma, nace y existe no en la cabeza, sino con ayuda de la cabeza en la actividad material real como agente efectivo de la producción social.

<sup>4</sup> Concebimos el trabajo bajo una forma en la cual pertenece exclusivamente *al hombre*. Una araña ejecuta operaciones que recuerdan las del tejedor, y una abeja avergonzaría, por la construcción de las celdillas de su panal, a más de un maestro albañil. Pero lo que distingue ventajosamente al peor maestro albañil de la mejor abeja es que el primero ha modelado la celdilla en su cabeza antes de construirla en la cera. Al consumarse el proceso de trabajo surge un resultado que antes del comienzo de aquél ya existía en la *imaginación del obrero*, o sea *idealmente*.

<sup>5</sup> (...) la teoría materialista, la teoría de la reflexión de los objetos por el pensamiento está aquí expuesta con la más completa claridad: fuera de nosotros existen cosas. Nuestras percepciones y representaciones son imágenes de las cosas. La comprobación de estas imágenes, la separación de las verdaderas e erróneas, las da la práctica.

<sup>6</sup> (...) la sensación es el verdadero vínculo directo de la conciencia con el mundo exterior, es la transformación de la energía de la excitación exterior en un hecho psíquico.

<sup>7</sup> (...) (sería más exacto decir: imágenes o reflejos de las cosas). Esta última teoría es *el materialismo filosófico*. Por ejemplo, el materialista Frederico Engels – colaborador conocido de Marx y fundador del marxismo – habla invariablemente y sin excepción en sus obras de las cosas y sus imágenes o reflejos mentales (*Gedanken-Abbilder*), y es de por sí claro que estas imágenes mentales no surgen de otra manera más que de las sensaciones.

<sup>8</sup> (...) la representación sensorial *no* es la realidad existente fuera de nosotros, sino solo *la imagen* de esta realidad.

<sup>9</sup> Las palabras “*stimmen mit*” *no pueden* significar *coincidir* en el sentido de “ser idéntico”. Y para el lector que no sepa alemán, poro que haya leído con alguna atención a Engels, está completamente claro, no puede menos de estar claro, que Engels todo el tiempo, a lo largo de todo su razonamiento, interpreta la “representación sensorial” como *imagen (Abbild)* de la realidad existente fuera de nosotros, y que, por consiguiente la palabra “coincidir” no puede emplearse en ruso más que en el sentido de corresponder, estar en consonancia, etc.

<sup>10</sup> El reconocimiento de la regularidad objetiva de la naturaleza e del reflejo aproximadamente exacto de esta regularidad en el cerebro del hombre es materialismo.

<sup>11</sup> El universo es el movimiento regulado de la materia, y nuestro conocimiento, siendo el producto supremo de la naturaleza, sólo puede *reflejar* esa regularidad.

<sup>12</sup> (...) un acto complejo, dividido en dos, zigzagueante, que *incluye* la posibilidad de que la fantasía vuele apartandose de la vida; es mas: la posibilidad de *la transformación* (...) del concepto abstracto, de la idea, en *una fantasía* (...) Porque incluso en la generalización mas sencilla, en la idea general más elemental (...), *hay* cierta partícula de **fantasía**.

<sup>13</sup> “(...) la conciencia del hombre no sólo refleja el mundo objetivo, sino que lo crea.

<sup>14</sup> “*El hombre no puede captar = reflejar = representar la naturaleza como un todo, en su integridad, su ‘totalidad inmediata’; sólo puede acercarse eternamente a ello, creando abstracciones, conceptos, leyes, una imagen científica del mundo, etc., etc.*”

<sup>15</sup> (...) sólo mediante la razón, a partir de la experiencia se puede lograr conocimientos (...)

<sup>16</sup> (...) en el eterno proceso de movimiento, del surgimiento de las contradicciones y su solución.

<sup>17</sup> (...) es una imagen subjetiva de la realidad objetiva, es decir, un reflejo del mundo exterior en las formas de actividad del hombre, en las formas de su conciencia y voluntad. Lo ideal no es lo psicológico individual, ni mucho menos el factor fisiológico, sino el hecho histórico-social, el producto y la forma de la producción espiritual. Lo ideal existe en múltiples formas de conciencia social de voluntad del hombre como sujeto de la producción social y de la vida material y espiritual.

<sup>18</sup> Éstas son las esferas del saber con las que deben constituirse la teoría del conocimiento y la dialéctica. Historia de la filosofía; historia de las distintas ciencias; historia del desarrollo mental del niño; historia del desarrollo mental del animal; historia del desarrollo del lenguaje; NB: más psicología, más fisiología de los órganos del sentido. kurz, la historia del conocimiento en general. Toda la esfera del saber.

<sup>19</sup> Los elementos simples del proceso laboral son la *actividad orientada a un fin* – o sea el *trabajo mismo* –, su *objeto* y sus *medios*.

<sup>20</sup> Pero el hombre puede ciertamente reducir a un sistema no sólo funciones aisladas, sino crear también un centro único para todo el sistema.

<sup>21</sup> K. Lewin dice acertadamente que la formación de los sistemas psicológicos coincide con el desarrollo de la personalidad. En los casos más elevados, allí donde nos hallamos en presencia de individualidades humanas que ofrecen el grado máximo de perfección ética y la más hermosa vida espiritual nos encontramos ante a un sistema en el que el todo guarda relación con la unidad.

<sup>22</sup> Creemos que el sistema de análisis psicológico adecuado para desarrollar una teoría debe partir de la teoría histórica de las funciones psíquicas superiores, que a su vez se apoya en una teoría que responde a la organización sistémica y al significado de la conciencia en el hombre. Esta doctrina atribuye un significado primordial a: a) la variabilidad de las conexiones y relaciones interfuncionales; b) formación de sistemas dinámicos complejos, integrantes de toda una serie de funciones elementares, y c) la reflexión generalizada de la realidad en la conciencia.

<sup>23</sup> (...) que se apoyan en el complejo de las zonas del córtex cerebral que trabajan conjuntamente.

<sup>24</sup> (...) dos puntos del cerebro, que son estimulados desde fuera, tienen tendencia a actuar dentro de un sistema único y se transforman en un punto intracortical.

<sup>25</sup> Nature builds no machines, no locomotives, railways, electric telegraphs, self-acting mules etc. These are products of human industry; natural material transformed into organs of the human will over nature, or of human participation in nature. They are *organs of the human brain, created by the human hand*; the power of knowledge, objectified.

<sup>26</sup> (...) finds expression in external manifestations; as a rule everyone – layman and scientist, the naturalist and people studying the problems of spirit – judge psychical activity by these external manifestations.

<sup>27</sup> (...) that the initial cause of any human activity lies outside man.

<sup>28</sup> Opinamos que la psicología objetiva no debe ocuparse en ningún sentido de los datos proporcionados por la introspección. Su finalidad es indagar y explicar la actividad neuropsíquica del individuo como resultante de los procesos materiales del cerebro, y solamente como tal. Por eso excluimos la observación interna, tanto del estudio como de la experiencia, limitando nuestros recursos al registro y control de los hechos objetivos. Nuestra ciencia debe continuar siendo exclusivamente objetiva en todas sus partes.

<sup>29</sup> The given facts fit readily in our physiological way of thinking. Our stimuli working from a distance may rightly be termed and regarded as reflexes. When observing carefully it appears that the activity of the salivary gland is always excited by some external phenomenon, i.e. that it is induced by external stimuli like the usual physiological salivary reflex; only the second is evoked from the oral surface, the first, however, from the eye or from the nose, etc. The difference between the two reflexes is firstly that our old physiological reflex is constant, unconditioned, while the new reflex continually fluctuates and, hence, is *conditioned*.

<sup>30</sup> (...) tres conceptos fundamentales de nuestro estudio: el *concepto de la función psíquica superior*, el *concepto del desarrollo cultural de la conducta* y el *dominio de los propios procesos del comportamiento*.

<sup>31</sup> Materialist psychology requires us to do more than incorporate dialectical materialism's basic tenets into fundamental psychological problems or exemplify dialectical principles of concrete psychological data: dialectical method must become the method of psychological analysis. In this sense, contemporary psychology cannot rest content with simply interpreting its subject matter from the point of view of dialectical data of old empirical psychology; it must actually study its material by means of dialectical method, which must play the central role, dominating other, more specific methods.

<sup>32</sup> (...) la única aplicación legítima del marxismo en psicología sería la creación de una psicología general cuyos conceptos se formulen en dependencia directa de la dialéctica general, porque esta psicología no sería otra cosa que la dialéctica de la psicología; toda aplicación del marxismo a la psicología por otras vías, o desde otros presupuestos, fuera de este planteamiento, conducirá inevitablemente a construcciones escolásticas o verbalistas ya disolver la dialéctica en encuestas y tests; a razonar sobre las cosas basándose en sus rasgos externos, casuales y secundarios; a la pérdida total e todo criterio objetivo y a intentar negar todas las tendencias históricas en el desarrollo de la psicología; a una revolución simplemente terminológica.

<sup>33</sup> (...) the only path by which we can delve into the patterns of higher processes in sufficient depth (...)

<sup>34</sup> [...] concrete experience is given to us twice, as it were: first, as unorganized, chaotic concreteness, from which derive, in Marx's words, the first frail abstractions, and second, experience as a concrete reality standing at the end of the cognitive process, which has organized it, reconstructed it, and filled it with its own content of a system of abstract concepts, i.e., theory.

<sup>35</sup> Cualesquiera de los sistemas a que me refiero recorre tres etapas. Primero, la interpsicológica: yo ordeno, usted lo ejecuta, después, la extrapsicológica: comienzo a decirme a mí mismo, y luego la intrapsicológica: dos puntos del cerebro, que son estimulados desde fuera, tienen tendencia a actuar dentro de un sistema único y se transforman en un punto intracortical.

<sup>36</sup> (...) la naturaleza psíquica del hombre viene a ser un conjunto de relaciones sociales trasladadas al interior y convertidas en funciones de la personalidad y en formas de su estructura.

<sup>37</sup> Las formas inferiores no se aniquilan, sino se incluyen en la superior y continúan existiendo en ella como instancia supeditada.

<sup>38</sup> Thus, we have two methodological approaches to the study of memory: the one studies the development of human memory by investigating and comparing its various forms, i.e., the various stages in its development. The second studies the process of development itself, i.e., the transition from one form to another, potentially contained in the preceding one, and the conditions enabling this transition, in which new properties are acquired, to take place.

<sup>39</sup> (...) *modern man's memory is the same product of his cultural, social development as his speech, writing, or counting.*

<sup>40</sup> This memory is as direct as immediate perception with which it has not yet broken the direct connection, and it arises from direct action of external impression on the person. From the point of view of structure, the directness is the most important characteristic of the entire process as a whole, a

---

characteristic that connects the person's memory with the memory of the animal; this also accords us the right call this form of memory, natural memory.

<sup>41</sup> (...) al llegar a la adolescencia, pasa a mnemotécnica interna que suele denominarse memoria lógica o forma interna de memorización mediada.

<sup>42</sup> (...) una complicada fusión del pensamiento y la memoria, que ha recibido la denominación empírica de memoria lógica.

<sup>43</sup> (...) *a voluntary* action begins only where one controls one's own behavior with the help symbolic stimuli.

<sup>44</sup> Intención es memória.

<sup>45</sup> While the action mechanism of unmediated, direct memory poses the process of reproduction into dependence on the action of a situation analogous or similar in some of its elements to that being remembered, mediated remembering makes our recall voluntary, i.e. independent of the situation. And while the first type of recall mechanism can best be expressed by 'that *reminds* me', the second type is expressed by 'I *recall* that'.

<sup>46</sup> Vygotsky's influence was tremendous; it has left its mark not only on the destiny of psychology but also, to a certain extent, on the development of disciplines contiguous to it. (...)

These new prospects for the growth of psychology, being an intrinsic part of scientific system developed by L.S. Vygotsky, determined his own scientific universalism. Vygotsky was a psychologist, a pedologist, a defectologist, an educator, and a psychopathologist; but he was also more than that: even as he *remained* a psychologist, he introduced into these disciplines that vital chord forged by a multitude of keys from the psychological theory he create, which determined his extraordinary mansidedness.

<sup>47</sup> Writing in 1940, Rubinštejn formulated what he considered to be most important principles governing Soviet psychology as follows:

(1) the *principle of psycho-physical unity* – the unity of the psychic with its organic substrate, the brain, of which it is a function, and with the external world, of which it is a reflection;

(2) the *principle of psychic development* – the psychic is a derived but specific component in the development of the organism; it develops along with the changes in the structure of the organism and of its mode of life;

(3) the *principle of historicity* – a determination of (2) – human consciousness changes with the development of man's social being;

(4) the *principle of unity of theory and practice*.

Rubinštejn sees these four principles as the expression of the one basic principle of Soviet psychology, i.e. the principle of the unity of consciousness and behaviour.

<sup>48</sup> (...) involuntary memory plays a role in any practical or theoretical activity in which the subject performs a task but does not set himself the special goal of remembering.

<sup>49</sup> In spite of the extreme diversity of current views on the nature of memory, involuntary memory is consistently characterized as *mechanical memory*. Some characterize all forms of memory as "mechanical"; others reserve this characterization for involuntary memory. In the later case, the higher forms of memory are portrayed as active, voluntary, and conscious types of activity. Here, there is a division of memory into mechanical and logical forms, that are understood as two sequential, genetic stages in the development of memory. This now-traditional distinction is preserved in current psychological theories. It is, however, a false distinction, based on a distorted understanding of the nature of psychological phenomena, on a distorted understanding of the nature of human consciousness.

<sup>50</sup> The most significant attempt in Soviet psychology (...) overcome these mechanistic and idealistic conceptions of memory (...)

<sup>51</sup> (...) in no sense exhaust the wealth of the theoretical system as a whole.



<sup>52</sup> The concept of mediation was, in fact, one of the most important positive ideas Vygotsky introduced into psychological theory.

<sup>53</sup> When compared with mechanistic and idealistic concepts of memory, the positive features of these basic theses are readily apparent. For the first time in the history of psychology, memory is represented neither as the content of consciousness contained within the subject (i.e., not as the content of his phenomenal subjective world) nor as an abstract metaphysical capacity. Remembering is represented as an active process, as a concrete mental action. As a result, investigation of the structure of memory process at various stages in their development is possible.

<sup>54</sup> (...) a conceptualization of the nature of mind, was incorrectly resolved. The central characteristic of the human mind was thought to be *mastery* of the natural or biological mind through the use of auxiliary psychological means. Vygotsky's fundamental error is contained in this thesis, in which he misconstrued the Marxist conception of the historical and social determination of human mind. Vygotsky understood the Marxist perspective idealistically. The conditioning of the human mind by social and historical factors was reduced to the influence of human culture on the individual. The source of mental development was thought to be the interaction of the subject's mind with a cultural, ideal reality rather than his actual relationship to reality. This resulted in the division of memory into lower (i.e., biological, nonmediated, and therefore involuntary) and higher (i.e., historical, mediated, and therefore voluntary) forms.

<sup>55</sup> The "mental" is sought in the mastery of the natural or physiological laws of behavior, not in the structure of the subject's actual relationships to reality.

<sup>56</sup> The problem of the transition from the animal's instinctive mind to the human mind was redefined as the problem of the transition from physiological to mental process.

<sup>57</sup> (...) reconciled in a unique way. The extreme positions of the two traditions were rejected. The physiological and the psychological were again placed in a single genetic series. What could not be correlated was made correlate.

<sup>58</sup> In the strict sense, this relationship between the means and the object was a logical rather than a psychological relationship. But the history of social development cannot be reduced to the history of the development of culture. Similarly, we cannot reduce the development of the human mind – the development of memory in particular – to the development of the relationship of "external" and "internal" means to the object to activity. The history of cultural development must be included in the history of society's social and economic development; it must be considered in the context of the particular social and economic relationships that determine the origin and development of culture. In precisely this sense, the development of "theoretical" or "ideal" mediation must be considered in the context of the subject's real, practical relations with reality, in the context of what actually determines the origin, the development and the content of mental activity.

<sup>59</sup> (...) basic mistake made by Vigotski e Leont'ev was their acceptance of the mechanistic interpretation of involuntary memory as the first stage of the development of memory, their reduction of involuntary memory to a physiological function (...)

<sup>60</sup> Los elementos simples del proceso laboral son la *actividad mismo* -, su *objeto* y sus *medios*.

<sup>61</sup> Memory processes must be understood as processes that constitute the content of a specific action. They must be understood as remembering or recollection responsive to and functioning in a particular task. (...) The subject here is the subject of life, the subject of a specific action in which one of his diverse links to reality is realized. (...)The object of memory is a fundamental feature of the action.

<sup>62</sup> The initial form of remembering is *involuntary* remembering. It is characterized by the fact that remembering occurs within an action of a *different* nature, an action that has a definitive task, goal, and motive and a definitive significance for the subject, but that is not directly oriented toward the task of remembering.

<sup>63</sup> None of these forms of memory can be reduced to the laws of associative or conditioned-reflex connection, since these are always external to the actual content of action.

---

<sup>64</sup> (...) is a special action devoted to remembering.

<sup>65</sup> (...) an object can be remembered only when it is *the object of the subject's activity*.

<sup>66</sup> This does not mean that the mere fact that an object is the object of an activity is a sufficient condition for remembering. (...) The basic problem of memory research is to identify the specific conditions under which we actually remember the object of an activity.

<sup>67</sup> (...) the product of the subject's meaningful activity.

<sup>68</sup> The difference is that involuntary memory, the first stage in the genesis of memory processes, is always embedded in some other form of activity. Voluntary memory, a higher stage of memory in the genetic sense, is a specialized action associated with a goal of remembering. It is therefore associated with special processes that facilitate remembering.

<sup>69</sup> Involuntary remembering always occurs in the process of some action. This action is not always intellectual or cognitive in nature (...) In the conditions of daily life, it may very well have the characteristics of a play, aesthetic, or practical action. But it is always the mechanism that actively realizes a particular relationship between the subject and the external world, a relationship that arises in the course of the subject's life. It is always directed toward realization of the subject's needs. One consequence of this is that the subject's interests, the affective significance the situation and the object have for the subject, have a particularly strong influence on involuntary forms of remembering.

<sup>70</sup> Tal vez sea imposible presentar una prueba más contundente de que la atención secundaria procede de la primaria como el hecho, confirmado por la práctica diaria, de la conversión constante de la atención secundaria en primaria.

<sup>71</sup> (...) secondary voluntary memory again becomes involuntary, but as a "derivative" of primary memory, i.e., being mediated in its genesis and does not become "lower".

<sup>72</sup> En vez de la conocida tesis de que la atención voluntaria y la involuntaria guardan entre sí la misma relación que la voluntad y el instinto (la idea nos parece correcta, pero demasiado general), pondríamos decir que la atención voluntaria y la involuntaria se relacionan entre sí como la memoria lógica con las funciones mnemotécnicas o como el pensamiento en conceptos con el pensamiento sincrético.

<sup>73</sup> Vemos, por lo tanto, que el desarrollo de la atención del niño, desde los primeros días de su vida, se encuentra en un medio complejo formado por estímulos de un doble género. Por un lado, los objetos y los fenómenos atraen la atención del niño en virtud de sus propiedades intrínsecas; por otro, los correspondientes estímulos-catalizadores, es decir, las palabras orientan la atención del niño. Desde el principio, la atención del niño está orientada. Primero la dirigen los adultos, pero a medida que el niño va dominando el lenguaje, empieza a dominar la misma propiedad de dirigir su atención con respecto a los demás y después en relación consigo mismo.

<sup>74</sup> (...) this problem of nature of the whole, acting person is resolved on the basis of the concept of set. This is why this concept emerges as one of basic concepts of concrete psychology.

<sup>75</sup> (...) reflex – because here excitation of the sensory nerve is reflected in the motor nerve. Further, it is clear that these movements are involuntary (...)

<sup>76</sup> (...) is always conscious.

<sup>77</sup> En 1944, la totalidad del plantel vuelve a Moscú cuando el frente retrocede en pos de la liberación definitiva del suelo patrio.

Es justamente a partir del difícil año de 1944, ya cerca de la victoria final, cuando paso a revistar en nuestra amada Universidad, allí me afincó definitivamente, sin solución de continuidad, y allí llevo ya casi cuarenta años de labor. Como todos nosotros, vivo otra vez el clima de reconstrucción, de un renacer a la vida y a la posibilidad de soñar nuevamente con la ciencia y con la psicología al servicio del hombre. Otra vez todos asumimos una época heroica, cansados, mal alimentados, con privaciones, con frío en las casas y en los hospitales, pero seguros e confiados en nuestro destino.

<sup>78</sup> (...) propuestas esbozadas por el propio Vigotski de su puño y letra (...) ¡La horda hitleriana arrasó con esos capítulos vivos de nuestro desarrollo, incipiente, pero pujante y creativo como pocos!

<sup>79</sup> Si en la edad infantil el pensamiento es función de la memoria, en la edad de transición la memoria es función del pensamiento.

<sup>80</sup> (...) the goals of remembering and recalling have a totally specific and real meaning in this situation. For this reason, in a play or game situation the child grasps mnemonic goals as such both more quickly and more easily [than in a laboratory situation].

<sup>81</sup> Progressive educational has always stressed the important role of play in the child's psychological development during the preschool period. Play, especially creative role-playing, is the kind of activity in which a child learns about the wide world [and – SA] about him in an active and real form.

<sup>82</sup> (...) [he] must be ready for formal schooling (...)

<sup>83</sup> School readiness includes a number of psychological requirements, the most important of which is that the motivational aspect of a child's personality be sufficiently developed.

<sup>84</sup> (...) want to learn, i.e., general motivation to learn must already have been instilled in him.

<sup>85</sup> We, the representatives of the Soviet Michurin trend, contend that inheritance of characters acquired by plants and animals in the process of their development is possible and necessary.

<sup>86</sup> Our Soviet Michurinist Darwinism is a creative Darwinism which poses and solves problems of the theory of evolution in a new way, in the light of Michurin's teaching.

<sup>87</sup> (...) heredity is inherent not only in the chromosomes, but in any particle of the living body. (...) heredity is determined by the specific type of metabolism. You need but change the type of metabolism in a living body to bring about a change in heredity.

<sup>88</sup> (...) who found himself in a difficult situation because he knew that high ranking Soviet officials demanded changes in psychology, but he could not think of any way in which such changes were possible. Essentially, Smirnov read a paper urging the participants to base psychology on Pavlov's teaching and offered concrete proposals.

<sup>89</sup> In the course of a man's life, multiform, widely ramified, and intricately interlaced connections are accumulated and perfected within the first signal system, between the two signal systems, and within the second signal system. These data, in some measure throw light on the complexity and mobility of processes of memory.

<sup>90</sup> El concepto de "actividad objetiva" pertenece a las categorías centrales dentro del sistema de la psicología marxista. El llamado "enfoque orientado hacia la actividad" en la psicología, puede verse hoy como la variante más elaborada del análisis psicológico sistémico (a diferencia del análisis sistémico fisiológico y sistémico cibernético) (...) En la teoría psicológica de la actividad, las actividades se delimitan unas de otras tomando como criterio los *motivos* desencadenantes. Son partes integrantes fundamentales de cada una de las actividades humanas, las *acciones* a su servicio. Se denomina acción al proceso dirigido por la idea del resultado para la realización de las acciones se denominan *operaciones*. Según Leontiev, las mencionadas "unidades" de la actividad humana constituyen su macroestructura. En la teoría de la actividad, el término "meta" esta asociado al reflejo, *devenido consciente*, del resultado futuro de la acción.

<sup>91</sup> (...) the main condition for the psychological development of a person, and it provides the unity and integrity of human personality.

<sup>92</sup> (...) the structure of a soldier's activities (their motives, purpose, significance, tasks, goals and the methods of achieving them) determines what will be imprinted, retained, and subsequently recalled by his memory.

---

<sup>93</sup> *La acción antes compartida por dos personas, se convierte en procedimiento de organización de la actividad psíquica, la acción interpsicológica adquiere una estructura interpsicológica.*

<sup>94</sup> My head was a complete blank then. I just slept, woke, but simply couldn't think, concentrate, or remember a thing. My memory – like my life – hardly seemed to exist.

<sup>95</sup> In summary, the bullet fragment that entered his brain had so devastated his world that He no longer had any sense of space, could not judge relationships between things, and perceived that world as broken into thousands of separate parts.

<sup>96</sup> I know that my writing may also be a great help to scientists who are studying how the brain and memory work (psychologists, neurologists, and other doctors).

<sup>97</sup> When a person has had a serious head wound, or is suffering from a brain disease, He no longer understands or recognizes the meaning of words right away and cannot think of many words when he tries to speak or think. And vice-versa: he cannot form an image of a think or an object when he hears it mentioned, even though he already knows the word.

Because of his illness he also cannot orient himself in space, or figure out immediately where a sound is coming from. He's always hesitating, shifts back and forth before he can aim straight (...). Because of his injury and illness his memory is shot, he can't recall anything.

All this is what I call "intellectual aphasia". I use that expression to mean everything that keeps me from remembering and being able to pronounce words, visualize objects when I hear then mentioned and understand endless numbers of words in Russian that connect and make sense out of ideas. When I think back on my past – the different hospitals the doctors sent me to – that is how I understand my misfortune.

<sup>98</sup> We, therefore, agree with the view that education, under the influence of social conditions, accomplishes that task of the cortex into a organ capable of forming functional organs and that the latter property is on of more important of the human brain.

<sup>99</sup> To learn and understand means to absorb ideas which the memory retains in a succinct form as a kind of survey or digest. At a later date, this knowledge can be reviewed and expanded upon. One can of course temporally forget certain principles of mathematics or heredity, but this "forgotten" information readily recurs when one refreshes his memory. Knowledge is not stores in the memory like good in a warehouse or books in a library, but is preserved through a succinct system of codification that creates a framework of ideas. Hence, whatever the memory has retained in this concise way can be revived and developed.

<sup>100</sup> (...) todos los procesos psíquicos están basados en formas complejas de *actividad*; se obtuvieron importantes datos sobre su desarrollo en la ontogénesis; se describió la estructura de los procesos cognoscitivos como formas activas y selectivas de reflejo de la realidad, orientados por los correspondientes motivos, que emplean determinados mecanismos auxiliares y que se apoyan en un sistema jerárquico de actos autorregulados, formado en el transcurso de la vida.

<sup>101</sup> (...) como un proceso complejo de elaboración de la información, dividido en una serie de etapas consecutivas y que, por su carácter, se acerca a la actividad cognoscitiva.

<sup>102</sup> (...) memoria *es complejo sistema funcional*, activo por su carácter, que se despliega en el tiempo en una serie de eslabones sucesivos y que está organizado en diferentes niveles.

Este carácter complejo y sistémico está presente en los procesos fundamentales de la memoria y se refiere por igual al proceso de registro (o recordación) como al de reproducción (o evocación) de las huellas impresas.

<sup>103</sup> (...) considerar la memoria como una compleja actividad cognoscitiva, que transcurre en una serie de etapas sucesivas y que consiste en la inclusión progresiva del material en un complejo sistema de relaciones.

---

<sup>104</sup> La caracterización de la memoria como una compleja y multidimensional actividad es aplicable en igual medida a la recordación y evocación de modelos visuales, movimientos y palabras. Sin embargo en la recordación de *material verbal* esta complejidad y multiplicidad del proceso que comienza con la diferenciación de rasgos elementares y termina con su introducción en un complejo sistema de relaciones (o su “codificación”) aparece con especial relevancia.

<sup>105</sup> (...) se manifiesta en que el hombre elabora activamente la información que llega hasta él; no registra simplemente las huellas de las estimulaciones que le están dirigidas, sino que codifica esta información, selecciona sus rasgos esenciales y la introduce en un determinado sistema, en una cierta “organización subjetiva” (...). Más aun, en algunos casos, este carácter activo se manifiesta precisamente en que el hombre se propone la *tarea* especial de recordar o evocar un determinado material y justamente esto convierte al proceso de pasivo registro inintencionado en una forma especial de actividad mnésica (...) y da a la memoria un *carácter selectivo* específicamente humano.

<sup>106</sup> Si la *perestroika* continúa, hay bases para pensar que el psicólogo se convertirá en una figura de nuestro sistema estatal. Si no, la psicología continuará en la situación de perrito faldero que puede andar en dos patas y hacer cualquier “truco” que ordene el dueño.

<sup>107</sup> (...) a mental process that is the *product* of a preceding action and the *condition* of an impending action (process, experiment).

<sup>108</sup> (...) *condition for the realization of another process* (...)

<sup>109</sup> (...) basis for the formation of the personality is experience as the totality of relations between the individual and the objective world.

<sup>110</sup> (...) a psychological mechanism (...) of the systemic organization of individual experience as a necessary condition for the realization of an impending activity.

---

**REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Sandro H. V. **O conceito de memória na obra de Vigotski**. 2004. 149p. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- ASMOLOV, Alexander G. (1997) The social biography of cultural-historical psychology. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 35, n. 02, March-130April, pp. 48-65, 1997.
- BAKHURST, David. A memória social no pensamento soviético. IN: DANIELS, Harry. *Uma introdução a Vygotsky*. São Paulo: Loyola, 2002. pp. 229-254.
- BASSIN, Filipp V. (1967) *O problema do inconsciente: as formas não-conscientes as atividade nervosa superior*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. *Neurociências: Desvendando o Sistema Nervoso*. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- BECHTEREV, Wladimir.(1910) *La psicologia objetiva*. 2.ed. Buenos Aires: Paidós, 1965.
- BERITASHVILI, Ivan S. (J.S. Beritov) (1968) *Vertebrate memory: characteristics and origin*. New York: Plenum Press, 1971.
- BROŽEK, Joseph. Publicações sobre a historiografia soviética da psicologia e fisiologia da atividade nervosa superior (comportamento): uma bibliografia comentada das décadas de 60-70. IN: BROŽEK, Joseph; MASSIMI, Marina (orgs.) *Historiografia da psicologia moderna: versão brasileira*. São Paulo: Loyola/Unimarco, 1998. pp. 111-130.
- BUENO, O.F.; OLIVEIRA, M.G. Memória e amnésia. IN: ANDRADE, V.M.; SANTOS, F.H.; BUENO, O.F. (orgs). *Neuropsicologia Hoje*. São Paulo: Artes Médicas, 2004.
- CALVIÑO, Manuel; TORRE, Carolina de la. La historia de Vygotsky: una mirada desde lo vivencial (Crónica de una muerte no anunciada pero previsible). **Psicologia Revista**, n. 03, pp. 75-87, novembro. 1996.
- COLE, Michael. Introduction: The Kharkov School of Developmental Psychology. **Soviet Psychology**, v. XVIII, n. 02, winter, pp. 03-08, 1979-80.
- DUARTE, Newton. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2000.
- EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

ELHAMMOUMI, Mohamed. *Contributions of Alexander R. Luria to the development of psychological sciences: critical assessments*. Disponível em: <<http://luria.ucsd.edu/mailman.html>>. Acesso em: 19 jul. 2006.

ELKONIN, Daniil B. (1983) Lembranças do amigo e companheiro. IN: GOLDER, Mario (org) *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem e seu tempo*. São Paulo: Xamã, 2004. pp. 77-85.

ELLEINSTEIN, Jean. *História da U.R.S.S.* 4 v. Lisboa: Europa-América, 1976.

ENGELS, Friedrich (1876) Humanização do macaco pelo trabalho. IN: ENGELS, Friedrich. *Dialética da Natureza*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. pp. 215-228.

ENGELS, Friedrich (1892) Prologo a la edición inglesa. IN: ENGELS, Friedrich. *Del socialismo utópico al socialismo científico*. Madrid: Ricardo Aguilera Editor, 1969. pp. 07-37.

ENGELS, Friedrich (1978) *Anti-Düring*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FARR, Robert M. *As raízes da psicologia social moderna*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GALPERIN, Peter Ia. Entrevista con P. I. Galperin. IN: GOLDER, Mario. *Reportajes contemporáneos a la psicología soviética*. Bs. Aires: Cartago, 1986. pp. 26-70.

GALPERIN, Peter Ia. Sobre la investigación del desarrollo intelectual del niño. IN: SHUARE, Marta; DAVIDOV, Vasili V. *La psicología evolutiva e pedagógica en la URSS: antología*. Moscu: Progreso, 1987. pp. 125-142.

GALPERINE, Peter Ia. Essai sur la formation par étapes des actions et des concepts. IN: *Recherches psychologiques en URSS*. Moscou: Éditions Du Progrès, 1966. pp. 114-132.

GARCIA VEGAS, Luis. *Historia de la psicología*. T.3: La psicología rusa: reflexología y psicología soviética. México: Siglo XXI, 1993.

GOLDER, Mario (org) *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem e seu tempo*. São Paulo: Xamã, 2004.

ILÍENKOV, Evald Vasilyevich. Comprensión materialista del pensamiento como objeto de la lógica. IN: \_\_\_\_\_. *Lógica dialéctica*. Ensayos sobre historia e teoría. 2. ed. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1984. pp. 179-204.

ISTOMINA, Z. M. (1948) The development of voluntary memory in preschool-age children. *Soviet Psychology*, v. 13, n. 04, Summer, pp. 05-64, 1975.

IVANOVA, E.F.; NEVOENNAIA, E.A. The historical evolution of mnemonic processes. *Journal of Russian and East European Psychology*. v. 36, n. 03, May/June, pp. 60-77, 1998.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro, Vieira e Lent, 2005.

IZQUIERDO, Ivan. *Questões sobre memória*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2006.

KANDEL, Eric R.; SCHWARTZ, James H.; JESSEL, Thomas M. (eds.) *Principles of Neural Science*. New York: McGraw-Hill, 2000.

KANDEL, Eric R.; SQUIRE, Larry R. *Memória: da mente às moléculas*. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

LENT, Roberto. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociências*. Rio de Janeiro: Atheneo, 2001.

KECHWACHVILI, Georgi N. Dimitri Uznadze. **Perspectivas**: revista trimestral de educación comparada. v. XXIV, n. 3/4, pp. 703-718, 1994.

KOPNIN, Pável V. *A dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KORNILOV, Konstantine (org) *Problemas de la psicología moderna*. Madrid: M. Aguilar, 1935.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KOVÁC, Damián (1980) Interfuncionalidad de los procesos cognoscitivos fundamentales. IN: KOSSAKOWSKI, Adolf (org.) *Psicología no socialismo*. La Habana: Ciencias Sociales, 1987. pp. 57-62.

KOZULIN, Alex. (1986) O conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos. IN: DANIELS, Harry. *Uma introdução a Vygotsky*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 111-137.

LÊNIN, Vladimir Ilitch (1908) Notas y acotaciones en libros: J. Dietzgen: “Pequeños escritos filosóficos”. IN: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. T. 29. Cuadernos filosóficos. Moscú: Progreso, 1986a. pp. 373-470.

LÊNIN, Vladimir Ilitch (1915) Resumen del libro de Hegel “Lecciones de historia de la filosofía”. IN: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. T. 29. Cuadernos filosóficos. Moscú: Progreso, 1986b. p. 217-278.

LÊNIN, Vladimir Ilitch (1915) Resumen del libro de Aristóteles “Metafísica”. IN: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. T. 29. Cuadernos filosóficos. Moscú: Progreso, 1986c. pp. 329-338.

LÊNIN, Vladimir Ilitch (1915) Resumen del libro de Hegel “Ciencia de la Lógica”. IN: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. T. 29. Cuadernos filosóficos. Moscú: Progreso, 1986d. pp. 75-216.



LÊNIN, Vladimir Ilitch (1921) *Concerning the conditions ensuring the research work of academician I. P. Pavlov and his associates*. Disponível em: <<http://www.marx2mao.com/Lenin/PAV21.html>>. Acesso em: 08 mar. 2008, ou em <<http://mia.marxists.org/archive/lenin/works/1921/jan/24.htm>>. Acesso em 08 mar. 2008.

LENINE, Vladimir Ilitch (1908) Materialismo e empiriocriticismo: novas críticas sobre uma filosofia reacionária. *Obras Completas*. T. 18. Moscú: Progreso, 1983.

LEONT'EV, Alexis N. (1929) The dialectical method in the psychology of memory. *Soviet Psychology*, v. XVI, n. 01, Fall, pp. 53-69, 1977.

LEONTIEV, Aleksei A. The life and creative path of A. N. Leont'ev. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 43, n. 03, May-June, pp. 08-69, 2005.

LEONTIEV, Alexis N. (1944) Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. IN: VIGOTSKII, L. S. (et. al.) *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5.ed. São Pulo: Ícone / Edusp, 1994a. pp. 119-142.

LEONTIEV, Alexis N. (1945) Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. IN: VIGOTSKII, L. S. (et. al.) *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5.ed. São Pulo: Ícone / Edusp, 1994b. pp. 59-83.

LEONTIEV, Alexis N. (1959) *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978a.

LEONTIEV, Alexis N. (1947) Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo. IN: LEONTIEV, Alexis N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978b. pp. 17-88.

LEONTIEV, Alexis N. (1959) O biológico e o social no psiquismo do homem. IN: LEONTIEV, Alexis N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978c. pp. 235-258.

LEONTIEV, Alexis N. (1975) *Actividad, consciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978d.

LEONTIEV, Alexis N.; LURIA, Alexander. R. The psychological ideas of L.S. Vygotski. IN: WOLMAN, Benjamin B. *Historical roots of contemporary psychology*. New York: Harper & Row, 1968. pp. 338-367.

LEONTIEV, Alexis N.; ROZONAVA, T.V. (1951) The formation of associative connections: an experimental investigation IN: SIMON, Brian (org) *Psychology in the Soviet Union*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1957. pp. 163-182.

LEONTYEV, Alexis N. (1931) The development of higher forms of memory. IN: LEONTYEV, Alexis N. *Problems of the development of the mind*. Moscow: Progress, 1981a. pp. 327-364.

LEONTYEV, Alexis N. (1936) The development of higher forms of memory. IN: LEONTYEV, Alexis N. *Problems of the development of the mind*. Moscow: Progress, 1981b. pp. 07-131.

LEONTYEV, Alexis N. (1947) An outline of the evolution of the psyche. IN: LEONTYEV, Alexis N. *Problems of the development of the mind*. Moscow: Progress, 1981c. pp. 156-272.

LEVITIN, Karl E. Epilogue: Luria's psychological symphony. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 36, n. 06, September-October, pp. 33-62, 1998.

LIÁUDIS, Valentine; BOGDÁNOVA, V. Sobre la ontogénesis temprana de la memoria. IN: SHUARE, Marta; DAVIDOV, Vasili V. *La psicología evolutiva e pedagógica en la URSS*: antología. Moscu: Progreso, 1987. pp. 206-226.

LUKÁCS, Georg. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LURIA, Alexander R. (1947) *Traumatic aphasia: its syndromes, psychology and treatment*. The Hague: Mouton, 1970.

LURIA, Alexander R. (1947/1970) *Cerebro y lenguaje: la afasia traumática: síndromes, exploración y tratamiento*. 2. ed. Barcelona: Fontanella, 1978.

LURIA, Alexander R. (1948) *Restoration of function after brain injury*. New York: Macmillan Company, 1963.

LURIA, Alexander R. (1963 - T.1/1970 - T.2) *El cerebro humano y los procesos psíquicos*. Barcelona: Fontanella, 1979a.

LURIA, Alexander R. (1968) *A mente e a memória: pequeno livro de uma vasta memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LURIA, Alexander R. (1968) *The mind of mnemonist: a little book about a vast memory: the history of a main wound*. 11. ed. New York: Basic Books, 2002.

LURIA, Alexander R. (1969) *The higher cortical functions in man: an introduction to neuropsychology*. 2. ed. New York: Basic Books / Plenum Press, 1980.

Luria, Alexander R. (1969) *Las funciones corticales superiores del hombre*. La Habana: Orbe, 1977.

LURIA, Alexander R. (1970) *Curso de psicologia geral: atenção e memória*. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979b.

LURIA, Alexander R. (1972) *The man with shattered world: the history of a brain wound*. 9. ed. New York: Basic Books, 2002.

LURIA, Alexander R. (1972) *El hombre con su mundo destrozado*. Buenos Aires: Granica, 1973.

LURIA, Alexander R. (1973) *Fundamentos de neuropsicologia*. Rio de Janeiro / São Paulo: LTC / Edusp, 1981.

LURIA, Alexander R. (1973) *El cerebro en acción*. 3. ed. Barcelona: Fontanella, 1984.

LURIA, Alexander R. (1974 - T.1/1976 - T.2) *Neuropsicologia de la memoria*. Madrid: H. Blume Ediciones, 1980.

LURIA, Alexander R. (1976) *A construção da mente*. São Paulo: Ícone, 1992.

LURIA, Alexander R. (1976) *The making of mind: personal account of Soviet Psychology*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LYSENKO, Trofim D. (1948) *Soviet Biology: Report to the Lenin Academy of Agricultural Sciences*. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/lysenko/works/1940s/report.htm> Acesso em 08 mar. 2008.

MARTINS, Lígia M. *A formação social da personalidade do professor*. Campinas: Autores Associados, 2007.

MARX, Carlos. (1844) Manuscritos económicos-filosóficos de 1844. IN: MARX, Carlos. *Escritos de juventud*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987. pp. 555-568.

MARX, Karl. (1844) Manuscritos econômicos-filosóficos. IN: *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. pp. 01-48.

MARX, Karl. (1857) Para a crítica da economia política. IN: *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. pp. 103-125.

MARX, Karl. *Outlines of the Critique of Political Economy (Grundrisse)* Disponível em <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1857/grundrisse/ch14.htm>. Acesso em 08 mar. 2008.

MARX, Karl (1867) *El capital*. T.1. v. 1. 15. ed. México: Siglo Veintiuno, 1985.

MARX, K. (1883) Posfácio da segunda edição. IN: *O capital: crítica da economia política volume 1, t. 1-2*. 2 ed. São Paulo: Nova cultural, 1985b. pp. 15-21.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. (1845) *A ideologia alemã: Feuerbach I*. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 1989.

McLEISH, John. *Soviet Psychology: history, theory, content*. London: Methuen & Co. Ltd., 1975.

NUÑES, Isauro Beltran & PACHECO, Otmara Gonzáles. *La formación de conceptos científicos una perspectiva desde la actividad*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997.

PAMBOOKIAN, Hagop S. Psicologia Soviética: desenvolvimento, práticas e tendências. **Cadernos de Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, n. 01, set., pp. 29-37, 1983.

PAVLOV, Ivan P. (1933) A propósito da possibilidade de uma fusão do subjectivo e objectivo. IN: PAVLOV, Ivan P. *Reflexos condicionados, inibição e outros textos*. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1976b. pp. 279-281.

PAVLOV, Ivan P. (1934) O reflexo condicionado. IN: PAVLOV, Ivan P. *Reflexos condicionados, inibição e outros textos*. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1976a. pp. 133-156.

PAVLOV, Ivan P. *Nobel Lecture: Physiology of Digestion*. Disponível em: <[http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/medicine/laureates/1904/pavlov-lecture.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1904/pavlov-lecture.html)>. Acesso em 08 mar. 2008.

PAYNE, T.R. S. L. *Rubinštejn and the philosophical foundations of Soviet Psychology*. New York: Humanities Press, 1968.

PETROVSKY, Arthur V. *Psychology in the Soviet Union: a historical outline*. Moscow, Progress, 1990.

PRANGISHVILI, Alexander S. (1967) The concept of set in Soviet psychology in the light of research by the Georgian Psychological School. IN: BROŽEK, Joseph; SLOBIN, Dan I. (orgs) *Psychology in the USSR: an historical perspective*. White Plains: IASP, 1972. pp. 267-278.

RAHMANI, Levy. *Soviet Psychology: philosophical, theoretical and experimental issues*. New York: International Universities Press, 1973

RUBINSTEIN, Sergei L. (1940/1946) *Principios de psicología general*. México: Grijalbo, 1967.

RUBINSTEIN, Sergei L. (1957) *El ser y la conciencia*. Montevideo: Pueblos Unidos, 1963

RUBINSTEIN, Sergei L. (1958) *El pensamiento y los caminos de su investigación*. Montevideo: Pueblos Unidos, 1963.

RUBINSTEIN, Sergei L. (1959) *El desarrollo de la psicología: principios e métodos*. México/Montevideo: Grijalbo/Pueblos Unidos, 1974.

SACKS, Oliver. Escotoma: esquecimento e negligência em ciência. IN: SILVERS, Robert B., (org.) *Histórias esquecidas da ciência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997

SANCHEZ VAZQUEZ, A. *Filosofia da práxis*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SEABRA-DINIS, J. Vida e obra de I.P. Pavlov. IN: PAVLOV, Ivan P. *Reflexos condicionados, inibição e outros textos*. 2.ed. Lisboa: Estampa, 1976. pp. 11-37.

SECHENOV, Ivan M. (1964) Reflexes of the brain. IN: SECHENOV, Ivan M. *Select physiological and psychological Works*. Moscow: Foreign Language Publishing House, 1956a. pp. 31-139.

SECHENOV, Ivan M. (1864) *Los reflejos del cerebro*. La Habana: Academia de Ciencias, 1965.

SECHENOV, Ivan M. (1873) Who elaborate the problems of psychology and how? IN: SECHENOV, Ivan M. *Select physiological and psychological Works*. Moscow: Foreign Language Publishing House, 1956b. pp. 179-260.

SEREDA, Georgi. The scientific contribution of P. I. Zinchenko to the development of Psychology of memory (on his 80th birthday). **Soviet Psychology**, v. XXIV, n. 01, Fall, pp. 24-34, 1985.

SEREDA, Georgi. What is memory? **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 32, n. 02, March-April, pp. 09-21, 1994.

SHELIAG, V.V.; GLOTOCHKIN, A.D.; PLATONOV, K.K. *Military Psychology: a Soviet view*. Moscow/Washington: U.S. Government Printing Office, 1972.

SHUARE, Marta. *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscú: Editorial Progreso, 1990.

SHUARE, Marta; DAVIDOV, Vasili V. *La psicología evolutiva e pedagógica en la URSS: antología*. Moscu: Progreso, 1987.

SILVA, Flávia Gonçalves. **O professor e a educação: entre o prazer, o sofrimento e o adoecimento**. 2007. 396 p. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

SMIRNOV, Anatoli A. (1948/1966) *Problems of the psychology of memory*. New York: Plenum Press, 1973.

SMIRNOV, Anatoli A. La mémoire et l'activité. IN: *Recherches psychologiques en URSS*. Moscou: Éditions Du Progrès, 1966. pp. 47-89.

SMIRNOV, Anatoli A.; ZINCHENKO, Peter I. Problems in the Psychology of Memory. IN: COLE, Michael; MALTZMAN, Irving (orgs). *A handbook of contemporary Soviet psychology*. Basic Books: New York, 1969. p. 452-502.

TIJOMIROV, Oleg K. Investigaciones sobre formación de metas. IN: KOSSAKOWSKI, Adolf (org.) *Psicología no socialismo*. La Habana: Ciencias Sociales, 1987. pp. 136-145.

TSVETKOVA, Lubov (1966) *Reeducación del lenguaje, la lectura y la escritura*. Editorial Fontanella, Barcelona, 1977.

TULVING, Endel. Organization of memory: quo vadis? IN: GAZZANIGA, Michael (org.) *The cognitive neurosciences*. 2. ed. Cambridge: A Bradford Book, 1995. 839-847.

UZNADZE, Dimitri N. (1949) Introduction to the Theory of Set. IN: UZNADZE, Dimitri N. *The psychology of set*. New York: Consultants Bureau, 1966a.

UZNADZE, Dimitri N. (1950) Basic problems of the Theory of Set. IN: UZNADZE, Dimitri N. *The psychology of set*. New York: Consultants Bureau, 1966b.

VIGOTSKI, Lev S. (1926) *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

VYGOTSKI, Lev S. (1924) Los métodos de investigación reflexológicos y psicológicos. IN: VYGOTSKI, Lev S. *Obras escogidas*. Tomo I. 2.ed. Madrid: Visor, 1997a. pp. 03-22.

VYGOTSKI, Lev S. (1927) El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. IN: *Obras escogidas*, tomo I. 2.ed. Madrid: Visor/MEC, 1997b. pp. 259-413.

VYGOTSKI, Lev S. (1930) Sobre los sistemas psicológicos. IN: *Obras escogidas*, tomo I. 2.ed. Madrid: Visor/MEC, 1997c. pp. 71-93.

VYGOTSKI, Lev S. (1930) La psicología y la teoría de la localización de las funciones psíquicas. IN: *Obras escogidas*, tomo I. 2.ed. Madrid: Visor/MEC, 1997d. pp. 133-139.

VYGOTSKI, Lev S. (1931) Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. IN: *Obras escogidas*, tomo III. 2. ed. Madrid: Visor/MEC, 2000. pp. 11-340.

VYGOTSKI, Lev S. (1931) Paidología del adolescente. IN: *Obras escogidas*, tomo IV. Madrid: Visor/MEC, 1996a. pp. 11-248.

VYGOTSKI, Lev S. (1932) La memoria y su desarrollo en la edad infantil. IN: *Obras escogidas*, tomo II. 2.ed. Madrid: A. Machado Libros, 2001b. pp. 369-381.

VYGOTSKI, Lev S. (1934) Pensamiento y lenguaje. IN: *Obras escogidas*, tomo II. 2.ed. Madrid: A. Machado Libros, 2001c. pp. 09-348.

VYGOTSKY, Lev S. (1930) Tool and sign in the development of the child. IN: *The collected works of L. S. Vygotsky*. Volume VI. New York: Kluwer Academic/ Plenum Press, 1999. pp. 01-68.

VYGOTSKY, Lev S; LURIA, Alexandr Romanovich. (1930) *Estudos da história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.

WINDHOLZ, George. The 1950 Joint Scientific Session: pavlovians as the accusers and the accused. **Journal of the history of the behavioral sciences**, v. 33, n. 01, Winter, pp. 61-81, 1997.

XAVIER, Gilberto F. A Modularidade da memória. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1, p. 61-115, 1993.

XVIII International Congress of Psychology, 1966. Moscou. **Abstracts General Problems of Psychology**. 4-11 agosto 1966. 511 p.

YAROSHEVSKY, Mikhail G. (1967) *A history of psychology*. Moscow: Progress, 1990.

YAROSHEVSKY, Mikhail G.; PETROVSKY, Arthur V. *A Concise Psychological Dictionary*. New York: International Publishers, 1987.

ZANKOV, Leoni V. (1951) The teory of memory. IN: SIMON, Brian (org) *Psychology in the Soviet Union*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd.,1957. pp. 152-163.

ZAPOROZHETS, Alexander V.; ELKONIN, Daniil B. (eds.) (1964) *The psychology of preschool children*. Cambridge, MIT Press, 1971.

ZINCHENKO, Peter I. (1939) The problem of involuntary memory. **Soviet Psychology**, v. XXII, n. 02, Winter, pp. 55-111, 1984.

ZINCHENKO, Peter I. (1961) Involuntary memory and the goal-directed nature of activity. IN: WERTSCH, James V. (org.) *The concept of activity in Soviet psychology*. New York: Sharpe, 1981. pp. 300-340.

ZINTCHENKO, Peter I. Quelques problèmes de psychologie de la mémoire. IN: *Recherches psychologiques en URSS*. Moscou: Éditions Du Progrès, 1966. pp. 07-46.

---

**ANEXOS**



### **HISTORIOGRAFIA E HISTÓRIA DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA**

ANOKHIN, Peter K. Ivan P. Pavlov and psychology. IN: WOLMAN, Benjamin B. *Historical roots of contemporary psychology*. New York: Harper & Row, 1968. pp. 131-159.

ANTUNES, Mitsuko A. M. Materialismo histórico-dialético: fundamentos para a pesquisa em história da psicologia. IN: ABRANTES, Ângelo A.; SILVA, Nilma R.; MARTINS, Sueli T. F. *Método histórico social na psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2005. pp. 105-117.

BROŽEK, Joseph. Psicologia soviética. IN: MARX, Melvin H.; HILLIX, William A. *Sistemas e teorias em psicologia*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976. pp. 655-687.

BROŽEK, Joseph. Publicações sobre a historiografia soviética da psicologia e fisiologia da atividade nervosa superior (comportamento): uma bibliografia comentada das décadas de 60-70. IN: BROŽEK, Joseph; MASSIMI, Marina (orgs.) *Historiografia da psicologia moderna: versão brasileira*. São Paulo: Loyola/Unimarco, 1998. pp. 111-130.

BROŽEK, Joseph; MASSIMI, Marina (orgs.) *Historiografia da psicologia moderna: versão brasileira*. São Paulo: Loyola/Unimarco, 1998.

BROŽEK, Joseph; MASSIMI, Marina. (ed.). (2001) *Curso de Introdução à Historiografia da Psicologia*: apontamentos para um curso breve. **Memorandum**, n. 01, p. 72-78. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos01/brozek01.htm>>. Acesso em: 19 jul. 2006.

BROŽEK, Joseph; SLOBIN, Dan I. (orgs) *Psychology in the USSR: an historical perspective*. White Plains: IASP, 1972.

LERNER, Vladimir; MARGOLIN, Jacob; WITZTUM, Eliezer. Vladimir Bekhterev: his life, his work and the mystery of his death. **History of Psychiatric**, v. 16, n. 02, pp. 217-227, 2005.

PAYNE, T.R. S. L. *Rubinštejn and the philosophical foundations of Soviet Psychology*. New York: Humanities Press, 1968.

PETROVSKY, Arthur V. *Psychology in the Soviet Union: a historical outline*. Moscow, Progress, 1990.

RAHMANI, Levy. *Soviet Psychology: philosophical, theoretical and experimental issues*. New York: International Universities Press, 1973

SHUARE, Marta. *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscú: Progreso, 1990.

TULESKI, Silvana C. *Vigotski: a construção de uma psicologia marxista*. Maringá: Eduem, 2002.

WORTIS, Joseph. *Soviet psychiatry*. Baltimore: The Williams & Wilkins Co., 1950.

YAROSHEVSKI, Michael G. I. M. Sechenov – The founder of objective psychology. IN: WOLMAN, Benjamin B. *Historical roots of contemporary psychology*. New York: Harper & Row, 1968. pp. 77-110.

YAROSHEVSKY, Mikhail G. (1967) *A history of psychology*. Moscow: Progress, 1990.

YAROSHEVSKY, Mikhail G. *Lev Vygotsky*. Moscow: Progress, 1989.

### **HISTÓRIA DA UNIÃO SOVIÉTICA**

BERTELLI, Antonio Roberto. *Capitalismo de Estado e socialismo: o tempo de Lênin: 1917-1927*. São Paulo: IPSO, 1999.

BETTANIN, Fábio. *A coletivização da terra na URSS: Stalin e a “revolução do alto” (1929-1933)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CHAKHNAZÁROV, G.; KRÁSSINE, Iú (orgs) *Fundamentos do marxismo-leninismo*. Moscovo: Progresso, 1979.

DEUTSCHER, Isaac. *A revolução inacabada: Rússia 1917-1967*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DEUTSCHER, Isaac. *Marxism in our time*. London: Jonathan Cape Thirty Bedford Square, 1972.

DEUTSCHER, Isaac. *Stalin: a história de uma tirania*. 2 v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970./ Publicado atualmente pela mesma editora com o título original da obra: “Stalin: uma biografia política”

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky (O profeta armado/O profeta desarmado/ O profeta banido)*. Civilização Brasileira, vários anos.

ELLEINSTEIN, Jean. *História da U.R.S.S.* 4 v. Lisboa: Europa-América, 1976.

FEHÉR, Ferenc. *O romance está morrendo?* São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GORKI, Máximo; ZHDANOV, Andrei. *Literatura, filosofia y marxismo*. México: Grijalbo, 1968.

KAGARLITSKY, Boris. *A desintegração do monólito*. São Paulo: Unesp, 1993.

KHIGHT, Amy. *Beria: o lugar-tenente de Stalin*. São Paulo: Record, 1993.

KIM, M. P. *História da U.R.S.S.: época do socialismo (1917-1957)*. São Paulo: Grijalbo, 1960.

MEDVEDEV, Zhores; MEDVEDEV, Roy. *Stalin: um desconhecido: Novas revelações dos arquivos soviéticos*. São Paulo: Record, 2006./ Recomenda-se também outras leituras dos irmãos Medvedev

NETTO, José Paulo. *Crise do socialismo e a ofensiva neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1991.

NETTO, José Paulo. *Joseph Stalin – Política*. São Paulo: Ática, 1982.

PONOMARIOV, B. (org) *Breve história do Partido Comunista da União Soviética*. Moscovo: Progresso, 1981.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: Unesp, 2003.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

*Revista Civilização Brasileira*. Caderno especial 1. A Revolução Russa: cinquenta anos de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 29-46, 1967.

STALIN, Joseph V. (1938) *O materialismo histórico e o materialismo dialético*. 3. ed. São Paulo: Global, 1982.

STALIN, Joseph V. (1950) *Marxism and the problems of linguistics*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1950/jun/20.htm>> Acesso em: 25 jul. 2006.

STALIN, Joseph V. (1950) On Marxism in linguistics. IN: MURRA, John; HANKIN, Robert; HOLLING, Fred (orgs.) *The Soviet linguistic controversy*. New York: King's Crown Press, 1951. pp. 70-76.

STALIN, Joseph V. (1951) *Economics problems of socialism in the USSR*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1951/economic-problems/index.htm>> Acesso em: 25 jul. 2006.

TROTSKI, Leon. *Carta al académico Pavlov*. Disponível em: <<http://www2.cddc.vt.edu/marxists/cd/cd4/Library/espanol/trotsky/1920s/literatura/8d.htm#caa>>. Acesso em 09 jul. 2006.

VAZQUEZ, Adolfo S. *Estética y marxismo*. 2 Tomos. México: Era, 1975

VOLKOGONOV, Dmitri. *Stalin: triunfo e tragédia*. 2 vols. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

WERTH, Alexander. *A Rússia na guerra: 1941-1945*. 2 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

WERTH, Nicolas. *O livro negro do comunismo*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/Bertrand Brasil, 2000.

### **AUTORES E TEXTOS DIVERSOS DA PSICOLOGIA SOVIÉTICA (INCLUINDO COLEÇÕES)**

BASSIN, Filipp V. (1967) *O problema do inconsciente: as formas não-conscientes as atividade nervosa superior*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

BAUER, Raymond A. *Some views on soviet psychology*. Washington, American Psychological Association, 1962.

BAUER, Raymond A. *The new man in Soviet Psychology*. Cambridge: Harvard University Press, 1952.

BECHTEREV, Wladimir.(1910) *La psicología objetiva*. 2.ed. Buenos Aires: Paidós, 1965.

*Benjamin Rush Bulletin*, v. 01, n. 04, Summer, 1950.

BRATUS, Boris. *Anomalies of personality*. Orlando: Deutsch Press, 1990.

BURZA, João B. *Cérebro, neurônio, sinapse: teoria do sistema funcional de P. K. Anokhin*. São Paulo: ícone, 1986.

COLE, Michael; MALTZMAN, Irving (orgs). *A handbook of contemporary Soviet psychology*. Basic Books: New York, 1969.

DAVIDOV, V.V.; LOMPSCHER, J.; MARKOVA, A.K. *Formación de la actividad docente de los escolares*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1987.

DAVIDOV, Vasili V. *La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico: investigación psicológica teórica y experimental*. Moscú: Progreso, 1988.

DAVYDOV, Vasili V. *Tipos de generalización en la enseñanza*. La Habana, Editorial Pueblo y Educación, 1982.

GALPERIN, Peter Ya. (1976) *Introducción a la psicología: un enfoque dialéctico*. Adrid: Pablo del Rio, 1979.

- GILGEN, ALBERT R.; GILGEN, CAROL K.; KOLTSOVA, VERA A.; OLEINIK, YURI N., *Soviet and American Psychology During World War II*. Westport: Greenwood Press, 1997.
- GOLDER, Mario (org) *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem e seu tempo*. São Paulo: Xamã, 2004.
- GOLDER, Mario. *Angustia por la utopía*. Buenos Aires: Ateneo Vigotskiana de la Argentina, 2002.
- GOLDER, Mario. *Reportajes contemporáneos a la psicología soviética*. Bs. Aires: Cartago, 1986.
- GOLDER, Mario; GONZALEZ, Alejandro Hugo. *Freud en Vigotski: inconsciente y lenguaje*. Buenos Aires: Ateneo Vigotskiano de la Argentina/FISYP, 2006.
- IAKOBSON, Pavel M. (1958) *Psicología de los sentimientos*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1959.
- IAKOBSON, Pavel M. *La educación de los sentimientos en el niño*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1969.
- IAKOBSON, Pavel M. *los sentimientos en el niño y el adolescente*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1965.
- KOSSAKOWSKI, Adolf (org.) *Psicología no socialismo*. La Habana: Ciencias Sociales, 1987.
- LEONTIEV, Aleksei A. *El lenguaje y la razón humana*. Montevideo: Pueblos Unidos, 1966.
- LEVITIN, Karl; DAVYDOV, Vasili V. *One is not born personality: profiles of soviet education psychologists*. Moscow: Progress, 1982.
- LOMOV, Boris F.; VENDA, Valerii F. *La interrelación hombre-máquina en los sistemas de información*. Moscú: Progreso, 1983.
- LURIA, Alexander R. (1958) *Lenguaje y comportamiento*. 2. ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1980.
- LURIA, Alexander R. (1975) *Basic problems of neurolinguistics*. Paris: Mouton, 1976.
- LURIA, Alexander R. (1975) *Fundamentos de neurolingüística*. Barcelona: Toray-Masson, 1980.
- LURIA, Alexander R. (1976) *Cognitive development, its cultural and social foundations*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- LURIA, Alexander R. (1976) *O desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1994.

- LURIA, Alexander R. (1979) *Conciencia y language*. 2 ed. Madrid: Visor, 1984
- LURIA, Alexander R. (1979) *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LURIA, Alexander R.; TSVETKOVA, Lubov S. (1966) *La análisis neuropsicologica de la resolución de problemas*. Barcelona: Fontanella, 1980.
- LURIA, Alexander R.; TSVETKOVA, Lubov S. (1966) *The neuropsychological analysis of problem solving*. Orlando: Paul M. Deutsch Press, 1990.
- LURIA, Alexander R.; YUDOVICH, Fania Ia. (1956) *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- MECACCI, Luciano. *Brain and history: the relationship between neurophysiology and psychology in soviet research*. New York: Brunner/Mazel, 1979.
- MESHCHERYAKOV, Alexander. *Awakening to life*. Moscow: Progress, 1979.
- MIKHAILOV, Felix T. *The riddle of the self*. Moscow: Progress, 1980.
- O'CONNOR, Neil (ed.) *Presente-day Russian psychology: a symposium by seven authors*. London: Pergamon Press, 1966.
- O'CONNOR, Neil (org) *Recent Soviet Psychology*. London: Pergamon Press, 1961.
- PESSOTTI, Isaías (org.) *Pavlov*. São Paulo: Ática, 1979.
- PETROVSKI, Arthur V. *Personalidad, actividad y colectividad*. Buenos Aires: Cartago, 1984.
- PRIBRAM, Karl H., & LURIA, Alexander R. (eds.) *Psychophysiology of the frontal lobes*. New York: Academic Press, 1973.
- PUZIREI, Andrei A.; GUIPPENREÍTER, Yu. (eds.) *El proceso de formación de la psicología marxista: L. Vigotski, A. Leontiev, A. Luria*. Moscú: Progreso, 1989.
- SHORE, Maurice J. *Soviet education: its psychology and philosophy*. New York: Philosophical Library, 1947.
- SHUARE, Marta; DAVIDOV, Vasili V. *La psicología evolutiva e pedagógica en la URSS: antología*. Moscu: Progreso, 1987.
- SIMON, Brian (org) *Psychology in the Soviet Union*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1957.
- SMIRNOV, A.A.; LEONTIEV, A.N. Leontiev; RUBINSTEIN, S.L. (orgs.) (1957) *Psicología*.

México: Grijalbo, 1960.

SMIRNOV, Anatoli A. (1948/1966) *Problems of the psychology of memory*. New York: Plenun Press, 1973.

SMIRNOV, G. *O homem soviético*. Moscou: Progresso, 1978.

SMIRNOV, Anatoli A., LEONTIEV, Alexis, LURIA, Alexander R. *Recherches psychologiques en URSS*. Moscou: Éditions Du Progrès, 1966.

TALÍZINA, Nina F. *Psicología de la enseñanza*. Moscou: Editorial Progreso, 1988.

TOLSTIJ, Alexandr. *El hombre y la edad*. Moscú: Progreso, 1989.

TSVETKOVA, Lubov (1966) *Reeducación del lenguaje, la lectura y la escritura*. Editorial Fontanella, Barcelona, 1977.

UZNADZE, Dimitri N. *The psychology of set*. New York: Consultants Bureau, 1966.

VAN DER VEER, René; VALSINER Jaan. *The Vygotsky reader*. Oxford: Blackwell, 1994.

VIGOSKII, Liev S. (1931) *La imaginación y la arte en la infancia (Ensayo psicológico)*. 3. ed. Madrid: Akal, 1996.

VIGOTSKII, L. S. (et. al.) *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5 ed. São Paulo: Ícone / Edusp, 1994.

VYGOTSKI, Lev S. *Obras escogidas*, 5 Tomos. Madrid: A. Machado Libros, vários anos.

WERTSCH, James V. (org.) *The concept of activity in Soviet psychology*. New York: Sharpe, 1981.

YAROSHEVSKY, Mikhail G.; PETROVSKY, Arthur V. *A Concise Psychological Dictionary*. New York: International Publishers, 1987.

ZANKOV, Leoni V. *La enseñanza y el desarrollo*. Moscú: Progreso, 1984.

ZEIGARNIK, Bluma V. (1927) On finished and unfinished tasks. IN: ELLIS, Willis (org). *A source book of gestalt psychology*. New York/London: The Humanities Press/Routledge and Keagan Paul, 1955.

ZEIGARNIK, Bluma V. (1961) *The Pathology of thinking*. New York: Consultants Bureau, 1965.

ZEIGARNIK, Bluma V. (1969) *Experimental abnormal psychology*. New York: Plenun Press, 1972.

ZEIGARNIK, Bluma V. (1973) *Introducción a la Patopsicología*. La Habana: Científico Técnica, 1979

ZEIGARNIK, Bluma V. (1976) *Psicopatología*. Madrid: Akal, 1981.

### **DOCUMENTOS VÁRIOS**

CONSTITUICIÓN de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas. IN: *Ocho constituciones vigentes*. Buenos Aires: Lajoune, 1949, pp. 267-288.

Resoluções de criação dos cursos de psicologia e de pós-graduação em psicologia – BROŽEK, Joseph. Soviet Psychology's coming of age. IN: BROŽEK, Joseph; SLOBIN, Dan I. (orgs) *Psychology in the USSR: an historical perspective*. White Plains: IASP, 1972. pp. 09-10.

RESOLUCIÓN DEL CC DEL PC(B) DE LA URSS, DEL 23 DE ABRIL DE 1932: SOBRE LA REESTRUCTURACIÓN DE LAS ORGANIZACIONES ARTÍSTICO-LITERARIAS. IN: VAZQUEZ, Adolfo S. *Estética y marxismo*. Tomo II. México: Era, 1975. p.234)

RESOLUCIÓN DEL DÍA 04 DE JULIO DE 1936 ADOPTADA POR EL COMITÉ CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DA UNIÓN SOVIÉTICA: “DE LOS ERRORES PAIDOLÓGICOS EN LOS COMISARIADOS DE EDUCACIÓN.” IN: WORTIS, Joseph. *La psiquiatría soviética*. Buenos Aires: El Ateneo, 1953. pp. 282-286.

RESOLUCIÓN DEL DÍA 04 DE JULIO DE 1936 ADOPTADA POR EL COMITÉ CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DA UNIÓN SOVIÉTICA: “DE LOS ERRORES PAIDOLÓGICOS EN LOS COMISARIADOS DE EDUCACIÓN.” IN: GOLDER, Mario. *Angustia por la utopía*. Buenos Aires: Ateneo Vigotskiana de la Argentina, 2002. pp. 151-156.

RESOLUCIÓN SOBRE CUESTIONES DE LITERATURA Y ARTE. (1946-1948). RESOLUCIONES DEL CC DEL PC(B) DE LA URSS. IN: VAZQUEZ, Adolfo S. *Estética y marxismo*. Tomo II. México: Era, 1975. pp. 241-249.

RESOLUTION ON THE CC OF CPSU JULY 4, 1936. “ON PEDOLOGICAL DISTORTIONS IN THE COMMISSARIATS OF EDUCATION.” IN: WORTIS, Joseph. *Soviet psychiatric*. Baltimore: The Williams & Wilkins Co., 1950. pp. 242-245.

SCIENTIFIC SESSION ON THE PHYSIOLOGICAL TEACHINGS OF ACADEMICIAN IVAN P. PAVLOV. (1951) Honolulu: University Press of the Pacific, 2001.

### **CIÊNCIAS SOVIÉTICAS**

ADAMS, Mark B. Eugenics in Russia. IN: ADAMS, Mark B. (org) *The well-born science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990. pp. 153-216.



BRANDENBERGER, David. Stalin's Last Crime? Recent Scholarship on Postwar Soviet Anti-Semitism and the Doctor's Plot. **Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History**, v. 06, n. 01, Winter, pp. 187-204, 2005.

CLARFIELD, A. Mark. The Soviet “doctors’ plot” – 50 years on. **British Medical Journal**, v. 325, December, 2002. Disponível em: <<http://bmj.bmjournals.com/cgi/content/full/325/7378/1487#B9>> Acesso em: 28 jul. 2006.

FRIEDMAN, S. *Educação na Rússia Soviética: ensaios de pedagogia marxista*. Rio de Janeiro: Andersen Editores. s/d.

GEROVITCH, Slava. “Russian scandals”: Soviet readings of American cybernetics in the early years of the cold war. **The Russian Review**, n. 60, out., pp. 545-568, 2001a.

GEROVITCH, Slava. ‘Mathematical Machines’ of the Cold War: Soviet Computing, American Cybernetics and Ideological Disputes in the Early 1950s. **Social Studies of Science**, v. 31, n. 02, April, pp. 253–287, 2001b.

GEROVITCH, Slava. Love-Hate for Man-Machine Metaphors in Soviet Physiology: From Pavlov to Physiological Cybernetics. **Science in Context**, v. 15, n. 02, pp. 339–374, 2002.

GETTY, J. Arch. *Samokritika* Rituals in the Stalinist Central Committee: 1933–38. **The Russian Review**, n. 58, jan., pp. 49–70, 1999.

KOJEVNIKOV, Alexei. Rituals of Stalinist at work: science and the games of intraparty democracy circa 1948. **The Russian Review**, n. 57, jan., pp. 25-52, 1998.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LECOURT, Dominique. (1976) *Proletarian science?* The case of Lysenko. Disponível em: <[www.marx2mao.com/Other/Proletarian%20Science.pdf](http://www.marx2mao.com/Other/Proletarian%20Science.pdf)>. Acesso em: 17 jul. 2006.

LEVINS, Richard; LEWONTIN, Richard. IN: *The dialectical biologist*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

LYSENKO, Trofim D. (1948) *Soviet Biology*: Report to the Lenin Academy of Agricultural Sciences. Disponível em: <<http://www.marxists.org/reference/archive/lysenko/works/1940s/report.htm>> Acesso em: 19 jul. 2006

LYSENKO, Trofim D. (1950) *New developments in the science of biological species*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/reference/archive/lysenko/works/1950s/new.htm>> Acesso em: 19 jul. 2006

MURRA, John; HANKIN, Robert; HOLLING, Fred (orgs.) *The Soviet linguistic controversy*. New York: King’s Crown Press, 1951.

SACARRÃO, Germano da Fonseca. A herança biológica do adquirido e a força da ideologia. IN: *Biologia e sociedade*: volume 1: crítica da razão dogmática. Lisboa: Europa-América, 1989. pp. 293-338.

SHEEHAN, Helena (1993) *Marxism and philosophy of science*. Disponível em: <<http://www.comms.dcu.ie/sheehan/mxphsc.htm>> Acesso em: 17 jul. 2006.

VAN REE, E. Stalin as a Marxist philosopher. **Studies in East European thought**. n. 52, pp. 259-308, 2000.

VIERA PINTO, Álvaro. *Ciência e existência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WINDHOLZ, George. The 1950 Joint Scientific Session: pavlovians as the accusers and the accused. **Journal of the history of the behavioral sciences**, v. 33, n. 01, Winter, pp. 61-81, 1997.

## ANEXO II. PUBLICAÇÕES SOVIÉTICAS NAS

BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) E

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)

LIVROS BIBLIOTECAS USP		
LIVROS DE AUTORES OU COM ARTIGOS DE AUTORES SOVIÉTICOS		
NOME	LIVRO	EDITORA
Liev Semionovich Vigotski	Psicologia del arte	Barral
	Psicologia da arte	Martins Fontes
	The psychology of art	Cambridge University Press
	A formação social da mente	Martins Fontes
	Mind in society	Harvard University Press
	Psicologia pedagógica	Martins Fontes
	Teoria e método em psicologia	Martins Fontes
	A construção do pensamento e linguagem	Martins Fontes
	O desenvolvimento psicológico na criança	Martins Fontes
	Estudos sobre a história do comportamento (com Luria)	Artes Médicas
	Obras Escogidas (5 vols.)	Visor
	Pensamento e linguagem	Martins Fontes
	Thought and language	John Wiley
	The collected works of L.S. Vygotsky (3 vols.)	Plenum Pres
	Pedagogitcheskaia psikhologiia	Pedagogika

<b>Alexander Romanovich Luria</b>	Nature of human conflicts; or emotion, conflict and will: an objective study of disorganisation and control of human	Liveright
	Fundamentos de neuropsicologia	Edusp
	Working brain	Penguin
	Cerebro en acción	Fontanella
	Cerebro humano y los procesos psíquicos: análisis neuropsicológico de la actividad consciente	Fontanella
	Curso de psicologia geral: 4 vols.	Civilização Brasileira
	Linguagem e desenvolvimento intelectual da criança (com Fania I. Yudovich)	Artes Médicas
	Speech and the development of mental processes in the child (with Fania I. Yudovich)	Penguin
	Man with a shattered world	Harvard University Press
	Cognitive development, its cultural and social foundations	Harvard University Press
	Desenvolvimento cognitivo	Ícone
	Pensamento e linguagem	ArtMed
	Language and cognition	Wiley
	A mente e memória	Martins Fontes
	A construção da mente	Ícone
	The making of mind: a personal account of Soviet psychology	Harvard University Press
	Higher cortical functions in man	Basic Books
	Estudos sobre a história do comportamento (com Vigotski)	Artes Médicas
	Basic problems of neurolinguistics	Mouton
	Experimental analysis of the development of voluntary action in	Paper

	children	
<b>Alexei Nikolaevich Leontiev</b>	Desenvolvimento do psiquismo	Livros Horizonte
	El hombre y la cultura : problemas teóricos sobre educación	Grijalbo
	Deiatel'nost', Soznanie, Litchnost'	Polititcheskaia Literatura
<b>Sergei Leonidovich Rubinstein</b>	Principios de psicología general	Grijalbo
	Problemas de teoría psicológica	Proteo
	Ser y la conciencia	Pueblos Unidos
	Pensamiento y los caminos de su investigacion	Pueblos Unidos
<b>Boris Mikhailovich Teplov</b>	Psychologie des aptitudes musicales	du Progrèss
<b>Arthur Vladimirovich Petrovski / Mikhail Gregorevich Yaroshevsky</b>	A concise psychological dictionary	Progress
<b>Arthur Vladimirovich Petrovski</b>	Psicologia evolutiva y pedagógica	Progreso
<b>Konstantine Nikolaevich Kornilov (na tradução Institut Eksperimentalnoi Psikhologii (Moscou))</b>	Problemas de la psicologia moderna	M. Aguilar
<b>Ivan Mikhailovich Sechenov</b>	Biografical sketch and essays	Arno Press
	Reflejos del cerebro	Academia de Ciencias

<b>Vladimir Mikhailovich Bekhterev</b>	La psicologia objetiva	Paidos
<b>Lidia Ilinichna Bozhovich</b>	Psicologia de la personalidad del nino escolar – tomo 1	Consejo Nacional de Universidades
<b>Anatoli Alexandrovich Portnov</b>	Psychiatry	Mir
<b>Gregori Smirnov</b>	O indivíduo sob o socialismo	Progresso
<b>Aleksei Alekseevich Leontiev</b>	Psychology and the language learning process	Pergamon Press
<b>Daniil Borisovich Elkonin</b>	Psicologia do jogo	Martins Fontes
	Psicologia del juego	Visor
<b>Nikolai Alexandrovich Bernstein</b>	Dexterity and its development	L. Erlbaum Associates
	Progress in motor control: Bernstein's traditions in movement studies	Human Kinetics
	Human motor actions: Bernstein reassessed	Elsevier Science
	The co-ordination and regulation of movements	Pergamon Press
<b>Vasili Vasilievich Davidov</b>	Types of generalization in instruction : logical and psychological problems in the structuring of school curricula	National Council of Teachers of Mathematics
<b>Coletânea de textos soviéticos – L.S. Vigotskii; A.N. Leontiev; A.R. Luria</b>	Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem	Ícone

<b>Coletânea de textos soviéticos – A.A. Smirnov, A.N. Leontiev, S.L. Rubinstein (orgs)</b>	Psicologia	Grijalbo
<b>Coletânea de textos soviéticos – L.S. Vigotski; A.N. Leontiev; A.R. Luria</b>	Psicologia e pedagogia	Estampa (completo 2 vols) / Moraes (incompleto)
<b>Coletânea de textos soviéticos – Michael Cole; Irving Maltzman (org)</b>	A handbook of contemporary Soviet psychology	Basic Books
<b>Coletânea de textos soviéticos – Neil O'Connor (org.)</b>	Recent Soviet psychology	Pergamon Press
<b>Coletânea de textos soviéticos –Ralph Winn (org.)</b>	Soviet psychology: a symposium	Philosophical Library
<b>Coletânea de textos soviéticos –Ralph Winn (org.)</b>	Psychotherapy in the Soviet Union	Peter Owen
<b>Coletânea de textos soviéticos – Brian Simon (org.)</b>	Psychology in the Soviet Union	Routledge & Kegan Paul LTD
<b>Coletânea de textos soviéticos – Brian Simon (org.)</b>	Educational psychology in the USSR	Routledge & Kegan Paul LTD

<b>PERIÓDICOS DE TRADUÇÕES DE ARTIGOS SOVIÉTICOS</b>		
	<b>PERIÓDICO</b>	<b>ANOS / NÚMEROS</b>
	Sechenov physiological journal of the USSR	1957-61 / 43-47
	Soviet psychology	1972 10(3-4); 1972/73 11; 1973/74 12(1-2, 4); 1975-76 13-14; 1977 15(4), 16; 1978 17(1-3); 1979-87 18-25; 1988 26(1-2, 4); 1989-91 27-29
	Journal of Russian and East European psychology	1992-96 30-34; 1997 35(2-6); 1998-2001 36-39; 2003-04 41- 42; 2005 43(1-5); 2006 44(1-4); 2007; 2008
	Soviet Education	1964 6(3-12); 1964/65 7(1-8,10-12); 1965/66 8(1-4,6,9- 12); 1966/67 9(1-10); 1967/68 10(1-10); 1968/69 11(2,7-12); 1969 12(1-2); 1971- 73 14-15; 1973 16(1/2); 1975 17(3- 12); 1975-79 18-21; 1979/80 22(1-2,4-12); 1980-91 23-33



	Russian education and society	1992-2003 34-45; 2004 46(1-5, PT 1-2, 8-12); 2005 47(1-11); 2006 48(1-12); 2007 49(1-9)
<b>LIVROS SOBRE A PSICOLOGIA SOVIÉTICA</b>		
<b>NOME</b>	<b>LIVRO</b>	<b>EDITORA</b>
<b>Joseph Wortis</b>	Psiquiatria soviética	Ateneo
	La psychiatrie soviétique	PUF
<b>Raymond Augustine Bauer</b>	The new man in Soviet psychology	Harvard University Press
<b>James Wertsch (org.)</b>	Culture, communication, and cognition: Vygotskian perspectives	Cambridge University Press
<b>James Wertsch (org)</b>	Estudos Sócio-culturais da mente	Artes Médicas
	Sociocultural studies of mind	Cambridge University Press
<b>James Wertsch</b>	Vygotsky and the social formation of mind	Harvard University Press
	Vygotsky y la formación social de la mente	Paidós
	Voices of the mind : a sociocultural approach to mediated action	Harvard University Press
	Mind as action	Oxford University Press
<b>David Joravsky</b>	Russian Psychology: a critical history	Blackwell

<b>LIVROS BIBLIOTECAS UNESP</b>		
<b>LIVROS DE AUTORES OU COM ARTIGOS DE AUTORES SOVIÉTICOS</b>		
<b>NOME</b>	<b>LIVRO</b>	<b>EDITORA</b>
<b>Liev Semionovich Vigotski</b>	Psicologia del arte	Barral
	Psicologia da arte	Martins Fontes
	The psychology of art	Cambridge University Press
	A formação social da mente	Martins Fontes
	Mind in society	Harvard University Press
	Psicologia pedagógica	Martins Fontes
	Teoria e método em psicologia	Martins Fontes
	A construção do pensamento e linguagem	Martins Fontes
	Pensamento e linguagem	Martins Fontes
	Thought and language	John Wiley
	O desenvolvimento psicológico na criança	Martins Fontes
	Estudos sobre a história do comportamento (com Luria)	Artes Médicas
	Studies on the history of behavior (with Luria)	Lawrence Erlbaum
	Obras Escogidas (5 vols.)	Visor
	Pensamento e linguagem	Martins Fontes
	O desenvolvimento psicológico na criança	Martins Fontes
	La imaginacion y la arte en la infancia	Akal
	A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca	Martins Fontes

<b>Alexander Romanovich Luria</b>	Lenguaje y comportamiento	Marcar
	Las funciones corticales superiores del hombre	Orbe
	Studies on the history of behavior (with Vygotsky)	Lawrence Erlbaum
	Curso de psicologia geral: 4 vols.	Civilização Brasileira
	Linguagem e desenvolvimento intelectual da criança (com Fania I. Yudovich)	Artes Médicas
	Desenvolvimento cognitivo	Ícone
	Pensamento e linguagem	ArtMed
	Cerebro y lenguaje	Fontanella
	A mente e memória	Martins Fontes
	A construção da mente	Ícone
	Higher cortical functions in man	Basic Books
	Estudos sobre a história do comportamento (com Vigotski)	Artes Médicas
<b>Alexei Nikolaevich Leontiev</b>	Desenvolvimento do psiquismo	Livros Horizonte
	Desenvolvimento do psiquismo	Moraes / Centauro
	Actividad, conciencia y personalidad	Ciências del Hombre
<b>Sergei Leonidovich Rubinstein</b>	Principios de psicología general	Grijalbo
	Pensamiento y los caminos de su investigacion	Pueblos Unidos
<b>Leonid Vladimirovich Zankov</b>	La enseñanza y el desarrollo: (Investigación pedagógica experimental)	Progreso
<b>Anna Alexandrovna Liubliskaia</b>	Desarrollo psíquico del niño	Editorial Notícias

	Desarrollo psíquico del niño (dos 3 aos 7 anos)	Estampa
<b>Arthur Vladimirovich Petrovski</b>	Psicologia evolutiva y pedagógica	Progreso
<b>Ivan Mikhailovich Sechenov</b>	Selected Physiological and Psychological Works	International Publishers
<b>Vladimir Mikhailovich Bekhterev</b>	La psicologia objetiva	Paidós
<b>Bluma Wulfonna Zeigarnik</b>	Experimental abnormal psychology	Consultant Bureau
	Introducción a la patopsicología	Editora Técnico- Científica
<b>Gregori Smirnov</b>	O homem soviético: a formação da personalidade socialista	Progresso
<b>Aleksei Alekseevich Leontiev</b>	Linguagem e razão humana	Presença
<b>Daniil Borisovich Elkonin</b>	Psicologia do jogo	Martins Fontes
<b>Nina Fiodorovna Talizina</b>	Psicología de la enseñanza	Progreso
<b>Nikolai Alexandrovich Bernstein</b>	Dexterity and its development	L. Erlbaum Associates
<b>Fillip Veniaminovitch Bassin</b>	O problema do inconsciente: as formas não-conscientes da atividade nervosa superior	Civilização Brasileira
<b>Coletânea de textos soviéticos – L.S. Vigotskii; A.N. Leontiev; A.R. Luria</b>	Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem	Ícone

<b>Coletânea de textos soviéticos – A.A. Smirnov, A.N. Leontiev, S.L. Rubinstein (orgs)</b>	Psicologia	Grijalbo
<b>Coletânea de textos soviéticos – L.S. Vigotski; A.N. Leontiev; A.R. Luria</b>	Psicologia e pedagogia	Estampa (completo 2 vols) / Moraes (incompleto)
<b>Coletânea de textos soviéticos – Michael Cole; Irving Maltzman (org)</b>	A handbook of contemporary Soviet psychology	Basic Books
<b>Coletânea de textos soviéticos –AA Smirnov, AN Leontiev, AR Luria (orgs.)</b>	Recherches Psychologiques en U.R.S.S.	du Progrès
<b>Coletânea de textos soviéticos – Brian Simon (org.)</b>	Educational psychology in the USSR	Routledge & Kegan Paul LTD
<b>LIVROS SOBRE A PSICOLOGIA SOVIÉTICA</b>		
<b>NOME</b>	<b>LIVRO</b>	<b>EDITORIA</b>
<b>Joseph Wortis</b>	Psiquiatria soviética	Ateneo
	La psychiatrie soviétique	PUF
<b>Harry Daniels (org.)</b>	Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos	Papirus
<b>James Wertsch (org.)</b>	Culture, communication, and cognition: Vygotskian perspectives	Cambridge University Press
<b>James Wertsch (org)</b>	Estudos Sócio-culturais da mente	Artes Médicas